Ao meu querido João
Costa, com um abraço
de camarada e de amigo.

J. Malheiro Dias.

31 de Janeiro de 1905.

CARTAS DE LISBOA

CARLOS MALHEIRO DIAS

Cartas de Lisboa

PRIMEIRA SERIE

(1904)

LISBOA

Livraria Classica Editora de A. M. TEIXEIRA

20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

1905

OBRAS

DE

CARLOS MALHEIRO DIAS

Filho das Hervas.

Os Telles d'Albergaria.

Paixão de Maria do Céu.

Amor de Mulher (no prélo).

THEATRO

Corações de Todos.

AO SENHOR

BARBOSA COLEN

COM

A MINHA ADMIRAÇÃO

PELO

HISTORIADOR E JORNALISTA

I

O Rei de Hespanha — Manhã de chuva — A chegada — A commoção de Affonso XIII — Os cumprimentos — A sr.ª marqueza de Guell — O cortejo.

O dia amanhecera sombrio e aspero. As primeiras luzes da aurora viram uma Lisboa lamacenta, desfraldando ao vento bandeiras amarellas e vermelhas, ensopadas de chuva.

Ás seis horas, tendo de embarcar com o presidente do conselho, os ministros dos estrangeiros e obras publicas, o pessoal da legação de Hespanha e os dignitarios ao serviço de Affonso XIII, no comboio especial que nos conduz ao Entroncamento, levanto-me a tempo de vêr clarear essa manhã invernosa sobre um Tejo revolto — esse mesmo Tejo que passa sob os arcos romanos da ponte de Toledo — e onde os cruzadores inglezes e hespanhoes, de escotilhas fechadas, parecem preparados para resistir a uma tormenta.

Pouco a pouco, Lisboa acorda. São, primeiro, as vozes dos sinos chamando para a missa; depois, a voz das caldeiras chamando

para o trabalho. O temor de Deus para quem tem fé; o temor da fome para quem tem filhos.

As pequeninas montanhas da outra banda vão-se desaggregando da tréva. Ao longe, coroando uma eminencia, as torres do castello de Palmella resurgem entre vapores côr de rosa. Ha luzes que subitamente se apagam. As chaminés das fabricas fumegam. E só as pobres bandeiras encharcadas, sacudindo ao vento, pelo Aterro, os seus pannos humidos, lembram aos meus olhos somnolentos que a essa hora matinal caminha para Lisboa um rei de Hespanha, que esta noute deve dormir no leito nupcial de D. Pedro V, no aconchêgo dos cortinados de damasco azul, sob os tectos d'esse paço de Belem, a que andam presas as lembranças da tragica aventura amorosa de D. José e da romanesca aventura politica de Passos Manoel.

De novo, a chuva cae, envolvendo n'um veu de gaze escura todo o vasto horisonte da cidade.

Como deve ser triste, de uma tristeza de apparatoso enterro, o desfilar d'esse cortejo tão minuciosamente preparado, atravez as ruas lamacentas, sob os aguaceiros frios, com as boleias de velludo franjado a ouro dos coches de gala ensopadas de agua, os tricornios agaloados dos cocheiros e trintanarios vertendo chuva em gotteira sobre os calções de setim, as cabelleiras de estopa com os bucres desfrisados, e toda essa criadagem magnifica: — moços de estribeira,

moços de sella, de taboa e de mão, sotas, archeiros e lacaios do estribo,—de repente caracterisada pela lama e pela chuva n'uma comparsaria de entrudo! Esses proprios coches, que viram as glorias de D. João V e D. José I, as bôdas de D. Affonso VI e da archiduqueza Marianna, presentes do rei Sol, de imperadores do Sacro Imperio e de Vigarios de Christo, com seus persevões de velludo, seus tejadilhos e cupulas auriflammantes, seus rodados, onde se debruçam nymphas e anjos, — devem perder a magestade aos insultos da lama, que salpicará as pinturas de Alexandrino, empanando o resplendor dos seus ouros antigos.

Mas ás sete horas, o ceu principia a limpar. Entre as massas ondulantes das nuvens, nesgas azues transparecem. O vento abranda e a Lisboa que trabalha atravessa as ruas em caminho das officinas, das fabricas, dos arsenaes e das secretarias. Um ultimo chuveiro desaba: dissolução das derradeiras nuvens, que ainda fechavam o horisonte, e a radiosa promessa de um dia de sol alegra a cidade, enfeita-a de luz e de côr, reergue os estandartes e as bandeiras cahidas.

A essa esperança de um dia de festa, todo o scenario se anima. Vão-se multiplicando os pregões: — os pregões de Lisboa, que em unisono parecem coraes de opera acompanhados por uma orchestra composta de bulicio e de vozes,

de ruidar de trens e badalar de sinos, de trepidação de machinas e silvos de locomotiva, de gritos de clarins e tropear de cavallos — orchestra onde ha metaes e cordas, e que a voz de contralto das varinas a momentos cobre n'um alarido dolente. E agora tambem, o Tejo, a essa mutação scenographica do ceu, se transfigura, para que os olhos azues e contemplativos do joven monarcha o reconheçam na tradição grandiosa da peninsula, como o estuario em que navegaram as expedições gloriosas da Africa e da India: rival magnifico de Palos — de onde sahiram as caravellas de Colombo — que viu desfraldar as velas aventurosas dos galeões do Gama.

Aquecida por esse raio de sol, Lisboa resplandece, e é ainda toucada de luz que o rei de Hespanha a vê, quando ás duas horas da tarde entra para o coche de D. João V, á porta maior da estação do Rocio, entre o apparato das tropas formadas, em frente á tribuna do corpo diplomatico, a meio das acclamações do povo, mal contido pela cavallaria espectaculosa da guarda.

Ao entrar nas agulhas o comboio real, annunciado pelo estrondo das bombas, o murmurio da multidão irrompe e eccôa na *gare*, como uma alta onda de maré cheia batendo na penedia de uma praia.

El-rei, o principe real, o ministerio e a côrte

avançavam por entre um reluzir movediço de fardas. As musicas entôam a lenta e solemne marcha real hespanhola. Passam os *fourgons*, as cosinhas, as carruagens conduzindo o pessoal menor do sequito, e, emfim, a uma portinhola, onde resplandecem as armas reaes de Hespanha, uma cabecita angulosa, de cabello castanho e face branca, debruça-se, com um aspecto recolhido de surpreza e emoção, o pescoço alto e fino cingido por uma gola vermelha com bordados de ouro. O cardeal patriarcha, os bispos de Bethsaida, de Coimbra e Mytilene, os officiaes móres e os ministros abrem espaço em frente a el-rei. Todos os bicornios de plumas brancas se levantam. De um comboio formado em frente á linha, senhoras accenam com os lenços. O rei de Hespanha, com a farda de capitão-general, a banda das tres Ordens de Aviz, Christo e Torre e Espada, o Tosão de Ouro na gola, as insignias de todas as Ordens hespanholas no peito, desce, abraça e beija el-rei.

A seguir, descem o duque de Sotto-Mayor, o ministro dos estrangeiros de Hespanha, o general marquez de Polavieja, o presidente do conselho, os ministros dos estrangeiros e obras publicas, o ministro de Hespanha. Mas já na onda tumultuosa de fardas a luzente comitiva se confunde e se perde. O estandarte branco da cidade de Lisboa, com o seu galeão de ouro,

domina as cabeças descobertas da assistencia. O conde da Figueira, mestre-sala, adianta-se, apoiado ao seu bastão branco, de punho de ouro. Passa agora, ao lado do marquez do Fayal, o mordomo-mór conde de Sabugosa, com o velho bastão de sua familia e do seu cargo, e á direita de el-rei, alto e forte, que sorri, um outro rei de aspecto adolescente, o rosto comprido, o olhar meigo, o beiço accentuadamente austriaco, a pelle rosea e fina, o cabello castanho.

Ao adiantar-se, ao lado de el-rei, entre duas alas de fardas e bicornes descidos, Affonso XIII consegue temperar a emoção com uma apparencia hieratica de etiqueta, imprimida desde o berço aos principes de sangue pelos ritos da pragmatica nas côrtes preconceituosas e solemnes como a de Hespanha, e que o grande Velasquez tão maravilhosamente fixou na sua pequenina infanta, hirta no verdugadim verde-escuro, com laços de fita no cabello frisado pelas aias.

Mas sob esse precoce aspecto de magestade, que a ceremonia, mais do que o temperamento, lhe impõe, sente-se a irrequieta curiosidade de uma alma, que se abre á vida, junta á timidez de uma adolescencia sensivel e ainda cheia de surprezas ingenuas. No seu rosto fino ha qualquer cousa de feminil e espiritualmente delicado, que mais do que o nascimento real deixa adivinhar as mãos amorosas e enlevadas de mulher,

que educaram para as missões espinhosas de rei essa alma nova e ainda candida. Esse adolescente de aspecto melindroso é assim a mais forte synthese do poder dominador das tradições, que colloca á frente dos destinos de um povo, n'um dos periodos mais solemnes e graves da sua vida, em plena revolução nas aspirações e nas ideias, uma creança de dezesete annos, que tem do conhecimento dos homens, das suas necessidades angustiosas, das suas exigencias asperas, da sua justiça sonegada, da sua ingratidão inclemente, das suas furias desvairadas, o muito amor com que o amparou, primeiro no regaço, depois nos joêlhos, depois na vida — na infancia primeiro e a seguir na adolescencia — essa mãe, modêlo das mães, cuja esperança e fé já o haviam coroado rei nas entranhas, antes que os canhões de Madrid tivessem annunciado á Hespanha o nascimento do seu monarcha.

O cortejo real entra agora, com o ordenamento das pragmaticas, na sala arabe da estação, onde está armado um throno de sêda branca e velludo carmezim com franjas e pinhas de ouro. Á esquerda, fórma o ministerio e a côrte; á direita, a comitiva de Affonso XIII e a legação de Hespanha, onde destaca a figura ondulante da marqueza de Guell e Bourbon, esposa do primeiro secretario, e que é, afastada do throno, sem reverencias e sem côrte, simplesmente a prima do rei de Hespanha!

Para que escondel-o? Desde este momento, essa nobre senhora foi para mim a dominadora personagem d'aquella ceremonia, e emquanto Affonso XIII, n'uma voz um pouco trémula mas clara, lia o seu pequeno discurso de agradecimento, e quando depois, á direita de el-rei, de um quasi imperceptivel movimento de cabeça, descendo sobre o olhar azul as palpebras finas, agradecia os cumprimentos officiaes, abandonando apenas a sua compostura de magestade para sorrir e palrar com o principe real, n'essa instinctiva attracção que a mocidade tem pela mocidade, eu a ninguem mais via que a essa princeza sem diadema e sem côrte, quasi modesta ao lado de *madame* Polo de Bernabé, que sorria encantada para o throno e cuja presença alli representava o mais precioso tributo de submissão a essa Providencia, que põe os reis nos thronos e os humildes réz-véz da terra. Mais do que as acclamações, as fanfarras que tocam o hymno, os generaes que se curvam, os estandartes que ondeiam, aquelle sorriso resignado, onde não havia tristeza, proclamava a magestade e a suserania do poder real, que desde seculos e millenarios, atravessando a historia e as evoluções do pensamento humano, resistindo ás revoluções e ás doutrinas, preside aos destinos dos povos.

Mas aos poucos, do salão, vão desapparecendo as fardas, e ao compasso do hymno real

os reis descem do throno. De novo se fórma o cortejo, precedido pelo mestre de ceremonias com o seu bastão e pelo mordomo-mór, que desce a escadaria, guardada pelos archeiros. Ouve-se o tropear da cavallaria. O coche adianta-se, enorme e ondulante, rodeado pelos moços de estribeira. Gritam clarins. A guarda apresenta os sabres, que resplandecem ao sol. E a caminho do paço de Belem, seguido de uma onda sonora de cavallaria, o rei de Hespanha ainda se volta para vêr o aspecto da estação e do largo, a tribuna onde o corpo diplomatico se desfaz em reverencias, o mar de povo que o segue com a vista e para quem elle sorri com o seu candido olhar azul e a sua bocca fresca de adolescente...

II

Um baile na Ajuda — A confusão das classes — O regimen democratico — Bailes onde se não dansa — A pragmatica — A sala do thrôno — A quadrilha real — As duas rainhas — Os bailes nas côrtes de D. Maria II e de D. Pedro V — A sr.ª baroneza de Hortega.

Uff! Um baile no paço! Saberão por ventura Suas Magestades o quanto se divertem os convidados dos seus régios bailes? Não, Suas Magestades não o sabem, e os altos dignitarios da côrte, os fidalgos ao seu serviço, que vivem na sua intimidade, por certo nunca se lembraram de lh'o dizer.

Tout passe... e os bailes reaes passaram! A Liberdade e a Democracia fizeram d'esses concertos de magestade e de graça um espectaculo enfadonho e quasi sombrio. A officialisação dos bailes régios foi um crime de lesa-elegancia e de lesa-arte. Emquanto os reis dictavam os convites aos seus mordomos, os bailes da côrte eram as verdadeiras festas dos soberanos. Desde que á vontade unica do rei se substituiu o *Annuario de Lisboa*, os bailes da

côrte passaram a ser as fastidiosas festas do regimen, presididas pela pragmatica burocratica, que se substituiu á etiqueta palaciana. Por isso, o baile de hoje foi, em resumo, pouco mais de uma exposição de fardas e commendas, de calções e casacas, de joias e de rendas, de velludos e de sêdas, que uma infinidade de homens e mulheres passearam sob as chammas dos lustres, pelos salões grandiosos da Ajuda. E, cousa grave n'um baile, os homens tinham um aspecto contrafeito, as mulheres o semblante aborrecido. Ninguem se sentia á vontade até á meia noute; o maior numero sentia-se demasiado á vontade da meia noute por diante!

A mais forte razão da apparencia fastidiosa que revestiu este numero solemne das festas em honra do monarcha de Hespanha é a mesma que ha-de presidir sempre a todos os bailes officiaes da côrte: a confusão das categorias e das classes, que sempre e em toda a parte subtrahe ás relações dos homens a cordealidade e o desembaraço, que são a vida das sociedades. Longe de mim insinuar que entre as pessoas que Sua Magestade honrou com o seu convite, alguma, a não ser eu, fosse menos digna d'elle. Mas porque n'essa festa se confundiram, já não digo as castas, — porque vivemos, graças aos sublimes theoricos de 1820, n'um regimen democratico, — mas os diversos agrupamentos sociaes, a que se convencionou chamar classes, e que fundamen-

talmente se differençam, não só pela educação, como pelos principios. Essas classes encontram-se, é certo, todos os dias, nas ruas. Mas caminham em sentido differente. Cruzam-se, mas não se juntam. Fallam-se, mas não se entendem.

A sua esphera de actividade e de vida é desigual, as suas inclinações diversas, as suas ideias dessimilhantes. Não é para aqui discutir a superioridade de umas sobre outras. Todas teem as suas virtudes e os seus defeitos, a sua nobreza e o seu ridiculo. Mas são familias diversas, que apenas, quando muito, se conhecem de vista. E para a expansão, a sympathia communicativa, a cordealidade social, isso é insufficiente. As classes são obra de gerações consecutivas. Um dos erros da Revolução francêsa foi o de suppôr que uma pequena machina inventada por *monsieur Guillotin* podia produzir a igualdade universal. Somos todos iguaes perante a lei. Isso já basta, como recurso para a rhetorica revolucionaria. Mas n'um baile da côrte, não; não somos todos iguaes.

E, entretanto, todos receberam o mesmo convite do conde mordomo-mór; o mesmo trajo não permitte differençar as classes diversas que enchem os salões. Essa desigualdade veste na mesma modista e no mesmo alfaiate, serve-se dos mesmos adornos, ostenta as mesmas joias, toma por vezes o mesmo aspecto, e com o ser tão similhante não se confunde.

A côrte, que é uma classe essencialmente

exclusivista em toda a parte, concentra-se. Por orgulho? Não. Por um feitio tradicional e familiar. Mais ainda: por um instincto que governa em todo o individuo as suas relações com os desconhecidos. N'um *americano*, onde se encontram vinte pessôas pelo simples acaso de um mesmo destino, a ninguem surprehende que ellas se não fallem e sorriam, que cada uma permaneça solitaria, separada do seu visinho pela larguissima extensão da indifferença. De estranhar seria que, sem um accordo prévio, uma razão de ordem anterior, esses desconhecidos começassem a interessar-se pela saude uns dos outros, a querer saber noticias das familias, a contar mutuamente os dissabores e as alegrias, a alijar os pesos do coração em confidencias affectuosas, a distribuir os seus segredos e a divulgar os seus amores.

Seria inverosimil e absurdo. O que parece normal n'um *americano*, deixa da mesma fórma de ser surprehendente n'um salão. Não bastam os sorrisos de uma rainha gentilissima, que para todos encontra uma palavra de agrado e seducção; não basta a affectuosidade d'el-rei, nem a excitação das musicas e das luzes, para que essas mil pessoas, que um convite real juntou por poucas horas, se familiarisem e se confundam, na mesma attracção de sociabilidade e de convivio. E, entretanto, para a belleza e exito de um baile, isso é indispensavel.

O baile é tudo o que ficou á humanidade da antiga graça, do antigo gôzo da vida. O baile é uma festa de voluptuosidade, onde o homem moderno se permitte ainda o devaneio de dansar, onde a mulher virtuosa mostra os hombros nús. Nos diccionarios, *baile* é uma reunião de pessoas que dansam; do latim *ballare*. E o que é positivo, e isso basta para tirar toda a significação galante á festa da Ajuda, é que n'este baile de côrte se não dansou. Excepção da quadrilha real da pragmatica, marcada na sala vermelha do throno e presenceada pela côrte, a orchestra inutilmente convidou para contradansas e valsas as lindas mulheres enfeitadas de diamantes e os homens graves immobilisados nas suas fardas. A etiqueta não impunha essa reserva aos bailarinos. As rabecas continuavam a convidar aquella multidão contrafeita e pensativa, desafiando-a com os compassos de Strauss e de Metra. Nenhum sapatinho de setim deslisou á doçura dos violinos. Conversava-se baixo, com o receio de ser escutado pelos visinhos. Nos corredores, fumava-se. Os lacaios de cabello empoado, meia de sêda branca e casaca vermelha agaloada, serviam neve e bolos em bandejas de prata. Bocejava-se. Havia somno. Creaturas solitarias vagueavam pelas salas, olhando os pannos de Arrás, as figuras de Saxe, o retrato da rainha D. Maria Pia por Carolus Duran, os bronzes e pratas accumulados nas credencias de talha, forradas de vellu-

do, as japoneiras floridas, que adornavam os vãos das janellas, — e um tédio enorme alastrava, ia contagiando os convidados, como uma epidemia trazida de fóra por um semsaborão. Apenas na sala do throno, forrada de um novo damasco carmezim, onde os enormes candelabros e os sumptuosos lustres espalhavam ondas de luz, os reis e as rainhas, na intimidade da côrte, sustentavam as tradições elegantes das suas festas, animando as conversas: — esse nobre luxo privilegiado dos fidalgos e da gente de espirito, que a moderna decadencia da sociabilidade apenas conservou nas castas superiores.

Mas o mesmo constrangimento embaraçava essa *élite* mundana; as reverencias eram em maior numero que as palavras. Alli, o baile tomava as apparencias formalistas de uma recepção nocturna, ceremoniosa, regida por um mestre-sala indulgente. O corpo diplomatico, os officiaes-móres, o ministerio, as damas de honor, passeavam de vagar, arrastando as caudas murmurantes dos vestidos, ou cingindo á ilharga os bicornes fechados. As rainhas faziam as apresentações a Affonso XIII e a arte sábia da reverencia resuscitava em pequeninos quadros galantes do seculo XVIII. Com a graça, que só a mulher salvou do naufragio da elegancia, que caracterisa este seculo de aspero utilitarismo, essas cortezias palacianas eram por vezes dignas da sala dos concertos de Queluz. As duas

rainhas, — uma, com a sua prestigiosa belleza; a outra, com a sua grave magestade; os collos brancos resplandecentes de joias, os cabellos negros e fulvos scintillantes de pedrarias, — representavam dignamente essa realeza historica, em que as investiu o nascimento e o matrimonio, revivendo as tradições seculares da monarchia.

Mas, se n'esse recinto, ao som melodico dos violinos, as *aigrettes* continuavam a inclinar-se em frente a Affonso XIII, com palacianas reverencias, roçando o chammejante Tosão de Ouro, que o moço rei de Hespanha traz sobre a sua farda de capitão-general, — nos outros salões o tédio vae crescendo e avolumando. Inutilmente se procura a alegria e a mocidade: essa faísca electrica da graça.

Que descendencia deixaram essas gerações de 1840, que dansavam nas Laranjeiras até ao ultimo sôpro luminoso das velas? Apenas a senhora baroneza de Hortega, pelo donaire hereditario, lembra essa formosa baroneza do seu titulo, que, no palacio de Villa Franca, n'uma das ultimas festas do Farrobo, representava *Les Inconsolables*, de Scribe, e cantava com o conde o duo do *Elixir de Amor*. Parece que a sociedade eminentemente mundana do meado do seculo XIX, que dansou ao lado dos reis, das imperatrizes e das infantas, nos bailes dos marquezes de Vianna, dos condes de Penafiel, de

Carvalhal, e de Farrobo, levou para o tumulo o segredo d'essas *redoutes* famosas, de que a aurora escutava ainda o murmurio das valsas. Alguns, poucos, ainda vivem, como o sr. duque de Loulé, para quem já passou a idade de dansar. Mas os filhos d'esses *leões*, que deixaram lenda, usam os titulos dos paes: herdeiros tristes de uma geração brilhante, que com o mesmo garbo se batia e dansava uma valsa, lidava touros e cortejava a mulher, fazia versos e discursava nas camaras. Os netos só existem para lembrar a ausencia dos avós! Inutilmente se procura a successão de Antonio da Cunha e João Mesquitella, de Francisco Palha e dos Camara Leme, de Sotto-Mayor e Garrett, de D. José Coutinho e Eduardo Wanzeller, de José Cantagallo e Chico Bellas. Os Camors, os Antonny e os Rastignacs morreram com o ultimo alento do romantismo.

Ainda depois da morte de D. Maria II, em cujo reinado tanto se conspirou e tanto se dansou, no baile offerecido por el-rei D. Pedro V ao principe de Gotha, nas salas do paço de Belem se encadearam valsas até de madrugada e ás quatro horas se elegiam por acclamação, como rainhas do baile, as condessas de Tavarêde e da Ribeira Grande...

Outros tempos e outra gente... Os salões da Ajuda não escutaram hoje uma phrase de espirito e ninguem viu a meia de seda de uma

mulher sob uma cauda de vestido arregaçada. Todos mereceram magnificamente o premio da sociedade de Temperança. Todos assistiram ao baile com um recolhimento, que seria para desejar conservassem na igreja, ao ouvir missa. E comtudo, pela disposição grandiosa das salas, adornadas pelo supremo bom gosto de Sua Magestade a rainha viuva, pela primorosa affabilidade dos reis e pelo apparato com que a casa real magestosamente ordenou a sua festa, o baile d'esta noute estava destinado a ser o mais surprehendente torneio da graça feminil e da elegancia mascula do homem. Suas Magestades cumpriram o seu alto dever de monarchas. Os convidados é que não cumpriram o d'elles.

III

O prestigio de uma farda — O Terreiro do Paço — Os coches da Casa Real — O Tejo das navegações e das conquistas — A Rainha de Portugal e o Rei de Hespanha.

Decididamente, a mais alta categoria social não vale uma farda de simples addido de embaixada, com plumas de avestruz no bicornio e folhagem de vinha e oliveira, bordada a ouro, na gola. De todas as vezes que hontem, na subida ingreme da calçada da Ajuda, demorado no sequito moroso dos trens, descia a vidraça do coupé e ordenava ao cocheiro que rompesse a fila, os policias faziam a continencia ao meu chapeu armado e ao meu braço arrecamado de ouro, o trem partia á desfilada, a guarda municipal abria passagem, como se eu levasse um salvo-conducto régio. Mas já hoje, despida a farda, me foi preciso declamar a cada policia a minha qualidade de deputado e secretario de ministro, mostrar o bilhete de identidade aos mais incredulos, pedir licença e ser absurdamente amavel, para conseguir romper, atravez

o Terreiro do Paço, até ao caes das Columnas, junto ao pavilhão forrado de velludo carmezim, onde os reis, de regresso do couraçado *Carlos V*, iam tomar os coches amarellos, para seguir para a camara municipal.

Emfim, passei. E agora, livre, na vastidão do grandioso terreiro, onde principia a espalhar-se a onda de pennachos brancos de um esquadrão de cavallaria da guarda, os meus olhos pousam n'esse panno de fundo incomparavel, que fecha o theatral recinto pombalino. O Tejo desdobra-se, em aguas que o vento encrespa, até aos pinhaes longinquos do Alfeite, e mais distante ainda, até á enseada profunda do Barreiro. Correm nuvens apressadas no ceu, manchando o rio de sombras movediças. Milhares de gaivotas, assustadas pelo estrondo das salvas, esvoaçam, como os milhares de pennas de uma só ave immensa, redemoinhando no espaço. E nos meus olhos vae passando a saudosa visão do espectaculo inolvidavel, que ha mezes se desdobrou n'esse terreiro, delineado pelo orgulho magnifico de Pombal, quando, ao troar da artilharia, o bergantim de D. João VI, conduzindo o rei de Inglaterra, acostou ao caes das Columnas:—desembarcadouro digno e devéras explendido da capital de um paiz de navegadores!

O sol de primavera, que então recebeu o *yacht* real, acossado pelos temporaes desabridos

de Portsmouth, é agora um sol desmaiado de inverno, para que se olha direito, sem que as palpebras tremam. Mas a terra passa bem sem o ceu. A pomposa estatua equestre não perde a magestade porque a não aquecem as scintillações douradas da soalheira; nem o Tejo, engrossado pelas enxurradas e pelas neves, ganha menos em belleza no seu arremedo de mar, todo ondulante de vagas e enfeitado de espumas. As figuras allegoricas do arco triumphal da rua Augusta, em cujos braços e hombros insensiveis pousam as pombas bravas, parecem mais claras sob a tonalidade sombria do ceu. E n'essa penumbra de dia de inverno, o desenvolvimento do quadrilatero grandioso, com as suas arcarias, os seus torreões de marmore encimados de bellicos tropheus, os grupos monumentaes symbolisando a Gloria e as Conquistas, que engrandecem a estatua marcial de D. José, — desperta essa mesma admiração, que subjugou Junot, governador de Paris, quando pela primeira vez passou o arco da rua Augusta, e que, ha mezes ainda, pôz um clarão no olhar de Eduardo VII, rei de Inglaterra, ao desembarcar do bergantim nas escadas de marmore do caes das Columnas.

As festas do Tejo e os cortejos reaes hão de ser sempre, pela grandiosidade do scenario e pela pompa da *mise-en-scène*, os espectaculos mais imponentes d'estas representações regidas

pela pragmatica e com que é de uso os reis receberem os reis.

De todos os thesouros da monarchia, perdidos e dispersos pelo terremoto, pelas invasões e pela transferencia da côrte para o Brasil, salvaram-se as baixellas e os coches de gala: as mais preciosas reliquias que nos restam da grandeza passada. Nenhuma côrte do universo possue, em riqueza e em numero, magestade comparavel ao trem de gala da casa real portugueza. Seriam precisos quatrocentos cavallos para arrastar nas ruas accidentadas de Lisboa as setenta equipagens sumptuosas, que se conservam nas cocheiras e nos depositos da Ajuda, e outros tantos os lacaios, entre moços de estri beira e de taboa, cocheiros, trintanarios e sotas, a que obrigaria a representação theatral d'esse cortejo. Devemos ao delirio de grandezas de D. João V e ao periodo aureo das representações diplomaticas nas côrtes de França, Austria e Vaticano, que antecederam a subida ao throno do *rei Salomão*, a maior parte d'essas joias artisticas, — verdadeiro museu de arte retrospectiva, onde figuram desde as formidaveis carroças de gala guardadas nas Janellas Verdes, até ás seges e traquitanas de D. Miguel, de D. Maria II e dos infantes D. Pedro, D. João e D. Luiz.

São os coches amarellos os que servem á solemnidade de hoje. Não teem, é certo, a mages-

tade historica dos seus irmãos mais velhos, que serviram ás bodas de D. Affonso VI, D. João V, D. José I, D. Maria I e D. João VI. Mas a sua belleza não é menor, com as armas reaes nas portinholas, as boleias sumptuosas de panno vermelho franjado a prata, e interiormente forrados a damasco branco, como enormes escrinios.

Ao entrar no Terreiro do Paço, precedido pelos archeiros da casa real a cavallo, de chibata no arção, o bicorne agaloado e as fardas vermelhas, — esse magnifico trem de gala, composto pelo estribeiro-menor, honrava as tradições de uma dynastia, que foi prodiga em luxos de equitação e picadeiros, timbrando sempre em ostentar nas paradas, nos torneios, nos sequitos de festa e nos cortejos de honra uma pompa gloriosa.

Os eccos vão repercutindo de quebrada em quebrada as salvas infindaveis, até que se avista, entre a fumarada da polvora, a prôa encarnada do bergantim, que traz os oitenta remos nas forquilhas, — e já na camara ostentosa da pôpa se reconhece, ao lado de el-rei e das rainhas, o vulto infantil de Affonso XIII, fardado de almirante das esquadras de Hespanha.

Ah! essas esquadras, que cruzavam todos os mares do globo e que em todos os oceanos encontravam portos do abrigo; essas esquadras, que contornavam toda a America hespanhola,

desde a Patagonia até á Florida, que iam buscar as faianças e os pannos á Hollanda, os trigos á Sicilia, os vinhos a Napoles; essas esquadras, que iam da Minorca ás Baleares, das Baleares ás Canarias, das Canarias ás Filippinas, das Filippinas á Havana e ao golpho do Mexico; essas esquadras, que de Palos levaram Colombo para a descoberta de um mundo e que desembarcaram na America Pizarro—esse magnifico tyranno, digno de uma tragedia classica!—e na Haya o duque de Alba, com o seu feltro de pluma e a sua gola de rendas,—como as dizimaram as tempestades e as refregas! Como os tempos vão mudados para esse almirante apenas adolescente, e que grande lição de Historia não é este regresso festivo dos dous reis, que acabaram de beber á prosperidade dos seus reinos e das suas marinhas, a bordo de um navio, salvo por milagre da hecatombe da guerra recente!

N'esse scenario de aguas movediças, que foi o grande palco, onde as duas nações gloriosas da peninsula executaram a mais grandiosa missão historica, que a Providencia confiou aos povos do Occidente, a aproximação affectuosa dos dous reis, principes soberanos de duas dynastias parentes, oxalá concorra na éra nova, avêssa ás aventuras e ás conquistas do passado, para a mutua collaboração dos dous povos amigos, n'uma obra pacifica de prosperidade!

Agora, como ha mezes, não é uma alliança de força que nos traz, ao mover dos seus oitenta remos, aquelle bergantim vermelho e ouro, sobre o qual esvoaçam azas brancas de gaivotas. Mas, por isso mesmo talvez, os nossos olhos seguem com mais enternecido enlêvo o vulto delicado d'esse rei moço, que as nossas rainhas acarinham como um filho e para quem todas as mulheres teem sorrisos de mãe.

Emfim, nos horisontes calamitosos da Historia, ennegrecidos pelos fumos das guerras, revoltos de hostilidades e ameaças, uma nesga azul de bonança transparece. Ha em toda a humanidade uma ancia de amor e de paz. Um renome odioso vae desfigurando as carnificinas. De povo a povo, é tempo de entrelaçar esse mesmo interesse, mixto de carinho e de affecto, com que a rainha de Portugal, ao subir os degraus do pavilhão do Terreiro do Paço, dizia para o rei de Hespanha, ao vêl o entregar a sua capa a um dignitario:

Prends garde; tu vas sentir froid...

IV

O acordar do Rei — O Paço de Belem — A gloria passada — A missa nos Jeronymos — O coração de Portugal — O Paço de Cintra.

Ás oito horas da manhã, o criado de quarto de Sua Magestade afasta de vagar os reposteiros, abre as portas das janellas e aguarda que Affonso XIII se levante para lhe vestir o roupão de banho e acompanhal-o ao quarto de *toilette*...

Eu dissertaria agora longamente sobre o levantar do rei, se julgasse a proposito divulgar as cousas innocentes, que se ouvem nas antecamaras dos palacios, pela manhã.

Mas o programma de hoje é fatigante e mal sobeja o tempo a Affonso XIII, antes do leve almoço que lhe servem, de escrever a Sua Magestade a rainha D. Maria Christina a carta de todos os dias. E já os cavallos dos batedores passeiam no pateo empedrado, as carruagens aguardam o rei, a comitiva calça as luvas e veste os sobretudos de inverno no vestibulo

D. João V do palacio. A manhã está humida e fria. Das amplas janellas do quarto, emquanto escreve, Affonso XIII vê o geometrico jardim á Le Nôtre, que os parapeitos e balaustradas de marmore estendem em taboleiro sobre a grande praça, onde se ergue, na sua columna manuelina, a estatua de Albuquerque, o *Terrivel*. Depois, é o Tejo, com os navios de guerra de Inglaterra, Hespanha e Portugal, sacudindo ao vento norte os embandeiramentos de gala, e a occidente a torre de Belem: engenho bellico feito de rendas, para o qual se elevam, ha quatro seculos, os olhos encantados dos navegantes.

E tudo, n'essa decoração de theatro, onde parece se vae representar uma tragedia historica, deve fallar ao rei moço d'essa gloria esvaída — desde as aguas do Tejo, que balouçaram as caravellas audaciosas dos *Lusiadas*, até á evocadora estatua de Albuquerque, declamando a resposta famosa ao embaixador da Persia. D'aquelle rio sahiram as frotas, que circumnavegaram o globo, as expedições que dobraram o cabo das Tormentas, os navios que foram á India, á Polynesia, á China e ao Japão, a Timor e a Ormuz, á bahia de Todos os Santos e a Pernambuco, ás ilhas floridas da Madeira e ás praias inhospitas da Africa.

Por certo, n'essa invocação do passado, o moço rei não precisou de encorporar nos dominios historicos da sua corôa os territorios infin-

daveis, que o valor e a audacia portuguêses conquistaram e descobriram para a dynastia inclita de Aviz, e sobre os quaes esvoaçou durante annos o estandarte avassallador dos Filippes. Esse transitorio dominio foi o epilogo desanimador do repto historico das duas monarchias, cujo sonho commum, tantas vezes tentado em machinações fabulosas de intrigas politicas e em perfidas allianças matrimoniaes, sossobrou, mercê de Deus, para todo o sempre, e abriu na historia dos dous paizes, depois de embainhadas as espadas da guerra da independencia, uma era de fraternidade e de paz. Por esses annos em que fomos inimigos, fallam alto os annos em que fomos alliados. Se muitas vezes combatemos um contra o outro, muitas vezes, depois, nos batemos um ao lado do outro. O dia de hoje, pelo seu programma, é a glorificação dos dous acontecimentos historicos em que mais trabalharam os dous povos, na sua missão civilisadora de revelação de mundos e na sua missão christã de flagello de mouros. Nenhuma sombra de hostilidade ou de discordia escurece estas longinquas fraternidades de armas e estes concursos heroicos de aventuras, que encheram a Edade-Média de fragor de espadas e semearam os mares da Renascença de continentes novos.

Os Jeronymos são, mais que o padrão glorioso de um imperio, conquistado aos elementos pela audacia de um povo, — a memoria er-

guida ao cyclo peninsular das descobertas. Os dous reinos da Hespanha povoaram ao mesmo tempo os oceanos de galeões. Os mesmos ventos homericos enfunaram as vélas das frotas aventurosas de Portugal e Castella. As duas monarchias eram então as soberanas dos mares. Entre ellas repartia a bulla de um Papa os mundos a descobrir. Esquecendo que havia mais povos na terra, o mappa de Tordesilhas dividia o globo em duas rações, para saciar a fome de aventura e a sêde de gloria que acommettera a peninsula. Os Jeronymos são o panthéon commum d'essa epopeia maritima.

Perpassaria, porventura, na alma ainda infantil de Affonso XIII, a perturbadora commoção que essas ideias despertam? Quem sabe? Mas quando mesmo na inconsistencia imaginativa do seu cerebro se não tivesse erguido essa triumphal visão, que importa isso? A Hespanha e Portugal, pela phantasia alada dos seus poetas, pela reflexão dos seus pensadores, pela sagacidade dos seus politicos, pela vibratil impressionabilidade dos seus povos, viram o descendente de Manoel o *Venturoso* apear em frente ao portal de Santa Maria de Belem com o descendente de Isabel a *Catholica*.

Essas naves, suspensas em columnas miraculosas, que lembram palmeiras espalhando nas abobadas as folhagens ondeantes, abrigam ainda as cinzas do maior poeta das Hespanhas.

Que importa que essas cinzas sejam duvidosas, se d'esse tumulo, que as contém, ascende e se esparge no ambiente a memoria do poeta-cavalleiro, o qual, sem as pareas da India, ergueu um monumento mais perduravel que o templo onde guardamos o seu pó mortal; — monumento que as convulsões geologicas não desmoronam, que as tempestades do ceu não abalam, porque foi construido com essa substancia imponderavel, irradiamento da sabedoria divina, que é o genio.

Atravessado o portico, elevado á memoria do infante de Sagres, Affonso XIII entrou como que no coração de Portugal. O seu olhar azul abrangeu o prodigio de pedra, suspendeu-se com assombro nas miraculosas abobadas, subiu por cada columna esbelta. A sua bôcca fresca de adolescente abriu-se n'um murmurio de admiração e de surpreza. E, durante o officio divino, o seu olhar, attrahido pela hypnotica belleza d'esse templo, onde estrugiram os *Te-Deums* triumphaes pelo regresso feliz das expedições heroicas; onde se evolaram as supplicas e as lamentações dos orphãos e das viuvas; onde resoaram as palmilhas de ferro das armaduras e os contos das lanças, — parecia procurar as azas ensanguentadas d'essa gloria, que o sôpro de Deus, durante tres seculos, fez ondular no ceu resplandecente das Hespanhas...

Mas já o zimborio de Santa Maria de Belem

desappareceu e a serra de Cintra, coroada pelo seu diadema de ameias mouriscas e pelos torreões e minaretes da Pena, se avista ao longe. E agora, á evocação do cyclo maritimo das descobertas, succede a da conquista da patria:— as pelejas do cruzado contra o infiel, a evacuação, á ponta de lança e adaga, do sarraceno, que as hostes christãs vão desapossando das cidades fructuosas e das planicies fecundas, dos castellos inexpugnaveis e dos rios caudalosos.

Se esse paço real, antigo eden de kalifas, ficou como um padrão magnifico da conquista do sólo a uma raça intrusa, elle é tambem, já admirado por Philippe II, que o descrevia com enthusiasmo a suas filhas, a unica morada sobrevivente dos reis das primeiras dynastias, aquella que mais pormenorisadamente, depois da destruição do paço da Ribeira, da demolição do paço do Limoeiro e da ruina do paço da Alcoçova, documenta a vida dos nossos monarchas e a opulencia da sua côrte.

Toda a historia de Portugal está em resumo n'aquella habitação veneravel.

Desde os mosaicos sarracenos da sala da Galé até aos tectos heraldicos da sala dos Cysnes; desde a cadeira monachal da sala do conselho, onde D. Sebastião ouviu os presagios da catastrophe de Alcacer, até á divisa galante da sala das Pêgas, onde D. João I beijou na nuca a aia da rainha; desde as lages gastas pelo an-

dar encarcerado de D. Affonso VI, até á escadaria feudal, de degraus consumidos por gerações innumeraveis de vassallos, esse paço acompanha toda a vida secular da monarchia. Por alli passaram D. Affonso IV, D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, D. João II, D. Manuel, D. João III e D. Sebastião. N'aquellas salas representou Gil Vicente, compôz versos Bernardim Ribeiro; foram recebidos os embaixadores das côrtes de França e Inglaterra e os convivas dos serões manuelinos. N'aquelles pateos dansaram as odaliscas mouras, n'aquelles salões dansaram as preciosas do seculo XVIII. O infante D. Henrique alli desenvolveu a D. Duarte o seu plano de descobertas. D. Maria I alli confessou os seus peccados ao arcebispo de Thessalonica. E passados seculos, alli ainda Sua Magestade a rainha D. Maria Pia recebe um rei de Hespanha, com esses requintes de elegancia e de luxo, que são apanagio das suas inclinações de fausto e de opulencia...

V

As illuminações da Avenida — A ratoeira luminosa — A recita de gala em S. Carlos — A Lafargue — O almirante inglez — A tourada á antiga portugueza — O chapéo de bicos do sr. conde de Mendia — Ás portas da sala do thrôno — Uma vergonha — O sr. conde de Figueiró irritado — Collaboração da Providencia nas festas.

Affonso XIII partiu para Villa Viçosa, a caçar nas tapadas dos duques de Bragança. É agora o momento, quando se esvahem no Tejo os ultimos fumos das salvas, recolhem os regimentos a quarteis e de cima de todos os corêtos já não nos persegue esse solemne hymno hespanhol — que os garotos vão assobiar ainda por um mez, atravez Lisboa, como succedeu com o *Good save the king*, — de fazer um exame succinto d'essas festas, extremando o que n'ellas houve de grande e de mesquinho, de prejudicial e de benefico, de insensato e de intelligente, sob o ponto de vista da esthetica, das conveniencias sociaes e das conveniencias politicas.

Estas cartas despreténciosas constituem apenas notas ligeiras de impressões, escriptas sobre o joelho, de afogadilho, por entre a bal-

burdia dos festejos. Foram n'ellas supprimidas as noticias circumstanciadas, que a imprensa diariamente serviu á curiosidade do leitor. Quizemos escrevel-as como o commentario a essas noticias, dando-lhes a ampliação indispensavel á vida historica dos acontecimentos. Por isso mesmo, todas padecem da immediata impressão de que nasceram, de um demasiado subjectivismo descriptivo, hoje tido na conta de detestavel, mas que, a despeito de todos os epithetos fulminantes da critica litteraria, é ainda o segredo animador de toda a prosa destinada a substituir a visão real pela evocação imaginativa.

Ao summario dos quatro dias de festa, só me falta acrescentar os esboços da tourada, das illuminações e da recita de gala.

Excepção feita da recita em S. Carlos, os dous restantes numeros do programma pareciam condemnados, sem execução possivel por este tempo desabrido de inverno, que transformou as ruas em lodaçaes, derrubou grande parte dos arcos de arraial com que durante uma semana os festeiros de Santo Thyrso desfiguraram a Avenida, tirando-lhe a nobreza, resumindo-lhe a vastidão, e que ante-hontem, á noute, esfarrapou, com safanões de vento, as decorações scenographicas da praça do Campo Pequeno.

Estes dous numeros tinham sido julgados indispensaveis, por constituirem a parte popular dos festejos.

Mas peccava o projecto das illuminações pela área restricta, que lhes circumscreveram os dirigentes, esquecidos de que a população de uma capital, como Lisboa, não póde agglomerar-se n'um recinto de cento e cincoenta mil metros quadrados, d'onde é necessario excluir as vedações dos jardins e das tribunas. Ao chamariz d'esse espectaculo feerico e gratuito, favorecido por uma noute primaveril, concorreu uma densa multidão de curiosos, que todos os bairros da cidade despejaram, durante horas, sem descontinuidade, para a Avenida. E era surprehendente, desde o escurecer do dia, o aspecto das ruas que confluiam á Baixa, animadas pelo ruido alegre d'esses rios compactos de gente desaguando no mesmo mar. Accrescia que os cordões de policia, para maior embaraço, vedavam o caminho de S. Carlos e a rua central da Avenida, a fim de conservar a passagem aberta para os trens reaes, concedendo ao transito transbordante e tumultuoso apenas os passeios insufficientes e estreitos.

Assim, o povo que acudia da praça de Camões, derivado dos bairros populosos da Estrella e da Lapa, encontrando a cavallaria no largo das duas Egrejas, retrocedia por S. Roque, ia ganhar a rua do Principe pelas escadas do Duque e ladeira do Carmo e cahir na ratoeira temerosa da entrada da Avenida, como n'um funil triturador.

O espectaculo era, sem duvida, deslumbrante. Todo o immenso recinto flammejava. A carpintaria de arraial, como tocada por uma vara magica, transfigurara-se n'um tunnel resplandecente de luzes, com mil cambiantes diversos. Os homenzinhos infatigaveis de Santo Thyrso e de Vianna tinham derrotado as illuminações francezas do Chiado.

Mas o que ia ser, sob aquelle toldo faiscante, da onda immensa e inconsciente de povo, onde havia milhares de creanças, mães afflictas, velhos aterrados, que novas vagas humanas impelliam? E onde, na imminencia prevista de um tal ajuntamento anarchico de povo, as disposições policiaes de previdencia e correctivo, reguladoras d'esse atropello desvairado de uma cidade inteira pretendendo condensar-se n'um pequeno fragmento da sua área? Já n'essa occasião todas as ruas, que a montante da calçada da Gloria confluiam á Avenida, estavam obstruidas de trens, vedando as unicas portas de salvação, no caso ameaçador de uma colossal catastrophe. A impressão era de terror e de angustia, ao presencear aquella confusão tumultuosa, onde se perdiam os choros das creanças, as supplicas das mulheres, as vozes dos que se procuravam no asphyxiante aperto. A certeza de que um sinistro memoravel ia assignalar tragicamente essa festa nocturna acompanhou-nos até S. Carlos, perseguiu-nos como uma obcessão durante

a noute inteira, sempre á espera de vêr levantar-se no camarote o governador civil, ao receber a noticia fulminante da catastrophe. Mas a Providencia substituiu-se á policia e os gritos de morte não vieram perturbar a magnifica recita de gala.

Quem nunca viu S. Carlos, difficilmente poderá visionar a magestade e o esplendor da grande sala, com a tribuna real illuminada, os camarotes a resplandecer de joias, sorrisos e collos nús, o desafio das luzes e pedrarias, aquelle immenso concerto de luxo e de belleza ascendendo em tiára até á cupula.

Ás nove horas, os reis fizeram a sua entrada na tribuna, ao som da marcha real de Hespanha, acompanhados pelo ministerio, pelas comitivas e pela côrte. Viu-se então um espectaculo inolvidavel. Em todos os camarotes, desde as frizas ás torrinhas, ergueram-se, com um só movimento ascendente, todas as mulheres. A sala pareceu crescer n'esse feerico instante, similhando uma corôa de mulheres sobrepostas, cujo florão central,—onde iam ligar-se, de pescoço em pescoço, os collares de perolas e diamantes,—era constituido pela tribuna real, chammejante de joias e de ouros. Durante dez minutos, ao som das acclamações e dos hymnos, o quadro conservou a sua imponencia, com a espiral humana ascendendo até ao lustre do tecto, n'uma scintillação trémula de joias. Depois, a opera começou de-

senvolvendo os seus motivos melodicos, através a urdidura romantica de Sardou.

Era licito exigir da empreza de S. Carlos a execução, em noute como esta, de uma opera com esplendores de guarda-roupa ou *mise-en-scène*, impedindo d'est'arte que o conjuncto da sala não fosse desastradamente interrompido por um *Ipanoff* de voz melodiosa mas apparencia detestavel e por uma comparsaria grotesca nas suas casacas de aluguer e nos seus vestidos de baile carnavalesco. Mas os olhos de todos apenas pousam no palco para vêr o vulto serpentino da Lafargue, e logo se desviam para a tribuna fascinante ou para os camarotes, onde o almirante inglez, colosso risonho, com maneiras de principe e sem gran-cruzes na farda, soberbamente invoca o poder invencivel da *alliada*...

A todas as festas de rua andaram misturadas as fardas vermelhas dos artilheiros inglezes, como em todas as festas da côrte appareceu esse risonho e attrahente colosso, de face escanhoada, beijando galantemente a mão ás senhoras, com a mesma singeleza com que despejaria ámanhã os canhões dos couraçados. Vimol-o na tribuna do corpo diplomatico, no dia da chegada de Affonso XIII, alegre como um rapaz, amavel como um mundano; tornamos a vêl-o, no baile da Ajuda, resistindo, sem pestanejar, aos empurrões grosseiros da porta da sala do throno, e, de novo, o vimos na tourada de gala,

applaudindo com enthusiasmo a entrada do cortejo.

Esse numero popular das festas constituiu, quanto a mim, apesar da tarde avêssa a espectaculos, que exigem o calor e o brilho excitavel do sol, um dos capitulos mais brilhantes do programma dos festejos.

Da sua tribuna real, Affonso XIII assistiu ao esboço de um torneio gentilissimo, em contraste com a lucta sanguinosa da tourada hespanhola. E mais do que as sentenciosas lições do seu professor de historia, esse espectaculo deve ter eloquentemente exemplificado ao espirito do moço rei a dessimilhança dos dous povos, na maneira differente como conservam a tradição peninsular e latina d'essas festas de destreza e coragem.

No logar das pobres victimas cegas, offerecidas em holocausto ás arremetidas furiosas do touro, Affonso XIII viu doze corseis de combate, nervosos e elegantes, ajaezados como para um cortejo nupcial do seculo XVIII, e nos seus cavallos de manejo, enfeitados de plumas, com as crinas e as caudas entrançadas de fitas coloridas, seis cavalleiros de casaca de velludo bordado a ouro, o cabello empoado, a camisa de bofes, o collete de seda. Sem duvida, as emoções fortes do perigo, os espectaculos romanos das agonias e o desfecho theatral da sorte de espada faltam á nossa tourada. Mas, que de

compensações na gentillissima lucta portugueza, onde o cavalleiro não veste de ferro, como em Hespanha; veste de rendas e sedas, como n'um baile! E, como devem ter ficado encantados os olhos d'esse rei, creado entre delicadezas de mulheres, a essa transfiguração galante do espectaculo favorito do seu povo! D'essa tourada deve ter levado comsigo Affonso XIII a inolvidavel visão dos seis cavalleiros trajados á Luiz XV e dos dezoito cavallos de manejo e combate, dignos das cavallariças do Palacio do Oriente, bem deseguaes na apparencia e na sorte aos seus pobres irmãos hespanhoes, que entram na arena para ser vencidos e morrer, sem a pompa triumphal com que estes outros corseis, de cocar de pluma, xairel de velludo e freio de prata, galopam no redondel á frente de um touro bravo!

Mas, em troca d'isto, que de tristes documentos da nossa imprevidencia, da nossa falta de gosto, da nossa ausencia de respeito! Desde o desenfreado tumulto da Avenida, na noute das illuminações, que só o acaso impediu que se transformasse n'uma hecatombe, até o assalto inqualificavel da sala do throno, durante a contradansa real do baile da Ajuda, que de vergonhas patenteadas ao olhar do estrangeiro! Que teriam pensado de nós os dignitarios da comitiva de Affonso XIII, em cuja côrte subsistem os restos d'essa etiqueta inflexivel, a que de-

veu a morte Filippe III, ao presencearem o atropello de categorias, o desprezo das praxes, o abandono das dignidades, que tão tristemente ennodoou a festa da Ajuda? Debalde o sr. conde de Figueiró, irritado e vexado, implorou a onda invasora para recuar. Nem o marcial chapeu do sr. conde de Mendia, fardado de cavalleiro da *Real Maestranza de Saragoza*, foi poupado no aperto. E entretanto, o almirante inglez, no vão de uma janella, sereno e silencioso, calçava as luvas brancas, ao mesmo tempo que o almirante hespanhol abria os olhos de espanto, cercado pela officialidade do *Carlos V* e do *Cardeal Cisneros*.

Se analysarmos a organisação dos festejos, concluimos pela falta de senso esthetico, que reincidiu no crime de esconder monumentos magnificos atrás de corêtos sem belleza e que, tirante o formosissimo pavilhão de Bordallo, não produziu na ornamentação das ruas e das praças nenhuma obra de gosto apreciavel.

O exito das festas deveu-se exclusivamente ás solemnidades de iniciativa puramente real e aos favores da Providencia, que consentiu, com umas resteas generosas de sol, na total execução de um programma, cuja organisação fôra um desafio quixotesco aos elementos.

Mas o rei de Hespanha partiu; a policia, que foi louvada, declara não ter effectuado uma prisão; os comboios começam a reconduzir os fo-

rasteiros; Portugal tem mais um cavalleiro do Tosão de Ouro; os cruzadores inglezes levantam ferro; arreiam-se as bandeiras; desmancham-se os corêtos.

Ah! a linda chronica que se faria agora, se podessemos medir a intensidade do affecto, que os nossos esforços sinceros determinaram no coração sensivel d'esse monarcha de olhos tão azues e de bocca tão fresca, que a estas horas descansa das fadigas da viagem na sala de Hercules do solar ducal de Villa Viçosa!

VI

O inverno dos ricos — Decadencia politica da nobreza — O seu prestigio mundano — O corpo diplomatico — As festas nas legações — Lady Gosselin — *Madame* Polo de Barnabé — O sr. coronel Page Bryan — O palacio Foz — Vestigios do antigo resplendôr — O bom gosto de *miss* Bryan — Thomaz Bryan — O palacio Burnay — As Larangeiras — Uma phrase da Bartet — O conde de Farrobo.

Os jantares diplomaticos, os *five-o'clock*, a opera, as recepções e os bailes são n'esta quadra do inverno, tão inclemente para os humildes, o fatigante passatempo das duzentas familias, com as suas numerosas adherencias, que constituem em Lisboa o *bom-tom*.

Hoje, a nobreza não tem mais nos negocios de Estado a interferencia absorvente de outr'ora. A democracia, entregando o poder ás classes liberaes e emancipando-o da casta, resumiu o papel social da fidalguia.

De essencialmente dominadora, passou a ser exaggeradamente exclusivista. Não podendo dictar leis aos povos, passou a dictar a lei aos *petits-crévé*. Por direito, ficou-lhe pertencendo a

indiscutida realeza das boas maneiras e o prestigio tradicional da elegancia.

Evacuou as secretarias, para se concentrar nos salões. Tendo perdido os eminentes cargos de governo, tornou-se radicalmente anti-politica.

A sua missão social deslocou-se. Foi-lhe necessario abdicar alguns preconceitos, admittir o dansarino, o janota, a celebridade e o espirituoso na sua côrte, para conquistar a influencia mundana, que substituira a sua influencia governativa.

Mas, tendo sabido transigir, soube vencer. Aos poucos, abrandados os impetos revolucionarios, as sociedades modificaram-se no sentido do utilitarismo. Á sêde classica da gloria succedeu o anceio pratico da riqueza. E de novo a fidalguia, que tivera no passado a gloria e conservava no presente a elegancia, reconquistou o predominio. A sua desforra foi completa. Temiam a sombra da sua dominação e julgaram aniquilal-a subtraindo-lhe a collaboração nos negocios publicos. Queriam-na frivola; tornaram-na omnipotente. O burguez triumphante foi-lhe bater com humildade á porta. Banida do poder, ella monopolisou o prazer. Emquanto os politicos se insultam nas camaras, ella toma chá na legação da Allemanha em finas louças de Saxe. Emquanto os ministros são calumniados, ella é reverenciada. O *terceiro Estado* continúa a luctar, emquanto ella dansa. Nunca mais, como

nos velhos tempos, lhe foram attribuidos os desastres, os esbanjamentos, os erros politicos, a sorte das batalhas. Hontem era privilegiada; hoje é intangivel.

Porém, no seu esplendor, ella esconde tambem a sua pequena miseria. O exclusivismo, que era o seu orgulho, foi tambem a sua doença. Como os pobres padecem a fome, que é a mingua, ella padeceu o tédio, que é o excesso da abundancia.

O tédio é uma especie de dyspepsia moral de que soffreram sempre as castas privilegiadas pelo abuso de concentração e retrahimento. Essa *petite bête noire* ninguem a vê, mas está no coração de cada um e na consciencia de todos. A vida quasi familiar produziu a monotonia e o fastio. A transmissão intacta das predilecções e dos costumes creou o enfado. Apenas n'essa classe tradicionalista, um elemento exotico, por sua natureza variavel, consegue por vezes animar, com a impressão inédita do pittoresco e a nota sensacional da novidade, a sua orgulhosa monotonia: é o corpo diplomatico.

Esses homens e essas mulheres, que na ceremonia da abertura das côrtes enchem a tribuna diplomatica com as fardas bordadas a ouro e as *toilettes* do Redfern, e nas ceremonias do paço, durante o beija-mão, animam com o fulgor das condecorações e das joias a direita da sala do throno, trazem comsigo essa vivaci-

dade e essa sciencia de adaptação e sociabilidade, que são as caracteristicas mais brilhantes do cosmopolismo. Na sociedade de Lisboa, o corpo diplomatico constituiu sempre, desde o findar do seculo XVIII, um elemento de preponderencia mundana. Se lord Beckford tivesse trazido credenciaes, teria salvo do beaterio e da intriga a côrte de D. Maria I.

Este inverno ainda, o corpo diplomatico conservou nas festas elegantes de Lisboa esse logar de conquista. Excepção do *bal de têtes* da sr.ª condessa de Almedina, á iniciativa do corpo diplomatico se devem as festas elegantes dos mezes de janeiro e fevereiro, desde os dous bailes de lady Gosselin, ministra de Inglaterra, no palacio de S. Francisco de Borja—ainda tão saudoso do encanto de lady Mac Donell—e o baile de *madame* Polo de Barnabé, ministra de Hespanha, no palacio do conde correio-mór, até ao baile na legação dos Estados-Unidos, installada no magnifico palacio do marquez da Foz—já maculado no seu nobre e apparatoso aspecto pelas lojas dos ourives e dos alfaiates, as *garages* de automoveis, as officinas photographicas e os *ateliers* de modista, que invadiram o *entresol* e as cocheiras, mutilaram a severa harmonia do edificio e lhe desfiguraram a solemnidade primitiva.

Ao ministro dos Estados-Unidos deve Lisboa a conservação da parte mais nobre d'esse palacio sumptuoso, condemnado a mutilações

maiores e successivas. Todos a quem a arte interessa devem fazer votos pela permanencia, entre nós, d'esse diplomata opulento, que escolheu para morada, salvando-a provisoriamente, uma das reliquias mais preciosas da sumptuosidade portugueza.

Foi com uma vaga tristeza que eu subi, ás onze horas da noute da ultima quarta-feira de janeiro, a famosa escadaria d'esse palacio, não sem olhar com magua a reducção deploravel do vestibulo de azulejos, que dava entrada para a capella italiana, onde passeava, nos tempos aureos, um guarda-portão com barbas de porta-machado e libré verde-escura, e em dias de festa riam os *valets de pied*, com meias de sêda côr de rosa e perucas empoadas.

A escadaria é ainda a mesma, com as suas grades e balcões de ferro forjado, aço e bronze, mas qualquer cousa lhe falta, que lhe diminuiu a belleza e a nobreza. Os quadros representando a entrada triumphal de Luiz XIV e o duque de Alba a cavallo, os *Gobelins* com as armas dos Montmorencys, os brandões de bronze cinzelado, a preciosa lampada de suspensão, as estatuas de Puget e d'Epinay, fazem-lhe falta. Até a solemne penumbra lhe levaram. A luz electrica, installada ha poucos dias, torna mais evidente a decadencia do palacio, d'onde desertaram os donos. Á esquerda, a maravilhosa bibliotheca foi inteiramente demolida. O tecto his-

torico, em carvalho antigo da Renascença, proveniente da antiga *Sala dos Reis* do convento dos Jeronymos, e o esplendido *lambris*, levantado de uma casa antiga da Flandres, foram apeados, desmontados, transportados para longe. É agora uma sala sem estylo, de tectos baixos, onde está installada a chancellaria da legação e onde, para esta noite de baile, se preparara o *buffete*. Nas paredes, onde vimos o retrato de Leonor Strozzi, a dama de honor de Catharina de Medicis, por Gaetano, os quadros de Mierevelt, Sneyders e Sanchez Coelho, ha agora mappas e photographias... Que saudade e que tristeza! Mas á direita, a pequena ante-camara Henrique II está intacta, com o seu fogão de mosaico florentino e as esculpturas em madeira de Coyzevox, auctor do tumulo de Colbert. Falta, é certo, o retrato de Maria Thereza por Mignard e esse outro retrato da escola franceza representando um fidalgo da época de Luiz XIV, com seus punhos de renda e seu estoque de côrte, mas o bom gosto de miss Byrd Bryan conseguiu o milagre de adornar esse pequeno recinto, tão severamente magestoso, com uma graça feminil de elegancia e conforto. E é ella, quando abro a porta do salão, quem me apparece, singella e amavel como as millionarias do *autre mer*, descriptas por Bourget, tão attrahente na cordealidade natural da sua raça e na simplicidade das suas maneiras.

Com seu irmão, Charles Page Bryan, ministro dos Estados-Unidos em Lisboa, e seu pae, Thomaz Bryan, — essa mulher de tão irresistivel *charme* constitue uma das familias mais interessantes e vivamente sympathicas do corpo diplomatico acreditado em Lisboa.

Foi, pela primeira vez, no verão do anno passado, em Evora, acompanhando el-rei na sua visita á exposição agricola, que vi e conheci esse americano, cordeal e polido, que os Estados-Unidos acabavam de acreditar como ministro junto ao governo portuguez. As qualidades preponderantes da sua raça, o desembaraço e a iniciativa, logo se reconheciam n'esse homem recem-chegado a um paiz desconhecido e que, apenas intallado em Cintra, entre as sombras da villa Macieira, partia para uma cidade do Alemtejo, assistir a uma festa regional, de que se não occupára a imprensa de Lisboa, mas que lhe dava em bloco a ideia exacta da importancia agraria da mais vasta provincia portugueza.

Meticulosamente, elle viu e observou tudo, desde as alfaias agricolas até á magnifica exposição de pecuaria. E, em dous dias, teve tempo para visitar os monumentos e a bibliotheca, observar os costumes, contrahir relações, adquirir exemplares da industria regional, regressando a Lisboa com elementos que lhe teriam permittido escrever um relatorio preciso e claro sobre a importancia economica do Alemtejo.

Por seu lado, seu pai, Thomaz Bryan, homem erudito, começava a estudar a litteratura portugueza, escrevendo successivos artigos para as revistas litterarias americanas, e miss Bryan, com a sua graça captivante, ia fazendo a conquista da sociedade de Lisboa, sem que para isso tivesse de empregar um esforço, simular um sorriso ou exaggerar uma cortezia. Se depressa a conquistou, dil-o essa festa sumptuosa, a que presidiu a affabilidade do seu sorriso.

Esta sala de baile, onde pela primeira vez se dansa um baile, quem ha dez annos a adivinharia destinada a receber os convidados da *charmeuse* miss Bryan!

Fôra esse resplandecente salão Luiz XV planeado para grandes festas de luxo pelo homem que no ultimo quartel do seculo XIX melhor soube, com um alto sentimento de Arte, nobilitar em Portugal o lucro do negocio. O marquez da Foz foi o ultimo sobrevivente d'essa classe que illustraram os Sobraes e os Farrobos. Mas mais ainda do que elles, o seu delirio de grandezas applicou-se na realisação de um grande sonho de artista. Farrobo deixou as Laranjeiras, com os seus arvoredos tristes e o seu palacio em ruinas. A Arte pouco lucrou com os esbanjamentos d'esse homem frivolo e prodigo, imagem fiel do seu tempo, que fazia quebrar por ostentação louça de Sévres no seu theatro e que seria capaz de deixar rasgar telas de Rubens e Murillo

se a isso o convidasse a rubrica da peça e elle as possuisse. Os seus convidados divertiram-se. Mas já nem esses existem, para fazer o elogio das suas festas mundanas, onde se pulverisaram milhões de cruzados sob os sapatinhos de baile das preciosas de 1840. O marquez da Foz deu o seu ultimo baile na rua das Chagas — ha quantos annos! — mas deixou como um monumento da sua dissipação o palacio da Avenida. Um cultivou as artes mais requintadas da sociabilidade e os palacios de Villa Franca, do largo Quintella e das Laranjeiras foram apenas os palcos luxuosamente decorados para as suas *redoutes*, onde dansaram reis, rainhas e infantas; para os seus concertos, onde cantaram comicas italianas e fidalgas portuguezas; para as suas representações, onde uma sociedade caracterisadamente preconceituosa e artificial cultivou com maneirismo a arte de Thalia, interpretando Scribe.

O marquez empenhou-se, ao contrario, em colleccionar obras de arte, em fixar em Portugal modelos preciosos de mobiliario, de esculptura, de tapeçaria e de pintura, protegendo os artistas nacionaes, dando trabalho aos pintores, esculptores e architectos, educando uma geração de entalhadores habilissimos e contribuindo poderosamente, em successão a D. Fernando, para radicar nas inestheticas classes dirigentes o culto pela obra de arte.

Quem conheceu o palacio Foz com os seus pannos de Arrás desdobrados nas paredes e as baixellas de Germain nos *dressoirs;* quem passeou os olhos encantados por essa morada de principe, desde a bibliotheca até á maravilhosa sala das Perdizes; desde a sala Luiz XVI, de uma tão authentica nobreza, ao salão de bilhar; desde o vestibulo de azulejos até ao patamar sumptuoso da escadaria, não o esquece mais! Com a dispersão de todas as riquezas artisticas alli reunidas pelo gosto e pela fortuna de um homem superior, desappareceu a mais harmoniosa das grandes casas de Lisboa. Por maiores riquezas que haja accumuladas no palacio do Rato, da sr.ª duqueza de Palmella, — e são inestimaveis, — e no palacio da Junqueira, do sr. conde de Burnay, nenhum d'elles tem as proporções decorativas sufficientes para aspirar a egualar-se em sumptuosa belleza a essa vivenda de grande senhor e de grande artista, que foi o palacio Foz. Ao palacio da Junqueira falta um salão de baile e uma sala de jantar dignas da opulencia da familia Burnay. O mais desprevenido sente logo, ao perder-se n'aquelle labyrintho de salas, forradas de colchas da India e de velludos de Genova, a falta de plano e de methodo que presidiu á decoração lenta e todos os dias transformada do palacio. Ha gabinetes transformados em casas de arrecadação. Por toda a parte é a desordem na riqueza, a confu-

são na abundancia. A actriz Bartet, convidada para um *five-o'clock* no palacio da Junqueira, definiu maravilhosamente o seu sumptuoso desarranjo. Suppondo que a familia Burnay se estivesse installando de novo e querendo desculpar a apparente desordem d'aquelle fausto, disse com o mais dôce dos seus sorrisos: — *Quand on déménage, c'est toujours comme çà...*

A verdade é que a vida tão occupada do sr. conde de Burnay nunca lhe permittiu concluir, sob um plano harmonico, a decoração da sua casa e proceder á distribuição methodica das riquezas alli accumuladas. O palacio da Junqueira necessita de obras dispendiosas e ampliações proporcionaes aos thesouros que encerra, e emquanto as não executarem é licito lastimar a perda insubstituivel do palacio da praça dos Restauradores, unico exemplar com que se orgulhava a Lisboa moderna, cujos bairros novos, destinados á edificação de uma cidade esplendida, se vão enchendo de casarões sem estylo e elegancia, sem conforto e sem belleza, que ameaçam destruir a esperança, que todos tinhamos, de vêr surgir nas avenidas arejadas uma Lisboa opulenta, construida com o ouro das colonias.

A conservação, entre nós, do actual ministro dos Estados-Unidos garante-nos, ao menos, a posse dos restos, ainda preciosos, do palacio do marquez da Foz — que fez transportar para

5

a sua propriedade de Torres Novas o espolio do leilão de ha dous annos e a está transformando n'uma vivenda em tudo digna das suas inclinações de ostentação e de arte, com a mesma infatigavel actividade com que persiste em mutilar o historico palacio dos Castello-Melhor, por elle reconstruido com tamanha magnificencia.

Todos os que receberam convite para o baile do sr. ministro da America sentiram n'essa sala de dansa, maravilhosa reproducção da sala do throno de Queluz, illuminada pelos lustres de Veneza, em toda a pompa dos seus crystaes e dos seus ouros, a dôr antecipada de a vêr desapparecer um dia proximo.

O reinado dos palacios vae passando, como já passou o dos castellos. Por agora, ainda os diplomatas utilisam alguns. Mas a esses mesmos ha de succeder como ao palacio dos condes de Redondo, a Santa Martha, convertido n'um logradouro de pobres. Os que pediram esmola nos portaes, sobem um dia as escadarias. E os arrogantes edificios, construidos pelo orgulho das familias ostentosas, acabam agasalhando os desherdados e os humildes...

VII

Lisboa na quaresma — Devoção da lisboeta — As egrejas no seculo XVIII — As confeitarias de Lisboa — A gulodice das devotas — O vicio da rua — A economia da lisboeta — A vida de familia — Dias de sol — Caracter da lisboeta — Seus talentos de exhibição — Lisboa em 1840 — O sr. Alberto Braga — Os sermões do padre Luiz Cabral — A religião e a moda.

A Lisboa, que mais pareceu divertir-se durante o Carnaval, é a que mais simula rezar na Quaresma.

Não é conveniente pôr em duvida a devoção da lisboeta. Mas a Quaresma offerece-lhe ainda um optimo pretexto para sahir de casa. E a lisboeta não tem por costume desperdiçal-os. Dobrado o dominó, com que intrigou em S. Carlos, a mulher de Lisboa examina escrupulosamente os seus vestidos pretos.

A moda, tanto como a lithurgia, accrescentou ás quatro estações do anno ainda mais esta. Emquanto dura a Quaresma, a lisboeta, que é terrivelmente preconceituosa, leva para a rua, dentro do regalo ou do *indispensavel*, o seu livro de missa. E leva-o para a modista, para as lojas, para casa das amigas, para a Avenida ou

para o Campo Grande. É duvidoso que se sirva d'elle. Mas não o abandona. E, se não tem um carretel de linha ou um papel de agulhas para comprar — e isto basta para a occupar durante uma tarde inteira — então a lisboeta, ao passar pelos Martyres ou pelo Loreto, sobe as escadas, despe a sua luva de *suecia*, vae rezar uma devoção em frente á capella do Santissimo. Mas hoje, as egrejas não são, como ha cem annos, verdadeiras escólas de sociabilidade, authenticos salões mundanos, onde orchestras maravilhosas, escripturadas na Italia, tocavam Haydn, Glück e Scarlatti; onde os oratorianos faziam dissertações gongoricas e mysticas sobre a moda; onde atrás de cada columna espreitava a peruca empoada de um namorado.

O culto da divindade é hoje mais rigoroso. Nem agora os bispos, como durante o reinado de D. Maria I, dobam meadas de lã e de sêda, sentados entre as damas da côrte. Por isso tambem as egrejas apenas fazem, durante a Quaresma, um simulacro de concorrencia ás confeitarias. Raro é que a devota, para se restabelecer da commoção religiosa, não vá comer um bolo ao *Ferrari*, ao *Marques* ou ao *Rendes-vous des gourmets*. A confeitaria, em Lisboa, é quasi uma instituição. A pouco mais de cem annos de distancia, um confeiteiro completou a obra reconstructora do grande marquez, abrindo a Avenida e dilatando a cidade para o norte.

Sob o regimen da mulher, *Cócó* substituiu-se a Pombal, sem ninguem dar por isso...

Chega a parecer maravilha observar quanta vivacidade, quanto talento exhibicionista, quanto maneirismo e quantas attitudes a lisboeta dispende na mais pequena e pueril occupação!

As actrizes adquirem com a pratica a sciencia de pisar o palco. A lisboeta possue a sciencia nativa e subtil de pisar a rua.

Não ha carruagens que a assustem, ajuntamentos que a embaracem. Alegre, com a cabecita no ar, os olhos vigilantes, ella vê tudo, cumprimenta todos os conhecidos, examina todas as vitrinas, lê todos os annuncios. A rua de Lisboa ninguem a conhece melhor do que ella. Sabe do conteúdo de todas as lojas, como das gavetas da sua commoda. Discute os preços, compara-os, sabe onde uma meada de lã é mais barata, onde os bôlos para chá são mais frescos, onde se liquidam rendas, onde se encontram retalhos e tem a preoccupação de passar por economica! Realmente, seria embaraçoso provar que ella o não é. Gasta incalculavelmente em bugiarias, em cousas superfluas e inuteis. Mas desforra-se no meticuloso cuidado—quasi escrupulo—com que defende o seu *porte monnaie* da excessiva gula do lojista. Esbanja o dinheiro do marido em mil cousas—pelo ultimo preço! É um processo subtil de economia, ao serviço de uma dissipação methodica.

A lisboeta é por indole excessivamente laboriosa no desperdicio. É uma formiga prodiga, contagiada pela imprevidencia da cigarra. Sobe vinte lanços de escadas de modista n'uma tarde para obter uma reducção insignificante no feitio de um vestido. Mas acaba por encommendar dous!

A casa de Lisboa, aos andares, emancipou-a da existencia concentrada do lar, tornando-se um palco resumido para a agitação da sua vida. Não é que ella desprese a casa, a desleixe ou a aborreça. Fielmente, ella regressa contente á sua gaiola para descançar das correrias atrás de uma ridicularia. Mas a rua é o seu jardim. E, no dia em que a lisboeta fizesse *grève* e se aferrolhasse em casa, Lisboa seria a mais insipida das cidades. É ella quem lhe dá animação e vida; é ella quem aformoseia as ruas pombalinas da Baixa. É ella ainda quem alimenta o commercio. Para a receber, as proprias mercearias se tornaram luxuosas.

A rua do Ouro, até á rua dos Capellistas, pertence-lhe. Nunca ella se arrisca até ao Terreiro do Paço. É raro que se aventure pelas ruas onde se faz o grande negocio, onde formigam os corretores da Bolsa e os banqueiros, e onde sente a concorrencia triumphante do homem. Reconhecendo que o seu dominio acabou alli, cede-o gentilmente ao sr. John.

Para a lisboeta se calçaram melhor as ruas,

se alargaram os passeios, se plantaram as arvores.

Lisboa deve-lhe tudo. Se a Avenida não fosse tão ingreme, ella já teria promovido a conclusão do parque, para lá levar a passear os seus bébés. A lisboeta conseguiu uma especie de omnipotencia.

Toda a empreza, que desdenhe captar o seu interesse, arrisca-se a um desastre. Qualquer director de theatro, antes de acceitar um *original*, procura saber se agradará á mulher. O editor nunca esquece de perguntar ao homem de lettras se o seu livro póde ser lido pela mulher.

A lisboeta tem os *seus* ministros, os *seus* diplomatas, os *seus* poetas, os *seus* jornalistas e as *suas* celebridades. Occultamente, o seu dominio estende-se ás secretarias de Estado e aos gabinetes dos ministros. Algumas compartilham do poder politico do marido e escrevem cartas aos eleitores...

Quando a chuva intimida e enclausura a mulher, Lisboa modifica-se e entristece. Mas, quando resplandece o sol e desapparece a lama, logo a cidade se transforma para receber a sua citadina, o que tanto vale dizer a sua soberana.

Pouco depois do meio dia, o aspecto da Baixa começa a alterar-se. São primeiro as mais impacientes, que se apeiam dos elevadores ou dos americanos, confluindo de toda a peripheria da cidade para o centro e espalhando-se pelas ruas, como

milhares de papelitos coloridos, a que o vento imprimisse movimentos oscillatorios. Depressa, a visão sombria das ruas, occupadas pelos homens, se transmuda em multicôr. Ao caminhar rectilineo do homem confunde-se o passo ondulante da lisboeta, complicado de zig-zagues e volutas, como vôos rasteiros de arveolas. E Lisboa transfigura-sè, anima-se. É como se, n'uma êrma e silenciosa paizagem campestre, alguem soltasse o bulicio e o canto de um aviario immenso, onde houvesse rouxinoes e andorinhas!

E com que sabio talento, ella, que é sempre a mesma, consegue, a cada estação, imprimir á cidade um aspecto diverso, dando-lhe a impressão visual de um cyclorama!

A lisboeta, que hontem ia ouvir musica ao Passeio Publico e hoje vae ouvir os sermões do padre Luiz Cabral, é ainda a adoravel creaturinha tão injustamente ridicularisada pela mocidade naturalista de 1870, garrula e futil, ignorante e buliçosa, com uma pontinha apenas de instrucção, uma leviandade de passaro e uma vacuidade cerebral de mulher do Oriente.

Mas esse sêr superficial e leviano possue a qualidade, sobre todas preciosa, de uma receptividade fóra do vulgar e é ella a primeira, muito antes do homem, a transmittir ao seu meio todas as ideias progressivas e innovadoras.

D'ahi a sua indiscutivel realeza. O seu poder

de reacção é nullo. Em compensação, o seu poder de adaptação é incalculavel.

A lisboeta não se confunde com a restante mulher portugueza.

Sem lhe querer affirmar a superioridade, facilmente contestavel, sobre a sua irmã da provincia, limito-me a notar que ella possue um conjuncto de qualidades e defeitos, que constituem a sua propria originalidade inconfundivel.

Em Portugal, ha a portugueza e a lisboeta. Qual das duas a preferivel? Não sei. Talvez a primeira. Mas o facto é que são diversas.

A natural facilidade com que recebe, assimila e divulga os costumes, as ideias e os habitos impostos pela moda; a sua seducção irresistivel pela novidade, que é condição essencial do progresso; a sua sujeição absoluta ao formalismo, que parece constituir a physionomia mais caracteristica das sociedades modernas; o seu feitio exhibicionista e o seu amor pela evidencia; a sua buliçosa actividade de abelha, tão pouco commum á recatada timidez da portugueza, põem a lisboeta em conflicto com essa outra mulher tranquilla e quasi indolente, sem iniciativa, inimiga da agitação, subordinada ao marido, vivendo em casa como uma crysalida melindrosa no casulo, recalcitrante a innovações, apegada aos seus habitos, amiga do seu socego, que tem sido sempre, desde a fundação da monarchia, a dôce e fiel companheira do portuguez.

Mas, por isso, tambem Lisboa se não parece no seu aspecto, nos seus habitos, na menor particularidade da sua vida, com a restante terra de Portugal.

Como cidade presidida pelo capricho das mulheres, Lisboa tem um *humôr* variavel, que escapa a todas as analyses, se furta a todas as definições.

Como a lisboeta, Lisboa tem em pouca conta as tradições. De dous em dous seculos, sacode-as. Da ultima vez, foi em 1755. A moda transfigura-a constantemente. Em 1790, Lisboa era o Terreiro do Paço; em 1840, era o Passeio Publico e o circo Price; em 1900, é a Avenida da Liberdade.

Lisboa tem as suas phantasias e os seus caprichos. Mas, cousa de estranhar ao tratar-se de uma cidade que, por ser capital do reino, n'um regimen de centralisação absoluta, residencia official e effectiva do governo, séde dos maiores poderes do Estado, devia poder suffocar facilmente a influencia da mulher e supplantal-a: — Lisboa só confirma a celebridade quando lhe é indicada pelo numeroso concilio feminino, que legisla soberanamente sobre os variados aspectos da moda, dos quaes a celebridade é, senão o mais importante, pelo menos o mais decorativo.

E d'esta anomalia resulta que o amavel sr. Alberto Braga é uma personagem em todos

os salões e o erudito sr. Theophilo Braga é um obscuro fóra das salas da sr.ª condessa de Proença-a-Velha.

Mas agora, Lisboa, que todo o anno mantem excellentes relações com o diabo, volta-se contrictamente para Deus.

A Quaresma parece ter sido inventada pela lisboeta.

Se a não inventou, apropriou-se d'ella, monopolisou-a, modificou-a para seu regalo exclusivo, affeiçoou-a aos seus habitos.

A Quaresma permitte o exibicionismo da devoção.

Agora, o vestido preto é mais do que a affirmação de uma crença religiosa, — é o indicio de uma grande elegancia. A devoção tem tambem o seu *carnet mondain.* Para se obter uma cadeira nos Martyres ou um bom logar em S. Roque, é indispensavei pertencer ao *bom-tom.* Como para os bailes, fazem-se convites para os sermões. A Quaresma instituiu a sua etiqueta, o seu ceremonial e o seu protocolo. Disputa-se um genuflexorio na egreja dos Martyres com o mesmo interesse com que se disputa uma assignatura em S. Carlos. O luto catholico tem os seus requintes e é caro. É necessario passar pela modista, antes de uma senhora se aventurar ao confessionario. As egrejas teem as suas precedencias, como os paços. Em Lisboa, a Divindade tem a sua casa civil, como a Magestade.

N'este momento, a lisboeta, a quem hontem desagradou a *Siberia* de Giordano — o compositor acclamado da *Fedora*, — a quem S. Carlos principia levemente a enfastiar e que não começou ainda a apaixonar-se por Georgette Leblanc — cujos lindos, attrahentes retratos nos espreitam de todas as vitrinas, — está quasi inteiramente entregue á devoção, falta ás recepções de lady Gosselin e apenas manda as filhas solteiras á *sauterie* d'esta tarde, no palacio do ministro da America...

A lisboeta finge rezar. Não é conveniente distrahil-a. Todos devem ter pelas mulheres que rezam os cuidados que se observam com as creanças que dormem...

VIII

Madame Louise — O custo de uma *boutonnière* — O que está por detrás das flôres — A especulação da raridade — A mania do exotismo — Os caprichos da lisboeta — A agonia das violetas — O parque do Campo Grande — A ministra do Japão — Arredores de Lisboa — Uma historia do conde de Ficalho — Sada Yacco — O seu horror ao barulho — Georgette Leblanc — A *Monna-Vanna* — O janota critico de arte.

Ha quasi quinze dias, que appareceram á venda os primeiros lilazes.

Na pequenina e perfumada loja de *madame Louise* vae já adiantada a primavera: — essa primavera, que as floristas encommendam expressamente para os ricos, arrancada antecipadamente á natureza.

Esta *madame Louise*, que Lisboa altamente considera, é, pelas suas industrias e pelos seus talentos, uma personagem intimamente associada á vida elegante da capital. A sua industria de florista, subsidiada por outras pequeninas *industrias*, das quaes a mais rendosa não é com certeza o seu commercio de tapeçarias da Persia, — em que passa por uma rival temerosa dos Hamburger, — consagrou-a. Chega a parecer ba-

rato pagar uma exorbitancia pelo ramo de violetas ou a *boutonnière* de cravos arranjada pelas suas mãos expeditas e brancas, de dedos nervosos e finos, a que a intimidade com as flôres deu uma elegancia malleavel de finos caules. Todos os amorosos a conhecem, porque todos tiveram de pedir ao seu talento de reunir flôres o ramo do dia de annos, da noute de theatro ou de baile — ramo em que se dissimula uma carta ou em que se depõe um beijo — que todas as mulheres, ao menos uma vez na vida, receberam com emoção e reconhecimento. E ainda porque Lisboa é uma cidade sem jardins, com a paixão meridional pelas flôres, *madame Louise* passou a ser a boa fada que as colleciona e distribue, valorisando-as como objectos preciosos de ourivesaria.

Durante os poucos dias que o rei de Inglaterra foi hospede das Necessidades, as flôres da mesa, constantemente renovadas, vinham por intermedio de *madame Louise* de estufas longinquas, agasalhadas em musgos, lacradas e registradas como thesouros, trazendo ainda nas corollas, nos labios aromaticos dos pistillos, nas pennugens nervosas dos estames, os orvalhos de França e de Italia. Agora tambem, estes primeiros lilazes, creados melindrosamente para murchar na morna penumbra das salas de luxo, não nasceram em Portugal e teem uma apparencia de artificiaes á falta de perfume. Mas a primicia

é uma gulodice para o capricho dos ricos e estes lilazes pallidos e inodoros, como os primeiros morangos sem doçura, valem mais que a fructa madura e as flôres capitosas.

A especulação da raridade está-se desenvolvendo em Lisboa, de annos para cá, com exaggeros risiveis de impertinencia. Uma loja de fructas, no Loreto, annunciava, ha poucos dias, tangerinas hespanholas a tostão! As inclinações de Lisboa pelo exotismo ameaçam attingir o cumulo de importarmos alface dos arredores de Paris ou rabanetes da Hollanda!

Se a mulher portugueza quizesse desistir um pouco da sua doença ruinosa do exotismo, quanta caridade faria sem sacrificio e quanto contribuiria para desenvolver o talento e a riqueza nacionaes!

Pois não bastará á sua gulodice tudo o que tres seculos de conventos, recheados de freiras lambareiras e gulosas, inventaram de rivalidade com as abelhas? E entretanto, por toda a parte, nas confeitarias, se exhibem dôces perfidos, de coloridos toxicos, productos de receitas mysteriosas, compostos por confeiteiros francezes, meio chimicos, para quem a cosinha portugueza é uma cousa indigesta e sem esthetica, indigna do paladar delicado da mulher moderna! Todos os annos, por todas as alfandegas do reino, para saciar a gulodice portugueza, entram milhares de caixas transportando fructas crystalisadas, com-

potas, geleias, peixes de rio e do mar e até *carne assada*, em que as casas Crosse and Blackwell, Pernon e muitas outras nos reexportam as fructas que lhes mandamos, os bois de embarque que os lavradores do Minho engordaram e não sei se o peixe que as nossas rêdes levantaram dos nossos mares...

A moda é caprichosa e nós estamos sendo governados pela moda. Vale-nos o correctivo da volubilidade ao seu afan prodigioso em acceitar sem reflexão e criterio tudo o que se lhe apresenta com apparencias caprichosas.

Lisboa, atormentada pela novidade, abandona todos os mezes, como velharias, as surprezas acclamadas da vespeza. Assim, esses lilazes de estufa, que apparecem um mez depois do Algarve se haver toucado de flôres de amendoeira e ao mesmo tempo que desabrocham as olaias da Avenida, vão soffrer, dentro de uma semana, a concorrencia triumphante da rosa. Em poucos dias, os pobres poderão ter na sua mesa, para o domingo da Paschoa, um ramalhete de flôres.

Agora, os cravos custam 80 réis e as ultimas violetas são arrematadas pelos ricos. Já os cavallos, nas equipagens que *fazem* a Avenida e o Campo Grande, não as trazem nos entolhos de verniz. Vulgarisadas a vintem durante o inverno, as violetas regressam, antes de expirar, ao seio perfumado e calido das mulheres. A pri-

mavera, que as vem afugentar, começou com um dia de vento, bategas de agua e calores de trovoada. A recepção da Ajuda, pelo anniversario do principe real, tirou á Avenida a sua maior concorrencia, como na vespera o sermão do padre Luiz Cabral, nos Martyres, atrazara de uma hora a chegada das carruagens ao Campo Grande, onde, entre nuvens espessas de poeira, meia Lisboa passeava em redor do lago e pelas extensas avenidas, ainda sem a sombra clemente das folhagens. Mas é tanta a ancia de liberdade e ar puro de toda esta população enclausurada em estreitos andares, que mal reluz mais quente o sol n'um ceu azul, logo ella debanda, toma de assalto os americanos e comboios e com uma alegria, que faz tristeza, procura a illusão de uma sombra campestre, debaixo da rama melancolica de uma oliveira.

O magnificente plano do sr. Ressano Garcia, de alargar em algumas dezenas de hectares arborisaveis a área do Campo Grande, impõe-se, tanto como uma obra de sanidade e hygiene, como de philantropia e de bondade social. Esses milhares de prisioneiros, que todos os domingos, mal assoma a primavera, sahem as portas d'este immenso carcere á busca de horisontes e arvoredos, só encontram terras declivosas e áridas, que a gula do hortelão expungiu de arvores, o fisco erriçou de muros, o Tejo esgotou de aguas. Ha creanças, em Lisboa, que nunca viram voar

uma borboleta e hão-de morrer sem ouvir cantar um rouxinol!

Queixa-se a ministra do Japão, *madame* Akabané, de que os arredores de Madrid lhe lembram os temerosos aspectos de uma terra que Deus tivesse abandonado: *a land that God has forsaken*... Mas essa aridez da Castella não a póde o trabalho do homem amenisar, por mingua de agua, emquanto que dependia só do homem transformar o arrabalde de Lisboa n'um jardim embalsamado e cobrir de vergeis, bosques e pomares, os montes totalmente despidos de arvoredos. Ainda quando a primavera semeia de papoulas os trigaes, a triste paizagem suburbana de Lisboa anima-se e embelleza-se. Mas as cearas amadurecem depressa e logo após a ceifa os campos de trigo reapparecem na sua nudez, como largas manchas de desolação nos horisontes êrmos, lembrando assim essas ephemeras papoulas primaverís as flôres que a piedade esparge sobre o corpo dos finados para esconder o horror repulsivo da morte.

Com a vinda de *madame* Akabané, a lisboeta preparava-se para examinar, no convivio mundano, uma japoneza miudinha e fragil, de olhos em amendoa e pé minusculo. Mas a sua espectativa mallogrou-se. A ministra do Japão é uma americana catholica, elegante e luxuosa, de olhar triste e cabellos castanhos, fallando o francez com desembaraço. Em compensação, o marido

é um japonez authentico, de estatura mediana, os olhos obliquos e sagazes, os malares quasi imperceptivelmente salientes, a face biliosa, a bocca retrahida sob um ligeiro buço, com a attitude polida e ceremoniosa de um diplomata. Surprehende, ao vel o, essa faculdade maravilhosa de adaptação, que caracterisa a superior intelligencia da sua raça. Casado com uma estrangeira, que não deixou por isso de ser uma catholica praticante, esse primoroso *gentleman*, amavel e correcto, é a mais suprehendente imagem do cosmopolismo. Diplomata de carreira, tendo promptamente assimilado no convivio da Europa uma civilisação com preconceitos seculares, fundamentalmente diversa da que presidiu ao desenvolvimento śocial e historico do seu paiz, o ministro do Japão é o vivo e poderoso commentario do caracter universalisador da sua raça, que os portuguezes já tinham constatado ha quatro seculos.

Seria altamente interessante averiguar se essa civilisação, tão prodigiosamente assimilada, é acompanhada pelos phenomenos sociaes, que constituem de uma maneira mais particular e mais intima a vida dos povos. Tenho sempre presente a narração que ao conde de Ficalho — esse cavaqueador incomparavel — ouvi uma noute, em casa do conde de Arnoso, de um episodio de que fôra testemunha, durante as festas da coroação do czar, onde representara El-Rei,

como seu embaixador extraordinario. E fôra que, postos em presença o embaixador do Japão, o marquez de Ito, ainda em todo o prestigio das victorias recentes, e o embaixador da China, este pareceu a todos o triumphador, tal a submissão respeitosa com que d'elle se approximara o representante glorioso do Mikado.

Isso me leva a crer, que sob os aspectos de uma civilisação europeia, o Japão permanece intransigentemente tradicional e que elle usa dos couraçados, dos parlamentos, das academias e das universidades um pouco como nós usamos das porcellanas, dos charões e dos bronzes.

Sada Yacco tinha da Europa a noção vaga de uma terra onde se fazia muito barulho, e não me pareceu, tanto quanto me foi possivel averiguar, que a impressionassem as ovações das plateias occidentaes. Ingrata Sada Yacco! Se ella podera ter visto a recepção fria, formalisada e quasi hostil com que Lisboa recebeu Georgette Leblanc, por certo o seu pequenino coração se mostraria mais sensivel! Toda essa Lisboa mundana, que a acclamou, com as suas mulheres formosas, os seus janotas perfumados, os seus *D. Juan* de flôr ao peito e bigode em riste: o bom tom *au grand complet,* com as suas celebridades, os seus espirituosos, as suas divindades, — n'um concerto de curiosidade frivola e de luxo authentico, encheu ha cinco dias o

D. Amelia para ir examinar sob as lentes severas dos binoculos as attitudes de *madame* Maeterlinck e julgar com o seu criterio esse theatro, que a critica universal consagrou como uma das mais puras e originaes manifestações da arte moderna.

O numeroso jury, vestido pelos ultimos figurinos, occupava ás oito e meia os seus logares e tinha um sorriso de incredulidade ao ouvir resoar as tres pancadas classicas, que precedem o erguer sensacional do panno.

Representava-se a *Monna-Vanna:* poema de amor, onde o mais subtil dos poetas grandiosamente divinisa a mulher e glorifica o poder da paixão.

É geralmente sabido que Maeterlinck attribue ao amor um poder quasi sobrenatural de redempção, e não só na ordem do sentimento, restringindo ao objecto amado a sua influencia, mas engrandecendo-o e generalisando-o como factor social até ao extremo de o indicar como unico processo da universal conversão ao Bem, á Belleza e á Justiça. «*Monna-Vanna*» é a dramatica exaltação d'essa doutrina.

Com o poder exclusivo do amor, a mulher de Guido Colonna salva uma cidade, atravessa os campos de assedio do inimigo, amansa os impetos de um mercenario, converte um barbaro n'um cordeiro.

Madame Maeterlinck procura, na interpreta-

ção da obra de seu marido, encarnar toda a belleza, toda a poesia e toda a seducção da mulher. E difficil seria provar que ella o não consegue plenamente n'esses tres actos agitados de tragedia, desde o prologo dramatico, em que para salvar a cidade da fome se resigna a fazer o sacrificio do seu pudor, até o epilogo grandioso do poema, em que ainda o seu amor salva Prinzivalle das coleras injustas de Colonna.

Mas a lisboeta pareceu não comprehender a intenção glorificadora do poeta e a um janota, que dansa lindamente a valsa a tres tempos, ouvi eu dizer que a peça lhe parecia um dramalhão.

As reflexões d'este janota teem a profundidade de um copo de agua:—d'esse mesmo copo de agua em que a lisboeta desaltera a sua sêde de saber... Esperemos que o janota prepare uma nova phrase para quando venha a melodiosa Bartet. Tudo lhe é propicio n'este periodo de maior calma, desde que fechou S. Carlos. Que o recolhimento o inspire, é o que mais sinceramente lhe desejamos!

IX

Uma baixella manuelina — O sr. visconde da Pesqueira — Uma sala de jantar em estylo gothico — O ourives portuguez — Tradições da ourivesaria nacional — A habilidade manual e a intuição do operario — Os canteiros do Bussaco — Mais scenografia — O Bispo Conde e a sua obra — A custodia de Belem — A baixella Barahona — A joalheria Leitão — Decadencia da industria artistica da filigrana — Tendencias para a renovar — As rendas de Peniche — Os ourives do Porto — A casa Reis & Filhos — Os brincos de D. Carlota Joaquina — Cravações em prata — Influencia do *bric-à-brac* — O *Santo Izidoro* de Teixeira Lopes.

Lisboa examinou com muita curiosidade e alguma cobiça a baixella magnifica dos senhores viscondes da Pesqueira, executada nas officinas da ourivesaria Reis & Filhos e exposta, durante uma semana, nas salas da Liga Naval.

Não é meu proposito discutir a felicidade de inspiração, que determinou para essa baixella sumptuosa o estylo convencionalmente chamado manuelino, o qual, tirante dous ou tres monumentos architectonicos, só inspirou na ourivesaria portugueza alguns raros modelos de arte sacra.

A sala de jantar dos senhores viscondes da Pesqueira, na sua casa da rua do Triumpho, é no

mesmo estylo. Não posso esconder que a impressão que ella me causou, da primeira vez que a vi, foi a de uma apparatosa scenographia de drama historico. Mas, se é licito lastimar o acanhamento de proporções em que se tentou essa reconstituição dispendiosissima, é de dever accentuar o minucioso cuidado, o perseverante escrupulo com que o sr. visconde da Pesqueira procurou compensar, na magnificencia da parte ornamental, os defeitos originarios da megalomania architectonica.

Está sendo tão severo esse escrupulo, que para o definir alguem se lembrou de inventar, com inoffensiva ironia, que o sr. visconde da Pesqueira diligenciava adquirir toalhas e guardanapos gothicos! Certamente, que uma tal minucia de evocação historica nunca esteve no seu esclarecido espirito. Corresponderia ao exaggero de organisar um guarda-roupa para os convidados, que seriam servidos por pagens, sendo a conversa, durante a refeição, subordinada a um thema de historia da Renascença, como fosse a descoberta da bussola, o regresso de Vasco da Gama ou o terceiro casamento de D. Manoel...

Procuraram alguns criticos de arte explicar como um proposito de nacionalisação a escolha de um estylo sacro e monumental para essa baixella sumptuosa. A mim me quer parecer que ella obedeceu ao *esprit de suite*, determinado

pela applicação do mesmo estylo á sala de jantar. São sobejos os exemplos de que resulta a flagrante impropriedade da fórma manuelina para caracterisar o renascimento em Portugal. Nenhuma das artes ornamentaes soffreu essa influencia, fóra dos dominios religiosos.

Estas considerações não apoucam o merecimento artistico da baixella, que é magnifica de belleza e de factura, nem fazem ao de leve sequer desmerecer, do grande serviço prestado á Arte portugueza, a intenção generosa de quem a encommendou. Ella veio pôr em relevo e chamar a attenção de quantos se occupam ainda de Arte, n'esta terra, para a escola tradicional de cinzeladores e lavrantes de prata, que no Porto, desajudada do Estado e dos poderosos, n'uma cidade que os Medicis nunca escolheram para residencia, tem conseguido resistir a todas as vicissitudes.

A ourivesaria é hoje a unica industria artistica que possuimos; industria de caracter accentuadamente hereditario no Porto—o que explica a prodigiosa pericia do artista, a sua surprehendente habilidade manual, que nem a propria decadencia inspiradora dos modelos conseguiu, através um seculo, obliterar.

As reconstrucções iniciadas em Coimbra pelo bispo-conde produziram uma escola de canteiros, cinzeladores de pedra, que está demonstrando, n'esse monumento scenographico e

insipido do Bussaco, uma extraordinaria intuição esculptural do sentimento da Renascença.

Isso prova que o senso esthetico está apenas adormecido no artifice e que essas mãos eximias, mas inscientes, serão admiraveis instrumentos de Arte, quando as destinem a realisar maravilhas.

A baixella dos senhores viscondes da Pesqueira encontrou, no operario ourives do Porto, um executante digno de ter trabalhado nas officinas de Benevenuto Cellini. Era um dever do Estado proteger, como uma riqueza nacional, essa familia historica de cinzeladores, fixada ha seculos na segunda cidade do reino, impedindo que as fabricas recentes de moldagem em prata de todo a não exterminem.

É geralmente sabido, que são portuenses os buriladores e cinzeladores ao serviço da casa Leitão, encarregada de executar a baixella Barahona — obra prima da nossa moderna ourivesaria. Do norte foi o mais famoso ourives portuguez, Gil Vicente, que das pareas da India fabricou essa maravilhosa custodia de Belem, que parece uma renda de onde pendem campainhas e sobre a qual vôam anjos. Das industrias locaes de filigrana, que por desgraça estão de egual fórma em decadencia, seria possivel, animando-as e orientando-as, como fez a Italia com as filigranas de Genova, crear uma das mais originaes, preciosas e raras industrias da Europa,

comparavel ás porcellanas de Sèvres e Saxe, aos crystaes da Bohemia e Veneza, ás rendas de Bruxellas, aos esmaltes de Limoges, ás tapeçarias dos Gobelins. E é para o conseguir que eu desejava a intervenção da mulher portugueza. Queria que, á portuense, a Arte ficasse devendo a resurreição da filigrana, como já deve á lisboeta a resurreição da renda de Peniche. Ella, sobretudo, poderia animar essa delicada industria, fazel-a prosperar, dando-lhe uma applicação vastissima no adorno feminil.

Algumas tentativas se teem feito já n'este sentido. A casa Leitão experimentou a applicação da filigrana de ouro no crystal, e assim conseguiu objectos de arte preciosos, que nenhum estrangeiro poude vêr sem admiração. Egualmente se tentou enriquecer com joias as arrecadas, e essas tentativas produziram o unico adorno original, que a moderna ourivesaria portugueza creou para a mulher.

Mas não basta a iniciativa dos grandes joalheiros para impôr uma novidade, mesmo quando ella represente uma fórma pura de belleza. E necessario que a mulher, para quem mais especialmente se destina essa joia, a adopte, a ostente, a aprecie e a divulgue. Ella poria assim á prova o talento dos nossos artistas, que iriam rivalisar, n'um torneio de galanteria, para lhe inventar as mais lindas joias ornamentaes. Renasceria essa industria tão ingratamente

desprotegida, que a concorrencia fraudulenta da joalharia allemã está acabando de matar, salvando-se um dos ramos mais valiosos da unica industria artistica que nos resta.

Mas não é só no talento com que cinzela a prata, na delicadeza com que arrenda a filigrana, na facilidade com que trabalha os metaes, que o nosso ourives possue incomparaveis tradições. Na cravação da joia elle foi perito e eximio, como nenhum. Ainda hoje, as cravações portuguezas em ouro e prata dos seculos XVI, XVII e XVIII são apreciadas na Europa, como preciosas. Tendo sido Portugal o primeiro paiz da Europa, na Renascença, que dispôz largamente de jazigos diamantiferos, nós conseguimos não ter rivaes no processo de fixação dos diamantes. As joias portuguezas eram memoraveis na Europa. O proprio lord Beckford, um Cresus, que offerecia lustres de ouro á rainha e edificava palacios para passar um verão em Cintra, se mostra surprehendido com a abundancia e a formosura das joias, que a mulher portugueza ostentava na rua, no theatro, em casa e na côrte. Nas suas memorias, a duqueza de Abrantes refere-se com espanto a uns *pendentes de orelhas*, que uma noute, em Queluz, viu á princeza D. Carlota Joaquina. Eram de brilhantes da India, e tamanhos, tão limpidos, que pareciam feitos de luz e deslumbravam o olhar! Os nossos reis mandavam pelos seus em-

baixadores, aos monarchas amigos, cofres cheios de diamantes e ainda hoje, na posse da corôa estão esmeraldas e perolas incomparaveis.

O trabalho de cravação attingiu, no seculo XVIII, o supremo requinte de um labôr de fadas. Ha aneis, collares, fivellas e brincos, cujos diamantes parecem encastoados em alveolos de um cortiço de abelhas! E o resto d'esses primores da antiga ourivesaria portugueza são annualmente procurados com soffreguidão pelos amadores de antiguidades de toda a Europa, a quem vendemos obras de Arte ao desbarato, a troco de quinquilharias.

Esse esbulho constante tem notavelmente depreciado o nosso antigo thesouro. É apenas nas grandes casas nobres, que se conservam ainda os restos da velha grandeza, os vestigios d'esse pomposo luxo, com que se adornou a fidalga portugueza. Mas, se perdemos o melhor d'essa fortuna em joias, tão memoravel ainda no principio do seculo XIX, que ao annuncio da expedição de Junot, se annexou ao exercito da Gironda uma multidão de soffregos judeus, não deixemos morrer agora, por desleixo, a nossa industria historica de ourivesaria.

A casa Reis & Filhos, cuja prosperidade é o resultado da vida trabalhosa de um habil e emprehendedor ourives de filigrana, estava, mais do que nenhuma outra, nos casos de iniciar a restauração do quasi perdido prestigio da renda

de ouro e prata, desenvolvendo e aperfeiçoando os *motivos* tradicionaes d'essa industria em decadencia, aristocratisando-a para uso da mulher, quer applicando-a á ornamentação dos utensilios de mesa e de *toilette*, quer utilisando-a em objectos mais propriamente de decoração feminina.

Eu vi a Duse encantada com a posse de um coração e dous pares de arrecadas de filigrana de ouro, que uma pessoa amiga lhe mandara vir do Porto, como recordação de Portugal, e sei que ella inutilmente procurou em Lisboa, triste por não os encontrar, objectos similhantes, sabendo avalial-os como producto de uma arte primorosa e elegantissima, cheia de originalidade e de caracter.

Esta preciosa industria está a vulgarisar-se na cestinha de toucador e na bilheteira, exangue de imaginação e phantasia. Quanto seria facil desenvolvel-a, creando-lhe novas applicações e themas novos! Nenhum artista se recusaria a cooperar n'essa resurreição, aproveitando os motivos tradicionaes, que ella conserva, e fazendo-os evolucionar no sentido de uma maior perfeição e de uma maior belleza.

Por toda a parte, as industrias chamadas historicas são largamente protegidas. A prosperidade das cutelarias de Toledo, das tapeçarias dos Gobelins, das sedas lavradas de Lyon, dos velludos de Genova, dos mosaicos e vidros de

Veneza, deve-se, sobretudo, ao respeito prestigioso pela tradição.

Nós deixamos morrer tudo o que nos prendia ao passado. Todas as nossas fabricas historicas de faianças e damascos acabaram. A industria da marcenaria e da esculptura em madeira estava em plena decadencia, nos meados do seculo passado. Era abundantissima a nossa importação de mobilia. Aos poucos, diante d'essa onda invasora de moveis banaes, o mobiliario portuguez, de madeiras preciosas da India e do Brazil, enchia as assoteias ou alimentava o fogo dos lares. Era a época em que o banqueiro Pinto Leite exportava obras primas de ourivesaria portugueza, como prata em barra, depois de préviamente fazer amassar a martello os gumis, as bacias de barba, as bandejas e salvas, as baixellas de mesa, os brazeiros e os castiçaes! Passava então por maluco o consul de França no Porto, que convertera a casa onde morava, ao Campo Pequeno, n'um verdadeiro muzeu, colleccionando os primores do nosso sumptuoso mobiliario dos seculos XVII e XVIII!

Foi necessaria a vinda de D. Fernando para que se propagasse, com o nome absurdo de *bric-à-brac*, o amor pela belleza, nos dominios de todas as artes ornamentaes. A essa reacção, dirigida inconscientemente pela moda, deveu a nossa marcenaria a prosperidade presente. A intimidade com o movel de Arte educou o ope-

rario, preparou-o para uma comprehensão mais nitida do bello, incutiu-lhe, pelo estudo comparativo dos estylos, a noção da esthetica, desenvolveu-lhe a aptidão creadora, conseguiu transformar o carpinteiro inculto n'um artista habilissimo e consciente. Em breve, a marcenaria portugueza readquiria os talentos antigos, reapossava-se dos segredos perdidos, executando outra vez o embutido e outra vez manejando o tôrno, com a velha pericia de ha tres seculos.

A moda do *bric-à-brac* veio demasiado tarde para salvar a industria dos tapetes de Arrayolos, que irremediavelmente se extinguiu, tendo-se perdido o segredo das côres. Teixeira Lopes, no norte, com uma elevada comprehensão de Arte, procurou nobilitar a esculptura em madeira, esculpindo esse maravilhoso Santo Isidoro. Mas o que este grande artista premeditou fazer de generoso, a bem de uma classe de modestos artistas, que teem memoraveis tradições a nobilital-a; o que a moda conseguiu em beneficio da industria de marcenaria, de dever seria tental-o em relação ás restantes industrias historicas portuguezas. Um inquerito e consequente remodelação das nossas escolas industriaes impõe-se ao primeiro ministro, que do valor da Arte tenha noção nitida e a quem consintam occupar-se largamente d'ella, como de um factor economico essencialissimo.

Desprezando as fontes de inspiração nacio-

nal, as fabricas da Vista Alegre e da Marinha Grande não merecem o favor e o auxilio de ninguem. Desprestigiaram-se na imitação servil e incaracteristica da mercadoria estrangeira, expondo-se a todos os perigos de uma concorrencia, de que só a defendem os direitos prohibitivos das alfandegas.

Depois de um summario inquerito, pouco resta a salvar de entre as ruinas de um passado glorioso. Mas, esse pouco, bem merece o esforço de uma cruzada, na qual se torna indispensavel distribuir á mulher portuense a sorte das industrias de filigrana, para que ella as não deixe deperecer, para que as faça prosperar, para que as salve da decadencia, para que as nobilite, exigindo-lhes que se tornem mais bellas, para merecerem o seu favor!

X

Da necessidade de inventariar as nossas riquezas artisticas — A casa de Lisboa — O espolio do antigo fausto — Os palacios desertos — O palacio do Calhariz — O palacio do Manteigueiro — O palacio dos marquezes de Olhão — O palacio dos marquezes de Nisa — O palacio dos Sobraes — Cagliostro — O palacio dos viscondes da Lançada — O salão das Kruzes — Benalcanfôr — A redacção d'*O Seculo* — Lisboa vista das Chagas — As casas Sabugosa e Castello Melhor — A galeria de pintura dos condes da Ericeira — O diccionario do conde de Raczynski — As terrinas de Germain, adquiridas pelo museu de Franckfort ao sr. marquez da Foz — Sua historia — O sr. conde da Folgosa — O retrato de Luiz XIV por Vanloo, presente do rei de França ao conde da Atalaia — Sua acquisição pelo sr. conde de Burnay — O cravo da madre Paula — A escrevaninha e o toucador de Odivellas — Herdeira devota de um espolio voluptuoso.

Sahindo hoje da casa *Liquidadora* da Avenida — vastos armazens de venda, para onde as fallencias, as doenças, as penhoras, as ruinas e as partilhas lançam periodicamente os despojos sumptuosos ou vulgares da casa de Lisboa, e por onde tem transitado n'estes ultimos annos parte do mobiliario das grandes familias, — pensava quanto seria valioso, como subsidio para a historia da actual sociedade portugueza, um trabalho rigoroso de inventario, accumulado com paciencia e minucia, da riqueza artistica conservada nas grandes casas de Portugal.

A despeito da mobilisação constante da riqueza ornamental, promovida sobretudo pelas

partilhas entre herdeiros e pela decadencia progressiva da fortuna entre a nobreza, são ainda muitas as casas de Lisboa que escaparam á gula dos colleccionadores infatigaveis e dos viajantes commissionados pelos judeus allemães e pelos milionarios americanos, conservando todo o seu antigo apparato hereditario.

A decadencia do antigo fausto da nossa côrte é facil avalial-a na quantidade consideravel de palacios deshabitados pelos donos. Só em redor de minha casa, quantos abrange a minha vista!

O palacio do Calhariz, onde o primeiro duque de Palmella dava as suas festas sumptuosas, a que a presença da guarda dos archeiros, de que era capitão, emprestava aspectos solemnes de festividades reaes, está, desde a transferencia para a Arcada do ministerio dos estrangeiros, com escriptos. A familia Palmella preferiu-lhe o socego e os arvoredos do palacio do Rato. A meu lado, o antigo palacio do Manteigueiro, na rua da Horta Sêcca, depois residencia dos condes da Torre e dos viscondes de Condeixa, e hoje habitação e propriedade da familia Gonçalves, não conserva do primitivo e asiatico esplendor senão a escadaria. Os tectos de Alexandrino, os tremós dourados com peças de ouro derretidas, os estuques italianos de Grossi, tudo desappareceu sob os vandalismos democraticos da Assembleia Lisbonense. Logo abaixo, na calçada do Combro, o imponente e incompleto palacio dos

marquezes de Olhão — cujo descendente, D. José da Cunha, secretario do actual ministro da marinha, reside na sua casa hereditaria de Xabregas — é, desde que de lá retirou o correio geral, um immenso albergue, onde se amontoam familias, se acotovellam pequenas industrias e casas de commercio, se alojou a repartição de fazenda e se installou a typographia de um jornal. E, entretanto, pela sua grandeza e nobilissimo aspecto, este palacio, que lembra o dos Monterey, em Salamanca, — de que os meus olhos ainda teem saudade! — devia ser, depois de concluido, uma das mais grandiosas casas de Portugal! Lá em cima, no largo de S. Roque, uma Companhia de carruagens occupa o antigo palacio dos marquezes de Niza, cuja mobilia de salão se encontra actualmente á venda na *Liquidadora* da Avenida!

E quantas ainda, de que eu vejo, da janella do meu gabinete de trabalho, os telhados, os coruchéos, as platibandas, as chaminés ou a frontaria! N'uma loja do palacio Palmella, delineado por Cinatti e Rambois, e onde morou, em 1855 o capitalista Manoel Pinto da Fonseca, o *Monte-Christo*, vou eu hoje fazer a barba! Ao palacio arrogante dos Castromarim vou eu hoje pagar a decima! Ao palacio faustuoso do Manteigueiro vou eu hoje pagar o aluguer da casa! No antigo palacio dos Sobraes, cujas salas eram forradas de pannos de Arrás e sedas da India, e onde o

Cagliostro fez experiencias de alchimia, está hoje a *Caixa Geral de Depositos!* No palacio dos viscondes da Lançada, em cujos salões D. Maria Kruz recebeu toda a litteratura e toda a politica, e onde ia tomar chá Benalcanfôr, está hoje a redacção do «Seculo»! O palacio dos Mellos transformou-se n'um collegio de meninos! E quantas decadencias mais e quantas ruinas a minha vista alcança, sem que seja preciso erguer-me da mesa em que trabalho!

Olhar Lisboa das varandas de minha casa é abrangel-a em todos os seus aspectos, desde os cyclos heroicos da conquista e o periodo glorioso das descobertas, até ás convulsões do terremoto e á sua expansão propriamente moderna. Se é da minha sala de jantar que a observo, o dilatado panorama de cidade e de rio deixa-me em planos successivos separar as tres cidades distinctas: ao fundo, dominada pelos torreões do castello de S. Jorge e pelas ruinas do velho paço da Alcaçova, a cidade primitiva, com os bairros da Mouraria e de Alfama engastados nas ribanceiras, entre as muralhas de D. Fernando; em plano mais proximo, a cidade pombalina, com o Rocio, o arco da rua Augusta e o Terreiro do Paço; e em subida ingreme, n'uma lenta ascensão de casaria, o Bairro Alto, onde o meu miradouro occupa a mais elevada saliencia, entre o largo de Camões e a calçada do Combro.

Esta scenographia maravilhosa tem um panno de fundo incomparavel: o Tejo,—que n'esta hora do dia resplandece ao sol como metal liquifeito, desdobrando-se até Aldeia Gallega, povoado de velas latinas e mastreações de navios, e sobre o qual esvoaçam multidões inquietas de gaivotas. Mas se da sala de jantar passo ao meu gabinete de trabalho, a mutação de scena é completa. São os bairros de Alcantara e Belem, junto ao rio; os bairros da Estrella, da Lapa, de Buenos-Aires e Campolide, nas alturas, coroados pelo zimborio e as torres da basilica e pelos moinhos de vento da serra de Monsanto. E ha casas e janellas amigas, que, logo pela manhã, os meus olhos procuram, descriminando-as da confusão de casaria, comprimida desde o alto de Santa Catharina até ás agulhas do palacio dos condes de Valença e aos quatro torreões de ardosia do palacio do sr. José Luciano de Castro.

Se a casa historica decahiu, abandonada pela nobreza empobrecida, outras e muitas casas se construiram com os dinheiros do Brazil e da Africa, dilatando a área de Lisboa por arejados bairros, onde se está installando á pressa uma classe rica, mas ainda obscura, sem preponderancia na sociedade actual e que já nos leilões arremata, sem escarcéu, os moveis de Arte.

Como a decadencia da fortuna na nobreza é parallela á prosperidade da burguezia, torna-se

hoje necessario, n'uma investigação das preciosidades artisticas em poder dos particulares, visitar, não só a casa fidalga, mas as casas burguezas. As collecções Foz, Daupias, Palha, Aragão, Arroyo e Burnay derivaram, em grande parte, de fortunas ou acquisições recentes. Não podem ser consideradas como a ampliação de heranças historicas. O commercio em larga escala do *bric-à-brac* pôz ao alcance do homem rico o que fôra até ahi apanagio e posse de fortunas hereditarias.

Parte das familias omnipotentes e dominantes na sociedade do seculo XVIII extinguiram-se ou decahiram. São raras as que ainda hoje habitam, como os condes de Sabugosa e os marquezes de Castello Melhor, os seus velhos solares. Já a exposição retrospectiva de Arte ornamental de 1882, promovida pelos reis D. Luiz e D. Fernando no palacio das Janellas Verdes, veio demonstrar a extraordinaria mobilisação experimentada pela riqueza artistica nacional e ninguem ignora que d'esse tempo para cá ella consideravelmente se aggravou.

Os habitos faustuosos da nobreza, servidos, desde a Renascença, pelo despejo aurifero das colonias, que veio mortalmente golpear a agricultura, substituindo os lucros faceis das vice realezas aos proventos trabalhosos da lavoura, armazenarem em Lisboa, como n'uma feira oriental, o melhor da producção artistica do

mundo. O terremoto sepultou parte d'essas riquezas; o commercio dispersou uma outra parte. Mas o que nos resta é ainda um espolio de valor consideravel. Por noticias anteriores a 1755 averigua-se que existiam em Lisboa, contra o que hoje querem affirmar alguns criticos de Arte, abundancia de quadros de Raphael, Rubens, Murillo, Ticiano, Ribera e Corregio.

Ainda não ha muitos annos, o sr. Mendes Norton, em uma monographia sobre o convento de Refoios—que pertenceu a meu bisavô Miguel Malheiro — indicava como de Raphael alguns quadros da Igreja, indiscutivelmente preciosos pela composição e colorido. No seu palacio das Portas de Santo Antão, possuiam os condes da Ericeira uma galeria de pintura, onde havia quadros de todos os grandes e mais celebres mestres da Renascença hespanhola, italiana e hollandeza. E hoje ainda a collecção de gothicos do nosso muzeu nacional não tem, em quantidade, rival em qualquer muzeu da Europa.

Mas o melhor, senão a totalidade d'esse patrimonio artistico, ficou sepulto debaixo de escombros ou foi destruido pelo incendio. Do que se salvou na catastrophe resta nos palacios reaes e em poder de algumas familias apenas o bastante para garantir a existencia dos incalculaveis thesouros de Arte desapparecidos a meio do seculo XVIII.

O diccionario do embaixador da Prussia,

conde de Raczynski, é mais eloquente, sob esse aspecto, que o scepticismo desdenhoso dos que passearam pelos muzeus grandiosos do Prado, do Louvre e da National Gallery, asseverando que Portugal, em materia de Arte, quando muito possue dous pratos da India rachados e um candieiro de latão.

A verdade é que á nossa custa se enriquecem ainda hoje os grandes muzeus da Europa, como ha poucos annos o de Francfort, comprando ao sr. marquez da Foz as duas famosas terrinas de Germain, cuja historia pittoresca ouvi contar ao conde da Folgosa, a quem primittivamente pertenciam e que hoje ainda conserva uma urna e cafeteira do mesmo cinzelador francez.

Uma manhã foi procurado o conde por um negociante de antiguidades da rua do Alecrim — o velho e astuto Coimbra — pedindo que lhe mostrasse uma terrina de prata, que possuia.

O conde mandou apear dos aparadores todas as pratas, que o negociante meticulosamente examinou, rebuscando as marcas da contrastaria, acabando por declarar que nenhuma d'aquellas terrinas correspondia no desenho e na fórma ás que pretendia vêr.

Então o conde mandou buscar duas novas terrinas, guardadas com os seus pratos em estojos antigos, e logo as pupillas do Coimbra re-

brilharam. Eram aquellas! Mas depressa, á primeira alegria irreprimivel, succedeu a inquietação e o desanimo. Apenas duas marcas de contraste, ambas portuguezas, appareciam, derrotando a investigação soffrega do antiquario, que procurava a assignatura famosa do ourives de Luiz XIV.

Desilludido, o negociante retirou-se, pedindo mil desculpas, para voltar inesperadamente na semana seguinte. O mesmo resultado negativo teve esta segunda tentativa, a que, passados dias, se seguiu novo exame, que o conde da Folgosa consentiu de mau humor, declarando, peremptoriamente. ser o ultimo. Mas finalmente o Coimbra triumphára. A assignatura appareceu no prato e as flôres de liz no rebordo da terrina. Então, muito pallido, limpando o suor, o Coimbra propôz a venda das terrinas a um colleccionador estrangeiro. O conde recusou. Mas o Coimbra insistiu, quasi implorou. E para se libertar de tal lamuria, o conde pediu quatorze contos pelas terrinas, que tinham sido avaliadas em inventario por seiscentos mil réis. O Coimbra retirou-se com a promessa de consultar para França o pretendente.

Um anno passara e já o conde da Folgosa se não lembrava do velho ajuste, quando uma tarde, em Vianna, um desconhecido o procura, declarando-se filho do Coimbra, que fallecera ha dous mezes.

— E então que quer você?

— As terrinas de prata, sr. conde.

— Ah! Outra vez as terrinas? Para o tal estrangeiro?

— Pelos quatorze contos...

O conde honrou a palavra e vendeu-as. Passados dias, as terrinas figuravam entre a baixella do sr. marquez da Foz, que não se serviu do Coimbra para as vender por fabuloso preço ao muzeu de Francfort...

O objecto de arte desloca-se com prodigiosa rapidez, até cahir na sepultura de um muzeu. Mais inconstante do que a joia, a sua historia é sempre aventurosa, movida ao sôpro dos mais variados caprichos. Assim, o magnifico retrato de Vanloo: *Luiz* XIV *no seu cavallo branco*, que o rei de França déra de presente ao conde de Atalaya, embaixador de Portugal em Pariz, e que passados duzentos annos na posse ininterrupta da familia Atalaya, foi adquirido recentemente pelo sr. conde de Burnay e hoje está na escadaria do palacio da Junqueira.

Mais duvidosa é a authenticidade do cravo de charão, que foi do marquez de Valladas e é hoje do conselheiro João Arroyo — cravo, que passa por haver pertencido á madre Paula. Convencido d'isso o conserva com orgulho justificado o actual possuidor.

É deveras lastimavel que a minuciosa e unica descripção, que chegou até nós dos apo-

sentos de madre Paula no convento de Odivellas, fazendo o inventario da mobilia, da baixella e das roupas, tenha *esquecido* de mencionar o lindissimo cravo de charão... O mesmo já não acontece com o toucador e as duas escrevaninhas, na posse da familia Aranha desde o seculo XVIII, sem que haja, para explicar a herança d'esse espolio da linda freira, a menor razão de parentesco.

Conheço uma das escrevaninhas, que coube no inventario á sr.ª D. Leocadia Aranha, viuva do conselheiro Quaresma. Tendo um dia cahido ao mar, no Funchal, quando a tiravam de bordo, e nunca havendo sido, desde esse desastre, restaurada, apenas no interior conserva a belleza primitiva, com seu labyrintho de gavetinhas, segredos e armarios forrados a crystal, com portas douradas de sacrarios. Mas sei que a outra escrevaninha está intacta e dizem-me que é em tudo digna da magnificencia de D. João V e da galanteria luxuosa da freirinha de Odivellas. O toucador, esse vendeu-o a sr.ª condessa de Sarmento, que por muito tempo o conservou como altar a um retrato do papa Leão XIII —pelo qual fizera substituir o espelho de crystal, entre as duas serpentinas de prata cinzelada!

Piedoso destino de um movel galante de alcova, por onde tantas vezes passearam os deditos brancos de madre Paula, á procura dos pol-

vilhos, das *mouches*, dos ferros de frisar e dos frasquinhos de perfume, e a cujo espelho, tantas vezes, ella devia ter corrido em sobresalto, a verificar a belleza do seu pallido rôsto de freira peccadôra!

XI

O congresso de Coimbra contra a tuberculose — Sentença contra o espartilho — O collete moderno — A plastica dos hygienistas — Da necessidade de substituir o congresso por D. Juan — O espartilho da Faculdade de Medicina — O espartilho de *madame* Desbruères — O *soutien-gorge* — O cinto *Stella* — A saia de balão — Nascimento do espartilho — *Janellas do inferno* — O cinto de castidade — O verdugadim — As anquinhas — Hecatombes de baleias — A cinta *Imperio* — Pina Manique e a moda — As cinturas de vespa — A divisa de um janota — D. Francisco Manoel de Mello.

É agora o congresso contra a tuberculose, reunido em Coimbra, que se manifesta contra o uso do espartilho.

Discutindo as bases para a creação, em Portugal, de uma lei protectora da primeira infancia, a um pequeno resultado chegou essa illustre assembleia de homens de sciencia: — condemnaram o espartilho! Mas, depois da sessão e do banquete, houve baile no Paço das Escholas e nem uma só das cem lindas mulheres, que lá dansaram, respeitando a sentença d'esse tribunal humanitario, deixou ficar na gaveta o seu collete de varas! O resultado não é dos mais animadores para os hygienistas! Reunirem-se em concilio, nas salas classicas de uma Univer-

sidade, cincoenta professores e homens de sciencia, para excommungar o espartilho, é facto que me lembra, até pelas humanitarias affinidades, esse sublime e platonico congresso da Haya, decretando a paz ás nações, quando todos os arsenaes do mundo eccoavam com o fabrico de novos engenhos de guerra.

Se outro processo não encontram homens de tão vasta sciencia, reunidos em congresso, para proteger a primeira infancia, indispensavel é confessar a desconsoladora restricção do seu poder. Ás indicações dos hygienistas já nós devemos o collete direito, com que a moda creou uma plastica inverosimil, diante da qual Phidias resuscitado acreditaria na substituição do maravilhoso animal humano, cujas fórmas harmoniosas o esculptor atheniense tantas vezes esculpira em resplandecentes marmores, sob o governo glorioso de Pericles.

Toda a sciencia dos medicos será incapaz de deslaçar do tronco da mulher moderna o espartilho, sem que préviamente lh'o tenha ordenado a moda. Condemnal-o na Universidade não basta. É necessario combatel-o no seu principal refugio: a alcova.

Que o medico ceda o seu logar a D. Juan. Em vez da predica hygienista promovam, depressa, a dissertação amorosa. Mas que não venham depois os homens exigir das mulheres essa illusoria apparencia de longa mocidade e

essas linhas de uma esthetica preconceituosa, attribuidas por elles á belleza. Condemnar o espartilho! Ignoram, porventura, que esse futil objecto é, desde afastados tempos, a arma poderosa de que dispõe a decadencia da mulher para a rejuvenescer aos nossos olhos? Alguem ignora que elle é a mascara prestigiosa da illusão e do amor?

Illumina-se o jardim da Universidade a balões venezianos, porque a medicina condemnou o espartilho? E, ao rasgar essa couraça de aço e sêda, com que a mulher se defende do tempo, como outr'ora os guerreiros se defendiam da morte, não ha uma voz que se eleve para redimil-a, glorificando a piedade com que ella adelgaça os corpos tôscos, a misericordia com que aformoseia a fealdade, a gentileza com que serve ha cinco seculos a belleza? A belleza vale bem algumas victimas. Menos as merecem a ambição e o orgulho—esses destruidores formidaveis de homens.

Quando a saude da mulher estivesse em perigo, ella ainda tem demasiado o culto da vaidade para saber sacrificar-se e morrer por ella.

Não pedia a hygiene que o espartilho deixasse de comprimir os seios da mulher: esses orgãos de delicada sensibilidade e radiosa formosura? Emquanto a medicina o exigiu com severidade, a mulher recusou-se a obedecer.

Mas os poetas entraram na cruzada e falla-

ram-lhe, com scintillantes e acariciadoras palavras, da saude dos filhos e do futuro da humanidade. E logo a mulher se enterneceu e logo o espartilho se modificou. Sem murmurações, a mulher consentiu em abdicar das suas fórmas humanas, substituindo-as pela actual plastica de cegonha ou abestruz, que, inclinando o busto até ao desequilibrio, faz resaltar os quadris, á similhança das duas azas de uma ave pernalta. Era isso que pretendia a hygiene? Não a felicito pela victoria.

Uma modista pariziense, *madame* Desbruères, creou o espartilho da *Faculdade de Medicina*. A mulher suspirou e acceitou-o. A seguir, todas as modistas em voga annunciaram novos espartilhos com verdadeiros reclamos de especialidades orthopedicas. A moda apropriou-se da anatomia e da hygiene e enfeitou-as com laços de sêda e rendas! *Madame* Lagrange, modista na *rue Caumartin*, affixou nos *ateliers* attestados medicos, devidamente reconhecidos pelo tabellião.

Mas alguns dos mais rabujentos senhores da *Faculdade* murmuravam ainda. Então, uma casa elegante da *chaussée d'Antin*, animada pela transigencia da mulher, arrojadamente lançou, para desthronar o espartilho, o *soutien gorge* e o cinto *Stella!*

Era um golpe de Estado nos dominios disciplinares da moda. As mulheres novas e per-

feitas, a quem os homens de lettras fallaram na primeira pagina dos jornaes, citando a Grecia de Phrynéa, a Roma de Lucrecia, o Egypto de Cleopatra e o *Primeiro Imperio* de *madame* Tallien, submetteram-se. Tinham por si a mocidade, mais convincente do que a historia. Mas todas aquellas que não podiam vêr sem inveja os retratos classicos de *madame* Recamier e as Venus do *Louvre*, resistiram á impiedosa innovação, fortificaram-se, recusando-se a acceitar esse *ultimatum* da hygiene.

A moda teve uma hora de preplexidade e hesitação. Seria chegado o momento de renovar as cinturinhas curtas das marechalas de Bonaparte, ou conviria recuar no sentido de restabelecer a igualdade plastica, nivelando a cinta da mulher com a saia de balão?

Depressa, os dous partidos se prepararam para a lucta, elegeram defensores, levaram a sisania ao proprio seio austero da *Faculdade*. Exigiu-se a opinião da Philosophia, da Politica, da Arte e da Litteratura. E o partido conservador, accusado de defender o preconceito e a mentira, em prejuizo da saude e da força, respondeu triumphantemente que nem a mortalidade das mães nem a dos filhos correspondiam ao uso do espartilho, sendo consideravelmente maior entre as classes que o não usavam!

Era um subterfugio e um sophisma? Não ha duvida. Mas é preciso contar com elles, quando

se discute com a mulher. Demasiado tinha ella transigido até ao absurdo de submetter-se ao espartilho de *madame* Desbruères. Se o homem lhe exigia apparencias de belleza, deixasse lhe os meios de a dissimular, quando a não possuisse! E ahi estava a historia do espartilho para a fazer triumphar das accusações, — que lhe attribuiam, hypocritamente, como um crime, o que fôra sempre uma das suas gloriosas virtudes: a sua intransigente defeza da Illusão!

O espartilho appareceu pela primeira vez em Veneza, durante o fausto da Renascença, com o nome de *busto*. Ao invental-o, os homens pretenderam dar á mulher maior imponencia e proporções solemnes de estatuas. Até ahi, a mulher embrulhára-se no *peplum* e na tunica, ou cobrira-se lithurgicamente com a estóla.

Só no seculo XIV a mulher sahe d'esse casulo e de entre esses pannos fluctuantes, usando o corpete de herminia, aberto sob os braços. Mas logo, os theologos e os moralistas chamaram a essas aberturas *janellas do inferno*, obrigando a mulher a esconder novamente as fórmas tentadoras debaixo dos mantos impenetraveis.

De Veneza, o espartilho passa emfim para França, e á medida que a dissolução dos costumes augmenta, transforma-se n'um cinto de castidade, n'um verdadeiro baluarte da virtude. Mas o instincto da belleza vae dando a essas

fortalezas de aço, monacaes e severas, a graciosidade de ornamentos luxuosos. E, já um historiador do tempo de Francisco I, descrevendo a entrevista famosa do «Campo da téla de ouro», conta que as damas da côrte, para rivalisar de elegancia, exaggeraram de tal fórma a finura da cinta, que, depois de sentadas, não poderam erguer-se!

Chegou o momento da Hespanha intervir n'esse concerto de supplicios, em que degenerava a moda.

Então, a rigida e sombria etiqueta do Escurial inventa o *verdugadim* — esse passado odioso das anquinhas, do balão, da *crinoline* e da *tournure!* Engaioladas n'esse engenho de ferro, recoberto de brocados e velludos, o pescoço immovel na gola encanudada, as mulheres pareciam passaros arrastando jaulas.

No seculo XVII, para que a mulher não morresse, como o cavallo de batalha sob os formidaveis arreios, deixaram-na respirar livremente por um instante.

Mas já no mar do Norte, com o presentimento da proxima hecatombe, os cetaceos fogem para o mar Baltico. A Hollanda precisa de estudar, nos primeiros dias do seculo XVIII, um dos mais graves problemas economicos d'esse grande seculo: o desenvolvimento da pesca da baleia, cuja morte todas as lindas mulheres da Europa reclamavam para armar os espartilhos!

Matam-se milhares de baleias para alimentar o esplendor das côrtes de Luiz XIV e Luiz XV, até que a revolução franceza, pondo em moda o classissismo romano, arrancou á mulher o seu cilicio elegante. Durante quinze annos, a mulher usou a cinta curta, o seio livre, e tanto se despojou de adornos superfluos, que o nosso Pina Manique, que não era hygienista, teve de intervir, decretando medidas policiaes contra os excessos da moda! A mulher portugueza, não tendo conseguido reunir um congresso de sabios em Coimbra, respondeu á perseguição do Intendente abrindo a gaveta onde guardára, dez annos antes, o espartilho de barbas de baleia. E ahi o temos de novo, com as cinturas de vespa cantadas pelos poetas de 1830 e a esthetica corrompida, aconselhada pelos medicos de 1904.

Felizmente, o congresso de Coimbra, que ha um seculo abandonou ás furias de Pina Manique as elegantes hygienicas de Lisboa, vem agora reparar a injustiça e condemnar o espartilho!

Seria absurdo negar alguma razão aos medicos, que accusam esse objecto, de tão innocente e seductora apparencia, de tão inoffensivo e fragil aspecto, de causador de um crime hediondo chamado a *enteroptose*. Sob essa couraça de sêda, o peito immobilisa-se, o ar deixa de circular largamente nos pulmões, o figado e o estomago deformam-se, — clama, unisono, o congresso. Quem pretenderá recusar verdade a essa

voz, que se mostra tão inquieta pela saude da mulher? Por certo ha n'ella exaggeros paternaes, mas que estão longe de desacredital-a.

Affigura-se me, porém, que, mais do que exaggerada, ella é injusta. O espartilho moderno reparou os maiores inconvenientes do seu antepassado, desde o supplicio das armaduras de ferro de Anna de Austria até aos *flatos* das nossas elegantes dos serões das Laranjeiras. O sacrificio, que a mulher moderna fez da sua esthetica á hygiene, regenerou esse galante e velho criminoso. Quando, ha pouco tempo, uma ingleza excentrica e maniaca pretendeu demonstrar por meio de experiencias em macacos os perigos do espartilho, a Inglaterra ia tendo uma syncope de riso. Nos Estados-Unidos, uma *miss* Bloomer conseguiu, depois de gastar alguns annos e alguns milhões de dollars em propaganda, que o uso do espartilho fosse banido... dos collegios! A princeza de Oldemburgo é ainda presidente de uma Liga de defeza contra esse monstro, na Russia. Mas a campanha esmoreceu sensivelmente depois da adopção do collete moderno, de talhe direito, que se limita a amparar os rins e o peito, desopprimindo o estomago. E já ninguem ousa esperar que as condemnações dos congressos e os clamores dos hygienistas convençam a mulher a abandonar totalmente esse accessorio da sua *toilette* mais intima. A moda, mais do que as faculdades de medicina, póde conseguir impôr-lhe

ligeiras modificações. Mas é duvidoso que o cinto romano, usado ainda entre as nossas populações ruraes, de novo, como em 1800, substitua o espartilho. Nem a tendencia das artes plasticas, nem as seducções da ultima lição da historia dos costumes, facilitam esse retrocesso á simplicidade e pretendida innocencia da Natureza...

Que o espartilho deixou de ser o cilicio, que matou a duqueza de Marcœur, está-o provando a lisboeta, dansando até ás tres horas da manhã nos bailes da sr.ª condessa de Almedina e da sr.ª duqueza de Avila. A estação acaba entre um turbilhão de valsas. Como nos tempos agitados de 1840, emquanto o governo dissolve o parlamento e os partidos politicos se declaram guerras impiedosas, a mulher dansa quadrilhas e entontece a valsar sob os crystaes chammejantes dos lustres.

Para maior similhança entre as duas épocas, que mais de meio seculo afasta uma da outra, procura a sr.ª condessa de Almedina resuscitar o theatro de salão: o grande successo das festas mundanas do Farrobo, dos condes de Carvalhal e da familia Palha.

Essa sociedade, presumidamente litteraria, tinha um Garrett, a quem chamava *o divino*. Esse director espiritual desappareceu e a nossa actual sociedade não o substituiu. Se vingar a comediasinha franceza, ella apenas servirá para

aggravar a tendencia das classes elegantes para o snobismo frivolo, cuja imagem synthetica e perfeita se encontra na phrase presumpçosa de um janota, a quem ouvi dizer, não ha muito tempo, para uma senhora, n'um camarote de theatro: — «*Ma dévise c'est l'oisiveté!*»

E essa senhora, a quem a maternidade illuminava com a luz interior, que acompanha na terra todas as creaturas que teem uma missão a cumprir, respondeu, com um severo sorriso:

— O mesmo não posso eu dizer, que estou creando o meu filho...

Justo é accentuar a superioridade das mulheres sobre os homens n'estas classes preponderantes da sociedade de Lisboa, reparando a injustiça que lhes fez o congresso de Coimbra, parecendo desconhecer a grande obra de moral social por ellas iniciada, como um exemplo proveitoso á burguezia, na creação dos seus filhos.

A ama vae desapparecendo de Lisboa. Foram, sem contestação, as altas classes quem primeiro a substituiram pela mãe.

Todos aquelles que dispõem de uma penna a deviam pôr ao serviço d'esta causa, combatendo o habito, mais nocivo que dez gerações de espartilhos, em que está desde ha muito a mãe portugueza, de comprar a um seio mercenario o leite dos seus filhos. Velho e ruim habito! Já durante o reinado de D. João IV, o desventurado e gentilissimo D. Francisco Manoel

escrevia, com desconsolo, na sua *Carta de Guia de Casados*: «*Muito admira que quem antes de nos vêr e conhecer nos sustenta nove mezes dentro em si, nos engeite e busque outrem que nos sustente, depois de nos vêr e conhecer.*»

N'este ponto estamos todos de accordo: D. Francisco Manoel, o congresso de Coimbra e eu!

XII

A criada de Lisboa — As saloias — A beirôa — O custo da aprendizagem — Do lenço á mantilha — Da camisa de estopa á blusa de seda — As cosinheiras — Os salarios — A criadagem das grandes casas no seculo XVIII — Sequito de parasitas dos Marialvas — Criados salteadores e contrabandistas — Os escravos — Os moleques — Escolas de criadas.

Para servir a lisboeta, Deus creou, n'uma hora de mau humor e severidade, a criada de Lisboa.

Supportando com resignação, durante a vida, o inclemente martyrio d'esta penitencia desproporcional aos seus delictos, a lisboeta póde morrer sem os Sacramentos. Na divina balança, onde a justiça de Deus pesa as culpas humanas, com certeza que os seus peccados olharão de muito alto o prato onde avolumam os seus desesperos domesticos.

Este mamifero venenoso, a que os annuncios do *Diario de Noticias* e do *Seculo* chamam *criada*, *rapariga chegada da provincia*, *bonne*, *cosinheira*, *criada de voltas*, *de dentro*, *de fóra*, *de todo o serviço* e *de meninos*, é uma das curiosidades da capital.

Na sua quasi totalidade, a criada de Lisboa é uma immigrante, que vem de longe, como os *ganhões* do Alemtejo, exercer a profissão rendosa e commoda de servir. A penuria, a cobiça ou o escandalo acossam-na do seu cardenho, com o dinheiro da passagem, em cobre, no bolso do saiote e duas camisas de estopa ou algodão na trouxa humilde. Lisboa tem de consumir essa serviçal montesina e rude, das duas Beiras, desde que a saloia é totalmente rebelde á domesticidade.

Basta vêl-a, choutando nas eguas ou empoleirada nas boleias das carroças, pelas estradas do Lumiar, Bemfica, Cintra e Marvilla, com as suas botas de couro e as faces vermelhas, embiocadas nos lenços claros, de ramagens, para se perceber que essa velha moura, rejuvenescida pelos cruzamentos do christão ribatejano, não perdeu os habitos de independencia e se não desacostumou de viver da cidade — raramente da cidade, — como os zangões vivem do mel saboroso da colmeia.

Ella e a varina, ambas fundamentalmente liberrimas como semitas, constituem as duas unicas notas pittorescas de Lisboa, que, desde logo, da multidão incaracteristica, o olhar do forasteiro destaca, surprehendido. O Alemtejo, com população minguada, consome no amor e nos trabalhos domestico e agricola a sua mulher. O mesmo acontece com a Extremadura — Ribatejo

e Gollegã, principalmente, — onde a mulher permanece atida ao lar, arreigada á familia, n'um regimen quasi patriarchal de escravidão.

É assim de longe, de climas diversos, de provincias distantes, sem affinidades ethnicas ou preparação indispensavel de convivio, que Lisboa recebe essa exilada tribu de mulheres, avidas e famintas, para a servir. A sua miseria natal ajuiza-se pela sua inhabilidade selvagem para a cosinha. De todo lhe escasseiam esses recursos naturaes e domesticos, que fazem da mais pobre minhota a base risonha e sólida de um lar. Quanto a minhota é fertil de expedientes, desembaraçada de modos, quanto a beirôa á miserrima de inventiva, enleada de maneiras. Uma é superabundantemente expansiva, a outra é fundamente retrahida. D'ahi, a accentuada differença das criadas do Porto e de Lisboa. Aquella adapta-se e integra-se á familia, como a serva romana; esta conserva-se-lhe de todo estranha, indifferente, como um passaro de arribação, que não ganha amor ao beiral de telhado, onde faz ninho.

Como a sua emigração deriva de miras ambiciosas, esta mulher, na generalidade feia, desconfiada, agreste, pouco esperta, não cria raizes de affecto na casa em que serve. É uma mercenaria, em toda a desprezivel accepção da palavra latina. Os seus primeiros mezes de acclimação são asperos e difficeis. A sua brusqueria de

rustica não se affeiçôa ao serviço. A criada recem-chegada da provincia é a maior praga que póde cahir em casa onde haja crystaes, louça de porcellana, espelhos e habitos de limpeza. Torna se necessario deixal-a fazer á custa alheia essa aprendizagem. Mas passados dez mezes — oh milagre! — a beirôa apparece-nos espartilhada, com blusa de sêda, mantilha de renda e capa de pelluche. Civilisou-se. Desaprendeu o manejo da roca, mas sabe engommar execravelmente; aborreceu as *migas* da aldeia e tem má bôcca; guardou o saiote na mala — porque já tem mala! — mas usa um collete do Grandella; não vae á missa, mas rouba nas compras; não se confessa na Quaresma, mas tem uma lingua de vibora.

Annunciada pelo *Diario de Noticias* e com abonação nas agencias, a beirôa naturalisa-se lisboeta. Agora é que é tremer! A capital contaminou-a. Em seis mezes ella percorreu cincoenta casas, desceu das mansardas aos primeiros andares, passou fome e devorou restos de banquetes, ajudou a vestir noivas e a amortalhar defuntos, esfregou soalhos e varreu tapetes de Bruxellas, fez camas de ferro com roupas de algodão e camas de pau santo com lençoes de cambraia, dormiu n'um sotão, em cima de uma enxerga, e n'uma *nursery* perfumada entre bébés de cabellos louros, viu de perto os esplendores e as miserias da vida, as fraquezas dos poderosos e os segredos das peccadoras, sentiu o tra-

vor de todas as amarguras e o perfume de todos os prazeres, observou os esbanjamentos da abundancia e a economia da pobreza, foi a impassivel testemunha de idyllios e contendas, de baptisados e funeraes. Não ha angustia que a enterneça nem apparencias que a seduzam. Era uma parva e é uma cynica. Lisboa insinuou-lhe todas as suas maldades, ensinou-lhe todos os seus vicios, desvendou-lhe todos os seus recursos. Ella sabe onde fica a ourivesaria Leitão e o hospital de S. José, a modista e o Monte-pio, a casa de penhores e a cabelleireira. Affirma orgulhosamente que não precisa de servir. Serve por *sport*. A acredital-a, é uma princeza cumprindo penitencias de humildade ou uma millionaria *toquée* de extravagancia. Espartilhada em velhos colletes da ama, vestida com os destroços das *toilettes* do Serra, do Pariz em Lisboa e da Edla, as feições plebeias são tudo quanto resta da pobre rustica n'essa creatura ardilosa, de olhos viciosos e cabelleira de figurino, que passeia o seu tédio de captiva pela Avenida, arrastando pela mão duas creanças submissas, ou ouve as declarações dos jardineiros da camara municipal, debaixo das arvores da Estrella e sob as palmeiras de S. Pedro de Alcantara.

E agora é ella quem procura a casa onde lhe convém servir. Já não somos nós quem escolhemos a criada. É a criada quem nos acceita ou rejeita. Ao contrario do que é licito suppôr,

a interrogada é a dona da casa e quem dicta as condições é a serva. Uma senhora conheço, que depois de soffrer um longo interrogatorio de uma mulherita arrebitada e palavrosa, lhe perguntou com simplicidade:

—Você sabe tocar piano?

A criada abriu os olhos attonitos.

—Tocar piano?

Muito séria, a dona da casa explicou, despedindo-a:

—A mim só me convém, n'essas condições, uma criada que saiba tocar piano...

A criada é uma proletaria a quem nunca falta trabalho. Nenhuma convulsão economica a attinge. Despedida de um quinto andar, abrem-se-lhe ámanhã as portas de um palacio. Em casa pobre não trabalha mais do que a ama e não se alimenta peor do que ella; em casa rica goza em usofructo da espessura macia dos tapetes, da temperatura aconchegada das salas, do conforto e agazalho dos estofos, do recreio dos jardins, do requinte das iguarias. Recuadas para os ultimos planos da vida familiar nas grandes casas, são quasi parentas nas casas remediadas.

Mas a permanencia entedia-as. Já tive uma criada que se me foi embora... porque estava ha muito tempo em minha casa! São de uma raça migratoria e vagabunda, que desde seculos prefere arrotear a terra dos outros á sua, crear os

filhos dos outros aos seus. Sem a resistencia estoica do *ganhão* para o trabalho, ella é como elle uma *caminheira*, arvore de pouca raiz, que se transplanta sem perigo em todas as estações e medra sempre. A sua gula aspera pelo salario attinge proporções absurdas. Por menos de sete mil réis não se consegue uma cosinheira detestavel. Abaixo d'esse preço são aprendizas esbanjadoras e perigosas, que invertem os molhos, gastam carvão como fabricas e manipulam temperos de Locusta, perplexas se as mandam coser umas batatas.

Na larguissima ampliação que tem este titulo honorifico de cosinheira, desde a que apenas sabe coser assôrda até á que compõe *mayonnaises* e faz massa de timbales, elle representa na vida domestica de Lisboa a maxima tyrannia. A cosinheira póde provocar desde a dispepsia até á separação de pessoas e bens entre os esposos. A saude, tranquillidade e harmonia do lar, está na mão d'essa poderosa intrusa, que deixa esturrar a sôpa, atrazar o almoço, talhar o leite, e se despede n'um dia de annos ou no domingo de Paschoa, como um general mercenario, que abandona a batalha na hora de maior perigo. Por isso, em toda a casa de Lisboa, a cosinheira exige os maiores desvellos e recebe salarios que vão de oitenta a cento e vinte mil réis annuaes, fóra os *achêgos!* E se passamos da cosinheira á criada de sala, temos, para a des-

crever, de reflectir na escolha especial de um vocabulario, que corresponda ao que de mais inverosimil e phantasista possa inventar uma imaginação destemperada.

Lisboa foi sempre mal servida. Aproveitou, primeiro, o mouro, o judeu depois, o escravo por fim. Desde os negros da costa da Mina até á governanta franceza, não ha exotismo de que Lisboa não tenha lançado mão para a servir. As casas nobres iam buscar ás tavolagens e escolhiam entre os valentões das rixas nocturnas os espadachins e guarda-costas. Em toda a Renascença, até ao fim do seculo XVIII, o lacaio foi um mixto de rufião e de valente assalariado, vagamente bandido e muitas vezes estrangeiro. Essa escumalha servia os amos com a espada ou com a calumnia, quando os amos se chamavam conde de S. Vicente ou D. Gregorio Thaumaturgo. Por diversas vezes, teve Pina Manique de decretar disposições energicas para obstar ao contrabando e aos assaltos em que se occupava de noute a criadagem das grandes casas, defendida pela libré dos fidalgos omnipotentes. A horas mortas, os criados iam ganhar o salario que os amos em geral se recusavam a pagar, avaliando em demasia a hospitalidade dada a taes bandidos.

É facil de comprehender a perturbação produzida n'uma sociedade, assim tumultuariamente constituida no viver domestico, pela subita de-

cadencia das fortunas, a extincção dos poderes extremos e a normalidade da vida, com a reforma radical dos costumes. Os grandes senhores conservavam, ainda no começo do seculo XIX, habitos feudaes. Sustentavam nos seus solares e palacios verdadeiras populações de validos, afilhados e familias hereditarias de parasitas. Os palacios eram refugios de desamparados. Nunca houvera propriamente em Lisboa uma classe de servos assalariados. Extincto o escravo, ficou só o parasita. Lord Beckford, de quem possuimos os quadros mais minuciosos e fieis da sociedade de Lisboa nos fins do seculo XVIII, enumera os servidores numerosos, alguns condecorados com as Ordens de Aviz e de Christo, que serviam as refeições nas casas nobres. Os fidalgos appareciam sempre ás visitas precedidos, rodeados e seguidos por sequitos de capellães, espadachins, mordomos, frades, poetas e lacaios. No palacio dos Marialvas, em Belem, distribuiam-se diariamente trezentas rações a essa turba parasitaria, que constituia a côrte feudal da familia dos Menezes. A taes exaggeros levara a moda de ostentar côrte de serviçaes, que já nenhuma fidalga de grande casa se aventurava na sege ou liteira para visitar uma visinha, sem acompanhamento de aias, camareras, escudeiros e lacaios. E o que caracterisa esse pomposo estadão em que vivia Lisboa, é a mais cahotica desordem. Beckford contou, de uma vez, cincoenta

criados, que serviam tumultuariamente uma merenda ao marquez de Marialva!

Por esse tempo, a alvissima e loura condessa de Pombeiro fazia acompanhar-se de um sequito numeroso de criadinhas pretas. O maior luxo da côrte de D. Maria eram as favoritas africanas. Em França, Luiz XV nomeara um preto governador do palacio de Luciennes, cargo nobre, que implicava soberania e consentia o uso de espada. Em Portugal, a filha de D. José extremara de entre toda a sua côrte a preta D. Rosa, elegendo-a em valida poderosa, adulada por toda a côrte como um *fétiche* real.

E era tamanha a confusão, tanto na vida domestica como nos paços, que chega a ser difficil descriminar precisamente a criada da dama de honor, a açafata da *soubrette*, o poeta do parasita, o mordomo do amo, o servo do parente, a aia da senhora!

Este desordenado viver domestico vinha de longe.

D. João IV fazia-se servir, á falta de creados, pelas damas da rainha e queixava-se D. João V, em Odivellas, de que mais tinham as freiras quem as servisse nos conventos, do que os monarchas nos seus paços!

Passados tres seculos e extincto o parasita, Lisboa não tem ainda quem a sirva. Não passa de tentativa, debilmente secundada, a creação recente de asylos e escólas para educação de

raparigas pobres, destinadas a servir. O enorme *deficit* de serviçaes, que tanto difficulta a vida domestica de Lisboa, não é perceptivelmente reduzido pelas pensionistas escassas d'essas escólas embryonarias, antes creadas com intuitos caritativos do que mesmo com a formal intenção de transformar a serva actual, inhabil, rebelde, corrompida, na criada modelo, integrada na familia como uma auxiliar indispensavel e muitas vezes querida, testemunha e conviva das suas prosperidades e infortunios.

Não só em França, na Inglaterra, na Belgica, Allemanha e Hollanda, mas tambem na Italia, na Dinamarca e até na Hespanha se desenvolvem prodigiosamente as escólas de criadas. E cada dia mais, provocada por uma campanha incessante e poderosa, a exigencia de habilitações e attestados moraes se vulgarisa nos grandes centros, pelo criterio judicioso de que a criada é uma operaria, que como a sua camarada da industria deve exhibir um diploma de aprendizagem e, mais do que ella, tem de garantir o seu comportamento moral com um attestado formal e convincente.

Emquanto essa pratica não entrar nos usos de Lisboa, a lisboeta terá de hospedar e agasalhar uma inimiga perigosa, interesseira e mercenaria, caprichosa e orgulhosa como todas as creaturas vagabundas, sempre prompta a emmalar os vestidos ao menor ralho, deixando as

creanças no berço e o almoço no lume ao primeiro acceno de um interesse maior que lhe promettem.

O velho aphorismo de que as más amas fazem as más criadas tem que ser sensivelmente modificado no que respeita Lisboa. A convivencia da má criada prepara na familia as donas de casa pessimas. Ser mal servida ensina a mandar mal. D'aqui deriva um conselho a todo o homem que tenha amores em Lisboa: «*Antes de casar indague das criadas da sua noiva.*»

XIII

Arredores de Lisboa — A Penha Verde — Palhavã — Seteaes — Oeiras — As velhas casas fidalgas — Os novos palacios — Os paços reaes — O castello de Alvito — Palacio da Bacalhôa — A travessia do Tejo — O sr. José Maria dos Santos — Villa Fresca de Azeitão — A vivenda da Infanta D. Brites — Os Albuquerques — Um paraiso entre vergeis.

São os arredores de Lisboa, séde historica da côrte, exemplarmente ricos em palacios. Em cada villa, herdade, valle ou outeiro dominante, o antigo fausto dos fidalgos ou a prodigalidade sumptuosa dos reis edificou um paço, solar ou vivenda de recreio. O suburbio extremenho e alemtejano de Lisboa é um verdadeiro livro de nobreza. Cada edificio poderosamente evoca essas grandes personagens, que nas conquistas e nas navegações, nas temeridades da guerra e nos ocios da paz, em postos perigosos de combate e em cargos proeminentes de governo, com a espada ou com o talento illustraram a historia e foram os actores dos grandes acontecimentos nacionaes. Como n'uma terra humida, onde se imprimem as pégadas, a cada passo se encontram no arredor de Lisboa, para qualquer dos

pontos cardeaes, os vestigios das grandes familias, as memorias das grandes magnificencias, as ruinas dos grandes poderes e o rasto dos grandes homens, cujas sombras heroicas já se movem nos dominios ethereos da legenda.

Na *Penha Verde* semeou arvores D. João de Castro; na *Bacalhôa* viveu o filho de Affonso de Albuquerque; em *Palhavã* cresceram, entre damascos carmezins, os filhos bastardos de D. João V; em *Oeiras* recebeu o marquez de Pombal, como um monarcha, o seu rei; em *Seteaes* fizeram jogos de picaria os Marialvas. E é tão grande a profusão de palacios, que deixariamos perdido o leitor n'um inextrincavel labyrinto, se tentassemos leval-o comnosco através os milhares de salas núas e os extensos jardins abandonados. Verdade seja que a maioria d'essas nobres vivendas solitarias apenas conserva de grandioso o prestigio dos antigos senhorios e hoje são tristes cemiterios, a que servem de epitaphio os brazões de armas. A nobreza não deixou da sua soberania, em Portugal, os castellos romanescos da Escocia e os palacios da Bretanha, da Normandia e da Touraine. Faltaram os Médicis, os Malatesta, os Urbinos, os Sforza, principes esbanjadores e magnificos, que semearam a Italia de maravilhas, e os poderosos senhores de pendão e caldeira, que levantaram as torres palatinas e theatraes dos castellos do Rheno.

A nossa vida domestica na edade aurea foi

desordenada, rude e vagabunda. As navegações, as vice-realezas, os governos e capitanias do ultramar espalharam aos quatro ventos a nossa raça de argonautas cupidos. A realeza tendeu sempre a absorver as grandes casas omnipotentes, que em terra tão pequena faziam sombra á corôa. Os duques subiram todos ao throno ou ao cadafalso. As suas cabeças arrogantes cingiram o diadema ou cahiram ao fio do cutello.

É só no seculo XVII, embainhadas as espadas triumphantes da guerra da independencia, que verdadeiramente os reis serenam, os fidalgos se accommodam e o luxo domestico se propaga. Á mingua de grandes architectos e sem o espirito de ostentação do hespanhol, a nobreza edificou palacios sem belleza e circumscreveu o seu fausto a fazer-se servir as merendas por cincoentas criados, em baixella de prata dourada e louça da India, a adornar as mulheres de joias, como idolos, e a alimentar nas estrebarias cem cavallos de séla e varaes. Na vida intima fomos desvairadamente ostentosos como ninguem. Na propria côrte de Luiz XIV, os embaixadores de Portugal hombreavam com os principes na liberalidade e no luxo. Na sua quinta de Marvilla, os Marialvas tinham as ramadas assentes em pilares de marmore. As reaes estrebarias, durante o reinado de D. Maria I, encerravam quatro mil mulas e dous mil cavallos. Ainda se gastava nos primeiros annos do seculo passado, com as

reaes cavallariças, a enorme somma de trezentos e vinte e dous contos, setecentos e trinta e tres mil réis annuaes!

Foram estas mesmas gerações dissipadoras, que principiaram a edificação dos seus solares e vivendas de recreio, substituindo os velhos palacios inhabitados, onde tinham vivido os antepassados. A formusura foi supprida pela abundancia. Só á sua parte, a casa real edificou durante quasi tres seculos, desprovida como estava, totalmente, de moradia condigna. Os reis das primeiras dynastias contentaram-se com os paços bisonhos da Alcaçova, de Coimbra, de Santarem, do Limoeiro e da Ribeira. Á similhança da nobreza, é só no seculo XVII que os Braganças, edificadores por excellencia, se installam regiamente. D'essa faina nasceu Mafra com a sua tapada, o seu convento, os seus alabastros e os seus carrilhões; Queluz com os seus jardins á *Le Nôtre*, as suas escadarias de marmore, os seus tanques com jogos de agua, os seus corseis alados á bocca das avenidas, os seus bustos romanos nas rotundas e os seus *boudoirs* de crystal, que ainda parecem rescender a pó de arroz e embaciados pelos beijos; Villa Viçosa com a sua fria imponencia de solar morgadio, os seus parques venatorios, a sua sala de Hercules; Vendas Novas, que custou um milhão de cruzados a D. João V e serviu para uma noute; Belem, tão querido de D. Maria II; a

Bemposta, tão predilecta de D. João VI; o Alfeite com os seus densos pinheiraes e o panorama do Tejo; Caxias, tão espraiado de horisontes de mar e terra. A estes sete paços construidos pelos Braganças é necessario ainda juntar o de Cascaes, na cidadella; o do Monte Estoril, adquirido á familia Ulrich pela rainha D. Maria Pia; o da Pena, construido por D. Fernando; o da Torre do Outão, transformado agora n'um sanatorio de creanças; os pequeninos paços alemtejanos de Bombel e Alter; e as duas residencias officiaes de Lisboa, bragantinas tambem.

Um unico paço antigo, habitado pelas velhas dynastias, se conserva ainda no uso e na posse da corôa. É o de Cintra. Todos os restantes são construcções, acquisições ou adaptações da presente dynastia, durante tres seculos de realeza. E pena é que tenham esquecido os reis, n'esta faina de restaurar e construir, os seus paços historicos de Guimarães e de Barcellos, deixando em ruinas esses vestigios do seu fausto primitivo, e assim deslocando, totalmente, para as provincias do sul, com prejuizo da tradição, os seus interesses de familia.

O palacio das Carrancas, no Porto, adquirido para as residencias fugitivas dos reis nas suas visitas á capital do norte, é apenas um casarão humido, frio e triste, especie de hotel monumental, onde se janta e dorme duas nou-

tes sem conforto. Essa ausencia absoluta de interesses familiares basta para explicar o afastamento em que a familia real vive das salubres e formosas provincias do norte. A accumulação de dominios no sul, cada vez mais radica á provincia alemtejana os filhos da casa de Bragança, resumindo quasi exclusivamente a uma provincia essa salutar influencia, que em todos os tempos os principes tiveram sobre a vida intima dos povos.

É necessario vêr, como eu vi, as relações de affectuosidade contrahidas entre o actual rei e a população alemtejana, para se avaliar o beneficio que resulta d'essas relações cordeaes de um principe com o seu povo. O formidavel desenvolvimento do Alemtejo, deve se em grande parte ao exemplo de el-rei e ao ardente zêlo com que se tornou o poderoso procurador, junto dos seus governos, dos interesses agricolas dos povos alemtejanos. A acquisição pela familia real de um vasto dominio no Minho ou no Douro devia constituir uma aspiração das populações do norte e tanto como d'ellas uma aspiração da corôa. A difficuldade maior em realisal-a está em que, adstricto ao paço adquirido, necessario seria encorporar dominios agricolas de vastidão e importancia condignas do regio senhorio; empreza difficil em regiões de propriedade pulverisada, sobretudo para satisfazer o orgulho de um grande senhor alemtejano, cujos dominios um

cavallo a galope mal atravessa n'um dia. E é esse, por certo, o obstaculo maior entre os muitos que embaraçam essa aspiração, desde que a familia real conserva ainda as mesmas inclinações agricolas e edificadoras dos seus antepassados, datando ainda de ha pouco as novas acquisições feitas pela corôa do castello de Alvito e do palacio da Bacalhôa.

As repetidas visitas de el-rei, das duas rainhas, do infante, dos principes e dos duques de Orléans ao antigo palacio dos Albuquerques, trouxe para este novo paço as attenções curiosas dos que nunca suspeitaram a existencia d'essa joia, engastada em pomares, olivaes e culturas, na villa de Azeitão, proximo a Setubal.

Pergunta se: — onde é a Bacalhôa? o que é a Bacalhôa? porque comprou el-rei a Bacalhôa ao conde de Mesquitella?

Portugal conserva inapreciaveis monumentos, assim fechados em cofres de segredo, que a curiosidade portugueza nunca abriu. Falta-nos desenvolver esse gosto educador e moderno pelas viagens, que dilataria a áreas vastissimas os nossos interesses circumscriptos, enriquecendo a monotonia da vida actual com mil cambiantes diversos, desenvolvendo as aptidões e os sentidos, dando-nos uma mais real comprehensão da natureza e uma melhor interpretação dos acontecimentos.

Quantas pessoas conhecem a quinta e pala-

cio da Bacalhôa? E entretanto fica aqui a dous passos de Lisboa, á mão do forasteiro.

Quem tomar o vapor das sete e meia no Terreiro do Paço, pedindo um bilhete de ida e volta para Setubal, fará uma das mais bellas excursões de Portugal, vindo jantar a Lisboa ás sete horas.

É ainda cedo e a manhã no Tejo é fresca, apesar do sol ir já subindo na sua faina madrugadora de verão. Podemo-nos sentar, porque a viagem de vapor, até ao Barreiro, leva boa meia hora, se não tivermos contra nós vento ou maré. São seis kilometros de Tejo a atravessar, n'uma scenographia incomparavel, que põe exclamações na bocca retrahida dos *touristes* e brilhos de extasis nas pupillas cansadas dos *globe-trotters*. Lembra o Tejo, para quem olha Lisboa, essas composições theatraes de Claude Lorrain, em que o pintor se divertia a dispôr scenarios flammejantes, de sol, mar, navios e palacios, para o desembarque feerico de Cleopatra. E se o olhar, da margem direita se desloca para sul, descortina uma téla de Ruysdael, a que não faltam, sequer, junto aos terrenos alagadiços do Barreiro, os dous moinhos de Braamcamp, para dar a nota hollandeza da paizagem! Já se divisa ao longe a barra entre franjas de espuma, como o punho de rendas do longo braço de rio. Toda a margem se desenrola em rapidos, successivos quadros de animatographo, com a joia manueli-

na da torre de Belem, a molle alvejante do palacio da Ajuda, os arvoredos verdes da Tapada, e mais a oriente o zimborio e as duas torres esbeltas da basilica da Estrella, como uma mitra refulgente entre dous flabellos alvejantes. Toda a cidade, á luz do sol que a envolve, a penetra, a irisa e a transfigura, resplandece como um enorme mosaico florentino, toucada de palmeiras como um oasis. E na sua propria desordem, no acastellado dos seus morros, na disposição caprichosa dos seus bairros, na diversidade dos seus aspectos, Lisboa tem o seu quê de moura. Exhala-se de entre ella uma vibrante musica de sinos. Por toda a parte, nas arestas das torres e no coruchéu das egrejas, giram cataventos. A principio, como a veste o sol, ella é só uma extraordinaria mancha polychromica, reverberando as sete côres do arco-iris, coroada em diadema pelas muralhas e cubellos da alcaçova mourisca. Mas aos poucos, acostumada mais a vista a considerar as perspectivas, entre as poeiras luminosas que baixam do céo, vão resaltando os planos, destacando em baixo relevo os edificios, e tudo toma vulto, ascende e cresce da tela maravilhosa, que dir-se-hia esboçada pelo genio inspirador de um Gustavo Doré.

Demasiado depressa termina essa viagem maravilhosa pelo rio. O comboio vence, n'uma lenta, interminavel hora, os dezeseis kilometros que separam o Barreiro do Pinhal Novo, entre

terras aforadas a trabalhadores da Beira Baixa, que agricultaram a charneca com uma actividade surprehendente, transformando em prados verdes e searas vicejantes a terra ainda hontem arida ou pantanosa. E agora começa o paiz dos laranjaes e dos pomares, entre Tejo e Sado, no vale fecundo e embalsamado, que as serras da Arrabida e de Palmella dessedentam de aguas. Com hora e meia de carruagem, depois do almoço em Setubal, estamos na Bacalhôa. Logo a entrada rescende a limoeiros e laranjaes, e esse penetrante perfume de vergel acaricia o olfato, ao mesmo tempo que um sussurro de aguas vae entretendo o ouvido com a sua aria e o olhar se suspende em extasis, deante da surprehendente maravilha.

É a quinta dividida em dous vastissimos terraplenos, com um muro de socalco a emparedar as terras mais elevadas, onde assenta o palacio com os seus torreões de cupula hemispherica, de um accentuado caracter oriental, as *loggias* florentinas, forradas de azulejos polychromicos, com seus medalhões de jaspe ou de faiança no vertice dos arcos romanos de supporte, e o resplandecente adorno das majolicas. Impossivel é surprehender em conjuncto os variados aspectos do edificio, com os seus innumeraveis e esbeltos accessorios, desde a *casa das pombas* até aos pavilhões do lago, das galerias de recreio até ás magnificentes *loggias* do norte e do poente. As

vinhas, os pomares e os jardins de embrechado interrompem o edificio, se é que o não completam na sua geral disposição de novidade. O pateo, onde se correram touros, é aberto ao norte e sul por duas portas, fechado ao nascente por uma galeria de treze arcos de pleno cimbrio, em marmore da Arrabida, flanqueada de cubellos circulares com cupulas em gommos, olhando a frontaria nobre do palacio, com as suas cinco janellas, as duas torres lateraes de cupula hemispherica e a escadaria de accesso.

Edificado em esquadro, um jardim geometrico vem preencher o vasio reentrante do anglo recto e completando com elle o quadrilatero. Para norte, sobre o extenso pomar, abre-se uma das *loggias*, com seis arcos de varanda, e para o poente, sobre o jardim, uma segunda, adornada de azulejos coloridos, dispostos em paineis que figuram o Mondego, o Nilo, o Euphrates, o Douro e o Danubio, e d'onde se divisa, para além dos laranjaes, o lago de trinta metros, a galeria coberta e as arcadas com os seus pavilhões central e lateral, tudo resplandecendo á luz do sol com os esmaltes coloridos dos mosaicos. Vista da *loggia*, cujos tectos deviam ter sido na primitiva pintados com arabescos e figuras, essa parte da quinta lembra os jardins encantados das *Mil e uma noutes*. Logo se deprehende pela orientação das perspectivas o intuito do architecto em edificar uma vivenda de verão,

exposta ás brisas frescas do mar e ás sombras refrigerantes do norte. Os calores abafados do sul são filtrados pelos arvoredos do jardim, disposto em quadrado no angulo interno do edificio, entre as duas alas do palacio. E acontece assim que o traçado, além de maravilha architectonica, unica no seu genero em Portugal, é ainda uma obra prima de intelligente adaptação ao fim reservado de repouso a que a destinavam os nobres senhorios. As cêrcas fazem do palacio um refugio impenetravel, envolvendo-o em vergeis odoriferos, campos de vinha, balsamicos jardins e sussurros de aguas correntes.

Parece da investigação historica inferir-se que foi a princeza D. Brites, então viuva opulenta do infante D. Fernando e mãe do futuro rei D. Manoel, que o edificou na ultima decada do seculo XV, segundo o plano de um architecto italiano, que bem poderia ser, contra a opinião de Haupt, o Sansovino, enviado a Portugal por Lourenço de Médicis, a pedido de D. João II, que ao findar o seu reinado glorioso intentára levantar as artes no seu reino, á similhança dos principes de Italia.

Anterior á influencia do estylo manoelino é com certeza, porque nenhum vestigio lhe resta de a haver soffrido. A sua origem, com fontes seguras de inspiração italiana, deve integrar-se no acordar florentino da Renascença, vindo a ser assim um exemplar unico de vivenda cam-

pestre portugueza na decadencia do gotico medieval.

Annos mais tarde, o palacio de D. Brites foi adquirido aos Villa Reaes pelo filho de Affonso de Albuquerque, o mesmo que construiu em Lisboa a *casa dos bicos*, reproducção em miniatura do celebre palacio dos *Diamantes*, em Ferrara.

Tendo Albuquerque viajado pela Italia e trazido para a patria rude o gosto requintado do fausto, julgou a sua vivenda um pouco despida de enfeites. Restaurou-a, enriqueceu-a com majolicas de Della Robia, empregando nas decorações das *loggias*, alegretes de jardins, pavilhões e galerias, os frisos, os paineis e os medalhões de barro esmaltado, que por inteiro a coloriram, sobrepondo-lhe um caracter mourisco á physionomia italiana.

No seculo XVI, restaurada por Albuquerque, a Bacalhôa, que então se chamaria ainda a quinta da *Condestabelessa* ou *Villa Fresca*, á italiana, deveria ser a mais sumptuosa e nobre vivenda campestre de todo o reino. E hoje ainda, passados quatro seculos, outra não conheço com a sua elegancia, ao mesmo tempo grave e deleitosa de solar, as suas sábias combinações de horisonte e de sombra, de remanso e recreio.

Tal é, em resumida descripção, o palacio adquirido recentemente por el-rei nos arredores de Setubal.

XIV

Um cortejador de damas — O Cyrano de Bergerac portuguez — *Carta de Guia de Casados* — A influencia social da mulher — *Cosinhas Economicas* — *Assistencia aos Tuberculosos* — *Dispensarios de creanças* — A senhora duqueza de Palmella — Uma afilhada de reis — A fidalga — A esculptora — A amiga da Sarah e da Duse — O baile na legação dos Estados-Unidos — A *fée du logis* — As fanfarras do *Maine* e do *Kearsage*.

Grande valor podia presumir n'estas cartas desprimorosas, se o houvera de avaliar pelo preço com que m'as pagou uma mulher desconhecida, escrevendo-me e interessando n'ellas a sua curiosidade de borboleta.

E digo de borboleta — e n'isso está o maior apreço em que a tenho, — porque, á sua similhança, a curiosidade das mulheres é buliçosa, inquieta e voluvel, não esperando que tão grande cuidado lhe merecesse o que eu escrevo.

Pergunta-me a minha correspondente anonyma quem é esse D. Francisco Manoel, cuja memoria eu evocava n'uma das ultimas cartas com os epithetos, sempre prestigiosos para as mulheres, de infeliz e gentilissimo. E essa pergunta

faz-me reflectir com tristeza no esquecimento e na ingratidão humanos! Ha, pois, em Portugal uma mulher — talvez innumeraveis mulheres — que ignoram quem foi n'este mundo D. Francisco Manoel!

D. Francisco Manoel de Mello foi, minha senhora, o mais galante dos cortezãos e dos poetas portuguezes do seculo XVII e nenhum, com certeza, mais do que elle honrou e serviu a mulher e mais por ella soffreu em recompensa de bem a haver servido. Da linhagem idealista d'esse magnifico Cyrano de Bergerac, que toda a senhora portugueza a estas horas conhece dos versos de Rostand, D. Francisco teve, como o seu irmão heroico de França, o talento abundante e a bravura destemida, e mais do que elle a prestigiosa belleza do rosto e a gentileza do porte. Espada agil de duellista, espirito penetrante de diplomata, philosopho e poeta, estrategico e polyglota, soldado nas horas de perigo, almirante nas occasiões, primoroso e elegantissimo de maneiras, parente dos reis no sangue e rival dos reis no amor, D. Francisco Manoel de Mello foi, na gloria e na desgraça, no successo e no infortunio, acima d'isso tudo, o mais seductor, o mais galante, o mais discreto, o mais irresistivel cortejador das damas. Isso bastava para que a sympathia da mulher o acompanhasse na morte.

Ao triumpho e á gloria das armas, preferiu

o galanteio. Ao fausto, á evidencia e ás honras das embaixadas, preferiu o mysterio, os segredos e os perigos do amor. Adulado como um principe nas côrtes de Luiz XIV e Filippe IV, por toda a parte o seguia a saudade de Portugal e da portugueza.

Nunca o fascinaram as honras que os monarchas concedem aos servidores. Melhor premio encontrou sempre para as suas acções no amor e no agrado das mulheres. Conduzindo a Lisboa as esquadras da Hollanda, governando na Catalunha, conspirando em Madrid, combatendo no Alemtejo com fôro humilde de soldado, mestre de campo na Flandres, companheiro dos principes palatinos na Inglaterra, D. Francisco Manoel mais que tudo prezou a sua condição de amoroso e de poeta, desdenhando a honraria depois de commettido o heroismo, esquecendo-se do galardão depois de prestado o serviço. Era sempre o primeiro a arremetter no perigo e o primeiro a retirar na victoria. Parente dos soberanos, elle era servo de todas as mulheres. Nunca fez antesala com ambiciosos, nem andou enredado nas intrigas dos paços. Onde quer que assomasse a belleza e a graça, era ahi que elle estava. Nunca a sua capa de cortezão cobriu o lisongeiro, mas muitas vezes occultou o namorado. O seu talento chegou para a gloria de dous paizes rivaes; mas faltou-lhe a gratidão das mulheres para o arrancar do carcere. Espadachim no bom sentido,

lettrado á velha maneira, elle foi a mais gentil encarnação da galanteria viril no seu seculo. É esse o homem, a um tempo brilhante e profundo, devaneador e philosopho, que escreveu na sua prisão da Torre Velha a «Carta de guia de casados», dedicada a seu primo, alcaide-mór de Lamego e trinchante de Sua Magestade. Mas qual é hoje a mulher portugueza que lê a «Carta de guia de casados» e lhe não prefere uma das cem baronezas de Staffe, que andam annunciadas nos jornaes de modas e figurinos, publicados em Paris?

Longe me levaria o panegirico de D. Francisco Manoel. A sua sombra cavalheirosa é demasiado grande para caber no espaço exiguo de uma carta, de natureza frivola, a que é indispensavel dar a leveza capaz de acompanhar no vôo o interesse caprichoso e inconstante da mulher.

A mulher portugueza esquece os poetas, o que é mau. Mas recorda-se carinhosamente dos pobres, o que é optimo.

Ha poucos dias ainda, visitando a Cosinha Economica da Ribeira Velha, pude observar de perto, com a persuasão que impõe um grande exemplo, o quanto a influencia da mulher é já consideravel nas sociedades modernas, para contrabalançar o egoismo cada vez mais aspero do homem, na lucta pela vida, cada vez mais encarniçada e implacavel, entre os poderosos e

os fracos, entre os omnipotentes e os desvalidos.

Ninguem póde ficar indifferente ao espectaculo commovedor de toda a caridade e todo o summo bem com que a mulher portugueza, desde a installação dos asylos medievaes para leprosos e a creação, na *Renascença*, das Misericordias, tem até hoje, n'uma onda de luz e affagos, procurado refrigerar a ulcera causticante da miseria.

Desde a instituição da *Assistencia aos tuberculosos* e *Dispensarios de creanças*, que hão-de ser na historia a mais resplandecente corôa de gloria da rainha D. Amelia, até á instituição das *Cosinhas Economicas*, que bastariam para dar proporções de nobilissima grandeza á figura preponderante da senhora duqueza de Palmella, a caridade deixa da sua salutar influencia em Portugal, no seculo XIX, os mais perduraveis monumentos, construidos pela mão fragil da mulher. Todos aquelles para quem a vida foi inclemente e ainda todos a quem interessa o bem da humanidade devem beijar com devoção e reconhecimento a feminina mão bemfazeja e caridosa, que tantas victimas tem levantado entre os massacres e as batalhas da vida moderna.

As Cosinhas Economicas são o exemplo mais impressionante da caridade disciplinada e reflectida, contada já como um factor social nas sociedades contemporaneas.

Assim praticada, a caridade deixa de constituir a ostentosa distribuição do superfluo pelo indigente, com a mira interesseira nas recompensas divinas, e reveste o aspecto de uma funcção social, indicativa de uma elevação moralisadora e progressiva.

Ninguem ignora que é, sobretudo, á senhora duqueza de Palmella, que a população pobre de Lisboa deve esses verdadeiros *restaurantes* da miseria, reguladores da economia domestica nas classes proletarias de toda a Europa. Mas, para ajuizar do concurso de intelligencia e energia viril, reunidas no coração d'essa nobre senhora, para crear e manter, na quasi absoluta independencia de auxilios officiaes, essa instituição dispendiosa, de administração complexa e difficil, torna-se necessario vêr de perto, como eu tive occasião de observar, o absorvente zêlo communicativo, a infatigavel tenacidade, o suggestivo enthusiasmo que ella põe no interesse da sua obra.

A senhora duqueza de Palmella occupa, incontestavelmente, na sociedade portugueza, o proeminente logar que destinavam o nascimento e os superiores talentos de mulher a essa afilhada de reis.

Depois das rainhas, essa nobre figura, primeira na côrte pela hierarchia dos cargos palacianos, é ainda a primeira entre as senhoras do seu paiz e do seu tempo, pelas suas grandes

maneiras de princeza, a vasta cultura do espirito e pelo uso elevado que faz da sua fortuna e da sua poderosa influencia mundana.

Ella é, n'uma sociedade atada ainda de preconceitos, onde a mulher domina apenas pela seducção do sexo, o producto requintado de uma civilisação superior.

Esculptora, amiga dilecta de artistas, protectora generosa das artes, sensivel a todas as manifestações da belleza, essa nobre senhora destaca e domina na sociedade portugueza do fim do seculo XIX e principios do seculo XX, de fórma a embaraçar um escriptor na procura de um exemplo de dominação identica ou similhante.

É a essa accentuada e instinctiva attracção pela belleza, que tanto a caracterisa, nas suas fórmas superiores da esthetica e da plastica, — educada ainda pelas viagens e pelo trabalho disciplinador do *atelier*, — que mais se devem attribuir as admirações da esculptora pela Sarah e pela Duse, as duas maiores estatuarias do gesto, dous maravilhosos *modelos* animados pelo genio, cuja missão na vida parece ser a de redimir o corpo humano das suas imperfeições, convertendo-o n'uma obra prima de contornos e de linhas, movendo-se com a gracilidade das aves do paraizo ou com a imponencia das Venus classicas da Grecia. É esse mesmo amor apaixonado pela belleza que dirigiu, em busca

da perfeição, o escôpro e o cinzel nas suas mãos fidalgas, e a entreteve a amassar e modelar o barro no seu *atelier*.

Todos os esculptores portuguezes lhe foram particularmente affeiçoados. Todos mereceram a essa nobre camarada o mais desvelado auxilio. Os artistas devem-lhe, n'este meio utilitario e desdenhoso, o grande prestigio da sua amisade viril de companheira, como a pobreza lhe deve, n'esta hora amarga e egoista, o pão barato, o alimento maximo para a exiguidade da féria, o equilibrio do lar pobre, a grande esmola digna, que se recebe sem affronta e se prodigalisa sem arrogancia.

As cinco Cosinhas Economicas, que a senhora duqueza de Palmella fez construir nos bairros populosos e pobres de Lisboa, são verdadeiros monumentos de caridade, que só por si bastavam para a fazer duqueza, se ella já o não fosse.

O operario entra alli de chapeu na cabeça, e quando estende a mão para a esmola, na palma d'essa mão callosa do trabalho reluz a moeda de cobre, que serve apenas para occultar a humilhação do beneficio. O operario compra. É a historia maravilhosa do ovo por um real. Mas que importa? A miseria mal sabe o preço ás cousas. Muitos famintos hão-de pensar que as Cosinhas Economicas são um commercio, talvez mesmo um commercio lucrativo, rival feliz das

tavernas, e que o seu cobre exiguo é o preço exorbitante do alimento com que lhe matam a fome.

Demais o sabe a senhora duqueza de Palmella. A sua caridade estimaria poder levar esse convencimento absurdo a todos os lares miseraveis, a todas as officinas, ás fabricas, aos arsenaes, a toda a parte onde o pobre trabalha e padece. As doutrinas de reivindicação social abalaram a humildade ancestral do proletario, abrindo uma valvula de orgulho á sua dependencia de assalariado. É necessario que a esmola lhe seja dispensada pelos mesmos processos ardilosos—e n'este caso magnanimos—com que se dão os remedios amargos ás creanças.

N'esses arejados restaurantes, o pobre póde permittir-se a irreverencia, abancar sem vigilancia, devorar a tijella de caldo com os cotovellos na mesa, o chapeu para a nuca, o cigarro atrás da orelha.

Para sustentar essa dispendiosa caridade, era indispensavel um animo viril, uma vontade energica e tenaz, a elevada e altruista consciencia da obra meritoria e esse prestigio culminante, esses recursos de habilidade e de talento, de fortuna e de constancia, que são, a par da excepcional intelligencia, as qualidades distinctivas da grande e nobre senhora, a quem a pobreza de Lisboa tanto deve.

O seu exemplo devia tentar o caridoso cora-

ção da mulher portuense. Com a demolição do velho bairro das Carmelitas, vae desapparecer a unica Cosinha Economica do Porto, cuja deslocação d'esse logar improprio desde ha muito se impunha, desviada, como ficava, dos centros proletarios e fabris. Campanhã, a Alfandega, Cedofeita e Bomfim são os quatro grandes centros operarios naturalmente indicados para a installação d'essas verdadeiras casas de caridade. Não é sem um arrepio de terror e um abalo de piedade, que lembro á mulher portuense a assustadora mortalidade das classes proletarias do Porto, que a ultima *grève* veio pôr mais uma vez em evidencia com os seus quadros de dramatica miseria. A inexgotavel piedade da mulher portuense, que tanto ouro despeja annualmente n'esse sorvedouro da caridade, lucraria, para beneficio d'essa mesma miseria, em ser devidamente disciplinada.

Os pobres, como as creanças, são prodigos. A pobreza carece tanto de ser tutellada como de ser protegida. Os que teem pouco administram-se sempre mal. Não basta dispensar a esmola. É indispensavel vigiar a applicação que a imprevidencia da miseria lhe vae dar.

Agora, no verão, quando começa o despovoamento das cidades, é quando mais padecem os desvalidos. É esse o defeito maior da caridade individual. Cessa com o individuo. Os poderosos e os ricos não podem levar comsigo os

seus protegidos anonymos. A lancinante crise da miseria principia com os dias de sol, quando a vida é mais bella e tentadora.

Lisboa já anda na sua mudança, emigrando para Cintra, para as thermas, para os arrabaldes e para as quintas. O baile de hontem, no palacio da legação dos Estados-Unidos, fechou a grande série de festas d'este inverno como um ultimo quadro sensacional de magica.

No salão Luiz XV, illuminado pelos quatro magnificos lustres de Veneza, e onde foram dispostas, sob um docel de palmeiras, as cadeiras para o rei, o infante e as rainhas; na maravilhosa sala Luiz XVI e na antiga sala de bilhar do sr. marquez da Foz dansou-se até ás primeiras luzes da aurora. O aspecto de todo o palacio, com a sua abundante illuminação electrica, a banda de musica do couraçado *Kearsarge*, fardada de vermelho, tocando no vestibulo, os soldados de infantaria de marinha formados na escadaria, era verdadeiramente deslumbrante.

Nenhuma casa de Lisboa se poderia prestar, como o palacio da praça dos Restauradores, pelas suas proporções e pelo seu esplendor decorativo, a festa similhante. É necessario remontar a corrente dos annos e evocar os bailes dos marquezes de Vianna e Penafiel, dos condes de Carvalhal e de Farrobo, para, com dispendio consideravel de imaginação e phantasia, encon-

trar exemplos de solemnidades mundanas com tal brilho.

Quando ao voltar a soberba escadaria de marmore, com as suas grades de ferro forjado, se entrava nos salões, entre a onda multicôr dos vestidos e fardas, o resplendor das joias e dos lustres, a reverberação luminosa dos espelhos, ao som das fanfarras do *Maine* e do *Kearsarge*, e nos recebia *miss* Bryan, com os seus cabellos louros, as suas feições finas e o seu vestido encantador, preso aos hombros por festões de rosas, ella era, realmente, n'esse deslumbrante scenario, a *fée du logis*, e quasi surprehendia não se lhe vêr na mão a varinha magica.

Mas agora, por uns cinco mezes, os lustres dos salões de Lisboa vão ficar apagados. A Lisboa que se diverte mudou hoje a sua residencia official para Cintra. O calor é cada vez maior. Asphyxia-se. E é com uma saudade mais triste que nos lembra o paiz dos arvoredos, das montanhas e das romarias, a nunca esquecida terra do norte, para onde incessantemente caminham, sem nunca lograr alcançal-a, as minhas aspirações de socego e de paz...

XV

A exposição pecuaria em Villa Franca — Uma viagem em automovel — Cincoenta kilometros á hora — A estrada militar — Sacavem — Ribatejo — O lavrador do norte e o lavrador do Sul — Os grandes senhores agrarios — Os Palha-Blanco, Barahona, Cadaval e Lafões — Carlos Relvas — D. Caetano de Bragança — Os veados da Torre Bella — José Palha — O palacio do Dáfundo — A condessa da Foz — Fernando Palha — D. José Coutinho — O duque de Albuquerque — O duque de Loulé — Um jantar portuguez — Uma tourada nocturna no Ribatejo — As varinas — Vespera de Santo Antonio.

São duas horas e a distribuição dos premios é ás quatro — tempo de sobra para vencer os cincoenta kilometros de estrada, que separam Villa Franca de Xira de Lisboa.

Através as ruas da cidade, o automovel avança, com seus infatigaveis musculos de aço em movimento ás rapidissimas explosões da gazolina, espantando os cavallos, abrindo á frente uma clareira de panico. Descida a calçada ingreme da Estrella, passa como um relampago em frente ao edificio das côrtes, sóbe a rua declivosa de S. Bento, envereda pela rua Alexandre Herculano, direito ás avenidas, devorando terreno, como a locomotiva de um *rapido* em plena recta, enfia em dous minutos a avenida occidental do

Campo Grande, toda perfumada pela resina dos pinheiros, toma a estrada do Lumiar, entre grades, portões e paredes de quintas, enfestoadas de hera, glycinias, roseiras e madresilvas, e, obliquando, vae cahir na estrada militar, arborisada de mimosas, platanos e acacias, onde as cigarras cantam com estridor ao sol de junho. Uma poeirada vermelha ascende e vôa na deslocação formidavel de ar, que a machina trepidante vae causando. É necessario enterrar a *casquete* até á nuca, fechar os olhos, agazalhar o peito, para resistir ao furacão veloz que nos arrasta, ante as sentinellas attonitas, pelos meandros sinuosos da pequena montanha, com destino ao valle de Sacavem. Mas eis que de repente ha que abandonar a estrada militar e encaminhar sem hesitações o automovel para uma especie de estrada prehistorica, construida para a viação remansosa da liteira, por onde o prodigioso vehiculo vae aos saltos. E, durante uma hora, indispensavel é dansar esse *cake walk* furibundo, aprender com habilidades de equilibrio, dignas de um circo, a poupar quanto possivel as articulações e as visceras, erguendo-nos á visinhança de cada sub-roda, de atalaya a cada pulo de kanguru do monstro corredor. A impressão é de que vamos sendo vasculhados por uma formidavel machina de bater ovos! Quasi se tem saudades do carroção!

Estamos agora em pleno Ribatejo agricola

e creador. A estrada segue á vista do rio, perpendicular sempre á via ferrea, e o panorama de aguas e lezirias, por onde deslisam as fragatas de velas côr de laranja e onde apascentam as manadas e os rebanhos, é quanto mais possivel grandioso, de uma grandeza serena, em que se confundem céo e aguas, tonalidades verdes e ceruleas, manchas douradas de restolhos e estrias velludosas de luzerna.

Atravessa-se a villa de Azambuja, e já a cada momento, na estrada, é necessario diminuir a marcha do automovel, para deixar passar os rebanhos de ovelhas e carneiros, as manadas de potros e eguas, conduzidas á vara por campinos a cavallo, de barrete vermelho e meia branca, jaleca ao hombro, erectos nas sellas mouriscas. São homens altos e seccos, pernaltas com musculos de cavalleiros, a face moura, os matacões tufando da carapuça, o mento e o labio superior escanhoados, que do alto do cavallo sorriem com desdem para o nosso vehiculo hyper-civilisado.

Divisa-se ao longe Villa Franca, de frente com os velhos dominios do Infantado. Como um bando de aves multicolores, voando em circulo, as bandeirolas da praça de touros palpitam no céo azul, infladas pelas aragens do grande rio. Estalam foguetes. É mais densa a nuvem de poeira, erguida sob os pneumaticos trepidantes. Ouve-se um vozear de povoleu,

quasi alli proximo, e em dez minutos, o automovel estaca em plena feira, entre o mugido dos bois, o trinir dos cavallos, o balar das ovelhas.

O sol escalda. O Tejo, ao longe, rebrilha como uma toalha de mercurio á incidencia do sol ainda a prumo. Um borborinho espalha-se até aos confins do grande campo e a mesma sensação de surpreza nos domina, como quando, o anno passado, acompanhamos el rei na sua visita á exposição pecuaria de Evora.

O proprietario agricola do norte, na sua maior parte bacharel, medico ou politico, não tem uma physionomia propria, que o distinga entre a multidão das cidades onde vive. As lavouras minhota e duriense não absorvem a vida do homem totalmente; deixam-no, ao contrario, emancipar-se do labor agricola quotidiano e repartir por occupações diversas as suas faculdades de energia e de trabalho. A desvinculação das grandes casas foi um golpe mortal nas dynastias agricolas do norte: afugentou para os grandes centros as familias radicadas ao sólo havia seculos. Impossivel seria reunir hoje no Minho, Douro ou Trás-os-Montes, na mão e no poder de um homem só, a opulencia agraria das familias Palha Blanco ou Barahona.

A figura do lavrador do sul conserva essa grandeza de imperativo senhor, sem ademanes, subtrahido de todo á influencia niveladora das

cidades, generoso com singeleza, hospitaleiro sem affectação, poderoso sem arrogancia, que foi sempre o distinctivo da nobreza provinciana. A convivencia com as populações agricolas deu-lhe a simplicidade. O uso hereditario do mando familiarisou-o com essa destruidora consciencia do poder, que faz habitualmente dos *parvenus* despostas e tyrannos incorrigiveis. São benevolos e viris, indulgentes e energicos, da unica especie sobrevivente dos patriarchas, picando touros aos sessenta annos, como Carlos Relvas, passando a vida a galopar atrás dos veados da Torre Bella, como D. Caetano de Bragança.

Vistos de longe, esses grandes senhores, que encelleiram nos annos fartos quatro mil moios de trigo e apascentam mil cabeças de gado, teem o aspecto sertanejo de rusticos bisonhos, frugaes e concentrados.

José Palha Blanco, o mais abastado lavrador do Ribatejo, é, com o seu chapéu de aba larga, a face queimada pelo sol da leziria e os hombros possantes — a imagem nobre d'esses grandes senhores de terras.

A familia Palha encontra-se em todo o periodo liberal, desde 1833, intimamente ligada pelas relações de parentesco e recursos de fortuna a essa sociedade brilhante, que durante quarenta annos desenrolou prodigamente novellos de ouro através os reinados de D. Maria II e D. Pedro V.

No seu palacio do Dáfundo, os Palhas foram émulos do Farrobo. No seu theatro representaram peças de Garrett a condessa da Foz, D. Laura Blanco, D. Thereza Botelho, D. Luiz da Camara Leme, Francisco Palha, Antonio Pereira da Cunha: todas as lindas mulheres e todos os *leões* do tempo. Ainda recentemente, Fernando Palha dominou na sociedade de Lisboa, no seu duplo aspecto de erudito e de mundano, pela irresistivel attracção do seu espirito brilhante de artista — ultimo principe reinante d'essa dynastia de janotas e de estroinas, a que pertenceram D. José Coutinho de Lencastre, Antonio da Cunha, o duque de Albuquerque, D. José e D. Fernando da Camara Leme, Francisco Palha, Alexandre Villar de Perdizes e o duque de Loulé.

Essa tradição de opulencia e de gosto vamos nós encontral-a, ainda intacta, no palacio do sr. José Palha Blanco, vendo o *ganadero* cercado do luxo de um artista, adornando as suas salas com quadros de Ribera e de Velasquez, cercando a sua casa com o perfume de mil laranjeiras, transportando para o silhar do seu vestibulo azulejos do seculo XVI.

É necessario vêl-o na feira, entre os seus maioraes e campinos, como um lavrador apenas entendido de gados, e vêl-o depois fazendo as honras da sua casa, com a mesma ausencia de affectação com que exhibiu os seus touros — rivaes dos de Miura e Veraguas — para

totalmente comprehender o homem e admiral-o.

A pulverisação d'essas casas poderosas será um verdadeiro prejuizo para a nação.

Em periodos proximos, os vastos dominios dos Barahonas, dos Palha Blanco, dos Cadavaes, Lafões e Maria dos Santos estarão divididos por descendentes numerosos, parcellados em herdeiros diversos, que não poderão abrir canaes de irrigação, plantar vinhas de dous milhões de pés, comprar cavallos arabes ás duzias, alimentar no campo mil trabalhadores, pagar semanalmente tres contos de réis de ferias, povoar as charnecas desertas de Casa Branca, transformar em campos fecundos os terrenos maninhos.

Por agora, elles substituem-se ao Estado, são verdadeiros principes nas suas terras, concertam as estradas, reedificam as egrejas, dão trabalho a populações innumeraveis.

A grande lavoura do sul é o derradeiro refugio do fidalgo. As suas qualidades brilhantes de cavalheirismo, de generosidade e de bravura, o magnetico prestigio historico, as tradições de omnipotencia e galhardia, são o segredo d'estas dominações regionaes, d'estas realezas de familias, n'um paiz onde o servo é ainda soberbo e de domesticidade difficil, conservando noções de pundonor e altivez, communs a todos os povos das planicies.

Como em Evora, a *Salamanca* portugueza, esta visita a Villa Franca resumiu para mim, pobre lavrador minhoto, n'um quadro de synthese poderosa, a vida das lavouras ribatejanas. Esses campinos e abegões, ostentando o escudo de armas dos seus senhores na chapa de prata da jaleca, galopando na leziria, entre os cabrestos, atrás do touro bravo, com o pampilho no estribo mourisco; esses maioraes de suissa grisalha e meia branca, vassallos fieis e velhos, a quem o amo aperta a mão; e sobretudo esses amos, que marcam com o timbre das armas a alcatra dos seus touros, que recebem os reis nos seus solares, que vendem curros de morte para Hespanha, que protegem as artes, que fazem as suas lavouras com locomoveis, illuminam a luz electrica as adegas e se entreteem nas horas vagas a plantar pomares de mil laranjeiras, a crear *poneys* para os netos ou a construir theatros dispendiosos para os doar ás cidades da provincia, são a mais authentica nobreza agricola de Portugal.

O palacio dos Palha Blanco, edificado pelo actual representante da familia, na herdade das Areias, proximo a Villa Franca, avista-se do caminho de ferro. É no genero inglez, cercado de um parque, construido sobre um *panno de fundo* de arvoredo e dominando, do alto dos seus terraços e torreões, as propriedades vastissimas dos senhorios, as lezirias e *mouchões*, onde

pastam os cavallos e os touros, os campos onde aloiram os trigos, os vinhedos extensos, os pomares e hortas regados de agua, a planicie interminavel, que vae de Azambuja a Santarem, de Santarem á Gollegã, da Gollegã a Pombalinho, Reguengo, Vallada e Arrepiado, d'ahi a Mugem, Salvaterra e Benavente.

Um vestibulo de entrada, adornado com cabeças de touros e silhar de azulejos portuguezes antigos, illuminado por um grande lampeão de ferro forjado, abre para a sala magnifica, cujas janellas dão ingresso ao terraço amplo, de onde se abrange o surprehendente panorama do Tejo e das lezirias. Tem essa sala um rodapé de azulejos hespanhoes, estylo Renascença; o tecto é em madeira do mesmo estylo. Adornam-lhe as paredes um Ribera authentico, uma sumptuosa figura de mulher, forte e loura como uma flamenga, por um discipulo de Ticiano, e a cópia magnifica dos *Borrachos*, de Velasquez.

Os contadores de embutidos da India, os buffetes, armarios hollandezes, louças da China, Sèvres, Saxe, Wedgwood, Frakenthal, completam o ornamento d'essa sala, onde uma grande sciencia de conforto espalhou cadeiras commodas, de marroquim e verga, sophás, *chaises-longues* e divans por toda a parte onde o *abat-jour* de um candieiro ou a proximidade de uma mesa — em que ha illustrações inglezas, perfumes de flôres e livros francezes — convidam á quietação

e á leitura. Na sala de jantar, que fica proxima, a mesma nobre disposição no adorno e uma elegancia mais sobria de linhas architectonicas deixam uma impressão de luxo severo, com os seus aparadores de carvalho com baixos-relevos de bronze, a mesa adornada de flôres e louça da India, onde nos servem um jantar portuguez, reliquia d'esses banquetes de que falla, com admiração e enthusiasmo, o epicurista lord Beckford nas suas cartas.

Vão entretanto cahindo lentamente dos céos illuminados de astros as sombras de uma noute de verão.

São horas da tourada: uma tourada nocturna, á luz clara dos arcos voltaicos! E, de novo, a trote dos lindos cavallos luso-andaluzes, fazemos o caminho de Villa Franca, para assistir ao espectaculo inolvidavel de uma tourada no Ribatejo.

É necessario vêr um amphitheatro a trasbordar de gente da Borda de Agua, extremenhos de leziria e campinos ribatejanos, maioraes e *ganaderos*, para ter a nitida impressão do espectaculo magnifico e poder integral-o entre as mais portuguezas das diversões populares da nossa terra. A excitação e communicativa alegria d'esse publico, assistindo ao torneio de destreza e de arrojo, em que o homem brinca com uma fera e a subjuga com um trapo vermelho, só se encontra no redondel alemtejano, com este

espectador, que viu nascer, crescer e pastar o touro, que o marcou na *ferra* quando novilho, que lhe experimentou a força adolescente na *tenta*, quando garraio, que correu atraz d'elle nas lezirias entre os cabrestos. O touro é exhibido, como um emocionante espectaculo, a um publico que lhe conhece o nome, a raça, a padreação. E é bello observar a offegante anciedade d'esse espectador, que se ergue nas bancadas, agita a carapuça, applaude e apupa, faz vaticinios e dá conselhos, se exaspera e se enthusiasma. Em redor d'elle, a mulher e os filhos dilatam com interesse os olhos fulvos e toda a familia, nascida e medrada no mesmo sólo uberrimo, que as manadas bravas retouçam todo o anno, á braza do sol e á inclemencia do inverno, acompanha ávidamente a lide de todo o curro, sem um afrouxar d'esse enthusiasmo com que saudou a entrada da quadrilha e o espirrar na arena do primeiro touro da corrida.

Está na praça toda a villa, á excepção da colonia ovarina, indifferente a esse espectaculo latino de um outro povo e de uma raça diversa, cujas predilecções não compartilha, a cujas alegrias não associa o interesse indulgente de um sorriso. Á hora em que as ovações erguem nas archibancadas aquelle publico excitado e meridional, as varinas começam a dormir, sonhando com o seu arraial do S. Paio da Torreira ou com os banhos do S. João na barra de Aveiro, no

deslisar dos *moliceiros* pela ria, nas aguas calmas do Vouga, nos *mercanteis* levados á vara, d'onde sobem os córos... E emquanto as varinas de Villa Franca dormem nos seus catres pobres, as varinas de Lisboa fazem a festa de Santo Antonio, dansando o *vira* no Rocio e na praça da Figueira até de madrugada, com uma resistencia de gymnastas, n'esse culto tradicional e archaico pela dansa, que ha mais de dous mil annos trouxeram do Oriente, nas súas aventurosas expedições mediterraneas.

São ellas, a dansar, que fazem a festa do santo casamenteiro. E é por gratidão que o bom santo, não querendo invadir as attribuições de S. Pedro e protejel-as na pesca e na venda do peixe, as faz tão airosas e tentadoras, para que a nenhuma falte namorado ou marido e todas tenham, na sua pobreza, a súa ração de sensuaes caricias e de estonteantes beijos...

XVI

Um artigo da sr.ª D. Maria Amalia — A *Éducation des Filles* por Monsenhor Dupanloup — O collegio religioso — A vida do collegio — As esposas de Christo educadoras das esposas dos homens — As futuras mães ensinadas pelas Virgens do Senhor — Os conventos galantes — *Bellechasse* fornecedor da guilhotina — A puberdade — O despreso pela vida corporal — Olhos cegos vigiando corações silenciosos — As santas confeccionando hypocritas — O extasis perante Deus — A indifferença pelo mundo — Os collegios de Inglaterra — O *Sacré Cœur* — Ruskin — O lar, escola da mulher.

A distinctissima escriptora sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, na sua ultima *Carta ás mães*, commentando, em periodos da mais alta belleza, a obra de monsenhor Dupanloup, *Education des Filles*, reduz, com poder de synthese surprehendente, ás proporções de um folhetim, a these magistralmente exposta de uma grande obra de psychologia feminina.

Á pressa, eu fui comprar e lêr o livro do monsenhor, á procura das revelações agudissimas, dignas de um Balzac, e que a illustre escriptora parecia attribuir ao prelado moralista, tão severo para com a educação religiosa.

Mas debalde, no decorrer das cartas finamente intelligentes do bispo de Orleans, pro-

curei o thema d'essas *variações* brilhantes de psychologia, compostas por uma *virtuose*, que tão maravilhosamente conhece os segredos d'esse instrumento delicado e complexo, que é a alma da mulher adolescente.

O folhetim vale mais do que o livro. Não precisava a sr.ª D. Maria Amalia de recorrer á *Education des Filles* para desenhar, com tão raras penetração e habilidade, as figuras da mestra religiosa e da sua discipula. Esse folhetim é uma pequena obra prima, que Maupassant leria duas vezes e obrigaria os Goncourt a retocar o perfil da *Chérie*. De ha muito, que o penetrante olhar da escriptora deve ter ido absorvendo e guardando no cerebro essas observações de uma acuidade e clareza notaveis, reduzindo-as a fórmulas litterarias, quasi aphoristicas, de uma altissima belleza e de uma precisão absoluta.

Com um vagar minucioso, de que só é capaz o cerebro feminino, a escriptora analysou a alma d'essas pequeninas mulheres, a quem o instincto ensinou uma tactica de dissimulação, que a piedosa candura das boas *irmãs* nunca presentiu no convivio do collegio. A que extremos de imprevisto attingiria essa analyse, se o thema do folhetim se alargasse ás proporções de um livro e a escriptora quizesse dotar a nossa escassa e pobre litteratura com um romance á maneira de Jeanne Schultz, dando-nos uma *Neuvaine de Colete* portugueza!

A sua fina satyra á educação da mulher é ainda realçada por uma nobre liberdade de pensamento e por um grande poder de raciocinio. N'esses rapidos e scintillantes periodos, ha os delineamentos de um processo educativo modelar e eu não sei senão applaudir com vehemencia toda a propaganda tendente a restituir á mãe e á familia a educação da mulher, indicando-lhe o lar como o melhor dos collegios. É no lar que mais se ha-de applicar de futuro a sua actividade. É n'essa escola que ella aprenderá a ser mestra.

A vida de collegio, uniforme e disciplinada, consegue, quando muito, adormecer, no torpôr da sua monotonia, os instinctos reconditos, a que as agitações inesperadas da existencia vão dar uma preponderancia decisiva. A educação religiosa, longe de educar as almas, adormenta-as. A disciplina transforma a pequena mulher n'um sêr inactivo e obediente, passivo e inerte, sem autonomia, que impossivel é descriminar do fresco bando de educandas, por tal fórma os mesmos habitos e a mesma regra as nivelou a todas, lhes creou similhanças apparentes. Cedo sequestradas do mundo, depressa absorvidas pelos exercicios espirituaes e pela ancia do paraizo, as religiosas são, no geral, grandes creanças ingenuas e candidas, desprendidas da terra, indifferentes por condição ao destino humano e social da mulher, incapazes de educar esposas e

mães:—tendo abdicado com desprezo dos prazeres terrenos do amor e das delicias puras da maternidade.

Em França, durante o seculo XVIII, alguns conventos, como l'*Abbaye-au-Bois*, *Panthémont*, *Bellechasse*, transformaram-se em verdadeiras escolas mundanas, dirigidas por abbadessas que se chamavam *madame* de Richelieu ou *madame* de la Rochefoucauld, e onde as filhas das primeiras familias aprendiam as grandes maneiras da côrte. Os mestres de dansa da Grande Opera iam lá dar lições e ensinar o minuete e as reverencias. As lindas e galantes mulheres, que esses mundanos conventos educaram para brilhar em Versailles e no Trianon, dizimou-as a guilhotina ou envelheceram no exilio. Esse é o unico exemplo historico de educação social ministrada pelas religiosas, que se entretinham a *confeccionar*, para consumo da côrte, mulheres frivolas, eruditas em etiqueta, que foram o orgulho e a ruina da monarchia franceza.

Hoje, as religiosas não ensinam a bailar e a fazer mesuras, a recitar Racine e a empoar o cabello.

Durante os quatro ou cinco annos de collegio, a creança aperfeiçoa-se na escripta e na leitura, aprende rudimentos pueris de arithmetica, desenho, geographia e historia, decora o cathecismo, faz prodigios no bastidor, confessa-se e communga todos os mezes ou todas as se-

manas, segue distrahida e indolente os exercicios religiosos quotidianos e a familia recebe dos braços das boas *irmãs* um enygma impenetravel, uma alma silenciosa e adormecida, que vae acordar subitamente para a vida com todos os seus defeitos originaes.

A religiosa conseguiu submettel-a ao regimen do collegio, domestical-a pela disciplina e pelo poder hypnotico do habito, tornal-a mansa e automata, mas nunca cuidou em descobrir o que jazia nos recessos d'aquelle seio infantil, na aurora d'aquelle cerebro, na ecclosão d'aquella alma, destinada a ser o centro de gravitação de uma futura familia.

Essa creança amanheceu um dia mulher e nenhum amoroso e esclarecido espirito a dirigiu por esse novo caminho, onde os seus passos incertos de adolescente se transviam. O mysterio da puberdade desabrocha nas profundidades mais occultas d'essas almas solitarias, e esse espreguiçamento de vida, esse rebentar de seiva primaveril, que deseja expandir-se em gommos e flôres, não vendo nenhum sol para que se estenda, reflue e concentra-se, desce de novo ás raizes. A nova mulherzinha tem crises de tristeza e de ternura, predilecções inesperadas, a paixão quasi amorosa por uma companheira até ahi indifferente ou por uma mestra até esse momento apenas respeitada. Um silencioso drama vae desenvolvendo as suas peripecias ri-

sonhas ou dolorosas entre esse bando alacre de raparigas. Absortas no céo, as religiosas continuam a ensinar a doutrina a esse côro de anjos distrahidos e enfadados, contagiando-os com o seu perigoso alheamento do mundo, cultivando-os como rosas a que basta o orvalho do céo. Periodicamente, um padre, director espiritual d'esse manso aviario, apavora-o com os hallucinatorios quadros do inferno, insinua-lhe o horror pelo homem — para quem a destina o seu sexo! —, o desprezo dos prazeres ephemeros — que hão-de ser na vida a compensação dos seus trabalhos! —, a insensibilidade em face da belleza — que é a mais nobre e elevada expressão da vida social! —, e o bando de donzellas recolhe as azas buliçosas, que saccudiam a alva pennugem para as viagens dos devaneios, e recahe, tremulo, no degrau do confessionario, batendo no peito as mãos contrictas de imaginarios peccados.

Da confusão que n'esses cerebros ainda rudimentares taes predicas produzem, é exemplo, o facto, hilariante e triste ao mesmo tempo, de uma menina se recusar a communungar, depois de confessada, pelo grave motivo de se haver entretido pela manhã a rilhar um agulheiro de osso!

Essa educação defeituosa é um verdadeiro curso de dissimulação para a creança. A hypocrisia é a doença dos concentrados. Aggravar

esse natural instincto da mulher, não é educal-a, é prevertel-a.

Costuma ser entre os dez e os quinze annos — o mais delicado periodo da vida feminina, em que a futura mulher está em laboração — que os paes abandonam as filhas e as confiam, os mais escrupulosos, á educação da religiosa. Longe de mim incriminar as boas *irmãs* de falsear a sua missão educadora.

Ellas fazem quanto podem e o maximo que nos é permittido exigir-lhes, dada a sua desistencia dos interesses terrenos e o afastamento em que vivem do mundo. Mas, por isso mesmo, — porque a sua condição de religiosas, não sendo um mysterio para ninguem, deveria pôr de sobreaviso os paes, — a ellas as absolve de todos os defeitos e incompetencias do seu unico possivel methodo de educação.

Alguem ousaria esperar que a religiosa, tendo abdicado de todos os deveres da vida social, abandonando a familia por Deus e a terra pelo céo, fosse a mais competente para preparar uma creança para a vida do lar e para a convivencia do homem?

Essa educação é sobretudo perigosa pela imagem falsa da vida que vae fixar n'esses cerebros infantis. A vida tem as suas exigencias imperiosas, as suas tempestades, os seus desastres e as suas miserias. A vida não é, infelizmente, esse eterno extase deante de Deus, essa paz

uniforme e essa quietação indestructivel, assegurada ás religiosas pelos dirigentes occultos das congregações e pela piedade generosa dos fieis. O alimento não cahe do céo no regaço das freiras e, só em troca da clausura, se podem obter essas existencias serenas, sem convulsões e sem catastrophes, para as quaes deve estar educado, com energia viril, o coração da mulher, exposta na vida, pela sua sensibilidade, ás maiores dôres humanas.

Seria injusto negar a influencia da virtude, da resignação e da bondade na educação das religiosas. Esses beneficios compensam largamente muitos males. Mas seria fazer injuria ás mães portuguezas o recusar-lhes o exemplo de uma virtude similhante e de uma bondade egual.

Indispensavel foi, na Inglaterra, aos collegios catholicos da congregação do *Sacré Cœur*, sobretudo depois da propaganda de Ruskin, seguir as pisadas dos grandes pensionarios protestantes, acceitando a collaboração do hygienista e do medico, alargando o periodo de férias, de fórma a sequestrar o minimo de tempo a creança da vida de familia, prodigalisando-lhe, no internato, os divertimentos maximos, compativeis com a applicação e o estudo, reduzindo as rezas, substituindo pela gymnastica os excessos do cathecismo, descendo, emfim, do céo á terra.

Para conseguir essa radical transformação no collegio catholico foi, porém, necessario o

contagio da civilisação ingleza e o incentivo de uma concorrencia perigosa, que ameaçava fazer passar o estreito ás religiosas do *Sacré Cœur.* Os collegios catholicos de Mount-Anville na Irlanda e de Rohampton e Lessen-Street na Inglaterra são hoje estabelecimentos modelos, edificados no meio de parques espaçosos e floridos, com salas de leitura e bibliotheca, installações balneares, aposentos para cada pensionista. Ahi se procuram harmonisar as necessidades da vida profana com os preconceitos da educação religiosa. Estabeleceram-se verdadeiros cursos domesticos, em que se ensina a costura, a cosinha e a economia. As educandas preparam-se para a maternidade protegendo cada uma a sua creança pobre, que vestem desde recem-nascidas, confeccionando-lhes antecipadamente o enxoval. Ellas mesmas vão á cidade fazer as suas compras, e á economia, como á applicação, se distribuem premios.

É duvidoso que, entre nós, algum dia se venham a estabelecer d'esses grandes collegios modelares, concebidos no sentido de approximar quanto possivel da vida de familia a vida do internato.

Mas quando mesmo esse collegio ideal, com que já sonhava Spencer — o inimigo dos collegios! — viesse a existir, eu não lhe encontraria superioridade alguma sobre a educação domestica, dirigida por uma intelligente e dedicada

mãe. A mulher nunca deveria sahir do lar. É elle que a educa e é para elle que se torna necessario o educal-a.

As mulheres, dizia Bossuet, lêem por vaidade, exactamente como se penteiam. A maxima parte da instrucção collegial é vaidosa e superflua, quando não é pueril e inutil. Para exercer uma influencia apreciavel sobre os homens modernos, os mais exigentes, o que é, sobretudo, indispensavel á mulher, é adestrar as suas faculdades de comprehensão. Importam pouco ao seu merito e á sua dignidade quaesquer presumiveis recursos de sciencia. O que importa no mais alto grau é que esteja educada em habitos de reflexão attenta, que comprehenda a significação e o alcance das cousas, que tenha noções claras e sólidas da vida.

Pouco importa o numero de situações geographicas de cidades que conheça, ou o numero de datas de acontecimentos historicos e o de personagens celebres que saiba de memoria. O fim da educação não é o de transformar uma mulher n'um diccionario. Pontear roupa póde valer mais que saber a historia do Egypto. Os conhecimentos normaes de uma mulher adquirem-se com facilidade pela leitura d'esses grandes depositarios de acontecimentos e de critica, que são os *magazines* e as revistas. Com seu auxilio podem-se seguir, de uma fórma synthetica, os acontecimentos do universo, a evolução

das sociedades e os progressos da sciencia. É licito accusar de superficial essa leitura para a exigente curiosidade do homem. Mas ella basta para interessar a mulher na vida ampla do mundo, captivando a sua attenção e preparando-a para acompanhar o homem na sua perpetua e anciosa investigação de todas as cousas.

É ainda pela permanencia no lar, pela incessante partilha das alegrias e dos prazeres, pelo constante exemplo do esforço e do trabalho, da união e do amor, que melhor se educa a esposa futura e melhor se prepara a futura mãe.

É por pensar assim que eu beijo com admiração e respeito a mão illustre, que ha oito dias escrevia estas phrases profundas, que eu quizera vêr lidas e meditadas em todos os lares portuguezes:

«Só á mãe cumpre, com desvello, carinho e abençoado esforço, que absorvendo-a toda, a salvaguarda pessoalmente de todo o mal, preparar sua filha, não para uma vaga e chimerica existencia de sonho, mas para a vida prática, a vida real, que a espera ao cabo d'esse periodo de preparação, que deve ser sempre um meio e nunca um fim.»

XVII

O sr. Barbosa Colen escrevendo a Historia do Portugal Contemporaneo — O marechal Saldanha — Um heroe de romance — A rehabilitação de um *condottieri* — O homem politico na Historia — A gloria de um ministro — A diffamação — A clientella politica — Os invejosos — Os intrigantes — Os parasitas — Os amigos — Uma obra que resiste á calumnia, á inveja e á maldade — Os ministros da Historia — Os ministros das occasiões.

Em paginas de uma grande belleza evocadora, o sr. Barbosa Colen levantou no conceito da historia o vulto batalhador e romanesco de Saldanha, no preciso momento em que, n'uma ceremonia por tantos motivos e por tantas circumstancias solemne, se assentava, em uma larga, arejada, rotunda da Lisboa moderna, a primeira pedra do monumento ao primeiro duque do Liberalismo.

Póde o sr. Barbosa Colen arrogar-se a gloria de haver rehabilitado, perante as modernas gerações, n'uma das mais bellas paginas da historia portugueza, essa magnifica figura, tão de feição para a idolatria da mocidade, e que o scepticismo de um escriptor prestigioso empa-

nara com desdens de satyra na sua feição menos brilhante de estadista. Saldanha foi um Napoleão condemnado a reprimir, a conflagrar e a dominar revoltas. Falta-lhe, é certo, a ampliação magestosa das luctas de povo a povo, das conquistas de imperios, dos gloriosos duellos de raças, dos arrogantes prelios de ambições. Mas, como o seu irmão mais velho, elle foi rei — porque é ser rei o haver podido sel-o e ter o energico poder de recusal-o, — e, como elle, conseguiu renovar, em pleno seculo XIX, a aventura heroica e consumir a vida em lances dramaticos e theatraes. Foi menor o seu palco, foi menor o seu genio. De accordo. Mas a propria desproporção os approxima. Um agitou as azas da sua gloria e da sua ambição sobre toda a terra; o outro esvoaçou sobre um pequeno paiz. Um foi a aguia vagabunda e poderosa, voando sobre os imperios, desalterando a sêde no Vistula e no Tibre, no Danubio e no Rheno, aguçando as garras nos cumes nevados dos Alpes, empoleirando-se nas corôas reaes da Prussia e da Austria e na propria thiara dos Papas. O outro foi aguia do mesmo ninho, mas domesticada por tradições de romanesca lealdade de gentilhomem.

Mas não é só esse general heroico e formoso, essa figura theatral e viril, que o historiador argucioso e penetrante exalta e rehabilita nas paginas modelares da sua obra. É ainda o

ministro, o homem de governo, que se levanta, sacudindo de si as maculas com que o desfigurou até ao grotesco o talento litterario e versatil de Oliveira Martins.

Devemos esperar que, no seguimento da sua historia, usando do seu poder intenso de synthese e dos seus grandes recursos de erudição, o sr. Barbosa Colen nos trace o integro perfil do estadista e nos revele toda a influencia de Saldanha nos acontecimentos politicos do reinado de D. Maria II. Essa será a parte difficil e escabrosa da sua obra de analyse detalhada.

O criterio historico despreza, de commum, os acontecimentos; desprende d'elles o homem e critica-o inflexivelmente pelas suas acções, quando o politico exige ser estudado, a par e passo, com os acontecimentos, que remota ou proximamente actuem nos seus actos.

Estou em crer que a quasi uniformidade de criterio, com que são julgados homens como Pombal, advem, sobretudo, dos culminantes acontecimentos, que evoca, indissoluvelmente, a sua memoria.

No geral, os homens politicos são pessimamente entrevistos á luz defeituosa da analyse historica. Um ministro apparece hoje ao historiador, já desfigurado pelas campanhas da imprensa, pelas hostilidades dos adversarios, pelas luctas insidiosas das facções. Entre o depoimento suspeito dos amigos e a diffamação inclemente dos

inimigos, o historiador hesita, embaraça-se e extravia-se.

Nas modernas sociedades politicas, complicadas por um individualismo excessivo de opinião, o homem de governo não é mais o arbitro preponderante, o dirigente dominador, imperativo, a cujos actos corresponda uma responsabilidade effectiva e pessoal. Esse cargo invejado de ministro da corôa implica uma tarefa quasi sempre ingloria, raras vezes retribuidora de consolos moraes, escassa de justiça, prodiga de fadigas. E, desde que a politica adquiriu o seu actual e pernicioso caracter de opportunismo, desde que os partidos pretenderam arrogar-se solidariedades na obra dos governos e principiaram a influir na marcha dos negocios, a iniciativa do homem politico apagou-se quasi por completo. Arrancar d'essa confusão, sem falsidades e impurezas, o homem de Estado contemporaneo, é trabalho que demanda exemplares recursos de imparcial criterio. Para escrever a historia minuciosa e fiel de um homem de governo, o de menos culminancia e influencia social, seria indispensavel a penetração genial de um Balzac, o poder analytico de um Taine, a abundancia e vigôr de phrase de um Camillo.

O ministro move-se a custo entre legiões de ambiciosos e parasitas, vê-se embaraçado em nuvens opacas de aduladores, preso em litigios furiosos de interesses; esgota-se na advocacia

esteril do seu partido, fatiga-se na extenuadora tarefa de conciliar as vaidades em lucta e fortalecer, á custa propria, os poderes dos grandes influentes.

É necessario dar uma batalha cada dia e afiar todas as manhãs as armas embotadas do combate da vespera. É necessario combater primeiro, audaciosamente, os inimigos e contraminar depois, dissimuladamente, as aggressões dos amigos. O inimigo tem isso de bom: recúa, quando é vencido. Em politica, o maior perigo é o amigo! O seu ataque principia sempre nas vesperas da victoria, para desbaratar o rival do dia seguinte ou para trucidar o dominador do dia proximo. Só os mediocres conseguem subir e prosperar sem hostilidade. Como a astros, que não téem luz propria, os chefes ajudam-nos na ascensão, para contemplar n'elles o reflexo do proprio brilho. É essa a razão principal da decadencia dos poderosos nas sociedades politicas modernas. A mediocridade ambiente suffoca-os. No dia em que carecem dos recursos de um homem de talento ou da garantia de um homem de caracter, apenas encontram de redor os imbecis condecorados, que elles apregoaram como homens de genio, e os aduladores de profissão, enriquecidos de benèsses, que elles exhibiram como homens austeros. Ao politico é necessaria a serenidade dos grandes desprezos e a indifferença dos grandes desdens. Como a esses

elephantes das Indias, que, aggredidos pelos tigres, se deitam sobre elles e os esmagam, é indispensavel ao homem de governo a inalteravel consciencia de uma grande força e, sobretudo, a resignação heroica perante a injustiça, tão grande como o desprendimento absoluto pelo premio. N'um paiz onde a administração é clamorosamente accusada de corrupta, homens ha que resignadamente reduziram o dispendio domestico para conseguir conciliar a austeridade da sua vida com as exigencias de um cargo de ministro. N'essas luctas impiedosas da politica, consumidoras das maiores energias, quantos homens de talento e de caracter têem improficuamente prodigalisado formidaveis esfórços, a fim de abrir brecha para a luz n'essas paredes compactas de interesses humanos e se esgotaram ingloriosamente e obscuramente n'essa tarefa asperrima!

Raros alcançam libertar-se d'essa suffocadora onda e reservar intactas as energias para a execução de obras perduraveis. Esses raros facilitam a obra dos historiadores e conseguem ligar a sua vida ao attestado historico dos acontecimentos. Contra esses podem impunemente desencadear-se as injurias. O depoimento dos seus actos é mais impressionante que a eloquencia dos seus detractores. Esses podem confiar na benignidade da historia.

As inclinações do meu coração determinam-

me, n'este momento, a assignalar na politica portugueza um d'esses estadistas, para quem a historia terá de ser, sem favor, elogiosa, tendo conseguido, com esforços suprehendentes de habilidade e de talento, desenlaçar-se da absorvente procuradoria dos partidarios e abrir brecha n'essa parede de homens, que de costume enclausura a iniciativa dos ministros. Refiro-me ao actual ministro das obras publicas (1) que d'aqui a poucas horas a capital do Minho vae receber com annunciadas acclamações de enthusiasmo. É uma consolação, a meio da indifferença com que o paiz, irresoluto e desanimado, segue os acontecimentos politicos, que mais influem na sua vida intima, vêr esse geral movimento de animação e esperança, que contagiou todas as provincias de Portugal, quando um ministro novo, inexperiente como homem de Estado, por natureza alheio e adverso ás impeditivas fórmulas burocraticas, affeiçoado por indole aos grandes e prestigiosos emprehendimentos, descuidado totalmente de fazer politica no gabinete e servir amigos nas secretarias, um dia appareceu servindo os povos, luctando por elles e reatando, emfim, essa tradição, já quasi apagada, do seu grupo politico, notabilisado, ha quarenta annos, pelas mais importantes medidas de fomento de que

(1) Conde de Paçô-Vieira.

um partido liberal se fizera até ahi executor. É agora, no seu esboço, no delineamento geral do seu programma, que melhor se póde admirar, em toda a sua iniciativa temeraria, esse projecto grandioso de trazer ao convivio dos grandes centros, de ligar intimamente ao futuro das capitaes, de approximar do littoral e dos portos, as regiões isoladas, promovendo e precipitando o desenvolvimento economico, augmentando as receitas do Estado, sem recurso ao imposto, e preparando o paiz para os sagrados compromissos do futuro! Eu quero crêr que a desconfiança e o temor dos mais scepticos, vendo n'esse projecto uma simples miragem, entre arriscada e impraticavel, de um ministro novo e audacioso, e a indifferença dos menos curiosos, que se satisfizeram com os relatos curtos das noticias, fragmentou por cada região directamente interessada o amplo e avido jubilo com que o paiz inteiro deveria ter procurado tomar conhecimento da obra corajosa e patriotica de um homem sem conhecimentos technicos especiaes de engenharia, como toda a gente um bacharel formado, novo e nobre — duas qualidades injustamente accusadas de parentas proximas do egoismo — e sobretudo com a pecha, ignominiosa n'um homem de governo, de tomar banho, vestir bem e ter sido um janota.

Nos proprios centros de actividade politica etiquetou-se, á pressa, de burla esse patriotico

e arrojado emprehendimento. Um homem eminente, carregado de serviços e de annos, embranquecido pela experiencia e pela idade, n'um momento de mau humor e de arrelia, atreveu-se a affirmar que esse projecto ia desfazer-se em bandeirolas eleitoraes, para maior desilusão das almas credulas. E o projecto, depois de uma campanha heroica, toda ferida nos bastidores da scena politica, é emfim votado e transformado em lei. Ficava o governo auctorisado a construir ao norte do Mondego a linha de circumvallação do Porto, com 15 kilometros de extensão, ligando o porto de Leixões directamente com as provincias do Minho e Douro; a linha do Pocinho a Miranda, com 120 kilometros, de custo avaliado em 1:800 contos, destinada a servir uma zona agricola e mineira, de 300:000 hectares de superficie, na provincia de Trás-os-Montes; a linha da Livração a Cavez, com 40 kilometros, avaliada em 600 contos; a linha da Regoa a Villa Franca das Naves, com 120 kilometros, calculada em 1:800 contos; e ainda o prolongamento da linha de Villa Real a Chaves. Ao sul do Mondego, a lei auctorisava a construcção dos 185 kilometros da linha do Sado, avaliados em 2:300 contos; a de Ponte do Sôr, com 100 kilometros, calculada em 1:300 contos; os 40 kilometros de Evora a Reguengos; os 23 kilometros de Extremoz a Villa Viçosa, além da construcção das estações centraes do Porto e Lisboa,

sem contar as auctorisações anteriores relativas ao ramal de Portimão, aos troços de Pias a Moura, do Barreiro a Cacilhas, de Faro a Villa Real de Santo Antonio, de Mirandella a Bragança, da Regoa a Chaves, ou seja uma totalidade de 2:000 kilometros de vias ferreas, incluindo as linhas, todas actualmente adjudicadas, do Alto Minho, do Valle do Lima, de Braga a Guimarães, de Guimarães a Fafe, da Alfandega do Porto a Leixões e do Valle do Vouga.

É esse, em conjuncto, o projecto grandioso, a estas horas em plena execução, e a que deve reunir-se em breve o vasto programma destinado á zona do centro.

Ás bandeirolas eleitoraes substituiu-se a azafama dos operarios. Acabados de construir, com celeridade prodigiosa, os troços de Pias a Moura, os ramaes de Portimão e de Faro, entraram em actividade as construcções das linhas de Olhão a Villa Real de Santo Antonio, da Regoa a Chaves, de Extremoz a Villa Viçosa, de Setubal á margem do Sado. Fizeram-se os alicerces da estação do Porto; adjudicaram-se as linhas do Alto Minho; contratou-se o prolongamento de Mirandella a Bragança; intimaram-se os concessionarios da linha do Valle do Vouga a accelerar os trabalhos de construcção.

Em poucos mezes, os comboios chegarão a Villla Real, a Bragança e a Villa Viçosa; em poucos dias, attingirão Villa Real de Santo An-

tonio e o porto de Tavira; em menos de um anno, transporão o Sado em Setubal e o Douro no Pocinho!

Mas, para pôr em movimento essas obras consideraveis, quanta lucta renhida se feriu, quanta energia se dispendeu, de quanta tenacidade foi necessario dar testemunho constante, sobre quantas hostilidades foi preciso avançar, para quantas amarguras foi indispensavel preparar o coração! Momentos houve em que a vaidade e a emulação ameaçaram travar a roda da fortuna. Aos interesses sagrados do paiz, por vezes pretenderam substituir-se as luctas mesquinhas das personalidades. Áquelles mesmos a quem se distribuiam os beneficios, era forçoso occultar as difficuldades de que elles vinham eriçados!

Esses novos caminhos de ferro do Minho, cuja proxima construcção a cidade de Braga hoje festeja, custaram horas crudelissimas, que nunca esquecerão, entre as mais amargas da vida, a quem tão apaixonadamente foi d'ellas o advogado pertinaz e o promotor generoso. Mas, na hora do triumpho, é preciso occultar as feridas, que a batalha custou.

Se já os engenheiros não inauguraram os trabalhos preliminares dos estudos de campo, é isso devido apenas ás negociações, sempre delicadas e morosas, que antecedem o projecto definitivo de uma linha destinada a cortar regiões

de montanha, a servir valles agricultados, onde a terra aravel tem que ser expropriada por preços elevados, e sobretudo ao impreterivel dever governativo de procurar pôr de accordo o interesse das povoações com as difficuldades technicas e economicas da construcção.

É facil calcular os beneficios, que hão-de resultar n'um futuro proximo, d'essas novas linhas de communicação accelerada, drenando para tres cidades florescentes do Minho as producções agricolas de dous grandes districtos e estabelecendo na primeira provincia portugueza — primeira, tanto na ordem chronologica e historica, como na producção das receitas, como no augmento da população, — uma excepcional facilidade nas relações e nas permutas.

São as grandes e tradicionaes qualidades do seu povo, a sua cordealidade extrema, o seu poder de expansão, a sua tenacidade pelo trabalho, a resistencia viril da sua raça, incessantemente elaboradas e desenvolvidas n'uma terra de promissão, regada de aguas e sombreada de arvoredos, que accumularam os maximos beneficios n'essa alegre e laboriosa provincia portugueza: a joia da corôa de Portugal.

Em toda a parte, o administrador mais attenção dispensa ao que mais lucros lhe assegura. As energias, como os capitaes, procuram occupações de que revertam beneficios. A administração publica, como a administração particular,

obedece a leis de economia immutaveis. Esses novos melhoramentos materiaes, com que o Minho se vai enriquecer, exclusivamente os deve á intensidade do seu trabalho e da sua vida, que garantiram ao capital uma remuneração e o attrahiram a si. Póde um caminho de ferro corresponder á necessidade imperiosa de abrir ao convivio mais intimo do commercio um grande mercado de producção, que o afastamento do consumo paralysa; póde a construcção de um caminho de ferro impôr-se aos sacrificios do thesouro pela necessidade de valorisar regiões depreciadas, onde a vida se estiola, ou pela indispensabilidade de assegurar a defeza do territorio pela penetração de linhas estrategicas, que consintam a mobilisação rapida dos exercitos. Mas n'esses casos, impõe-se a construcção por conta do Estado, a cuja missão reguladora da prosperidade e segurança dos povos incumbem essas operações dispendiosas. N'esse numero entra a maioria das linhas que o governo fez incluir no seu programma grandioso de construcção e cujas despezas presumiveis ascendem a 13:000 contos de réis.

O Minho — com excepção do prolongamento natural da linha de Valença a Monsão, — dispensou o sacrificio do Estado, doou a provincias mais pobres os recursos escassos do thesouro, que por direito lhe haviam de ser, na partilha, distribuidos, e confiadamente expôz ao capital a

riqueza agraria do seu solo, o labor da sua densa população, a importancia consideravel das suas industrias, dando como penhor do futuro a actividade millenaria do seu povo, os recursos inexgotaveis da sua iniciativa. É assim que o relatorio, que antecede o programma de concurso das linhas do Minho, é um documento de orgulho para toda a provincia, a acclamação official da sua força e do seu triumpho.

Por mais generosas que sejam as suas intenções, Braga vae acclamar-se hoje a si propria. A Historia acclamará mais tarde o ministro.

XVIII

O leilão do ministro de Hespanha — O publico dos leilões — Os *badauds* — Os exhibicionistas — O leilão do marquez da Foz — O palacio Penafiel — O sr. Polo de Barnabé — D. Paz Mendez Vigo — Uma dançarina infatigavel — O donaire da hespanhola — A sr.ª baroneza de Almeirim — Lisboa de verão — As mulheres bonitas.

Ao abrir d'este asphyxiante mez de agosto, quando Lisboa está em toda a parte menos em Lisboa, o leilão do ministro de Hespanha, D. Luiz Polo de Barnabé, podia ter sido quasi um acontecimento mundano, annunciado com a antecipação de oito dias, como um espectaculo sensacional, pelos leiloeiros, ou tanto vale dizer pelos emprezarios.

O leilão foi sempre um dos passatempos favoritos de Lisboa, com o seu publico especial de *bandauds* e curiosos, que não perdem occasião de espreitar a casa alheia e inventariar os recursos de conforto e de luxo d'essas familias, que o *carnet-mondain* das «Novidades» consagrou eminentes na sociedade portugueza, com a sua bisbilhotice elegante.

Esse vicio de impertinente curiosidade está

de tal fórma inveterado nos habitos da Lisboa burgueza, que pela época dos escriptos, quando meia cidade dansa essa quadrilha habitual da mudança de casa, se organisam caravanas de ociosos, entretidos, durante quinze dias, em devassar os lares, desde a sala de visitas á cosinha e do quarto de banho ao quarto das criadas.

N'esse publico especialissimo de leilões, ha sempre uma minoria, que licita e compra, incommodada e acotovellada por uma maioria, que vê comprar. Muito acima das raras emoções, que algumas vezes transformam em batalhas encarniçadas de vaidade e cobiça esse espectaculo banal, o lisboeta procura n'elle, sobretudo, esse outro prazer vicioso do exhibicionismo, vulgar nos habitantes das capitaes e que nos paizes pobres se substitue a esse outro vicio rico da ostentação. O lisboeta vae aos leilões mais para ser visto do que para vêr. As emprezas liquidadoras, os bazares de moveis, os *bric-à-bracs*, os especuladores e os *testas de ferro* absorveram quasi por completo a acquisição do objecto de valor, nos leilões. O espectaculo perdeu assim, por falta de actores, o seu maior interesse, para os que procuravam n'elle os lances theatraes das vaidades e das cubiças irritadas.

Inutil seria esperar vêr em Portugal um d'esses duellos famosos, feridos a montes de ouro, como o que se deu por occasião da venda da collecção Secrétan, o millionario fallido no *krach*

dos metaes, e onde a França e a America disputaram o «Angelus» de Millet, vendido pela somma fabulosa de quinhentos e tres mil francos! As raras preciosidades em poder dos particulares vendem-se hoje em transacções secretas ou não se vendem. Quando muito, de longe a longe, a arrematação de um tapete persa, pertencente a uma velha confraria ou Misericordia, reune meia duzia de especuladores estrangeiros em redor de um leiloeiro. De resto, os arrojos quixotescos de um Salamanca e os enthusiasmos de um Daupias não crearam escóla nem deixaram proselytos. As casas artisticas, recentemente montadas em Lisboa, adquiriram nas vendas particulares, nas ruinas de familias outr'ora poderosas e nos solares decadentes da provincia o melhor do seu adorno em mobiliario e baixella. Mas essa ausencia de compradores não faz desanimar o publico dos leilões. O leilão serve ainda deliciosamente a vaidade lisboeta, permittindo apparentar habitos de elegancia ou recursos de fortuna a quem os não possue, e offerece a vantagem de reunir, sem distincções de classes, n'uma casa ou n'uma sala, os fidalgos e os burguezes, os senhorios e os inquilinos, os directores geraes e os amanuenses.

Quando foi do inolvidavel leilão do marquez da Foz, individuos que nunca tinham transposto as portas de um palacio, compravam por dez tostões o prazer de passear pelas salas explen-

didas da residencia da Avenida, exclamando, a espaços, com inflexões de tristeza: — *Quem viu isto nos seus tempos!* ou arremedando as melancolias dos duques sentimentaes do theatro Principe Real, declamavam com desolação: — *Lá se vae a melhor das nossas casas!* Damas da rua dos Fanqueiros, consumidoras das cadeiras de verga da ilha da Madeira, immobilisavam-se na contemplação das *bergères* Luiz XV, com a physionomia estupefacta das criadas de servir em frente da avestruz do Jardim Zoologico, recusando-se terminantemente a acreditar que taes cadeiras pudessem servir de assento a nadegas humanas!

Nos sete dias que durou o leilão, Lisboa deu-se ao luxuoso prazer de subir e descer a nobre escadaria de marmore, de se apoiar ás grades de aço e bronze, de arrastar as solas dos sapatos pelos *parquets*, de se sentar com insolencia nas poltronas do morgado de Villar de Perdizes, dando-se as attitudes familiares de quem atravessára tantas vezes o salão de baile, como a praça do Rocio! Agora ainda, essa mesma multidão curiosa e exhibicionista tomou o caminho da rua de S. Mamede, perguntou aos policias e aos merceeiros onde era o palacio dos marquezes de Penafiel e enfiou pela escadaria, a admirar os salões de baile, onde, pela segunda vez, desde 1873, eccoava a voz do leiloeiro.

O sr. D. Luiz Polo de Barnabé, transferido

recentemente, no seu posto diplomatico de ministro, da côrte de Portugal para a côrte de Italia, occupava uma excepcional situação entre o corpo diplomatico, pelas velhas relações de cordealidade, que o approximavam das grandes familias da capital. Elle fôra em Lisboa secretario da legação, ao tempo em que seu sogro era ministro de Hespanha em Portugal. Aqui conheceu e cortejou a sua noiva.

Quando o governo de Madrid o transferiu, depois da guerra, de Washington para Lisboa, o novo ministro embarcou para um paiz amigo e encontrou a recebel-o uma côrte conhecida e familiar. Baixo e gordo, com uma barbicha rala, os olhos vivos n'uma constante inquietação sob as lentes das lunetas, de uma simplicidade de maneiras rara n'um hespanhol, mesmo nos de mais alta distincção, o successor do marquez de Ayerbe—ia quasi a dizer, da marqueza de Ayerbe!—era pouco menos que um parente em todas as grandes casas de Lisboa. Com a sua transferencia para Roma, desapparece tambem das festas da capital sua cunhada D. Paz Mendez Vigo, uma das mais radiosas, senão a mais radiosa alegria dos salões, dansarina infatigavel, que, durante horas, sob as chammas dos lustres, mostrando sempre os dentes lindos n'um sorriso satisfeito, animava com todas as graças de uma hespanhola os bailes de Lisboa.

O ministro de Hespanha vivia com o estado

proprio da sua alta condição diplomatica, mas sem as ostentações, que reclamam fortunas consideraveis.

O palacio Penafiel, se não conservava o antigo apparato de 1865, com as salas de baile forradas a damasco branco e reposteiros de sêda azul tecida a crystal, estava mobilado com a nobre elegancia e minucioso conforto de uma grande casa e não faltavam os moveis de arte, os contadores hispano-arabes, os bufetes de pau santo, os lustres de bronze cinzelado, os armarios de ebano entalhado, as louças de Sèvres, Saxe e Capo-di-Monte, os crystaes de Veneza, os tapetes turcos, as credencias Luiz XV, para seduzir os colleccionadores e a gente rica.

Ao meio dia de sabbado, uma multidão cuscuvilheira e curiosa enchia as salas onde tinham triumphado, nos bailes de 1867, as marquezas de Vianna e de Pombal, a formosa baroneza de Almeirim, todas as bellas mulheres e todos os janotas do tempo do terceiro imperio, educados no exemplo das *redoutes* da imperatriz Eugenia e da princeza de Metternich.

Mas, esse publico, acudindo ao chamariz do reclamo, depois de ter satisfeito a curiosidade, desinteressava-se do leilão que o reunira, e o leiloeiro, ao declinar do dia, tendo retirado successivamente da praça a maior parte dos objectos de valor, cobertos por lances ridiculos, verificou que a venda d'esse grande bazar de mo-

veis preciosos não attingira dous contos de réis, arrancados a essa freguezia de *badauds*, a essa feira de vaidades!

Apenas uma duzia de pessoas conhecidas seguia com attenção a voz do pregoeiro, desejosas de adquirir alguma peça cobiçada. Um lustre de bronze, de Reclus, foi vendido por quarenta e nove mil réis! Um relogio de caixa acharoada, do seculo XVIII, tocando minuetes, não encontrou quem quizesse dar por elle mais de cincoenta mil réis! Os crystaes, os bronzes, as porcellanas de Sèvres foram retirados da praça. A debandada começou por volta das tres horas e o palacio Penafiel, onde nos tempos aureos se vira gastar seicentos mil réis em camelias para a ornamentação ephemera de uma sala, fechou as suas portas sobre aquella turbamulta, que lá fôra adquirir pouco mais que as caçarolas da cosinha...

Nem o proprio imperador da China, se viesse a Lisboa, conseguiria arrancar das sombras de Cintra e das praias ventosas do Estoril essa sociedade dissipadora e opulenta, sempre gulosa de emoções fortes e de cousas bellas, unica capaz de animar o leilão tristonho da legação de Hespanha, e que a estas horas refaz os pulmões e o estomago para as intoxicações de S. Carlos e para os *hors-d'œuvre* indigestos das ceias de baile.

Lisboa dorme ao calor entre nuvens de

poeira, lê as correspondencias das thermas e das praias, absorve sorvetes de laranja em quantidade prodigiosa, passeia ás noutes na Avenida, ao luar artificial da luz electrica; dorme com as janellas abertas e assevera que em parte nenhuma se passa mais agradavelmente o verão do que entre a pastelaria *Bijou* e o *Martinho* da Arcada. Essa resignação heroica, que o lisboeta procura revestir orgulhosameute com as falsas apparencias de um prazer, é facilmente desmentida pela ancia com que toma de assalto os comboios do domingo, acompanhado pela mulher e pelos filhos, á procura de uma illusão campestre, do refrigerio de uma sombra, da melodia bucolica de um veio de agua.

Mas a peripheria árida da cidade devolve-o para o centro, mais extenuado e desilludido, sem que sequer o vôo de uma borboleta tenha despertado as creanças de sua somnolencia. E é triste, de uma tristeza que toca o coração e faz doer, o regresso d'essas caravanas derreadas, com os pequenos ao collo, a cesta do farnel dependurada do braço, a roupa poeirenta e o passo tropego, que da estação do Rocio descem pelas escadas do Carmo para a rua do Principe, a caminho de casa, onde os espera o quarto estreito, onde o sol concentrou um calor doentio de estufa.

Os campos, onde reseccam os restolhos do trigo, são a perder de vista côr de palha. Ha

quasi dous mezes que não chove. Só os jardins dos ricos teem flôres. As *bougainvileas* desfolham as suas ultimas petalas carmezins nos pateos das quintas e apenas n'esta desolação, sob este clima de Africa, a mulher triumpha, mais bella nos seus vestidos claros de cambraia, de *ètamine*, de *voile* e de *zephir*, com os seus chapéus de palha onde ha vôos perennes de aves e ainda florescem rosas de primavera. Desembaraçadas das capas e dos agasalhos, as mulheres podem, de verão, exhibir toda a sua graça, deixar entrevêr sob as rendas abertas e os estofos transparentes o tecido côr de rosa da pelle — e de tal arte, que o seu corpo é agora o forro setineo e vivo dos seus vestidos! O calor e o sol, que tão terrivelmente dizimam as energias dos que trabalham, põem uma animação jubilosa e um brilho novo nos olhos das mulheres. São ellas ainda, de guarda-sol ao hombro, a saia leve apanhada na mão calçada de fio de Escocia, mostrando a cada passo, entre uma espuma de rendas brancas, o sapato de camurça, que animam Lisboa, consolando os que não poderam partir. Com a ausencia d'essas outras mulheres, sabiamente mundanas, que durante os invernos absorvem as attenções da cidade e teem o seu culto consagrado na admiração dos homens, outras apparecem, abelhas novas da colmeia, sem carruagem e sem joias, sem os cumprimentos do *Turff*, ignoradas das chroni-

cas elegantes dos jornaes, sem camarote em S. Carlos e sem entrada no paço, que vão agora conquistando a cidade abandonada pelas rivaes felizes. E é um perpassar de caras lindas e frescas, de olhos candidos e luminosos, que descem dos bairros afastados á *Baixa*, n'esta época do exilio dos ricos, e recolhem aos primeiros frios do outomno, quando os primeiros trens de luxo apparecem na Avenida. Lisboa só tem mulheres bonitas no verão. Parece uma phrase e é uma verdade. E como a felicidade humana está sempre onde está a mulher, Lisboa ainda é feliz, entre as suas nuvens de poeira, sob o calor esbrazeante de agosto.

XIX

O massacre de Angola — Um segredo de Estado — O socego das familias na gaveta do sr. ministro da marinha — O tenente Roby — Um neto do Grão-Pacheco — A familia dos Infias — O chefe do estado-maior da divisão do Zumbo — As casas das Hortas, Biscainhos e Infias.

É ainda com os olhos marejados das lagrimas mais amargas de saudade pelo condiscipulo morto no revés sanguinoso de Angola, que retomo estas ligeiras — e quantas vezes futeis! — chronicas de Lisboa.

Para quem vive nas intimidades da vida ministerial, não era segredo, desde o dia 30 de setembro, o desastre annunciado ao parlamento e ao paiz na sessão de terça-feira, pelo sr. conselheiro Gorjão, com a singeleza terrivel com que é de uso e dever um general communicar as victorias e as catastrophes. Quiz o governo completar as informações laconicas de um primeiro telegramma do governador da provincia, antes de annunciar á nação o funebre acontecimento.

Foram suspensos os telegrammas particula-

res, que transportavam para Lisboa os alarmes do ultramar, e foi ordenado o maior sigillo aos raros confidentes do tragico segredo. Mas a desgraça é sempre indiscreta. Difficilmente se esconde a morte. Mesmo debaixo da terra, ella irrompe em fogos fatuos. Um sussurro leve propagou-se, como um vaticinio, pela cidade, ao entardecer de segunda-feira, e um jornal dava, antes da declaração official, a noticia do desastre. Quem foi que sacrificou ás revelações sensacionaes da publicidade o socego das mães, das esposas e dos filhos d'esses soldados, perdidos nas terras longinquas da Africa? Póde esse homem — quem quer que elle seja — orgulhar-se de haver antecipado a dôr em centenares de corações!

Mas, no momento em que transpirara a noticia, ao governo impunha-se o dever de reduzir as horas de supplicio a essas almas anciosas, tornando publica, com a confirmação da catastrophe, a lista funebre dos mortos. Porque não o fez o sr. ministro da marinha? Qual foi o principio de humanidade a que obedeceu, preferindo conservar durante dous dias a duvida nos espiritos e congraçando no mesmo desespero as familias dos mortos e as familias dos vivos? Qual o codigo militar que decretou, como praxe de guerra, essa selvageria? Que especie de piedade o aconselhou a alimentar, durante dous longos dias, durante quarenta e oito horas

crudelissimas, essa duvida angustiosa ao coração das mães e das esposas? Em nome de que principio se deliberou gardar, como um segredo de Estado, dentro da gaveta de um ministro, a tranquillidade das familias?

Não sei; nimguem sabe!

O sr. ministro da marinha é um homem piedoso e um fidalgo de linhagem. Tendo servido no ultramar em commissões variadissimas, foi chamado ao governo, depois da sua prestigiosa administração de Moçambique, como um dos homens que, no paiz, mais conhecia as questões coloniaes. A sua fama de administrador só era ultrapassada pela sua fama de homem de bem.

Comparecendo no parlamento, onde nunca tivera assento, no decorrer de uma sessão agitada e por vezes tumultuosa, a nobre singeleza com que respondeu aos ataques da opposição conquistou-lhe o respeito dos adversarios. Era um sincero; e, nas luctas politicas, a sinceridade é uma fortaleza.

Ninguem póde duvidar de que esse primeiro telegramma, que annunciava o tragico desastre da expedição, tivesse profundamente abalado e commovido o homem christão, que ordenara, como ministro da marinha, essa campanha indispensavel e temeraria, e foi ainda, com amarguras e tristezas na voz, que no dia quatro lhe ouvimos, no doloroso cumprimento do dever,

participar ao paiz e á camara dos deputados a lutuosa catastrophe.

Cumpridos os deveres do ministro, faltava-lhe cumprir os deveres de christão e sem demora, com essa noticia funebre, que ia propagar-se pelo telegrapho a todo o reino, levar a tranquillidade ás familias, cujos parentes a mão de Deus salvara da hecatombe. Mas o ministro fallara e o christão calou-se. Durante duas noutes, o sr. ministro da marinha conseguiu dormir, sem que o acordassem os gritos dos paes, os soluços dos orphãos, que lhe pediam o desengano ou a esperança! Durante quarenta e oito horas, o sr. ministro da marinha foi o arbitro deshumano de cem corações afflictos!

Qual era a razão de Estado, que lhe impunha essa conducta? Não parecia já sufficiente o sangue das victimas? Julgou-se tambem necessario accrescentar as lagrimas das mulheres a esse holocausto? Para carpir o desastre, achou-se pouco o pranto das viuvas e dos orphãos? Quiz-se uma orchestra immensa de gemidos, por uma perversão megalomanica de crueldade?

Só um desatino explica essa barbara resolução, que nenhumas supplicas demoveram, de se conservarem secretos os nomes dos mortos, depois de publicada a noticia da carnificina. Pretendeu o sr. ministro da marinha juntar á lista dos officiaes e sargentos a lista dos cabos e sol-

dados, e aguardou esses dous longos dias, com a esperança de recebel-a?

Nem essa intenção generosa o absolve! Ninguem ignora a difficuldade de obter entre o panico de um exercito em retirada, o nome de oitenta soldados desapparecidos; e menos o ignora um general!

Escolheu-se a camara dos deputados, como a legitima representante da nação, para o annuncio do desastre e esqueceu-se que entre esses deputados havia dous, que tinham parentes queridos na guerra e muitos que lá tinham amigos extremosissimos. E assim se viu um deputado, apanhado de surprèza pela noticia, correr para os corredores, alagado em pranto, pedir a confirmação da morte do cunhado, que iria deixar no desespero e na viuvez uma noiva de poucos mezes! Não era preciso ter um coração brando, para compartilhar da dôr exasperada d'esse homem e gritar com elle contra a selvageria inutil, que lhe recusou préviamente o lenitivo, que só lhe deram depois, affiançando-lhe que o marido de sua irmã escapara milagrosamente do massacre!

Mas nem esse exemplo crucicante abrandou a resolução feroz de sequestrar á curiosidade anciosa dos afflictos os nomes das victimas, e preparou-se esse espectaculo lancinante de quarta-feira, no ministerio da marinha, em que se viram creaturas desorientadas,—velhos, mulhe-

res e creanças, — vagueando pelos corredores, perdidas no labyrintho de uma secretaria de Estado, perguntando aos continuos, aos serventes, ás ordenanças, á porta das repartições e dos gabinetes, pela sorte de um filho, pela sorte de um marido, pela sorte de um pae! Durante horas repercutiram os soluços, os gritos, os gemidos, as imprecações e as supplicas na ante-sala do ministro. Esse prestito de cemiterio, que podia ter sido humanamente reduzido ás familias das victimas, foi engrossado por todos os que tinham parentes e amigos na guerra.

Duplicou-se o horror d'esse espectaculo doloroso, com os contrastes compungidores dos que levavam a alegria de saber salvos os seus e dos que vinham buscar a confirmação do seu infortunio. As lagrimas dos desenganados viram de perto os risos dos consolados. Não se poupou á desgraça a visinhança da ventura. A barbaridade attingiu o idiotismo. Os apreciadores de melodramas tiveram uma recita sensacional e gratis. Houve de tudo, desde o desmaio!

A tragedia da colonia teve uma *reprise* condigna na metrópole! E só depois de fechadas as portas do theatro — quero dizer, do ministerio, — o ministro entregou aos jornaes, e consentiu em que fosse publicada, a lista dos mortos!

Entre todos os que lá ficaram, victimas do dever, n'esse longinquo paiz dos cuanhamas, a minha saudade destaca essa linda figura, roman-

tica e cavalheiresca, do tenente Roby. Se a minha magua não distingue os officiaes dos soldados, n'essa centena de valentes, trucidados á zagaia pelas hordas ferozes dos cuamatas, é sobre o corpo do meu pobre João — o mais novo de todos! — que eu os choro. A mocidade tem os seus privilegios na morte, como os tem a velhice na vida.

João Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira, tenente da armada real, cavalleiro e official da Torre e Espada, cavalleiro da Ordem do Merito Naval de Hespanha, antigo chefe do estado-maior da divisão naval do Indico e da columna expedicionaria de Gaza, sub-chefe do estado-maior na campanha do Barué, antigo commandante militar do Zumbo, capitão dos portos de S. Thomé e Principe, intendente do governo e ajudante consular do Nyassa, commandante da esquadrilha do Zambeze, condecorado com a medalha da Rainha D. Amelia, era filho do dr. José Borges de Faria, da familia dos Borges Pachecos Pereiras, da casa de Infias, em Braga, pertencendo-lhe ainda os appellidos de Bourbon e Menezes pelo casamento de seu avô na casa das Hortas. Na ascendencia do seu sangue illustrissimo estava Duarte Pacheco,

«O grão Pacheco, Achilles Lusitano»

o vencedor glorioso dos Naires no passo Cambalão, a quem Camões dedicou, nos «Lusiadas»,

quatorze estrophes, comparando-o a Alexandre e a Quinto Fabio!

O neto do *grão Pacheco* morre com vinte e nove annos, tendo combatido em *sete campanhas*, victima d'esse hereditario ardor bellicoso, que o levava a supplicar a cada campanha de Africa — por não as haver na Europa! — um posto na columna de guerra. Companheiro de Mousinho de Albuquerque e de Azevedo Coutinho nas operações dos Namarraes e do Barué, elle era um verdadeiro caso pathologico de retrocesso atavico, reproduzindo, com as variantes do meio e da época, o typo nobre, aventureiro, vagabundo e heroico dos capitães dos seculos XV e XVI. A vida contemporanea é pouco propicia aos heroes e entretanto elle conseguiu viver, mercê das guerras de Africa, uma existencia cavalheiresca e varonil, pelejando desde os vinte annos e concorrendo para restaurar o prestigio fidalgo da carreira das armas com os seus impetos temerarios e romanescos. Elle foi sempre, desde o collegio, um D. Quichote, na accepção nobilissima da imagem. Mas um D. Quichote que encontrou mais do que moinhos para combater e que morreu com todas as honras militares da guerra; um D. Quixote que soube ainda encontrar, no seculo XX, o paiz esvahido dos cavalleiros andantes; um D. Quixote que conseguiu ser valente como Braz Garcia, poeta como D. Francisco Manoel de Mello e infeliz como o seu an-

tepassado Duarte Pacheco! Elle foi a ultima flôr da cavallaria, abrindo miraculosamente no Portugal utilitario do nosso tempo!

Essas almas anachronicas e extraviadas passam sempre, no seu caminhar apressado para o tumulo, através o espanto das gerações.

Estes homens, desrelacionados com o seu tempo, são verdadeiros phenomenos sociaes. E João Roby foi uma d'essas creaturas anachronicas. Não porque fez a guerra, mas porque amava a guerra; não porque era valente, mas porque o sabia ser com galhardia! Elle viveu mais com as almas dos avós do que com a sua. Elle foi mais do que um homem, foi uma familia!

João Roby representava em linha viril uma das casas mais nobres e mais turbulentas do Minho. Os Infias foram sempre romanescos e estroinas, valentes e prodigos, vivendo essa vida de dissipações e violencias, apanagio das grandes casas morgadias da provincia. Ainda durante todo o seculo XVIII e o principio do seculo XIX, a casa dos Pachecos Pereiras, de Infias, era, em Braga, sobre as casas rivaes das Hortas, dos Biscainhos e dos Falcões, a dominante. Os arcebispos primazes consideravam-na a sua diocesana de maior gerarchia. Em 1807, as mulheres dos Pachecos offereciam as suas joias, alfaias e baixellas ao paiz para custear a guerra; como agora o seu neto — na

flôr da idade — lhe offereceu a vida! Se a morte é apenas o vestibulo escuro de uma outra existencia mais clara, a estas horas essas avós generosas e aguerridas, que tiraram do pescoço as suas gargantilhas de diamantes, ás primeiras noticias da invasão do exercito de Bayona, devem estar abraçadas ao neto gentilissimo, ao moço official da Torre e Espada, morto nas longinquas paragens da Africa, massacrado pelos guerreiros cuamatas. Se a casa de Infias se continua no céo, o moço heroe deve a estas horas estar contando ao seu antepassado Duarte Pacheco os seus feitos de guerra, e o seu bisavô Pedro, com a sua peruca empoada e a sua casaca vermelha, apoiado ao bastão de punho de ouro lavrado, deve sorrir com vaidade para o bisneto heroico, que lhe conservou as tradições bellicosas da familia!

Mas ha sempre um tumulo onde os mortos vivem: é a historia. E tu viverás, meu pobre João, apesar de morto n'um sitio desconhecido da Africa, com essa vida immortal de que ainda vive o teu avô, vencedor do Samorim, morto n'um hospital pela ingratidão do seu rei! A minha saudade evoca-te desde esses longinquos tempos do Collegio da Gloria — vae bem á historia da tua vida o nome do teu collegio! — quando tu eras um rapazinho franzino e pallido, de pescoço comprido, as pernas magras, o olhar inquieto e vivo, e vinhas para a varanda do meu

quarto declamar os *Doze de Inglaterra!* Vagamente me recordo de que ambos escrevemos os primeiros capitulos abominaveis de um romance terrivel e de que uma tarde nos batemos á pedra, na Pasteleira, contra um rancho de garotos!

João Roby morava então na rua de Cedofeita, entre a Boavista e a Torrinha, e estava fazendo, como eu, o curso dos Lyceus. Estudava muito. Desde creança que lhe conheci esse orgulho, que foi um dos distinctivos da sua linda figura moral, e esse instinctivo terror da humilhação, que lhe punha lagrimas nos olhos, se tinha de calar uma resposta ao professor. Á noute, á luz de um candieiro de *abat-jour*, e sob a vigilancia amoravel da mãe, que se revia, embevecida, n'esse filho idolatrado, elle passava horas curvado sobre os livros. Da mãe herdou o sentimento delicado de poeta. Porque no peito d'esse soldado havia um coração lyrico, com sensibilidades femininas. Os versos d'esse guerreiro juvenil eram quasi piegas!

Já então, no fundo do seu temperamento, sussurrava a audacia. A aventura já lhe fallava ao coração com a sua voz de sereia. Predilecções atavicas chamavam-no para o mar. O curso da Escola Naval trouxe-lhe as felicidades de uma lua de mel. Depois, um navio de guerra levou-o para a Africa. Separamo-nos. Durante muitos annos, não nos vimos. O amor conseguiu demoral-o, no intervallo de duas campa-

nhas, apenas uns mezes no Porto, servindo, sob o commando de Ferreira de Almeida, na corveta *Estephania*. E é então que nos encontramos, por occasião da ultima visita de el-rei e da rainha á capital do norte. Inaugurava-se a estatua do infante D. Henrique. O povo enchia a grande praça declivosa, n'uma onda escura, que engrossava na rua dos Inglezes e em frente da igreja de S. Francisco. Os regimentos da guarnição tinham formado na rua de Mousinho da Silveira e mercado de Ferreira Borges até á rua das Flôres, ladeando o edificio da Bolsa e do Banco Commercial.

Um borborinho impaciente elevava-se até ás varandas, d'onde pendiam colchas de damasco.

De repente, para os lados da Alfandega, soam vozes asperas e metallicas de cornetas e os grumetes da *Estephania* apparecem, marchando em cadencia, sob o commando de João Roby.

O povo, diante d'esse regimento de creanças, não se afasta. Estabelece-se a desordem nas companhias. O moço tenente grita e agita a espada. O povo persiste em oppôr uma muralha a esses marujos imberbes, commandados por um tenente imberbe. O guerreiro apparece então de subito, chamado pela affronta, n'esse corpo fragil de heroe. E á frente dos seus marujos, elle só, transfigurado pela colera, faz face á multidão, abre passagem á cutilada pelo povoleu e

fórma os grumetes n'uma clareira de panico! Foi assim que pela ultima vez o vi.

Pobre João! Essa fortuna, que te seguiu, como uma mulher apaixonada e seduzida, nas campanhas dos Namarraes, do Barué, de Maganja, de Gaza, do Macatorre e de Saggi, depressa te abandonou! Ó moço commandante militar do Zumbo, chefe do estado-maior da divisão do Indico, neto heroico do vencedor dos Naires, nunca mais, á frente dos teus grumetes da *Estephania*, acutilarás o povo desrespeitoso, como um leão offendido! Nunca mais, nos bailes do Club Portuense, ostentarás os teus collares da Torre e Espada, as tuas medalhas de campanha, as tuas dragonas de ouro, a tua farda de gala! Nunca mais, nas avenidas do Passeio Alegre, caminharás, sorrindo, ao lado da tua noiva!

E as minhas lagrimas cahem, uma a uma, sobre esse *nunca mais*...

XX

Abertura de S. Carlos e abertura de S. Bento — Arias de contraltos e objurgatorias de deputados — O sr. Paccini e o sr. Carlos Ferreira — S. Carlos avaro e S. Bento prodigo — A Carelli — O seu desdem, o seu luxo, a sua belleza — O despeito dos janotas — Uma plateia de *snobs* — O palacio das *prima-donnas* — O suicidio da Carelli — O espanto dos janotas — A coragem de morrer — O lar do socialista — A felicidade futura — As celebridades estrangeiras — A derrota de Angola no Casino de Cascaes — As modas d'este inverno — Viagem dos reis á Inglaterra — O maior brilhante do mundo na posse da corôa — Uma lenda? — O brilhante de Junot — O brilhante de D. Miguel — A custodia de Belem na casa da Moeda para derreter — O retrato do Cardeal D. Henrique, por Ticiano — Uma tela de Veroneso — Dous quadros de Lucas Cranach.

A primeira récita de assignatura em S. Carlos é sempre, todos os annos, o mais memoravel acontecimento mundano de Lisboa. A abertura de S. Carlos só tem, na vida nacional, a emulação de um acontecimento de importancia: a abertura das côrtes.

Mas, segundo a moda e segundo a Carta Constitucional, S. Carlos abre primeiro do que S. Bento. As arias das contraltos ouvem-se antes das objurgatorias da opposição. Os tenores estreiam-se primeiro que os deputados. Quando

o sr. Carlos Ferreira grita contra os desperdicios do governo, já a imprensa republicana clamou contra a cupidez do sr. Paccini. Em S. Carlos ataca-se o emprezario por ser avaro; em S. Bento ataca-se o ministerio por ser prodigo.

Este anno, o parlamento abriu primeiro do que a opera. Inverteu-se a pragmatica.

É da praxe subir o *maestro* á sua cadeira da orchestra primeiro do que o sr. Matheus de Azevedo á sua cadeira da presidencia; entrar em funcções a batuta primeiro que a campainha. S. Carlos teve sempre as honras da precedencia.

Quando S. Bento só tem uma récita de gala — a da abertura, — S. Carlos tem duas récitas de gala — a do Anno Bom e a do anniversario do principe real. El-rei assiste em pessoa aos seus espectaculos e apenas está em effigie em S. Bento.

Este anno, por abrir fóra do tempo, o parlamento teve uma estreia infeliz e triste. É para desejar que a opera tenha uma *première* auspiciosa e alegre. Eu aconselharia o *D. Paschoal* ou o *Barbeiro* para abertura. Nadà de *Tosca* ou de *Huguenotes*. A tragedia encontra-nos este anno com a sensibilidade gasta. Mounet Sully escolheu mal a occasião para nos vir declamar o *Œdipo tyranno* e o *Hernani*.

Evite a *Tosca* e as cantoras desconhecidas, sr. Paccini! Lembre-se da primeira récita de

S. Bento! Faça retirar Scarpia para bastidores, com as suas machinações tenebrosas, a sua peruca empoada, a sua perfidia de intendente da policia e a sua casaca de sêda preta. E as estreias de cantoras, sr. Paccini, só em janeiro!

Ha tres annos, S. Carlos abriu com a *Tosca*, para estreia de uma cantora desconhecida em Lisboa e cujos talentos de actriz a imprensa italiana encarecia de notabilissimos. Mas S. Carlos tem o preconceito de que no seu palco se canta e não se representa. Uma linda voz é melhor recebida que uma sublime actriz. A S. Carlos vae-se ouvir cantar. No D. Amelia vae-se vêr representar. Lisboa não consente confusões nos seus prazeres. É eminentemente conservadora nos seus gozos. Não vê com bons olhos que lhe substituam os seus habitos. Um monstro, com boa voz de soprano absoluto, é uma divindade em S. Carlos.

N'essa noute de dezembro de 1901, a plateia preparava-se para fechar os olhos ante a interpretação da *Tosca* e prestar toda a attenção do seu ouvido afinado aos delictos da cantora.

O panno ergueu-se, rangeram as dobradiças, arrastaram os banquinhos dos pés e as cadeiras nos camarotes. E a *Tosca* entrou, com o seu chapéu á Directorio, adornado de grandes plumas, a sua braçada de rosas, o seu bastão de punho de ouro. Um nome correu, serpeou, subiu, desde a orchestra ás torrinhas: a Carelli!

Cem, duzentos binoculos convergiram para a cantora, vigilantes, desconfiados, quasi hostis. Apenas um leve murmurio recebera a entrada, no palco, d'esse mimo de Deus, d'essa linda mulher côr de jasmim, pequena e redondinha como uma pomba, de olhos resplandecentes e enormes, com um pescoço airoso de ave, que avançava na igreja, ao som dos sinos, com a sobranceira e grave attitude de uma poderosa actriz ao transpôr o limiar de uma tragedia.

A Carelli tinha uma d'essas bellezas, que carecem de ser retocadas por uma imaginação amorosa. De relance, era apenas uma mulher de seio branco e olhos grandes. A maioria do publico mundano de S. Carlos só é impressionado por essa outra especie de formosura, que instantaneamente o olhar apprehende. A Carelli pertencia á categoria perigosa das mulheres que só desvendam progressivamente os seus encantos e só evaporam na intimidade os seus perfumes. No seu sorriso havia malicias desdenhosas, que afastavam o appetite da sua bôcca fresca. O seu olhar era reflectido como uma consciencia. Tinha o ar de entregar-se, ficando inaccessivel. O janota adivinhou-a, por instincto, complicada. O seu binoculo investigador percorria-a, desde os cabellos pretos de latina e os hombros de linhas voluptuosas, até ás mãos rebrilhantes de anneis. Sob os tecidos leves do vestido, na elevação do seio, nas linhas de es-

culptura, que as luzes indiscretas da ribalta illuminavam ao caminhar, nos braços brancos, que a cada gesto languido pareciam enlaçar um pescoço idolatrado e invisìvel, sentia-se a mulher de trinta annos, exhibindo o maduro esplendor da sua carne. Qualquer cousa havia n'essa mulher de perturbador, que a apartava da vulgaridade das cantoras. O talento illuminava-a com o seu nimbo invisivel. Ao passo que a tragedia avançava, ella ia perdendo a sua personalidade e entregando se, pela suggestão da musica, a essa dramatica ficção, onde o seu corpo onduloso e branco se movia entre ondas sonoras, n'uma atmosphera composta de sons de violino e de violoncello. Arrastando, n'um luxo barbaro, vestidos de ouro e sêda, ella entrava, lenta e pallida, no segundo acto, em casa de Scarpia, como uma ovelha ao entrar na caverna de um leão. E pela primeira vez, a plateia *snob* de S. Carlos viu interpretar uma opera moderna e presenceou a mais rara alliança do gesto e da voz, da expressão e da mimica, no trabalho emocionante d'essa *actriz lyrica*, d'essa *dramatica cantora*, cujas attitudes harmoniosas pareciam cantar tambem a partitura. A Carelli cantou ainda a *Fédora*, com um luxo de joias e *toilettes*, que lhe conciliou por um momento o respeito das mulheres; fez, com uma intuição maravilhosa, a Margarida do *Mephistopheles* e bem cedo partiu, com os seus olhos enormes e

profundos, o seu sorriso malicioso e os seus braços de linhas tão puras, que ella estendia e quasi espreguiçava, n'um gesto predilecto e languido, como as azas de um anjo somnolento.

Durante a sua curta passagem por Lisboa, nenhum, entre os *grandes* da moda, que se elegem em concilio no interior d'esse palacio de *prima-donnas* e bailarinas, de rouxinoes e borboletas, que é o palco de S. Carlos, conseguiu da Carelli mais do que ceremoniosos cumprimentos, que lhe subtrahiram as *claques* dos conquistadores e as *corbeilles* de violetas dos amorosos.

O sr. Paccini, que conhece o seu publico, não a reconduziu. A Carelli parecia para sempre esquecida, quando um telegramma da Havas annunciou a sua tentativa de suicidio, envenenada na sua casa de Roma, como essa romanesca princeza russa, que ella encarnava tão sublimemente na *Fédora*.

E é só agora, tres annos depois de haver cantado em S. Carlos, que a discutem apressadamente, á porta da Havaneza e nos *courts* de tennis, em Cascaes. Essa coragem de morrer, que deixa sempre embaraçados e confusos os felizes, deu um successo tardio e quasi posthumo á grande cantora, que os *snobs* se recusaram a applaudir nas récitas da *Fédora* e da *Tosca*.

Só agora se sabe tambem que a Carelli, tão desdenhosa para o *D. João* lisboeta, era casada com um dos chefes do socialismo italiano.

Nunca, na prática, se exerceram, de fórma tão completa, as theorias de emancipação da mulher, como n'esse lar do socialista! Emquanto o marido exerce a sua profissão de advogado, lucta no parlamento e na imprensa, dirige o partido mais avançado da politica, a esposa canta em New-York, em S. Petersburgo, em Londres e em Buenos-Aires, é recebida pelo czar, applaudida pelas imperatrizes e pelas rainhas. E assim ella concorre, pela exhibição da sua voz, para o prazer e recreio d'esses mesmos autocratas e capitalistas, de que seu marido é o adversario e o inimigo. Ambos praticam essa vida de emancipação e independencia absolutas, promettidas, como uma radiosa ventura, á humanidade descontente e soffredora. E é n'esse casal modelo, imagem da felicidade nas futuras sociedades perfeitas, que entra a aspiração desorganisadora da morte!

O radioso exemplo transforma-se n'uma terrivel advertencia!

O que faltava na vida d'essa mulher, para que lhe appetecesse a morte? Ella tinha a celebridade e a fortuna, a mocidade e a belleza, o talento e a arte, uma voz que valia ouro! Que secretas máguas viviam no aconchêgo d'aquelles seios tão brancos e redondos? Que amorosos

desesperos affligiam clandestinamente a dissipadora *prima-donna*?

Por certo, nenhuma mulher, em Lisboa, demorou a sua curiosidade em perguntas similhantes. As cantoras duram pouco na memoria de Lisboa. Vae longe o tempo em que a Zamparini provocava luctas e dissenções na Arcadia. Lisboa não tem hoje predilecções nem idolatrias. Da necessidade de se interessar em mil assumptos resultou o seu desinteresse por tudo. É vêr a facilidade com que ella muda de casa, de rua, de bairro; de opinião, de amor e de politica; de alfaiate e de modista; de convivencia, de relações e de familia; e vae da decadencia á prosperidade; da abundancia á mingua; do respeito ao desdem; da admiração ao esquecimento; do affecto á indifferença; da lisonja ao vituperio. Ha só um capitulo da vida em que ella é constante: na sua sêde inquieta e soffrega de prazer. Nem a primeira noticia do desastre de Africa suspendeu os concertos e os bailes do Estoril e de Cascaes. Fallou-se dos mortos no intervallo de duas valsas. No dia seguinte, leu-se com mais avidez a noticia dos espectaculos sensacionaes do D. Amelia, que os commentarios do sanguinoso revés das nossas tropas.

É agradavel, n'estas tardes de outomno, tão calidas e serenas, no passeio Maria Pia ou na estrada da Bôcca do Inferno, pensar nas noutes do theatro, nas salas aquecidas pelo gaz, nas

plateias escurecidas de casacas, nos camarotes resplandecentes de joias e hombros nús, nas récitas mundanas de Jane Hading, de Suzana Després e de Mounet-Sully.

Para receber essa população elegante, exilada nos Estoris e em Cascaes, já a camara municipal concerta as ruas, ajardina os ultimos talhões da Avenida; já as lojas de modas expõem os velludos flexuosos d'este inverno, os casacos compridos, todos tufados de gazes e de rendas, os blusões e jaquettas de pelles de lontra e raposa, as *sorties-de-bal*, forradas de pello de marta, os chapéus modelos de Virot, Pauyane e Felix, de feltro côr de musgo, de cobre, de crista de gallo e violeta, á Luiz XV, á Luiz XVI, á Napoleão. Dentro de um mez, os trens rodarão novamente na Avenida; Lisboa mudará mais uma vez de casa; a assignatura de S. Carlos será disputada a poder de empenhos; e na partida dos reis para Inglaterra já toda a côrte, toda a Lisboa *fashionable* correrá á estação do Rocio para a ceremonia exhibicionista da despedida.

Antigamente, os reis não sahiam do seu reino senão para a guerra ou para o exilio. Hoje, os reis viajam e visitam-se com frequencia. Na politica internacional, as viagens régias vieram constituir um dos mais emocionantes capitulos da historia. Não são hoje os ministros, como Choiseul, como Bismarck, como Metter-

nich, que fazem a paz e a guerra. São os soberanos que promovem as allianças e que sellam os tratados. Ninguem duvidará de que essas entrevistas de monarchas parentes estão sendo a mais segura garantia da paz e de que a ellas se devem, mais do que aos congressos, a pacificação dos instinctos bellicos dos povos e o correctivo ás imprudencias e erros das chancellarias, tantas vezes instigadoras dos mais formidaveis conflictos.

Esta primeira viagem official, que emprehendem, a convite de um soberano estrangeiro, os actuaes reis de Portugal, fará sahir das casas-fortes, onde se guardam as alfaias da corôa, essas joias historicas, que constituem uma das mais fabulosas fortunas da Europa, apesar de já desfalcada pelos extravios da fuga do Brazil e pelas doações do ultimo reinado absoluto. Por varias vezes se tem affirmado que entre essas joias existe o maior brilhante conhecido, cuja lapidação custaria mais de cem contos de réis, — despeza enorme, se a considerarmos sujeita ás eventualidades de uma jaça, que viria diminuir consideravelmente o valor estimativo d'essa joia prodigiosa. Será verdade que esse brilhante existe nos cofres do Banco de Portugal e que nos pertence, na nossa pobreza, a gloria de possuir essa pedra surprehendente? Será esse brilhante o mesmo que Junot cobiçava e cujo *fac-simile* em crystal levou para França, segundo o

depoimento da duqueza de Abrantes? Parece que não. Esse outro mysterioso brilhante, se existiu — e é verosimil que não tivesse sido outro o que D. Miguel vendeu em Brombach ao judeu Filippe Sichel! — estava lapidado, e as vagas, nebulosas referencias que teem sido feitas á joia extraordinaria, conservada ainda actualmente na posse da corôa, são concordes em descrever um diamante bruto, um calhau informe, de luzes apagadas, cujo resplendor ainda nenhuns olhos humanos poderam avaliar.

Pena é que á similhança da Inglaterra, o Estado não tenha ainda installado e exposto o thesouro da corôa, fazendo o minucioso inventario d'esses bens historicos, patrimonio do paiz e regalia da realeza, solicitando da casa real o consentimento para se lhe reunir a Custodia de Belem: o mais extraordinario monumento da ourivesaria gothica conhecido, reconquistado á França depois da queda de Napoleão, e que el-rei D. Fernando salvou pela segunda vez, durante uma visita á Casa da Moeda, insistindo para que se abrisse um armario, onde estavam arrecadadas peças de ouro e prata para derreter!

O acaso, mais do que a cautela dos homens, tem por vezes salvo da dispersão e do extravio as grandes riquezas de Arte que ainda possuimos. Ninguem ignora que foi necessaria a intervenção do sr. marquez da Foz para que o

rei D. Luiz fizesse reunir a baixella preciosa de Germain, confundida no palacio entre as abundantes pratas com que se fazia o serviço do paço, diariamente. Outras obras primas, que o governo devia trazer vigiadas, como bens nacionaes, e cuja sahida de fronteiras nos delapida e empobrece, andam perdidas, como esse famoso retrato do cardeal D. Henrique, por Ticiano, que o sr. marquez da Foz veio, por felicidade, a descobrir, juntamente com uma enorme téla decorativa de Veroneso e dous quadros em madeira de Luças Cranach, em poder do herdeiro ignorante de um antigo procurador de casas nobres!

Mas em Lisboa não ha tempo para pensar n'isso: nem na infelicidade da Carelli, nem no valor de um Ticiano!

XXI

A baixella Germain, propriedade da casa real — Uma anecdota — As festas do casamento do principe D. Carlos — Encommendas de D. João V e de D. José — O luxo dos reis e dos fidalgos — A baixella da casa de Galveias — Megalomania de D. João V — Sessenta coches de gala — O infante D. Manoel e o negociante Manoel de Castro Guimarães — Uma botica de prata e ouro — Um serviço de almoço em ouro — O saleiro da collecção de D. Fernando — 600:000 libras de baixella — 1:274 peças de prata com o punção de Germain — O sr. José Maria dos Santos — A familia Sommer — O palacio dos correios-mór — O mãogosto — O premio Valmor — A casa do sr. Mayer — A rotunda do marquez de Pombal — A cocheira do sr. conde de Sabrosa — As casas dos srs. Sousa Lara e D. Antonio de Lencastre.

A anecdota é um episodio raro na historia portugueza.

Faltou-nos sempre na ironia essa capacidade de synthese, de que resulta vulgarmente a anecdota e que é um dos apanagios do espirito francez. Nem sempre é necessaria a graça na anecdota. Ha a anecdota heroica, ha a anecdota funebre. Mas uma das suas condições essenciaes é o pittoresco. A Hespanha tem uma anecdota genial: é o D. Quichote. Não passam de maravilhosas anecdotas as *Aventuras de Gulliver*, o *Micromegas*, o *Gil Blaz*. Ha uma volu-

mosa historia anecdotica da França. Difficilmente se poderia escrever uma resumida historia anecdotica de Portugal. E por tal fórma a anecdota corresponde a uma necessidade do espirito francez, que elle a fabríca diariamente com todos os assumptos, para uso de toda a Europa. Bemdito seja!

Entre outras, que nos couberam em sorte, por doação generosa da França, uma ha, das menos conhecidas, que não resisto á tentação de transcrever. É do sr. Germain Bapst. Este divertimento nunca fica mal, mesmo a um severo critico de arte. A anecdota nunca é uma frivolidade. Ha anecdotas, que atravessaram os seculos, entre o redemoinho das gerações, vencendo a inconsistencia da memoria humana, como os poemas de Homero. Lembro-me de ter lido um artigo erudito sobre a anecdota na mythologia. É de presumir que o auctor o tivesse precedido de um outro artigo substancioso sobre a anecdota na prehistoria. Esse, porém, não o li. A lenda biblica de Adão e Eva no paraizo, considerava-a Voltaire como uma anecdota. É o que podemos chamar uma anecdota veneravel. A anecdota tem sempre a sua philosophia, é sempre conceituosa, mesmo quando é absurda, como a do sr. Germain Bapst, que passo a contar.

O auctor localisou-a em Lisboa. Estamos em 1886, durante as solemnidades do casamento

de el-rei D. Carlos, ainda simples duque de Bragança, com a princeza D. Amelia de Orleans.

A casa real fizera figurar nos cortejos os seus sumptuosos coches de gala e exhibira nos banquetes da Ajuda as suas baixellas historicas, que mereceram a todos os francezes presentes um murmurio unanime de admiração.

Um d'elles, o duque de Trémoille, homem de gosto e historiador, apressara-se em felicitar o rei D. Luiz pela posse d'aquelle thesouro, unico na Europa, e o bom rei — conta-nos o sr. Bapst, — chamando á parte o duque Trémoille, dissera-lhe:

— Tenho o maior prazer em vos mostrar eu proprio a baixella e fazer-vos admirar todas as suas bellezas.

Conduzindo-o então á copa, onde os lacaios lavavam as pratas, el-rei, sem hesitar, arregaçara as mangas do uniforme e da camisa, mergulhara as mãos nos baldes da limpeza e entretivera-se a mostrar ao duque, uma a uma, as principaes peças do cinzelador de Luiz XV!

É inutil insistir sobre a ausencia completa de authenticidade da anecdota. Esse rei, de mangas arregaçadas, a mostrar as suas pratas a um fidalgo da comitiva de sua nora, seria comico, se não fosse absurdo.

Mas a anecdota encarece, melhor que todos os elogios, o valor d'essa baixella famosa, que os reis podiam, sem desaire, mostrar aos du-

ques, entre as aguas sujas da sua copa, depois de um solemne banquete de esponsaes.

Resultado das encommendas de D. João V e D. José I a Thomás Germain (de quem se conhecem na Europa apenas seis peças authenticas), a Francisco Thomás Germain, seu filho e successor, a Edme Godin e a Auguste — a baixella franceza, em poder da casa real, não tem rival em nenhuma outra casa soberana da Europa.

Seria interminavel a descripção minuciosa dos candelabros, dos centros de mesa, das cestas para pão, das molheiras, gumis, bacias, travessas, conchas, chocolateiras, chaleiras, saleiros, cafeteiras, sopeiras, pratos e talheres, que a compõem.

Datam de 1725 as primeiras encommendas de D. João V aos ourives de Pariz. No anno anterior, o rei mandara executar ainda em Londres uma banheira, com o peso de novecentos marcos de prata. Em 1728, Germain já remettia para Portugal seis mil marcos de prata cinzelada. De 1740 a 1744 fabricava nas suas officinas do Louvre, para D. João V, seis corôas e resplendores de ouro, uma cruz de altar, sete grandes tocheiros de prata dourada e um lampadario, felizmente conservado no palacio da Ajuda.

É de presumir que o terremoto tenha sepultado e calcinado nos escombros do paço da Ri-

beira e da capella patriarchal a maxima parte d'estes fabulosos thesouros, adquiridos pelo mais ostentoso e magnifico dos nossos reis: esse émulo de Luiz XIV, para satisfação de cujas phantasias mal bastava o incessante labor dos escravos, nas minas inexhauriveis do Brasil.

É hoje impossivel inventariar essas fabulosas encommendas, com que o sultão de Odivellas quasi monopolisou o trabalho das officinas de Germain. Os destroços d'esses thesouros de arte, depois da viagem ao Brasil, das delapidações das guerras civis, das partilhas entre parentes e dos roubos dos administradores, constituem ainda uma preciosidade incomparavel.

O delirio de grandezas do edificador de Mafra propagara-se á nobreza. A obra mais importante que subsiste de Thomás Germain — uma sopeira e prato — ostenta no bojo, entre folhagens de acantho, as armas da casa de Galvéas. As duas jardineiras de prata, hoje em poder do colleccionador russo Polowtzon, consideradas como monumentos da ourivesaria franceza do seculo XVIII, pertenceram ao duque de Aveiro.

A vaidade de D. João V sobreeleva, porém, em muito a da sua côrte e a de todos os soberanos do seu tempo. O devoto que encommendara a capella de S. João Baptista, com os seus degraus de porphyro, as suas columnas de lapis-lazuli, o seu altar de jaspe, o seu frontal de alabastro guarnecido de amethysta, os seus anjos

de bronze e os seus paineis de mosaico, quiz ter uma mesa de satrapa e comer em pratos iguaes aos do Rei Sol. O desvario estava no seu temperamento. Elle foi a mais voluptuosa e dissipadora magestade do seu seculo. De uma só vez, encommendava em Pariz sessenta coches de gala, com pinturas nas portinholas! Sendo um dos monarchas mais opulentos da Europa, a sua prodigalidade esgotava o erario, embaraçava-o de dividas, ameaçava reduzil-o á insolvencia. Mafra custava-lhe cento e sessenta milhões de cruzados — ou sejam sessenta e quatro mil contos! — e quando seu irmão, o infante D. Manoel, fugiu de Portugal para se alistar no exercito cavalleiresco do principe Eugenio, teve de pedir emprestados dezesseis mil cruzados ao negociante Manoel de Castro Guimarães — antepassado do actual banqueiro do mesmo nome, um dos signatarios da recente proposta da Companhia dos Phosphoros!

Por entre esse esbanjamento magnifico, n'essa côrte do Sardanapalo portuguez, fervilhavam os credores. A rainha chegou a não ter dinheiro para pagar as despezas do seu estado! Mas, que importa? Os nossos embaixadores em Roma e em Pariz multiplicavam as encommendas do soberano e fretavam-se navios em Genova e no Havre para conduzir a Portugal os novos thesouros adquiridos pela corôa portugueza.

Quando a morte surprehendeu Thomás Ger-

main, em 1748, o ourives tinha entre mãos as figuras dos doze apostolos, cujas *maquettes* em cêra terminara. É provavel que D. João V as destinasse á igreja de Mafra. Por esse mesmo tempo mandara elle construir o carrilhão a Amsterdam e bordar os paramentos á Italia.

Succedendo a seu pai, D. José continuou a dar a preferencia aos ourives de Pariz, nas suas encommendas de baixella. Em 1752, Francisco Germain executava para D. José uma botica de prata e ouro, que custou de feitio vinte mil libras tornezas! Em 1757, principiava a trabalhar na baixella de serviço, que devia compor-se de trezentas peças, e na qual trabalhava ainda em 1764. Em 1766, fazia uma *toilette* de *vermeil* e um serviço de almoço, em ouro, com baixos relevos representando trophéus. Era a reproducção de uma peça d'este serviço o famoso saleiro da collecção de el-rei D. Fernando.

Apesar de faltar a esta peça maravilhosa o puncção de Germain, os avaliadores do espolio artistico de D. Fernando não hesitaram em attribuil-a ao cinzelador francez. Foi D. Luiz, mostrando a um d'esses avaliadores, official-mór de sua casa e artista erudito, o serviço de almoço, quem revelou que esse celebre saleiro não passava de uma copia perfeita do original em seu poder.

Por esse mesmo tempo, Germain executava ainda um serviço de *toilette* para a princeza

D. Maria. Na occasião da sua fallencia, em 1765, os trabalhos em execução para o rei de Portugal elevavam-se á prodigiosa somma de seiscentas mil libras tornezas! E as encommendas proseguem! Depois de fallido, das officinas de Germain sahem ainda um *necessario* de ouro, um serviço de almoço, uma *toilette* em *vermeil*, quatro duzias de pratos, tres duzias de talheres completos, trés duzias de facas em *vermeil*, uma espada de ouro e doze baldes de prata! Para se fazer uma ideia exacta da importancia d'essas acquisições fabulosas, bastará dizer, que depois das partilhas com o imperador do Brasil, das delapidações do miguelismo, das incursões dos exercitos francezes, a casa real possue ainda mil duzentas e setenta e quatro peças de baixella, assignadas com o puncção de Germain! Este pouco, n'um paiz onde os criticos de arte affirmam que nada existe de valioso!

É pelo desconhecimento total dos nossos thesouros de Arte, pelo nosso incorrigivel desleixo, pela ausencia completa de educação artistica nas classes ricas, pela incuria absoluta nas classes dirigentes, que chegamos a convencer-nos de que nada possuiamos, fechando os olhos ao exodo de milhares de pannos de Arrás, ao destroço do nosso mobiliario, á dispersão das nossas joias, ao desapparecimento dos nossos quadros. Se não nos levaram a Batalha, a torre de Belem e os Jeronymos, foi só porque pesavam

muito e não havia gula de Salamanca ou avidez de Humburger que podessem com elles!

Hoje desatamos a carpir-nos, quando nos sentimos roubados. Só nos consola o pensamento de que o roubo não foi exorbitante. Mas o peor é que elle foi mais do que exorbitante: foi irreparavel!

Apenas a familia real, para onde o sangue nobre do Coburgo trouxe inclinações requintadas de arte, conserva memoraveis vestigios da nossa grandeza esvahida e guarda do extravio e da ruina, nos seus cinco palacios, a herança sumptuosa da dynastia.

No Portugal do seculo XIX não resta de pé nenhuma das grandes casas historicas. Em nenhuma republica a devastação das aristocracias foi maior. O luxo—esse grande luxo hierarchico e nobre, que foi sempre apanagio das grandes castas, desappareceu. As proprias riquezas territoriaes deslocaram-se. O sr. José Maria dos Santos, que é hoje, pela extensão dos dominios e pela opulencia dos bens adquiridos, o primeiro lavrador portuguez, vive com simplicidade na sua casa da Junqueira. A riquissima familia Sommer vive sem ostentação e sem ruido na sua casa do Principe Real. Das familias ducaes, apenas a casa Palmella mantem o estado da sua hierarchia. Os Cadavaes estão no exilio. Os Lafões recolheram-se a uma voluntaria obscuridade.

Os velhos palacios cahem em ruinas ou estão, como o paço grandioso dos correios-mór, na posse de um marchante. Os abundantes dinheiros da Africa e do Brasil consomem-se na construcção de horrendos predios de aluguer, que compromettem a belleza das novas avenidas de Lisboa. Não se encontra vestigio de um criterio artistico que intente dirigir, aconselhar, guiar ou punir esta invasão da vulgaridade, que ameaça submergir a capital. O municipio vê-se na necessidade de distribuir o premio Valmor ao lindo torreão de casa italiana construido pelo sr. Bigaglia ao sr. Mayer, na Avenida — no recinto d'onde devia partir uma rua ligando os jardins da Escola Polytechnica com o primeiro passeio de Lisboa: projecto criminosamente abandonado por uma quisilia de preço na expropriação de um pardieiro e que privou a Baixa do gôzo de um recreio insubstituivel.

Á incuria da camara se deve ainda a inutilisação da rotunda do Marquez de Pombal, no cimo da Avenida da Liberdade, centro de irradiação das avenidas novas e accesso principal do parque Eduardo VII. N'essa rotunda, que o mais elementar bom senso deveria destinar para edificações de primorosos exemplares architectonicos, construiram-se casarões inestheticos, enormes casernas, junto das quaes parecem córar de vergonha os pequenos palacetes do sr. Lara e do sr. D. Antonio de Lencastre. Se um dia,

o vulto do reedificador de Lisboa, fundido em bronze, se erguer n'um pedestal de marmore, ao centro d'essa rotunda, o esculptor deve darlhe uma expressão de desdenhosa ironia e pôl-o na attitude de examinar, com a sua terrivel luneta — flagello dos diplomatas do seculo XVIII — esse espaçoso recinto, onde avulta a cocheira do sr. conde de Sabrosa.

E não faltaria um francez, com o engenho do sr. Germain Bapst, para fazer com isso uma anecdota.

XXII

Dous duelos parlamentares — O conselheiro Alpoim — O conselheiro Arroyo
O conselheiro Hintze Ribeiro.

A sessão parlamentar, que a queda do governo presidido pelo sr. Hintze Ribeiro vem reduzir a uma rapida escaramuça, onde não chegaram a combater, em ordem de batalha, as aguerridas minorias contra as disciplinadas maiorias, foi illustrada por dous sensacionaes duelos singulares, em que pelejaram os tres maiores oradores das duas camaras.

No breve espaço de uma semana, o sr. Hintze Ribeiro teve de defrontar-se com as duas palavras mais prestigiosas do parlamento portuguez, luctando com a eloquencia impetuosa do sr. José de Alpoim e esgrimindo com as ironias desconcertantes do sr. João Arroyo. Um duelo a sabre na sala dos deputados; um duelo a florete na camara dos pares.

O sr. conselheiro José de Alpoim, actual mi-

nistro da justiça, é um orador de notabilissimos recursos. A sua imaginosa eloquencia, que recorda a ardente e fumegante veia oratoria de José Estevão, é servida por uma voz de stentor, clara e cheia de vibrações, que se eleva, com rumores de trovão até á apostrophe, e se melodisa logo a seguir quasi até ao canto. N'essa voz privilegiada ha tempestades e harmonias, caricias e coleras, ameaças e blandicias. Tão depressa é um rugir de leão como um cantar de sereia. E como se apodera do orador, na dicção do discurso, a exaltação febril dos nervo-sanguineos, a influencia suggestionadora é, no auditorio, irreprimivel.

Essa voz clamorosa, digna de ter echoado nos recintos theatraes dos parlamentos romanticos, fascina, encanta e arrasta, sensibilisa, perturba e emociona. Uma pessoa esquece-se de que está vendo o manejar flammejante de uma arma de guerra. O orador parece ter subido a um palco e não a uma tribuna. O politico esvahe-se e fica o artista. É um guerreiro despedindo setas de ouro; um fundibulario arremeçando diamantes. Retrograda-se lentamente ao seculo da elegancia e do humanismo e cuida-se ouvir as tiradas rhetoricas e vehementes com que o genio latino inaugurou, na revolução de França, a eloquencia parlamentar.

Como esses homens nevralgicos e excitados, visionarios e theoricos, que iniciaram nas cons-

tituintes os torneios politicos, o sr. José de Alpoim tem a palavra calorosa, uma educação litteraria vastissima e a predilecção pelas fórmas classicas e puras. Mesmo na replica, as suas impetuosas torrentes de palavras veem coroadas pela espuma rendilhada do estylo. Na exaltação obliterante do ataque, o seu cerebro refulge em imagens litterarias e a memoria soccorre-o com citações apropriadas. A ouvil-o, está-se ouvindo a linguagem castiça de Rodrigo da Fonseca, transfigurada pelas animações de um Ribeiro da Silva. Na phrase de um amigo meu, se Camillo Castello Branco fôsse orador, deveria fallar assim!

O sr. conselheiro José Maria de Alpoim, é o ultimo dos grandes oradores sentimentaes — empregada a palavra na sua accepção mais nobre, refeita da adulteração com que as litteraturas recentes a desprestigiaram. E d'ahi — porque é o ultimo e o unico, — a sua força e a sua fraqueza; a permanente belleza das suas orações e a inanidade, muitas vezes, dos seus ataques. É, sobretudo, nos espiritos cultos, anti-politicos, que a sua eloquencia repercute em echos mais fortes de suggestão. Para esses, a elevação e a esculptura da phrase tornam se o principal enlevo d'essas orações arrebatadoras e modelares. A intenção politica passa, perante esse auditorio restricto, a um plano secundario: é o simples thema d'aquellas brilhantes variações de pala-

vras, o motivo d'esse poema symphonico de phrases.

E não é que ao illustre parlamentar faltem as convicções politicas, que inflammam os seus discursos partidarios. O logar eminente, que occupa no seu partido, é o melhor attestado da sua decisiva e preponderante influencia na politica portugueza. Mas a palavra é mais a sua arte do que a sua espada. Fallando, o artista prevalece sobre o estadista. O orador é n'elle maior que o deputado. Em horas de commoção publica, a sua palavra calorosa póde derrubar ministerios e arrastar, como uma onda fascinada, massas de homens. Em frente a auditorios scepticos e dentro de questões concretas, os seus magnificos discursos fallam mais aos ouvidos do que ao pensamento. As suas orações parlamentares teem mais bellezas do que argumentos. Os seus ataques teem mais estrondo do que perigo. A primeira fortaleza dos politicos é a serenidade. Robespierre venceu sempre Mirabeau. A impassibilidade sahiu sempre victoriosa da colera. O ardil triumphou sempre da força. E o sr. conselheiro José de Alpoim é, por temperamento, um arrebatado, com todas as perigosas audacias, todos os generosos impetos, todas as temerarias imprevidencias dos impulsivos.

Não é isto reduzir-lhe os notaveis talentos de politico. Esse gigante de voz suave é mesmo o mais irresistivel *meneur* de homens, com to-

das as auctoridades atavicas de um soberbo capitão-mór e todas as gentilezas tradicionaes de um cortezão. Mas é tão sómente sob o seu aspecto de orador, que o estou julgando.

Diversa é a maneira parlamentar do sr. conselheiro João Arroyo. Mixto de Costa Cabral e do conde da Taipa, irreverente como Sotto-Maior, elle mostra-nos outro aspecto do genio meridional, com a sua predilecção pela metaphora, o seu prazer voluptuoso da notariedade, o seu feitio indisciplinado e brigão e espadachim, os seus talentos notaveis de ironia. Orgulhoso e enfatuado como todos os artistas — mesmo os maiores! —, de uma sagacidade á Fouché, adornada pelas subtilezas de um Tayllerand, amigo do apparato e da *mise-en-scène*, penetrante como um gume, voluvel como as mulheres, ambicioso e irrequieto, amigo do luxo e da *bonne chére*, italiano nos processos politicos e no amor das artes, Medicis e Machiavelo ao mesmo tempo — o sr. João Arroyo é uma das figuras mais notaveis, pelas suas qualidades e defeitos, da contemporanea politica portugueza.

O seu ultimo discurso foi ainda um modelo de ironia percuciante e de satyra amarga, flammineo na investida, imaginoso e florido na fórma, com tiradas romanticas e syntheses lucidissimas, onde a eloquencia abria parenthesis hilariantes de veia comica e a graça andava de mãos dadas com a virulencia.

Essa sensacional oração constitue um precioso documento litterario. Mas ha de faltar-lhe, a quem lêr, a vida extraordinaria e a animação inolvidavel que o grande orador lhe communicou ao recital-a.

Ninguem como elle attingiu até hoje, na tribuna portugueza, essa alta sciencia da mimica e da expressão, e nunca ninguem melhor affeiçoou a voz para essas declamações parlamentares. Os melhores actores invejariam aquella prodigiosa subordinação da voz á intenção subjectiva da palavra, que tão depressa alcança as proporções solemnes de uma orquestra executando Beethoven, como desce de tom até ás arietas gaiatas de Offenbach; aquella sciencia de gesticular e de exprimir, que sublinha as phrases e lhes dá relevo e luz; aquella capacidade inegualavel de conceber e reproduzir a ironia, de pôr um sorriso em cada silencio, de manejar, a meio das apostrophes, a matraca de Arlequim, e de improvisar a *chalaça* nas entrelinhas das *catilinarias*.

Coube ao então presidente do conselho o responder a esses memoraveis discursos.

Á oração impetuosa do sr. conselheiro Alpoim e ao ataque brilhante do sr. conselheiro Arroyo, o sr. conselheiro Hintze Ribeiro antepôz essa força dos fortes, que é a calma.

Não é o sr. Hintze Ribeiro um tribuno, na accepção romantisada da palavra. Ouço dizer

que elle é o primeiro orador parlamentar de Portugal. Sem duvida! Mas elle é, sobretudo, o primeiro temperamento de estadista do nosso paiz. A sua maior eloquencia é a sua maxima serenidade. Os argumentos são a sua rhetorica mais poderosa. Os seus discursos são maravilhosos raciocinios. O seu poder de exposição e de synthese não permitte confronto com qualquer dos grandes oradores das duas camaras. Depois de uma agressão enthusiastica, é um espectaculo impressionante ouvir a tranquilla facilidade da sua palavra, vêr trabalhar serenamente o seu poderoso cerebro. O gigante caminha sem commoção sobre as flôres de rhetorica, que lhe arremeçaram os adversarios. E se alguma se digna apanhar, não é para deter-se em admirar-lhe a belleza e aspirar-lhe o perfume ou o veneno. É para a esfolhar sem piedade. Os seus discursos lembram as modernas machinas de guerra, vomitando metralha com impassibilidade.

N'essas luctas da palavra, o sr. José de Alpoim combate com as armaduras, as lanças, os corseis e os pendões das hostes medievaes. As suas phrases teem a galhardia e a theatral belleza dos terços impetuosos de um Duguesclin. Os discursos do sr. João Arroyo fazem recordar os ataques alegres, movimentados, dos mosqueteiros do senhor d'Artagnan.

O sr. Hintze Ribeiro combate victoriosa-

mente Duguesclin e d'Artagnan com simples combinações de tactica e estrategia. Ás suas arremettidas oppõe muros impenetraveis de argumentos. Responde á tempestade com a calma. Os raios com que pensam fulminal-o, apenas o aquecem. Contra a sua logica inflexivel quebram-se todas as espadas, estilhaçam-se todas as lanças. Elle tem o segredo de penetrar nos reductos do adversario, de vêr, de relance, os pontos vulneraveis do inimigo. Nenhum discurso, por mais reflectido, deixa de ter uma porta aberta, por onde elle entra victorioso. Talento essencialmente analytico, como Fontes, — o sr. Hintze Ribeiro é, na significação historica do termo, um politico. O parlamento é para elle, como foi para Fontes, «a estacada onde de preferencia derime todos os pleitos». Uma das suas forças provém de que não procura arrebatar, mas convencer. O parlamento não é a sua arena, é o seu tribunal.

Esse homem sereno tem, ás vezes, as suas tempestades. Esse homem calmo sabe tambem servir-se da paixão — a grande arma das assembleias politicas. Mas nunca é elle — e só as suas ideias — que se exalta! As mais fulminantes accusações não conseguem levar o embaraço até aos dominios privilegiados do seu cerebro. Os seus raciocinios seguem de perto as suas palavras. Elle nunca disse mais do que pretendia dizer. Sabe estar no seu logar, como ninguem. No

parlamento, entre os conflictos dos partidos, nunca o viram esquecer o que deve a si e aos outros. Um ignorante, que pela primeira vez entrasse nas camaras, sem qualquer especie de noção sobre os homens, os costumes e as praticas do parlamento, destacaria logo, entre todos, esse homem correcto e severo, de fronte meditativa, de olhar reflexivo e penetrante, cuja calma offerece a mais bella imagem da força e poder, denunciadora dos manejos familiares do mando. No governo ou na opposição, investido das maximas responsabilidades de um chefe de partido, elle é a mais nobre encarnação do estadista, o mais prestigioso representante do poder politico, na historia contemporanea de Portugal. N'um periodo caracterisado pelo desrespeito da tradição, pelo desprezo das formalidades, pela decadencia da dignidade individual, pelo desprestigio dos caracteres, esse homem sereno e previdente, energico e generoso, representa no paiz a dignidade inquebrantavel e imprescindivel do governo, e é já hoje, por herança de Fontes, a individualidade primacial da politica portugueza.

Toda a imprensa narrou a maneira superior como esse homem calmo se houve com as arremettidas eloquentes e apaixonadas dos dous grandes oradores das duas camaras, na semana que precedeu a queda do gabinete a que presidia. Não foram os discursos que o abalaram.

Todas as flôres de rhetorica do sr. conselheiro Alpoim ficaram implacavelmente desfolhadas; todas as setas do sr. conselheiro Arroyo deixaram feridas as mãos que as arremeçaram.

Mas não foi para descrever essa lucta sensacional que a aproveitei para assumpto d'estas considerações superficiaes e rapidas. Ella está archivada no *Diario das Camaras*.

Esses ruidosos duelos, feridos no parlamento portuguez, durante a primeira semana de outubro, envolvem, porém, uma grande lição, que não é util que passe despercebida: a victoria da verdade sobre o artificio, a superioridade da calma contra a exaltação!

Se ao menos esse exemplo contribuisse para transformar os nossos processos parlamentares e chamar á razão — não os srs. conselheiros Alpoim e Arroyo, — mas essa especie de oratoria versatil e verbosa, que pretende confundir-se com a eloquencia e ainda é hoje, mais do que no passado, o vicio fundamental do nosso systema representativo, quanto teria sido proveitoso para o paiz o espectaculo d'esses dous famosos combates da palavra! Mas Coimbra não cessa de diplomar bachareis e rhetoricos, e poucos, infelizmente, terão os grandes talentos d'esses homens, que jogaram as armas n'este torneio brilhante! O paiz terá ainda de ouvir muita phrase inutil. Estamos ainda no reinado dos palavrosos!

Pois a lição foi severa para a verbosidade

indigena! Fallaram os dous maiores oradores do parlamento. E o que ficou, afinal, d'esses discursos? A celebridade para os oradores? Não, porque já a tinham. Apenas o assumpto de um dia para os jornaes!

XXIII

Cascaes no outomno — A retirada para Lisboa — Uma tourada de amadores — As antigas touradas de fidalgos — O conde de Vimioso — D. José Casusa — O *cake-walck* em Lisboa — Os brilhantes Bera — Uma sociedade decadente — Os bailes do Farrobo — Os *raouts* do sr. João Arroyo — A senhora condessa de Almedina.

O vento e a chuva vão trazendo para Lisboa os ultimos retardatarios, que a presença dos reis na cidadella, os concertos no Casino e a novidade de uma roleta, tornada ostentosamente publica desde o dia 15, demoravam á beira-mar, nos *chalets* e *villas* dos Estoris e de Cascaes. Por muitos mezes, a linda estrada da *Bocca do Inferno*, com a sua declivosa muralha de penedia e o seu horisonte de mar e os seus poentes coloridos, vae recahir na solidão e no abandono. Por muitos mezes não voltará a vêr os ranchos alegres de bébés, guiados pelas *misses*, a passagem dos principes a cavallo, no seu passeio matinal, o trotar dos batedores á frente da *victoria* da rainha, o rapido perpassar dos automoveis e o lento caminhar da rainha viuva, apoiada com magestade á sua bengala de *douairière*, com os seus cabellos ruivos e o seu grande ar gracioso

e solemne, em companhia das marquezas de Unhão ou de Bellas.

Esse Cascaes cortezão e *sportivo*, que conversa de manhã na praia, joga a malha, a bola e o *tennis* ás quatro horas no *Sporting*, joga o *bluff* e dansa á noite no Casino, e, durante todas as horas de todo o dia, intriga, murmura, espiona, segreda, namora, lisongeia, calumnía, escandalisa,—dá os seus ultimos espectaculos d'este outomno e despede-se com uma tourada, que faz pensar com saudade e tristeza n'esses cavalleiros gentis e romanescos, n'esses fidalgos de salão e picadeiro, que punham a mesma galhardia em correr os curros bravos dos Castellos-Melhor e dos Lafões e em retorquir aos epigrammas das mulheres.

Inutilmente, n'esses torneios de destreza, que encontram sempre o varonil incitamento de el rei, a mocidade de hoje procura renovar as tradições dos seus maiores. Não é que lhe falte a audacia estreme dos avós. Mas falta-lhe a elegancia e o garbo, a esbelteza de raça e de maneiras, esse brilho natural, que foi apanagio de uma sociedade extincta e com que triumphavam nas arenas, ha sessenta annos ainda, o conde de Vimioso e D. José de Mello e Castro. A arte viril e fidalga de picar touros requer uma gentileza na bravura, uma gracilidade na coragem, que passaria por maneirismo aos campeões do *tennis*.

Outros tempos e outros costumes!

Não ha hoje, entre os rapazes, um só d'esses raptores de bailarinas, d'esses dansarinos intrepidos, d'esses cortejadores impenitentes, d'esses cavalleiros destros, d'esses janotas excentricos, que se chamaram marquez de Nisa, José Vaz de Carvalho, Duarte de Sá, Alexandre Villar Perdizes, José Casusa e Antonio da Cunha. A vivacidade, o espirito, a alegria, o talento de agradar ás mulheres, acabou com essa brilhante geração, que teve o seu poeta em Garrett e o seu *apollo* em D. João de Menezes. A graça evadiu-se de entre a mocidade de agora. Aos poucos, foram-se fechando as salas de baile, que eram as jaulas d'esses *leões*. Os rapazes principiaram a fugir das senhoras.

Uma das caracteristicas da actual geração é a uniformidade da sua vida. Ha uma crise de individualidades. Todos se vestem no mesmo alfaiate, frisam os bigodes pelo mesmo figurino, são socios do mesmo *club*, teem assignatura nos mesmos theatros, servem-se da mesma companhia para a ceia e da mesma flôr para a lapella. Impeccaveis nas suas casacas, perfumados pelo mesmo perfume, cretinisados pela mesma ignorancia, os janotas de Lisboa são o producto de uma conta do Amieiro, subtrahidos os erros de orthographia das suas cartas de amor. É indispensavel que a conta seja exorbitante para que a subtracção seja possivel!

Elles ahi chegam todos de Cascaes, com as suas *rackets*, os seus sapatos de sola de borracha, para tomar o seu logar na plateia de S. Carlos e no balcão do D. Amelia. Já pelas esquinas se affixaram os cartazes coloridos das recitas estrangeiras: Mounet Sully com a capa e o feltro de pluma negra do principe da Dinamarca ou com o *pallium* de Œdipo ou com o gibão romantico de Hernani; Polin com as calças encarnadas do *piou-piou*, o kepi sobre a orelha; Paulette Darty com as suas dez saias de renda; Jane Hading com a sua *frimousse* de amorosa, e o seu ar languido de flôr de estufa.

Chove. As ruas tapetam-se de lama. Accende-se o gaz ás cinco horas. O corpo diplomatico regressa ás legações. Ha chrysantemos por todas as varandas e por todos os jardins. O *Paris em Lisboa* annuncia a sua nova modista, *madame* Nathalie Freimann, da casa Worth, e o seu novo *tailleur pour dames*, Agafanoff, das casas Paquin e Klain. A lisboeta, de saia arregaçada, sem medo á lama, começa a espreitar ás vitrinas. O janota já guardou a *racket* e tirou os sapatos de sola de borracha. As folhas das arvores juncam os passeios da Avenida. O calendario marca outomno? Que importa! Estamos no inverno. A cidade recuperou o seu prestigio. Faz frio, só em pensar na praia e no campo! Em frente ao oceano, com os seus alicerces batidos pelas ondas rumorejantes, a casa ma-

gnifica do sr. O'Neill, concebida por esse requintado e sabio artista, que é o pintor Villaça, fica esperando a primavera e espreitando do alto dos seus minaretes mouriscos e da sua torre medieval o regresso das andorinhas. Ao abrigo das muralhas da cidadella, a linda e alegre casinhola minhota do sr. conde de Arnoso recahiu no silencio do abandono. Lisboa estende os seus tentaculos de polvo pelos arredores e pelas provincias. As dansarinas hungaras do Colyseu fazem successo. Dansa-se o *cake-walck* na rua da Palma e nas Portas de Santo Antão. Diante das vitrinas, illuminadas a luz electrica, de uma loja do Chiado, que expõe joias falsas, apinha-se e acotovella-se uma multidão maravilhada e uma ou outra mulher tão falsa como ellas.

Esta Lisboa irrequieta e bohemia, que assalta as bilheteiras dos theatros, que veste á franceza, que come á franceza, que delira pelas actrizes francezas; esta Lisboa incaracteristica e quasi cosmopolita, que substitue as criadas pelas *bonnes*, as professoras pelas *institutrices*, as costureiras pelas *coupeuses*, o amor pelo *flirt*, tendo perdido os habitos caseiros, desassociou-se por tal fórma, que perdeu quasi totalmente esse caracter mundano, que foi o orgulho das sociedades elegantes nos reinados de D. Maria II, D. Pedro V e D. Luiz I. Os theatros mataram os salões. Lisboa esqueceu os talentos de se divertir a si propria. Paga para que a divirtam.

Os seus prazeres véem de fóra, como o *foie-gras*. Apagaram-se os lustres das salas de baile e as velas serviram ás lanternas dos *coupés*. Janta-se depressa para estar a tempo em S. Carlos; sobretudo para demorar o menos possivel em casa! Hoje, aprecia-se mais um *gourmet* de que um dansarino. A festa mundana por excellencia é o jantar... a vapor! Se D. Maria Kruz vivesse hoje, o seu salão da rua Formosa estaria vazio. Nos *five o'clock* da primavera mastiga-se mais do que se conversa. Por toda a parte, ao exercicio do espirito substituiu-se o exercicio dos musculos. Ter appetite é hoje uma recommendação. Ter força é melhor do que ter talento. O Farrobo, com a sua mania da musica, de concerto, de poesia e do baile, seria hoje um massador. A galanteria, que ha sessenta annos segredava atrás dos biombos de sêda, pratica-se hoje em mangas de camisa, nos *courts* do *tennis*, em Cascaes.

Nunca se dormiu tanto em Lisboa como no tempo em que o sr. João Arroyo, então ministro dos estrangeiros, dava os seus *raouts* elegantes e punha os seus convidados em presença dos seus *bibelots*. O baile — essa festa jubilar da sociabilidade; o baile — esse luxo mundano das aristocracias; o baile — esse torneio da graça, morreu! A cidade desterrou-o para as praias, tal qual uma senhora, que dá um vestido passado de moda á sua criada de quarto. Essa Lisboa

brilhante do tempo das marquezas de Vianna e Penafiel, das condessas do Carvalhal e de Farrobo, acabou.

Lentamente, o convivio foi-se restringindo e com a ruina das casas poderosas, a dispersão das familias preponderantes, a velhice dos galanteadores irresistiveis, a viuvez das dansarinas esbeltas, o desmoronar de toda essa dynastia mundana, que reinou trinta annos, extinguiu-se e perdeu-se a requintada sciencia dos salões. Substituiram-se os prazeres tradicionaes e predilectos da côrte portugueza por passatempos exoticos.

Apagou-se essa chamma azulada da graça, em volta da qual voavam as mulheres, agitando, como azas coloridas de libellulas, as caudas dos vestidos, ao som das valsas de Strauss. Tentar mascarar com falsas razões de hygiene o que não passa de um symptoma triste de decadencia n'essa arte delicada da cortezia, que fez escola em Portugal, é absurdo. A hygiene não impediu as reuniões da sociedade nas casas de espectaculo, em atmospheras viciadas, nem baniu a dansa dos casinos, depois de préviamente lhe despirem a etiqueta, que a tornava casta, a etiqueta — que era o seu perfume, a sua distincção e a sua garantia!

Indiscutivel é que a alta sociedade de Lisboa perdeu, no final do seculo XIX, esse caracter eminentemente sociavel e mundano, que

herdara do seculo XVIII, da tradição dos serenins, onde dansavam minuetes as galantes condessas de Soure, de Assumar, de Ficalho, de Vimieiro, tendo como pares o duque de Cadaval, o marquez de Penalva, o conde de Lumiares e D. Fernando de Lima — esse marquez de Niza de 1790! E não é porque falte á sociedade contemporanea esse ornamento do espirito, que é a divisa e o orgulho das sociedades elevadas. O *clan* da nobreza conserva, como seu apanagio, o cultivo da intelligencia e o exercicio das artes. É mordomo-mór de el-rei o sr. conde de Sabugosa, um poeta e um erudito; é seu secretario o sr. conde de Arnoso, o amigo dilecto de Eça de Queiroz; é camareira-mór da rainha a senhora duqueza de Palmella, uma esculptora de talento, um alto espirito de artista.

E sem fallar da sr.ª condessa de Proença-a-Velha, da sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, d'esse nunca esquecido morto de hontem, que se chamou o conde de Ficalho, do marquez da Foz, do conde de Redondo, do conde de Bretiandos, de D. João da Camara, ha ainda em todas as grandes familias, mais ou menos vivo ou apagado, esse culto da belleza e da arte, que distingue as castas superiores.

O que de todo falta — e que não podemos exclusivamente attribuir á confusão das classes, — é essa velha predilecção pelo convivio, esse gosto apurado pela cortezia, essa paciencia gen-

til para com as mulheres, essa delicada religião das maneiras, que constituiram a belleza e a vida das sociedades de hontem.

No Porto, como em Lisboa, a decadencia é a mesma.

Acabaram essas brilhantes gerações dos Rezendes e dos Brown, esses homens viris e cortezãos, espirituosos e estroinas, que foram a poesia e o ornamento do seu tempo. Ainda o anno passado, o sr. conselheiro Antonio Emilio Correia de Sá Brandão, essa veneravel reliquia do seculo, hoje o mais antigo magistrado portuguez, me descrevia um baile de mascaras, que meu bisavô Miguel Malheiro déra no seu palacio da Boa-Vista e onde Ricardo Brown se apresentara de Carlos I de Inglaterra, e tão adornado de diamantes antigos, que não se despregavam d'elle os olhos das mulheres. Mesmo durante o cêrco se accendiam os lustres dos salões do Porto. No intervallo das contradanças, os officiaes galopavam até ao quartel-general, iam vigiar o reducto do seu commando e voltavam a tempo de dansar a *poloneza* ou a *mazurka.* Mais tarde, as familias Albuquerque, Farias Regras, Pereira Machados, Bulhões e Wan Zeller deram festas magnificas, immortalisadas pelas referencias de Camillo. Mas, pouco a pouco, foram-se calando os sextetos de baile. O velho orpheon veio ainda, por um instante, animar, em reuniões de musica, a sociedade por-

tuense. Foi o tempo em que o sr. Antonio Julio Machado promovia no Gil Vicente as recitas inolvidaveis do *Barbeiro*.

Que resta hoje d'esse Porto dos concertos, dos bailes, das mascaradas? Uma saudade; uma memoria!

Por todo o paiz se vae perdendo esse talento mundano, não isento de orgulho, com que as altas classes se extremavam mais radicalmente das outras. *Tout passe, tout casse, tout lasse*... Ao *carnet de bal* substituiu-se o programma do D. Amelia. O prazer de Lisboa está na dependencia dos emprezarios. Já se não recebem convites. Pagam-se assignaturas. A sociedade é governada pelo cartaz. Já se não diz uma *sortie de bal;* diz-se uma *sortie de théatre*.

Só uma casa resiste ainda a esta epidemia desassociativa. Uma casa resta ainda, onde se abriga, escorraçada de todos os salões, essa tradicção gentil e galante dos velhos serenins. É o palacio Almedina. Cada inverno, elle accende os seus lustres, enfeita com plantas raras o seu vestibulo etrusco, espalha violetas, rosas e camelias pelas suas salas. E o baile e a poesia, desthronados, enganam-se á porta e perguntam: «—Está em casa a sr.ª marqueza de Penafiel?» Julgam-se no palacio da rua Nova de S. Mamede, em 1865! E de outras vezes: «—Está em casa a sr.ª D. Thereza Botelho?» Julgam-se no palacio

da rua de S. Felix, em 1849! Ou indagam: «— Está em casa a sr.ª marqueza de Vianna?» Julgam-se no palacio do Rato, em 1842!

A sr.ª condessa de Almedina, D. Anna Luiza de Guimarães Guedes, é uma montevideana educada em Pariz, que os acasos de uma viagem e de um amor fixaram em Portugal. Isso explica a sua graça, esse coquetismo irrequieto, que é n'ella uma perpetua mocidade, a malicia que brinca ao canto dos seus labios risonhos e o fulgor d'aquelles olhos escuros — bem hespanhoes! — onde ha o constante reflexo de um espirito penetrante e a doçura de uma grande bondade. Essa estrangeira, tornada portugueza pelo casamento, soube crear em redor de si, no tempo de seu marido, e conservar na viuvez, uma tal atmosphera de sympathia, um tal irradiamento de affectos, e soube ser, n'uma cidade dispersiva e egoista como Lisboa, uma tão perfeita imagem d'essas grandes senhoras amaveis e illustradas do tempo de Garrett, que fez reviver, desajudada de todos, pelos recursos do seu espirito generoso e da sua fantasia de artista, a festa mundana da época de Farrobo.

Em qualquer sociedade, a sr.ª condessa de Almedina não seria uma vulgaridade. Em Lisboa, é quasi um phenomeno! Reatando as tradições galantes das grandes casas de 1850, ella conseguiu fazer renascer o theatro de salão e imprimir ás suas festas esse *cachet* de arte, cujo

segredo parecia perdido com as interpretes espirituosas do *Fallar verdade a mentir!*

Com que fino tacto ella organisa os seus jantares, as suas *sauteries*, as suas recepções, todas as suas festas! A sua fantasia ainda encontra sempre uma encantadora novidade, uma belleza inédita! É hoje uma sala, que ella transfigura n'um caramanchel de rosas. É amanhã um terraço da sua casa de Cascaes, que ella transforma n'uma sala de baile. Ou são os seus jantares á portugueza, com os *menus*, a baixella, a roupa, os crystaes, as louças authenticas de um jantar do tempo do senhor D. João VI; ou são excentricidades de um luxo bizarro, como essa toalha bordada a lentejoulas, que serviu ao recente jantar offerecido ao sr. conselheiro Hintze Ribeiro. Ella é, por essencia e por temperamento, a inimiga irreconciliavel da banalidade. Viuva de um pintor de talento, com accentuadas tendencias de artista, a sr.ª condessa de Almedina é uma das senhoras mais intelligentes e instruidas da sua classe, aquella que melhor representa em Lisboa essa dynastia fulgurante das viscondessas de Asseca e de Balsemão, das condessas da Lapa e de Soure, das velhas Alcipes e das modernas Kruzes. O seu *lever de rideau* «Après le Bal», representado o anno passado no palacio da Avenida — uma pequena joia, que parece tirada de um escrinio! — e essa subtil novella «Sœur Marthe», que faz pensar em Georges

Sand pela emoção verdadeira e pelo talento de narrar são o bastante para lhe conquistar a enternecida estima e a admiração dos escriptores, cuja profissão infeliz e nobre ella honrou, n'uma hora vaga, com essas cem paginas de sentimento e de subtil analyse. E, como se tudo isso não bastasse, é vêr ainda o enlevo amoroso com que essa grande senhora educou, no mesmo culto da belleza e da arte, as suas duas filhas D. Luiza Caria e D. Alda Almedina, n'um trabalho laborioso de abelha, que só do mel das mais doces flôres se alimenta e vive!

Não; a festa mundana, de que o *divino* Garrett foi o legislador, ainda não morreu de todo. E agora, todos os invernos, a poesia e a dansa, vendo luzes n'um palacio da Avenida, já se não enganam e perguntam:

—Está em casa a sr.ª condessa de Almedina?

XXIV

O dia 20 — Á procura de ninho — O lar pobre — *Natal* dos ricos — *Sexta-feira de paixão* dos miseraveis — As *Pedras Negras* — Os *Campos Elysios* — A Lisboa dos felizes — A Lisboa dos desgraçados — As novas avenidas — Os novos predios — A epidemia da construcção — Casas que duram — Casas que se equilibram.

Approxima-se o dia 20: esse pesadello dos pobres! Pagar ou pôr escriptos! Adeantar de dous mezes, ao senhorio, a exorbitancia da renda, ou procurar outro refugio e outro ninho! É necessario conhecer Lisboa: a Lisboa dos amanuenses, a Lisboa dos empregados publicos, a Lisboa do proletariado official, para comprehender até que culminancias de tragedia póde ascender essa curta e violenta batalha pelo lar n'este dia inexoravel, que é o *Natal* dos ricos e a *Sexta-feira de Paixão* dos miseraveis.

Lisboa vive dia a dia, quasi ao *Deus dará*. A economia é tão rara em Lisboa como a neve. Pagar meio anno de casa, no espaço de doze horas, é para o desperdiçado lisboeta, para esta cigarra imprevidente, o mais terrivel problema

domestico. A ultima prata, que reluz no aparador, e o ultimo cobertor, que aquece o leito, vão, pela calada da noute, offerecer-se ao penhorista. O dia 20 é a romaria do Monte-pio. A cada momento, nas ruas, se encontram faces afflictas, rostos apprehensivos, olhares amargurados, que se desviam e fogem dos nossos, como para nos occultarem o seu desespero e o seu segredo. Deante dos *guichets* das casas de penhores desfila uma multidão envergonhada e triste. São mães, que levam a roupa dos filhos. São maridos, que offerecem os vestidos da mulher. São costureiras, que se separam da machina da costura. São noivas, que abandonam o enxoval. São operarios, que se desembaraçam da ferramenta. E todos dão, pelo tecto que os cobre, um pouco do pão que os alimenta, da roupa que os agasalha, da joia que os adorna.

O aluguer da casa é o irreparavel desequilibrio nos orçamentos modestos. Durante seis mezes, será necessario cortar ao indispensavel para amortisar a divida, pagar os juros, desempenhar a roupa de verão, o relogio da sala, os aneis da mulher. E, quando o ultimo penhor volta para casa, já o dia 20 de maio se approxima e novamente, pela calada da noute, o marido sobe a escada do prestamista, tira com humildade o chapéu em frente á usura, entrega-lhe outra vez os aneis e o relogio.

Tem, ao menos, essa casa onde elle vive, e

que lhe custa tantos sacrificios, o horisonte largo, a sala clara, o ar saudavel, as paredes limpas, as janellas largas, o conforto preciso? Não.

O horisonte custa carissimo em Lisboa. A claridade só vive com os ricos. O ar saudavel é pesado em balanças subtis e vale uma exorbitancia cada gramma.

A casa do pobre fica n'uma viella ou betesga, nas alfurjas da velha judiaria, em recantos de sombra e de humidade, entre saguões immundos. A janella é quasi uma fresta. O ar é quasi uma hypothese. Já em vida, o pobre se vae habituando á valla commum, na promiscuidade dos casarões de Alfama.

Methodicamente, Lisboa separou a ventura da desventura, a opulencia da mingua, o riso da lagrima, a seda do farrapo, a indigestão da fome. Lisboa tem as suas *Pedras Negras*, os seus exilios, os seus degredos, como tem os seus *Campos Elysios* e os seus paraisos. Cada dia é preciso ser mais rico para livrar os filhos da tuberculose, da escarlatina, da variola e da febre typhoide. O pobre foi escorraçado de todos os locaes saudaveis e arejados, tangido para Xabregas, para Alcantara, para a Mouraria, para Alfama. E a Lisboa dos ricos desenvolve-se, prospéra, aformoseia-se.

Milhares de operarios trabalham incessantemente, ha quatro annos, em todas as avenidas, na construcção de predios para alojamento dos

ricos. São cada mez novas caranguejolas de madeira, que se levantam, ramificam, crescem e logo, apressadamente, se cobrem de telha, se emparedam de tijollo, se pintam de cinzento ou amarello e se alugam. Em tres mezes, um alicerce é uma casa. O capital está atacado pelo delirio da construcção. As avenidas Fontes Pereira de Mello e Antonio Augusto de Aguiar, a praça do Marechal Saldanha, quasi todas as ruas transversaes d'esse vasto taboleiro de xadrez, estão construidas. Na magnifica avenida Ressano Garcia, que liga, com um arrojo e uma amplidão magnificos, a praça do Duque de Saldanha ao Campo Grande, principiam já a empoleirar-se as armações frageis de madeira. A casa de aluguer vae banalisando todas as grandes arterias e fazendo d'essa grandiosa cidade, digna de occupar os talentos dos grandes architectos, uma feira de especulação, onde a ganancia assentou arraiaes e arvorou a sua bandeira. É necessario não deixar arrefecer o capricho de Lisboa, apaixonada pelas novas avenidas. As casas nascem como tortulhos! Lisboa morre de amores pela casa nova, acabada de construir, cheirando a tintas? Ha abundancia d'ellas, para escolher. Os predios fazem-se a vapor.

Os architectos, as Companhias constructoras, os mestres de obras teem os mais engenhosos projectos e os mais elasticos orçamentos para offerecer ao mais ávido capital.

A mesma casa póde custar de vinte a cincoenta contos.

É simples questão de uma regra de tres, com dous factores variaveis: a duração e a renda.

A usura tem vinte contos para empregar na construcção de um predio? Que juro quer para elles? Dez por cento? O architecto tem o projecto e o orçamento feitos. Casa de cinco andares para cinco inquilinos. Renda de dous contos. Duração de vinte annos. Tão pouco? Que importa! O proprietario póde vendel-a, passados quinze annos, por quinze contos. É questão de a pintar. E realisa assim uma operação de quarenta e cinco contos de réis, dos quaes vinte e cinco representam, em quinze annos, o juro fabuloso de um minguado capital de vinte contos. É expedito e claro. A casa é hoje, em Lisboa, a melhor e mais segura das especulações. Com cem pinheiros de Leiria, vinte carros de tijollo, dez baldes de tinta, faz-se uma casa, em Lisboa, onde não falta nada! Quasi seria um prodigio, se não fosse um negocio! É necessario contar, n'esse jogo, com a inconstancia e a volubilidade do lisboeta, com a sua predilecção pela mudança, os seus habitos de deslocação permanente, o seu desamor pelo lar. A casa representa, na sua vida, apenas um episodio. Feita á sua imagem e similhança, a nova casa de Lisboa é, verificadas as cousas,

apenas uma apparencia de casa. Tem, nos primeiros dias, uma frescura de flôr. Mas dura tão pouco como as rosas. É uma habitação fragil. Mas é um negocio sólido.

As madeiras são verdes? As janellas empenam? Os estuques desabam? Os soalhos abrem? As paredes fendem? Que importa! Mas alugam-se! Alugam-se sempre! Alugam-se cada vez mais caras! As casas são pequenas? Os quartos são alcovas? Que importa! Quem vive em casa, com este clima tão dôce, n'esta cidade tão bonita?

E a agencia *Lusa*, as terceiras paginas dos jornaes, os escriptorios de informações annunciam os terceiros andares a 800$000 réis! Ninguem dá mais? Vae alugar-se! É o ultimo modelo! É o ultimo figurino! Um magnifico terceiro andar, com doze divisões, vistas sobre o parque — por ora, um monte de entulho! — americano á porta, lá em baixo, á porta do rez-do-chão! — guarda portão fardado — á custa do inquilino! — quarto de banho, escada de serviço, cinco janellas de frente! Oitocentos mil réis apenas! Ninguem dá mais? Vae alugar se!

E aluga-se!...

Ha quem se espante de que a uma tão desvairada febre de construcções não corresponda uma crise de preços. Ha quem recorde ter ficado sem alugador, pelo espaço de semestres, a maioria das casas do bairro Estephania, accele-

radamente construido em menos de dous annos, n'um identico accesso de delirio constructor. Por que phenomeno agora se não repete o que succedeu no seu inicio com os bairros Estephania, Camões, Andrada e Barata Salgueiro? A população cresce em proporção maior que a habitação? Lisboa, a esteril, transformou-se em Lisboa, a prolifera? Lisboa, a egoista, transformou-se em Lisboa, a fecunda? Não. A população é a mesma. Lisboa não modificou os seus habitos nem a sua natureza. A vida dos patriarchas não é bem o modo de vida que lhe convém.

Mas Lisboa, a foliona, quer vêr, das janellas de casa, passar os trens para o Campo Grande. Lisboa quer viver na Avenida, no perimetro da illuminação electrica, com americano á porta e os theatros á mão.

E eil-a que desce da Estrella e da Graça, avança da Junqueira e da Ajuda, despovoando os bairros onde nasceu, para disputar os terceiros andares dos bairros novos. Mas, logo atrás, caminham os bairros excentricos, o arrabalde e o suburbio, que occupam as casas devolutas, approximando-se mais d'esse centro fascinante, d'onde accenam a perdição e o prazer. E só lá ao longe, para o Lumiar, para Bemfica, para Algés, para o Poço do Bispo, para os Olivaes, para o Monte, para Campolide, a casa se esvasia e fica êrma. Debalde, os preços das casas

descem, n'esses bairros longinquos e desertos. A herva cresce nos ultimos jardins d'essa Lisboa abandonada. Desde que totalmente se perderam os habitos caseiros e se aboliu a convivencia, todos querem viver na proximidade dos theatros, entre o rumor da multidão, na propria entranha da cidade do vicio e do apparato.

A bem dizer, Lisboa nunca está em casa. A casa é uma formalidade. Mais ainda: a casa é quasi um preconceito. Emquanto os maridos estão nos escriptorios ou nas secretarias, as esposas estão nas modistas ou nas pastelarias. As ultimas visitas de ceremonia fazem-se nos camarotes.

Não admira que dentro em breve succeda vêrmos um homem ou senhora, que se nos dirija em plena rua, a perguntar-nos com o mais cortez dos seus sorrisos:

—Não poderá fazer o favor de me dizer onde é a minha casa?

Por isso, tambem, para abrigar creaturas tão errantes, as casas se reduziram a proporções de camarins de actrizes. N'essas habitações modernas, o numero de portas é maior que o numero de janellas. Tudo está disposto para se entrar e sahir com facilidade. Em caso de pressa, póde mesmo deitar-se uma parede abaixo com um murro.

Construir um predio era d'antes um acto de previdencia. A casa portugueza era rija e sólida.

Os avós construiam casas para os netos, com alicerces fundos, com paredes que desafiavam os seculos, com traves que desanimavam o caruncho. D'antes, as casas duravam. Hoje, as casas equilibram-se.

XXV

Lisboa de outros tempos — Uma conferencia do marquez de Rezende — Um outeiro nocturno nas Picôas — Cagliostro em Lisboa — Um artigo de Camillo — Os amores de Anselmo Sobral com Lorenza Feliciani — Uma contenda erudita — A verdade.

Na *Pintura de um outeiro nocturno e sarão musical ás portas de Lisboa*, estudo da sociedade lisboeta do seculo XVIII, lido no primeiro serão litterario do Gremio Recreativo, em 12 de dezembro de 1867, pelo marquez de Rezende, mordomo-mór da Imperatriz viuva do Brasil D. Amelia, — dá-se como presente ao outeiro, no solar das Picôas, da familia Freire d'Andrade, em época fixada nos primeiros annos do reinado de D. Maria I, o «*famoso impostor italiano José Balsamo, que — depois de viajar pela Europa com os nomes suppostos de marquez Pellegrini, de conde de Harat, de conde de Phenix, de marquez de Annas e por fim de Cagliostro, que tomou em França, onde, na opinião de muita gente que cria em feitiços sem ter fé em Deus, passou por evocador das sombras dos mortos, — foi depois a Londres, d'onde veio a Lisboa, com cartas*

de recommendação para Anselmo José da Cruz Sobral, por meio das quaes se introduziu em varias casas, onde com a impudencia da sua raça charlatã se inculcou a algumas pessoas por fazedor de oiro».

Não é muito clara a redacção d'este longo periodo, nem o marquez de Rezende cuidava em fazer litteratura. A galante conferencia, destinada ao Gremio Recreativo — o bom tempo em que Lisboa tinha Gremios, onde os marquezes faziam conferencias! — dictou-a o velho fidalgo, soccorrendo-se da sua memoria prodigiosa, ao sr. Julio Mardel de Arriaga, então ainda uma creança, a quem o marquez emendava os erros de ortographia.

Parece comtudo inferir-se das palavras do marquez de Rezende, que a estada de José Balsamo em Portugal é posterior á ruidosa questão do collar, á qual o aventureiro deveu a prisão na Bastilha e o exilio de França, ou seja em fins de 1786 ou principios de 1787.

Mas logo a seguir, na descripção do outeiro, o velho marquez acrescenta: — *do lado opposto estava com os olhos pregados n'elle, e apontando para elle, o perspicaz intendente Diogo Ignacio de Pina Manique, dizendo ao seu particular amigo marquez do Lavradio,* recem-chegado do Brasil, *e que tinha o que hoje se chama senso commum e uma grande sagacidade politica: «não me cheira bem aquella cara».*

Esta phrase attribuida a Pina Manique faz duvidar, a principio, da authenticidade chronologica da referencia a José Balsamo, n'um escripto aliás repleto de anachronismos absurdos, que se desculpam suppondo no marquez de Rezende a intenção de reunir n'um quadro as personagens mais em evidencia de toda uma época, como m'o affirma o sr. Julio Mardel. Só a esta intenção de pittoresco se póde attribuir, por exemplo, a presença de Zamparini no sarão.

Pois não é de estranhar em Pina Manique esse ar vacillante de desconfiança, ao tratar se de um homem, cujo nome corria a Europa, cujo retrato era divulgado em todos os paizes, e cuja derradeira aventura o celebrisara no seu verdadeiro aspecto de charlatão? É crivel que Pina Manique, exercendo uma vigilancia infatigavel sobre os estrangeiros que desembarcavam em Lisboa, inimigo intransigente das ideias revolucionarias, perseguidor inexoravel das associações secretas, deixasse passar pelas malhas da sua espionagem um homem da notoriedade de Cagliostro, sem logo o descobrir sob o mais prodigioso dos disfarces, e se quedasse a contemplal-o puerilmente em casa dos Freires d'Andrade? Esse Pina Manique não passa de uma personagem de opera-comica e como tal está em contradicção com a verdade historica.

A mais leve evocação do reinado de D. Ma-

ria I parece tornar inverosimil a presença em Lisboa de Cagliostro em 1787, mezes depois do processo escandaloso do collar da rainha. E quando José Balsamo, expulso de Londres, arribasse a Lisboa, não é facil acreditar na veracidade das suas relações de convidado com a nobreza, enclausurada em complicados preconceitos religiosos e politicos, que lhe prohibiam recolher o réo de um formidavel crime de burla, que envolvera nas mais perigosas calumnias a familia real da França. O homem que, dous annos depois, era preso, processado e condemnado pela inquisição em Roma, não podia cear em 1787 á mesma mesa onde se sentava o Intendente da Policia, o arcebispo de Thessalonica, o marquez d'Anjeja e o visconde de Villa Nova da Cerveira. O bom senso manda pensar assim. Mas o bom senso é um pessimo criterio historico. A investigação reserva surprezas, que a todo o momento contradizem o mais ponderado raciocinio.

É assim que o *Registo de decretos, alvarás e avisos* da Intendencia da Policia, existente na Torre do Tombo, vem em auxilio do marquez de Rezende, conservando-nos um officio do visconde de Villa Nova da Cerveira, datado das Caldas aos 8 de maio de 1787, e enviado a Pina Manique, ordenando-lhe que investigue se um homem que se hospedara no café Neutral com o nome de D. José, conde de Stephanis, era,

realmente, o celebre Cagliostro, que fugira de Londres.

Este officio é resposta a uma communicação do Intendente, participando a chegada da mysteriosa personagem e pedindo instrucções a seu respeito. (Liv. 83 — 246, fls. 202 e 202 verso.) Já esta troca de correspondencia surprehende a quem, por muito conhecer a historia do tempo, attribue a Pina Manique poderes descricionarios e independentes. O ministro, de cujas ordens se infere depender o procedimento do Intendente, é cauteloso ao extremo de recommendar que só o fizesse sahir da côrte e do reino *se praticasse algum acto criminoso.*

Ora pelo art. 10 do alvará de 25 de junho de 1760, todas as pessoas que viessem á côrte, quer nacionaes ou estrangeiras, de qualquer qualidade, estado ou condição, eram obrigadas a apresentar-se no termo de vinte e quatro horas ao ministro criminal do bairro, declarando-lhe os seus nomes e profissões, o logar de onde procediam, o tempo da sua entrada e o numero e qualidade de pessoas da sua comitiva. As mesmas declarações eram obrigados a fazer os *mestres* dos navios na Torre do Registo, não se permittindo o desembarque dos passageiros sem ordem da Intendencia. A apresentação do passaporte ou cartas de legitimação era indispensavel e na sua falta estava na alçada do Intendente encarcerar e extradictar o viajante.

Vinha José Balsamo munido de documentos em regra, chegando de Inglaterra com um titulo de emprestimo? Se vinha, porque suspeitou d'elle Pina Manique? Se não vinha, porque não procedeu contra elle, usando de poderes legaes; e preferiu aconselhar-se com o ministro ausente?

Não é tudo isto inexplicavel? Não parecem pueris os escrupulos de Pina Manique, em frente de um hospede recente da Bastilha? Mas a correspondencia é um facto. Camillo não a conhecia quando contestou a veracidade chronologica da estada de José Balsamo em Lisboa, á volta de Londres, referindo-se ao escripto do marquez de Rezende.

Mas a descoberta d'esse documento, que se deve á investigação valiosissima do sr. Pinto de Carvalho, teria bastado para emmudecer Camillo?

Duvido.

Camillo baseava a sua contestação n'um livro hespanhol: *Compendio de la vida e hechos de Joseph Balsamo, llamado el conde de Cagliostro, que se he sacado del proceso formado contra el en Roma el año de 1790, y que puede servir de regla para conocer la indole de la secta de los franco-masones,* publicado ao tempo da prisão de Cagliostro e versão de um livro italiano do mesmo titulo, impresso em Roma na *Stamperia della rev. Camara Apostolica,* em

1791, ambos existentes na Bibliotheca Nacional de Lisboa ([1]).

N'este livro, cuja authenticidade de narrativa parece garantida pela rubrica da impressão, vê-se, pelas declarações de Lorenza Feliciani, mulher de José Balsamo, que este estivera em Lisboa no regresso de Madrid, em 1771, durante a primeira viagem que fizera depois do casamento, em 1769, com a filha do fundidor de cobre José Feliciani.

D'aqui parece deduzir-se que José Balsamo esteve em Lisboa em 1771, já sob o regimen vigilante das Intendencias, durante o reinado de D. José e governo do marquez de Pombal. O marquez de Rezende mostra ignorar em absoluto esta primeira viagem de Cagliostro, ao contrario de Camillo, que suppõe como absurda a passagem por Lisboa em 1787. Segundo as declarações de Lorenza, cuja crueldade e impudôr causam assombro, Cagliostro vendera-a em Lisboa a um rico commerciante, á custa de quem o casal passara a viver até embarcar para Inglaterra. E logo Camillo deduz que o commerciante é Anselmo Sobral. Porque? O livro inspirador não lhe diz isso. Quem indica

---

([1]) D'esta obra, que é rarissima, e de que Camillo parecia julgar-se o unico possuidor, ha uma traducção portugueza, editada pela casa Lello, do Porto.

Anselmo Sobral como protector de Cagliostro, é o marquez de Rezende, quando se refere á sua presença em Lisboa em 1787. E d'esta vez, como averiguei minuciosamente, Cagliostro veio só, desacompanhado da mulher, que abandonou em Londres, reduzida á mais profunda miseria, depois de lhe haver roubado as joias.

Assim, a confusão augmenta. Vê-se que Camillo tacteava em absoluta escuridão ao tratar de Cagliostro e o marquez de Rezende não dispunha senão da tradição oral, raras vezes fundada, para designar com exactidão a data de 1787. Os documentos officiaes, recentemente descobertos, vieram em soccorro do auctor do *Outeiro das Picôas*. É fóra de duvida que José Balsamo esteve em Lisboa na primavera de 1787, com o titulo de conde de Stephens ou Stephanis. Se mais fosse necessario, para o provar, do que a citada correspondencia entre Pina Manique e o visconde de Villa Nova da Cerveira, aconselharia como conveniente a leitura do officio de 8 de agosto de 1799, dirigido pelo Intendente ao marquez mordomo-mór, que se refere sem embajes á passagem de Cagliostro em Lisboa, nos seguintes termos:

O infame e indigno Cagliostro, conhecido pelas suas atrocidades (?) em todo o norte da Europa, foi pela policia expulso de Lisboa, onde tinha entrado com o disfarçado titulo de conde de Stephens, pelo receio de que transpirassem

n'esta capital as suas maximas infames. De Lisboa passou á Italia [1] *este grande apostolo dos franco-mações, instaurador da franco-maçonaria egypciana, e em Roma, no anno de 1791, em que foi processado, teve o castigo das suas indignidades.*

É transparente a rancorosa má vontade de Pina Manique contra José Balsamo n'esse relatorio. Cagliostro nunca commetteu atrocidades. O Intendente devia, a esse tempo, conhecer circumstanciadamente a vida do eminente charlatão, divulgada por toda a Europa. A severidade com que o julga deve relacionar-se com acontecimentos da sua estada em Lisboa. Não é ousado aventurar que Pina Manique teve de sustentar uma lucta aberta com os partidarios de Cagliostro, até conseguir desembaraçar-se d'elle. Recommendado a Anselmo Sobral e por este apresentado á nobreza, é facil conjecturar que os seus talentos de seducção lhe tivessem creado um solido partido de defeza.

Mas fôsse como fôsse, é certo ainda que este homem extraordinario se desembaraçou depressa do seu titulo de emprestimo, com um arrojo que obriga o historiador a reflectir.

Uma carta do sr. conde de Sobral, dirigida a um amigo e parente, a quem eu pedira para

[1] O que é inexacto.

averiguar o que existia no archivo e tradicção da familia Sobral, sobre as relações de Anselmo da Cruz com Cagliostro, abre um seguro caminho documental á investigação historica. Diz o sr. conde de Sobral: *Até ha dois annos ignorava por completo que o grande Cagliostro tinha sido recebido e festejado pelo meu 3.º avô, Anselmo José da Cruz. Deu-me essa novidade o Mancellos, dizendo-me que possuia um folheto com a descripção das festas dadas n'essa occasião no palacio do Calhariz. Sempre conheci no Calhariz um painel do seculo* XVIII, *representando uma mesa com papeis, gravuras, etc., painel que tenho no Sobral, e onde, entre variadissimas cousas, ha um bilhete fechado com obreia e os seguintes dizeres: ao sr. D. José Balsamo.*

O painel é o que os hespanhoes chamam «*una mensa revuelta*».

A existencia d'este quadro e do folheto descriptivo das festas no Calhariz asseguram a veracidade das relações attribuidas pelo marquez de Rezende a Anselmo Sobral.

O artigo de Camillo soffre com isto fundamental contestação e a inanidade dos seus assertos é flagrante. Anselmo Sobral não podia ser o amante de Lorenza Feliciani em 1787, porque Cagliostro fez sósinho a viagem de Lisboa, abandonando em Londres a mulher, que se vingou declarando a identidade de Cagliostro e de José Balsamo, quando este, n'uma *Carta*

ao Povo Inglez, publicada em novembro de 1786, negava a sua passagem por Londres em 1771, affirmando nada haver de commum entre o conde de Cágliostro e Balsamo, entre a condessa Serafina e Lorenza Feliciani.

É estranho que a sua estada em Portugal no anno de 1787, tão largamente documentada, seja desconhecida, não só pela propria mulher, que a ella se não refere nas suas declarações ao tribunal, mas por todos os historiadores que se teem occupado de Cagliostro.

N'uma rigorosa investigação historica publicada ha dois mezes em Paris por Henri d'Alméras com o titulo *Les Romans de l'histoire: Cagliostro*, o auctor, que é critico litterario da *Presse*, romancista e historiador conscienciosissimo, occulta a viagem de Cagliostro a Portugal em 1787 e affirma a sua estada em Lisboa em 1771, de *onde embarcou no mez de julho para Londres*. Esta minucia de pormenores é confirmada por Lorenza no tribunal da Inquisição de Roma, onde ella declara ter vendido em Londres, em occasião de difficuldades, uns topazios com que a haviam presenteado em Portugal.

Referindo-se á fuga de Londres, em fins de 1786, Alméras escreve:—*Que itinerario seguiu elle? Ignora-se. Mas deve ter passado, occulto com nomes falsos, evitando as cidades onde era conhecido, pela Hollanda e pela Allemanha.*

Triste viagem! Já o não acompanham na berlinda lacaios com sumptuosa libré, nem distribue pelas estalagens, como um faustuoso principe, dinheiro ás mãos cheias! Nem a mais leve parecença com as antigas viagens triumphaes do alto dignitario da Maçonaria, o genial empirico, acclamado pela multidão, n'esta fuga sorrateira do desgraçado, para quem quasi toda a Europa estava fechada!

E indica Alméras a fundação, por esse tempo, em Bâle, de uma loja maçonica do rito egypcio, com o titulo *Loja mãe dos paizes helveticos*, dando os esposos como novamente reunidos, em julho de 1787, na ilha de Brienne, onde viviam de uma pensão do banqueiro Sarazin.

Estas indicações parecem contradizer a verdade historica, que nos asseguram a existencia de Cagliostro em Lisboa n'essa época. Mas em carta que recebi do auctor, em resposta ás observações que lhe fazia, narrando-lhe as correspondencias trocadas entre o visconde de Villa Nova da Cerveira e Pina Manique, elle diz-me, melhor esclarecido: *J'admets deux séjours à Lisbonne, l'un en 1771 (mystérieux, secret,) l'autre en 1787, et je crois qu'on a attribué au premier de ces voyages des détails qui se rapportent au dernier. D'ailleurs, le premier voyage n'a dû être qu'extremement rapide.*

Esta declaração põe-nos de accôrdo, e já

agora se póde marcar com exatidão, como datas da passagem de Cagliostro em Lisboa, o verão de 1771 e a primavera de 1787. É um pequeno passo no esclarecimento d'este curioso episodio historico, a que nenhum historiador conseguira dar apparencias solidas de veracidade. Quantas surprezas reservaria uma investigação mais minuciosa e paciente d'essa lucta terrivel, que desde o primeiro dia se deve ter aberto entre Pina Manique e José Balsamo!

XXVI

Lisbon the Fair! — Um artigo do sr. Chatfield-Taylor — Uma Lisboa maravilhosa — O Tejo — As mulheres — A distincção e a amabilidade portuguezas — Um baile em casa da senhora duqueza de Avila — Um retrato d'El-Rei — Abrahão, fundador de Lisboa.

O *magazine* americano, *The Cosmopolitan*, publica, no seu numero de outubro, um artigo assignado pelo sr. Chatfield-Taylor e intitulado, galantemente, *Lisbon the fair:* — *Lisboa a Bella!*

São as impressões de um homem amavel e de um homem de espirito, que viu Lisboa do convés de um *yacht* de recreio e a atravessou rapidamente na carruagem do ministro dos Estados-Unidos.

Evidentemente, uma maior permanencia em Lisboa modificaria, de maneira sensivel, essa impressão cycloramica, de côr e luz, de radiosos aspectos panoramicos, que o viajante levou da capital. Lisboa fica sendo sempre bella, fascinadora e inolvidavel para quem pela vez primeira a viu do tombadilho de um navio, na claridade do amanhecer, no resplendor do meio dia ou na phantasmagoria dos poentes. Para esses, o prestigio nunca mais empallidece. Na memoria dos

navegadores fica sempre, como um panorama oriental, essa cidade das descobertas e das conquistas, ornamentada de palmeiras, vibrante de sinos, com a sua torre de Belem á beira d'agua, o branco palacio da Ajuda n'uma eminencia, e ao longe, decorando o horisonte, os moinhos de Monsanto, cujas vélas brancas evocam as cruzes militares de Malta.

Quando o sr. conselheiro Fuschini tenha completado a restauração da Sé e as grandes torres quadradas, recuperando as suas frestas romanicas, se corôem com os projectados coruchéus, Lisboa terá mais uma belleza para o olhar, uma nova joia com que o amor dos artistas a enfeitou.

Vista do Tejo, com os seus amphitheatros coloridos, a cupula rendilhada dos Jeronymos, o capacete de marmore da basilica da Estrella, as muralhas e os bastiões do castello de S. Jorge, a pesada molle do pantheon real, a arcaria e a estatua do Terreiro do Paço, é que *Lisboa, a Pobre,* se transforma na *Lisboa, a Bella.*

Quando *molham as ancoras* dos couraçados, dos transatlanticos, dos *yachts,* passageiros e tripulações são invadidos e conquistados pela magnificencia d'esse ancoradouro vastissimo, que se alarga e espraia n'um mar, ora azul, ora verde, desde as terras vermelhas do Barreiro até á ilhota do Montijo, desde a casaria branca de Aldeia Gallega, que ao longe parece um bando

de gaivotas na areia, até á Povoa de Santa Iria e Villa Franca de Xira.

O almirante Beckford — descendente d'esse lord Beckford, que uma secreta missão politica trouxe a Portugal por duas vezes, ao findar o seculo XVIII, e que d'aqui partiu tão encantado e tão enamorado — sempre que vem a Lisboa nas esquadras da Inglaterra, manda suspender por um instante as manobras, para que os officiaes e a marinhagem possam encher os olhos com o espectaculo d'essa maravilha da natureza.

Em todo o artigo do sr. Chatfield-Taylor essa primeira impressão é a que perdura, empolgante e viva, envolvendo com os seus raios magicos todos os outros aspectos e impressões posteriores. É ainda ao Tejo que o escriptor vae buscar a imagem do nosso caracter. Antes mesmo de desembarcar, elle verifica a nossa desimilhança com a Hespanha, e, mais justo que lord Tirawley, a quem Chamfort attribue a phrase desprezivel e ingrata: — «*tirem a um hespanhol o que elle tem de bom e fica o portuguez*» — o sr. Chatfield Taylor assenta n'esta definição: — «*os portuguezes são uma raça orgulhosa e digna, com caracteristicas totalmente diversas dos seus visinhos*». (1) Tão differentes, como esse mesmo

(1) « A self-respecting, self-reliant race, with characteristics quite apart from their neighbers. »

Tejo, que o viajante vira correr, barulhento e estreito, debaixo da ponte de Toledo, e vinha encontrar em Lisboa transformado n'um estuario!

A cidade, contemplada do barco que o conduz a terra, recorda-lhe, pela situação, Constantinopla, sob o mesmo céo azul, com a mesma planicie de aguas verdes, as mesmas *aigrettes* verdes das palmeiras. A predominancia do branco na polychromia de Lisboa ainda presta maior veracidade a esse sonho oriental, que breve se dissipa, mal o viajante, desattento ao caracter mourisco da velha cidade das conquistas, depara com os *americanos* electricos, construidos em S. Louis. Com esse espectaculo inesperado, a sympathia do sr. Taylor exalta-se. Tudo se transfigura aos seus olhos. Já agora, as ruas vão parecer-lhe limpas, o povo asseado, as lojas luxuosas e as proprias armas dos soldados, aos seus olhos benevolos, vão rebrilhar «*como dollars novos!*»

Que disparidade de opinião com a de outros viajantes, que descreveram a Lisboa do capote e lenço, das traquitanas e das sejes, das varinas descalças e dos garotos sujos; a Lisboa tenebrosa e medieval da Mouraria; a Lisboa napolitana do Bairro Alto, com os seus embandeiramentos de roupa branca seccando ao sol, o seu cheiro de alfazema, os seus gatos vagabundos, as suas portinhas de cancella, os seus pregões

melodiosos! E como a hão-de suppor trasformada, civilisada, os que, sem nunca a terem visto, a conhecem pelos *Sketches of Portuguese Life*, pelo celebre *Voyage en Portugal*, pelas notas humoristicas do viajante Twiss!

Não ha, na curta narrativa do sr. Taylor, um só vestigio d'essa velha cidade meridional e sempre viva. Houve um instante em que elle a adivinhou, na sua feição intima. Foi quando, descendo as escadas do *yacht*, caminhando para ella, acordam no seu espirito reminiscencias do Bosphoro!

Mas a vista dos *americanos* electricos perturbou-o. De facto, como elle mesmo o affirma, lastimando não ter podido vaguear sosinho, algumas horas, pelas ruas, em convivio com a multidão, vendo viver o povo,—que é, como quem diz, vendo viver a cidade,—o sr. Taylor não passou, em Lisboa, da sala de visitas. O seu artigo é um cumprimento de *gentleman*. Mais ainda. O seu artigo é um madrigal!

A carruagem, que o foi buscar ao Caes do Sodré, levou-o á legação dos Estados-Unidos. A primeira casa portugueza em que entra o sr. Taylor é o palacio do sr. marquez da Foz. E logo o sr. Taylor generalisa. Ao subir a escadaria magnifica de bronze e aço, tornam-se-lhe evidentes o nosso culto pela belleza e pela elegancia, a nossa elevada comprehensão da arte e do bom gosto.

Pelas janellas da chancellaria, Lisboa apparece-lhe como uma cidade florida, com avenidas transformadas em jardins balsamicos, regados de fontes, enriquecidos de monumentos.

E mal tivera tempo para admirar o salão de baile, já o ministro dos Estados-Unidos o arrasta para a estação do Rocio, a assistir á chegada da rainha, que regressa de Sevilha.

Muito de passagem, o sr. Taylor repara na columnata jonica do theatro de D. Maria, observa a fachada scenographica da estação, com as suas janellas manuelinas, as suas portas arabes, como um apparatoso reclamo, e já um elevador o sóbe á platafórma, entre a fumarada das machinas. O sr. Taylor encontra o elemento official, o corpo diplomatico e a côrte.

Lisboa parece ter-lhe preparado um programma, como uma mulher *coquette*, occupada n'uma obra de seducção. As mulheres parecem-lhe lindas. É necessario que o sejam alguma cousa, para que todos os viajantes — excepção da duqueza de Abrantes e da princeza Rattazi! — recebam d'ellas a mesma impressão de encanto e formosura.

Na sua memoria ficam a resplandecer innumeros olhos pretos, velludosos e ternos, com grandes pestanas sedosas.

Mas já o comboio sahe do tunel. El-rei avança, seguido pelos seus ajudantes de campo e officiaes ás ordens, e a impressão que tem de

el-rei, nota-a o sr. Taylor com uma phrase curta, n'um grande poder de synthese, a que não falta o bom humor: «*Apenas me dão tempo de reparar que Sua Magestade tem o aspecto de um bom soberano — a royal good fellow — de um homem cujos trabalhos e cuidados não são muito pesados, se realmente alguns tem...*» (1)

E é agora, quando desapparecem ao longe as equipagens, precedidas pelos batedores, que o sr. Taylor acaricía a esperança de poder caminhar á solta por Lisboa e *stick the nose into out of the way corners.* Baldada esperança! O ministro dos Estados-Unidos convidara para um *five-o'-clock* na legação os hospedes do *yacht* e algumas familias elegantes de Lisboa. Forçoso é acompanhal-o novamente ao palacio da Avenida da Liberdade.

Mas os lindos olhos pretos compensam demasiado essa pequenina contrariedade — esses lindos, luminosos, feiticeiros olhos pretos, que o sr. Taylor vae encontrar ainda nos grandes salões de baile de uma casa ducal, n'aquella noute mesmo.

Refere-se o sr. Taylor ao ultimo baile offerecido pela sr.ª duqueza de Avila, e em phrases tão amaveis de galanteio, que eu lembro ao

(1) *A man whose worries and cares were borne lightly, if indeed he has any.*

sr. Alberto Braga o dever imperioso de lhe mandar o seu bilhete de visita, em nome de todo o *high-life* portuguez!

Os ministros de Estado e os plenipotenciarios ostentavam as suas gran-cruzes. Era rara a casaca onde não brilhava uma placa de commenda. A purpura fluctuante de um bispo e a tunica escarlate de um cardeal misturavam-se aos vestidos de tulle das raparigas e ás *toilettes* de velludo, de brocado e de sêda. É a custo que o sr. Taylor abre caminho por entre os convidados. A cada passo, o ministro dos Estados-Unidos estaca para um cumprimento ou apresentação. O sr. Taylor está positivamente encantado. «*Como todos sabem ser amaveis! Que verdadeiros homens de sociedade são estes «gentlemen» portuguezes!*» — exclama o sr. Taylor, que já reparara em que *o vestir bem é uma virtude do homem portuguez.*

Será para estranhar, depois d'isto, que o sr. Alberto Braga, com procuração de damas e cavalheiros, não tenha ainda mandado o seu cartão de visita ao sr. Chatfield-Taylor!

Mas n'esta altura graciosa, lisonjeira, mundana do artigo, lembra-se ponderadamente o sr. Taylor de que nada d'isto tem que vêr com Lisboa; motivo pelo qual me parece que o sr. Alberto Braga já não deverá mandar-lhe o seu bilhete!

Em todos os paizes ha bailes, ministros de

Estado e raparigas que dansam até á madrugada. Por toda a Europa, os alfaiates vestem do mesmo panno inglez, pelo mesmo figurino, a pedanteria e a fortuna humanas. Feita esta observação subtil e tardia, o sr. Taylor deixa os janotas e examina Lisboa, cumprindo escrupulosamente o seu dever de escriptor consciencioso, enumerando as igrejas, o numero de habitantes, levando a minucia do seu inventario ao extremo, bem americano, de informar os leitores do *Cosmopolitan* da fundação de Lisboa por um bisneto de Abrahão, na era 3259 antes de Christo! Pois senhores, isto ainda nós não sabiamos!

Seria fazer-lhe injustiça, depois de agradecida a sua benevolencia para comnosco, o negar-lhe um talento delicado de observador, que surprehende em flagrante os aspectos pittorescos das cousas. Assim, quando se refere, por exemplo, á cidade nova. Nunca se sabe quando se está na cidade ou fóra d'ella — observa o sr. Taylor com uma grande precisão. Ha avenidas arborisadas, com horisontes largos, que dão a impressão de se estar no campo. E como um *ritornello*, a cada momento, o artigo encomiastico canta a gloria do céo azul, o brilho do sol, a alacridade das côres. É a primeira impressão que volta sempre, da cidade erguida nas suas sete collinas, como a Roma dos Cesares, coroada de cupulas e ameias, espreitando os mares, que fôram a sua gloria, assistindo ao *apparelhar* dos

navios de commercio, que fôram a sua riqueza. Apesar da amabilidade dos janotas e da commodidade dos *electricos*, o enthusiasmo do sr. Taylor só vibra em notas sinceras quando entôa o seu hymno á natureza. Outra vez, no convés do *yacht*, á hora da partida, sob o baile aereo das gaivotas, rosada pelo sol poente, Lisboa apparece-lhe cheia de magestade e de graça, readquirindo o seu prestigio soberano. E é então á despedida, como á chegada, n'uma excitação de enlêvo, que elle a elege *Lisbon the Fair — Lisboa, a Bella!*

XXVII

Os tres coches de gala do museu das Janellas-Verdes — O picadeiro de Belem — Os Marialvas — D. Carlota Joaquina — Junot e a Ega — D. Miguel — O museu dos coches — O templo da Immaculada Conceição — Santa Engracia — Monopolio do jogo — A lisboeta fazendo negocio — A lisboeta fazendo politica — As quatro côres da moda — O sr. Mimoso e os chapeus da lisboeta — Renascimento da industria artistica do azulejo.

Mudaram tambem de casa, no dia 20, os grandes coches de gala, guardados, até hoje, n'uma das salas do rez-do-chão do antigo palacio da imperatriz D. Amelia, ás Janellas Verdes. Depois de concertados nas cocheiras da Ajuda, vão para o picadeiro de Belem, já quasi totalmente restaurado.

Á actual rainha se devem esses trabalhos dispendiosos de restauração, com que, desde princeza, a senhora D. Amelia premeditára repôr na antiga belleza o picadeiro magnifico, onde os principes cavalleiros da casa de Bragança, com a fidalguia volteira do seu tempo, se exercitaram nos jogos do *carroussel*, das *alcancias*, das *cannas* e das *justas*.

Esse picadeiro historico viu cavalgar os Marialvas, Cadavaes, Aveiros, Sampaios, Lavra-

dios, Alornas, Assecas, Nizas, Tancos, Obidos, Barbacenas e Anjejas. Na sua galeria se debruçaram todas as fidalgas do seculo XVIII. Ainda para o torneio com que, em 1795, a nobreza festejou o nascimento do principe D. Antonio, primeiro filho varão dos principes do Brasil, o picadeiro de Belem serviu aos ensaios e exercicios. A princeza D. Carlota Joaquina, mal refeita do parto, ia para a tribuna real applaudir a destreza e garbo dos cavalleiros, a sciencia e o donaire do marquez de Marialva, a intrepidez marcial de Alorna e a serenidade imperturbavel de D. Antonio, marquez de Tancos. Os melhores corceis de manejo e combate escarvaram aquella arena real e relincharam aos echos d'aquella gigantesca abobada, enriquecida de medalhões e arabescos dourados.

No seculo XIX, o picadeiro de Belem cahiu no abandono e no esquecimento. Apenas Junot lá deu algumas lições de equitação á voluptuosa e loura condessa da Ega e D. Miguel, emquanto principe e nos poucos dias de paz do seu reinado, com o seu picador Sedovem, D. João de Abrantes e Paiva Raposo, se divertiu a rebentar alli cavallos em upas e galopadas, a meio do escarcéu dos seus pagens mulatos e do riso histerico das infantas, que enchiam a tribuna com os seus turbantes emplumados.

O liberalismo, inaugurado pelo reinado de uma rainha, viu morrer a tradição d'essa velha

fidalguia, que animava o picadeiro de Belem e os da quinta da Praia, do Collegio dos Nobres, do conde de Obidos e dos marquezes de Abrantes e de Castello Melhor.

Entregue á humidade, que principiava a deteriorar-lhe as galerias e o tecto, a vasta arena de manejo, com toda a sumptuosidade das suas pinturas a fresco e os seus retratos de principes e cavalleiros, era apenas de meia duzia de pessoas conhecida. A ideia de a aproveitar para deposito dos coches de gala da casa real vinha já de alguns annos atrás e com essa intenção se escavára e cimentára a vastissima arena. Mas á rainha D. Amelia se deve o alargamento do plano primitivo, por demais mesquinho, e a sua transformação em projecto de um verdadeiro muzeu, onde a casa de Bragança expozesse, com methodo e arte, as suas collecções historicas de equipagens, arreios, sellas e librés.

O pintor Malhôa foi incumbido da restauração das pinturas no tecto, galerias e tribuna, e o architecto Rosendo Carvalheira encarregado da direcção das obras e transformação das salas adjacentes ao primeiro piso da galeria em amplas accommodações para exposição das alfaias e arreios, reservando-se a arena para os coches.

Ainda este inverno, a casa de Bragança abrirá ao publico o muzeu de Belem, que deve constituir uma das maiores curiosidades artisticas da capital.

São tres os carros de gala, que o pessoal das cocheiras da Ajuda veio buscar na noute de quarta-feira ao muzeu das Janellas Verdes — onde ninguem deixará de sentir a sua falta.

Com os rodados e cupulas douradas, as boleias em throno, os seus grupos allegoricos, os persevões de lhama de ouro, elles enchiam de esplendor as salas frias, onde apenas restam agora as collecções pre historicas e os moldes, em gesso, de algumas obras primas de architectura.

Assim desfalcado de uma das suas mais sensacionaes preciosidades, o muzeu das Janellas Verdes fica pouco menos que reduzido a um mediocre muzeu de pintura, com um annexo, ainda valioso, de arte sacra, ornamental e de ourivesaria, alguns especimens, raros, de arte profana, uma salinha de ceramica e um pouco de mobiliario esparso pelas salas do andar nobre.

A acquisição do palacio Foz, offerecido por quatrocentos contos ao governo, teria permittido agrupar em salas maravilhosas todos os objectos de arte ornamental existentes nas Janellas Verdes, que seriam exclusivamente reservadas á pintura. Poderia esse muzeu da Avenida egualar-se, pela sua magnificente installação, aos muzeus da Artilheria, em Santa Apolonia, e dos Coches, em Belem, permittindo que se desse ás salas do muzeu Nacional uma disposição differente, e talvez mesmo transferindo

para as suas vastas dependencias do rez-do-chão as aulas de pintura da Academia de Bellas-Artes, pessimamente installadas no casarão da Bibliotheca.

Mas de arte não cura o pretôr, na nossa terra.

A propria tentativa, modesta e timida, de ampliação e reforma da Academia de Bellas Artes do Porto, apresentada ao parlamento na sessão de 1902, encalhou na camara dos Pares. Nem os proceres, nem o governo, a cuja iniciativa ella pertencia, julgaram digno de occupar as attenções dos vociferadores politicos um projecto, que tinha por unico fim ministrar melhor instrucção aos pinta monos. Debalde a imprensa, com a honrosa excepção do jacobinismo indigena, instigou o governo a adquirir o palacio soberbo da praça dos Restauradores. O Estado não o quiz, pelo justo motivo de que, quatrocentos contos são dinheiro. Por esse mesmo motivo se condenaram sempre, systematicamente, os successivos planos de conclusão do palacio da Ajuda, de onde o resultar terem-se gasto até hoje, n'esse sorvedouro sem fundo, alguns centos de contos, e não ter a monarchia, apesar d'isso, um condigno paço em que habitar. Por egual terror á verba volumosa se abandonou, com os alicerces feitos, a construcção projectada de um palacio da Justiça, gastando o proprio ministro sovina, mezes depois, cerca

de mil contos em accudir a uma crise angustiosa de operarios, sem se lembrar que podia, sem prejuizo e desdouro, deixar d'essa caridade uma memoria, empregando nas obras do edificio monumental a maior parte d'esses famintos. Perpetuou-se a Boa-Hora e os mil contos consumiram-se em britar pedra, que depois, em barcaças, se arremeçaram ao Tejo! Por economia tambem, gastam se annualmente dezenas de contos em melhorar os casarões lobregos da Arcada, sem que se tenha até hoje conseguido, apesar d'essa dissipação obstinada, accommodar com decencia, hygiene e asseio o funccionalismo numeroso das secretarias do Estado. Assisti eu ao espanto com que um ministro estrangeiro, recem-chegado a Lisboa, viu pela primeira vez o gabinete dos secretarios da presidencia do conselho e o espanto ainda maior com que, d'ahi a dias, entrou no gabinete do ministro das Obras Publicas. Lembra esse sumptuoso Terreiro do Paço, pela imponencia das fachadas pombalinas e pela sordidez do interior, um corpo immundo coberto de roçagantes vestiduras. Por fóra, uma magia; por dento uma cloaca. Não é a penuria, que impõe respeito; é a desordem, que provoca despresos. Esse desleixo é a *mise-en-scène* de um governo perpetuamente desregrado. É difficil ser puro n'aquella impureza; ser methodico dentro d'aquelle labyrintho; ser assiduo n'aquelle desconforto.

Andava, a essa projectada acquisição do palacio Foz, ligado, em espiritos mais ou menos fantasistas, um grande plano de arte. Transferido para os salões opulentos da praça dos Restauradores o muzeu das industrias artisticas, transformada a capella italiana, para onde seria transportada a joia de S. Roque — a capella de S. João Baptista — n'um muzeu maravilhoso de arte sacra, poderia ser confiado á guarda da Commissão de Monumentos Nacionaes esse radioso conjuncto de collecções. Para isso se procederia á reforma, pelas pastas do Reino e Obras Publicas, conjunctamente, d'essa commissão tão illustre como inutil, ampliando-lhe os poderes, hoje irrisorios de platonismo, creando-lhe attribuições reaes, impondo lhe responsabilidades effectivas, tornando-a, finalmente, a vigilante da riqueza artistica de Portugal e commettendo-lhe o encargo de proceder, debaixo de um plano systematico e de antemão approvado, á successiva e laboriosa restauração dos nossos mais importantes monumentos de architectura, para o que o governo a habilitaria annualmente com o subsidio ou verba orçamental indispensavel. Não se aggravariam as despezas publicas com este luxo de arte. A Commissão continuaria a exercer gratuitamente as suas funcções, que passavam de consultivas a executivas, e o paiz lucraria em vêr centralisados os serviços de conservação dos seus monumentos com o

salval-os da destruição e da ruina, impedindo-se assim a demolição barbara da *Flôr da Rosa*, os vandalismos dos *Jeronymos*, da *Batalha* e da *Torre de Belem*, o aluimento da torre templaria de Leça do Bailio: — todo esse permanente attentado contra tudo o que é bello, n'esta terra de politiqueiros prodigos ou de sovinas alváres, o que é peor. Esperemos, ao menos, que o actual governo, tão exemplarmente economico, não deixe parar as obras da Sé de Lisboa, a que o governo anterior deu um notavel desenvolvimento, habilitando o sr. Fuschini com a verba necessaria á conclusão das torres e construcção dos coruchéus romanicos, que devem coroal-as.

Mais não é prudente pedir a um governo, que a toda a pressa está mudando a administração publica do *Hotel da Barafunda* para a *Casa de Hospedes* da economia. Porque este é um facto incontestavel: o actual governo, como o procurador zeloso e probo de uma casa arruinada, tenta salvar os restos do patrimonio da nação, — sorvido pelo amanuense faminto, — com as energias inflexiveis de um *Gabsek*, fazendo economias ferozes de velho *noceur*, que tem de reduzir o *menu* dos seus prazeres, a fim de evitar uma doença de espinha. O mesmo acontece a todos os que, como o partido progressista, tiveram uma mocidade dissipadora, com appetites prodigos e saciedades nocivas. O partido pro-

gressista envelheceu. Os partidos politicos, como as mulheres sensuaes, teem uma velhice devota — uma velhice de arrependidos. Não se deve concluir d'ahi que o partido progressista agonisa, como um corpo senil e em decomposição. Pelo contrario. Apesar da sua gloriosa velhice, o partido progressista reanima-se. Com balões de oxygenio? Talvez. Com balões de ensaio? Ignoro. O facto é que se reanima. Nunca será demais repetil-o, como sempre costuma fazel-o o sr. conde de Paço de Lumiares.

É entretanto inquietador verificar o desaccordo em que parece estar o paiz com o seu governo. Sob o regimen da economia, o theatro D. Amelia encheu se durante as cinco recitas de Jane Hading. Lisboa, n'essas cinco noutes de theatro, exhibiu a sua prodigalidade incorrigivel em desafio á meticulosa economia dos ministros.

O sr. Mimoso, proprietario de uma casa de modas na rua do Ouro, encarregou-se de provar com eloquencia, na rapida conversa com o redactor de um jornal da noute, que a unica verdadeira preoccupação de Lisboa, n'este instante, é a de gastar dinheiro!

O sr. Mimoso dirige-se apressadamente a Paris, sortir-se de novos modelos de chapéus, tendo vendido, em pouco mais de quinze dias, todos quantos trouxera, ainda não ha um mez!

E o sr. Mimoso explica:

— Este anno foram quatro as côres da mo-

da: o *mousse*, o *chaudron*, o *cocq de roche* e o *violinne*. É assim que para quatro *toilettes*, apenas, tem uma senhora de comprar quatro chapéus differentes! — E não se admire — apressa-se em dizer o sr. Mimoso, á vista do espanto incredulo do jornalista. — Em Lisboa, ha senhoras, muitas senhoras, que compram mais do que isso! O meu amigo não imagina quantos sacrificios são necessarios e de quanto trabalho carece um negociante intelligente para manter uma clientella como a minha!

Essa abundancia de chapéus representa outras tantas carapuças para o ministerio! A lisboeta continúa a fazer a sua tradicional politica de desperdicio, e é ella quem agora recomeça, como ha seis annos, a campanha em favor da regulamentação e monopolio do jogo — em que já trabalha, sob os seus auspicios, uma sociedade bancaria de Lisboa!

Emquanto que, na Inglaterra, el-rei atira bolas de neve ao sr. marquez de Soveral, a lisboeta lança as suas redes de caprichos á fraqueza dos homens.

A sua influencia cresce e propaga-se todos os dias. Ella pede, ordena, exige e dispõe. O seu cursivo elegante anda pelos ministerios, pelos bancos, pelas mezas de todos os homens de negocio, pelos bolsos de todos os homens da politica. A lisboeta de hoje teria encontrado uma réplica a Napoleão, depois da sua cruel,

rude e breve resposta a *madame* de Stäel. Servem-lhe como uma luva as phrases historicas com que o cardeal Mazarino se referia ás duquezas de Chevreuse e Longueville, na sua conferencia com o embaixador de Hespanha, D. Luiz de Haro.

Mas como lhe querer mal, se ella sabe corromper tão lindamente, se as suas mãosinhas destruidoras são tão prodigas de caricias, se os quatro chapéus do Mimoso — o *mousse*, o *chaudron*, o *cocq de roche* e o *violinne* — lhe ficam tão bem!

A sua tyrannia veste-se no *Paris em Lisboa* e quasi parece inoffensiva, com o seu arzinho friorento, agazalhada n'uma jaqueta de lontra! E' depois, é ella, só ella, quem sustenta, um pouco por *snobismo* e um pouco por delicado instincto, o culto da belleza e da arte. Em toda a parte onde ella não domina e por onde se não estende a sua influencia, o homem é egoista e rude, grosseiro e intratavel. É ella quem vae vêr, á Academia de Bellas-Artes, as provas do concurso para o templo da Immaculada Conceição — o que, aliás, é justo, porque a ideia de tal templo, na *cidade da Santa Engracia*, é um pouco d'ella, é mesmo quasi que exclusivamente d'ella...

Chega-lhe, louvado Deus, o tempo para tudo: para fazer politica, para provar os vestidos, para passear na avenida, para pagar visi-

tas, para vêr a Jane Hading, para ir espreitar a exposição dos *panneaux* de azulejo, destinados ao Bussaco e á Escola Medica.

Esta tentativa de renascimento da industria artistica do azulejo, tão florescente em Portugal durante os seculos XVII e XVIII, merece uma menção elogiosa. Poderosamente protegida, ao nascer, pelo anterior governo, que encommendou aos srs. Jorge Collaço e Carlos Fernandes o revestimento da ampla galeria do Hotel do Bussaco e o da sala dos *passos perdidos* do edificio da Escola de Medicina, parece ter, a estas horas, definitivamente vingado. A exposição dos primeiros *panneaux*, aberta pelos auctores no seu *atelier* do pateo do Martel—tão prestigioso ainda da memoria de Columbano e de sua irmã D. Maria Augusta—está constituindo um verdadeiro successo de curiosidade e de agrado. Faltam a esses azulejos, talvez, a delicadeza de tintas, a sciencia profunda dos planos e dos tons, a largueza da concepção e a animação das figuras, que fizeram a gloria dos artistas hollandezes e portuguezes das velhas fabricas do Rato e da Bica do Sapato. Mas que de progressos já, sobre as tentativas iniciaes! E como é para lastimar que aos srs. Jorge Collaço e Carlos Fernandes não tenha sido entregue a restauração do canal formosissimo de Queluz!

A pintura do azulejo exige uma destreza, uma espontaneidade no compôr, alliadas a uma

graça nativa na execução, que só o tempo, ainda mais que o talento, ensinará aos artistas. É toda uma arte, de segredos perdidos, a resuscitar e a renovar. Mas já hoje, as provas expostas nos consentem a esperança de que a aprendizagem será curta e não tardará a maestria.

Oxalá a casa portugueza volte depressa a enfeitar-se com esse lindo adorno e nos silhares das salas se revejam as animadas farondolas de pastoras vestidas á Boucher, as mesuras dos casquilhos de Nicolau Tolentino, as scenas de galanteio, os episodios de caça e idyllios de Watteau, que tanta graça e tanta belleza trouxeram á velha casa fidalga dos reinados de D. João V e D. José I!

XXVIII

Mounet-Sully — Lisboa melomana — As plateias incultas — Sua incapacidade para comprehender a grande arte — A belleza humana — A arte da vida — Phrynéa, Lais, Cleopatra e Ninon de Lenclos — A mulher das cavernas e a Sulamita — Do animal á deusa — Um Apollo de sessenta annos — *Consul* vingando o janota — Depois do *Hamlet*, o Chimpanzé.

A maior parte da Lisboa elegante, que encheu o theatro D. Amelia nas récitas de Jane Hading e de Mounet-Sully, já conhecia a interprete da *Sapho* e a gloria academica da casa de Molière.

Para essa Lisboa, que viaja, os vinte e quatro mil réis de um camarote representaram menos o preço de uma curiosidade do que a contribuição de um exhibicionismo.

Nos camarotes, discutiram-se mais as *toilettes* do que os talentos de Jane Hading. A plateia examinou com mais attenção o nó das gravatas de Le Bargy do que os detalhes minuciosos da sua arte consumada de actor parisiense.

Para muitos, as emoções do *Marquez de Priola* reduziram-se á surpreza de um novo talhe de casaca, e no ultimo acto da *Volta de*

Jerusalem as innumeraveis condessinhas de Lisboa, palpitantes e afogueadas, verificaram que o espartilho da Hading tinha um palmo de comprido e parte do seu cabello era postiço!

A attenção, que Lisboa dispensa a um espectaculo de Arte, é—para que negal-o?—menos que mediocre. Exceptuada a sua predilecção de melomana, alimentada, ha mais de um seculo, pela annual orgia de S. Carlos, as restantes manifestações de bellas-artes, mais exigentes de intellectual preparo e concentração visual e auditiva, raro conseguem, e assim mesmo a titulo de curiosidade e de exotismo, interessal-a. Por accessivel a rudimentares intelligencias e a sentimentaes temperamentos, a musica, muito mais do que o drama, electrisa este publico mundano e desattento. Kubelik conseguiu pôr maiores vibrações nos nervos excitaveis das plateias de Lisboa, com o seu miraculoso violino, do que Mounet-Sully, com os seus apparatosos gestos de tragedia.

Foi preciso que a Bartet recitasse, o anno passado, os versos meigos da *Nuit d'Octobre*, para erguer n'um delirio de enthusiasmo as plateias alfacinhas, como nunca o conseguira fazer o genio esplendido da Duse. Poesias ternas e musicas melodiosas—a mais não alcança a impressionabilidade artistica das classes cultas e a sua incapacidade para sentir as fortes impressões mentaes da grande Arte.

Tiradas dos seus quadros, sem as scenographias, as comparsarias e o guarda-roupa da *Comédie*, as tragedias de Sophocles, Shakespeare e Hugo pareceram a esse publico, amigo de visualidades, reducções deploraveis, que os talentos declamatorios e academicos de Sully não bastaram para encher de luz ampliadora.

Debalde esse magnifico Œdipo, esse caloroso Hernani e esse Hamlet divagador forcejaram por conquistar todo o palco e abafar no rumor musical dos seus versos as outras vozes sem prestigio. O seu genio não poude resgatar a mediocridade alheia. Ás suas soberbas attitudes faltaram o digno acompanhamento e o scenario maravilhoso, que são para os actores o que o ceremonial é para os reis.

O principe da tragedia representou em Lisboa, não com a sua côrte, mas com os seus vassallos.

A falta de conjuncto em espectaculos, que tiram da grandiosidade do accessorio a belleza maior para espectadores em geral incultos e desattentos, comprometteu o exito das tres récitas memoraveis, que algumas poucas imaginações embriagaram de puro gôzo, mais suggestionador do que objectivo. Com as suas lamentaveis Antigona, Ismenia, Dona Sol e Ophelia, esse Œdipo classico, esse Hernani romantico e esse Hamlet hallucinado viveram no palco uma vida isolada, embora nimbada de clarões de ge-

nial belleza em attitudes, que não raro alcançavam fazer esquecer a sua integração no execravel conjuncto da tragedia.

Mas em face de toda a radiante belleza, com que o grande actor de sessenta annos conseguiu, á força de talento, transfigurar n'uma maravilha a pobre carcassa humana, uma consolação enorme se enfiltraria, com suavidades de orgulho, nas plateias de encasacados simios, se em volta da nobre figura do comediante eminente outros manequins não viessem corrigir essa visão idealisada do homem, com os seus esgares de titeres deploraveis. Occasiões houve, como no duello do Hamlet—executado anachronicamente com floretes de sala de armas—e na grande scena final, que fecha a formidavel catastrophe do Œdipo, em que Mounet-Sully parecia redimir-se da natureza mortal e dever ficar eternamente, como uma estatua dramatica de Miguel Angelo ou uma figura sumptuosa de Van Dyck, embrulhado no *pallium* ou coroado pelo feltro de plumas, em uma das suas predilectas *poses* de perfil.

E nenhuma mulher terá deixado de comparar esse velho esbelto, modelado como uma academia, de hombros largos, d'onde os mantos reaes cahem soberbamente, elegante como uma amphora, agil como uma lamina, aos janotas de bigode em riste e peito retrahido, arranjados pelo alfaiate e pelo barbeiro, que escureciam

com as suas casacas pretas e os seus penteados lustrosos de cosmeticos a vasta rotunda da plateia. O subtil espirito da mulher, tão facilmente dominado pela belleza, terá, ao menos, comprehendido que na interpretação d'essas obscuras e complexas luctas humanas, para cujo entendimento é pequeno o seu cerebro, uma arte rebrilha, fascinadora para o seu instincto sexual de tentadora; a arte da vida!

Mas existe então uma arte da vida? Se existe! E tão evidente, que não será injustiça attribuir á philosophia contemporanea, tão exaggeradamente individualista, o erro de não a haver proclamado a par da sciencia da vida.

Porque se convencionou consagrar com o prestigio artistico a estatuaria grega e se exilou para paizes menos prestigiosos da admiração humana o elegante esplendor da vida da Grecia? Essas mulheres, de natureza mortal, que foram os modelos sublimes de Phidias, de Scopos e Praxiteles, não valeriam tanto, como expressões puras da belleza, quanto os marmores inanimados, que eternisam o encanto do seu gesto, a magestade das suas fórmas e a sapiencia da sua attitude? Não serão Arte e da Arte a mais pura, esses prodigios de graça, que a mulher attingiu nos periodos de maior esplendor da humanidade? E se approximarmos a companheira do primeiro homem, selvagem e hirsuta, recolhida n'uma caverna, da belleza e da sabedoria de

uma Laïs, teremos mais facilmente comprehendido essa arte da vida, na qual trabalham, ha incalculaveis millenarios, as gerações humanas. O lento, infatigavel labor de aperfeiçoamento, que ininterruptamente, n'uma ancia sempre insatisfeita de belleza e de gôzo, vem occupando a humanidade, representa cem mil milhões de vezes o valor das collecções artisticas, fechadas nos muzeus de todo o mundo. Eu facilmente me consolo de não poder ter em minha casa o *Parnaso* de Montegna, a *Gioconda* de Leonardo de Vinci, a *Santa Familia* de Raphael, a *Antiope* de Corregio, as *Bodas de Canaan* do Veronezo, a *Betsabé* de Rembrandt, a *Assumpção* de Murillo, ao pensar que me pertence uma incalculavel fortuna em emoções de Arte e que n'esse muzeu inexgotavel da vida ha uma extensa galeria de maravilhas.

Pois não consiste a summa Arte dos pintores em copiar, traduzir e commentar a vida? E não existe na vida tanta belleza esparsa, que nunca encontrará o seu pintor? Não reside todo o esforço do estatuario em fazer do corpo humano uma obra de belleza? Não são da humanidade todos os gestos e todas as attitudes reproduzidas pela Arte? A formosura de Helena, movendo os exercitos de Agamemnon, de Achilles, de Diomedes e de Ulysses contra Troia, encarniçando dez annos os homens na guerra, não é tão grandioso na sua significação humana

como a *Illiada* na sua significação artistica? Cleopatra, captivando nos seus braços Cesar e Antonio, não representa um maior esforço de seducção, que o esforço de trabalho consumido em construir as tres pyramides? Todos os monumentos do Egypto, erguidos em honra dos deuses, não valem menos, na historia do mundo, que os seus beijos de fascinadora? A memoria d'esses beijos, que são um sopro, resistiu mais aos seculos que o pharol de Alexandria!

Nunca comprehendi a razão por que, na historia das bellas-artes, se falla do Parthenon e se esquecem os jogos olympicos; se divinisa o tronco mutilado da *Victoria da Samotracia* e não se fazem referencias ao gesto sublime de Phrynéa. Esse lendario abrir de manto é, todavia, a mais radiosa apologia da belleza, nunca ultrapassada pela lyra de nenhum poeta.

Em que paiz nascerá o grande artista ou o grande philosopho, que da extensa historia da humanidade, de entre o fragor das luctas, de entre a temeridade das aventuras, de entre o prodigio das descobertas, de entre a maravilha das civilisações, separe e enumere os consideraveis elementos, que constituem a arte da vida e escreva a emocionante historia do homem e da mulher, desde as penumbras dos primeiros dias, em que eram feras, até ás apotheoses dos grandes seculos, em que os animaes das cavernas igualaram os deuses? Então se patentearia

á humanidade um surprehendente e orgulhoso documento, ainda, por infelicidade, inedito. Então se poderia apreciar a incommensuravel distancia, que separa o primeiro gesto de Eva, ao cobrir-se de folhas de figueira, do gesto contemporaneo de uma rainha, embrulhando-se no manto de velludo e de herminias. Poder-se-hia comparar a selvageria animal da troglodyta aos requintes de *madame* Pompadour. Seria possivel confrontar os appetites carnivoros e bestiaes da mulher primitiva aos faustos da Sulamita e aos orgulhos voluptuosos de Esther, banhando os corpos magnificos em aromaticos estonteantes.

Tornar-se-hia então indispensavel destruir as presentes noções de Arte, absurdamente restrictas, limitadas apenas aos sentidos da vista e do ouvido, ennobrecendo os restantes sentidos do tacto, do gosto e do olfacto. A vida, similhantemente á musica, á esculptura, á poesia, poderia considerar-se, em alguns casos, uma manifestação sublime da Arte. Os acontecimentos teriam uma belleza, como as estatuas. *Madame* Recamir, pousando no *atelier* de David, seria uma obra prima, como o seu retrato. A graça, que Schiller chamou a *belleza movel*, seria uma manifestação artistica, como os nocturnos de Chopin ou os sonetos de Petrarca.

Se a immortalidade não é condição essencial da obra de Arte, porque os quadros de Ra-

phael se deterioraram, os frescos de Vinci se apagam e as estatuas de Phidias se despedaçam, porque não poderá ser considerada como a mais legitima manifestação artistica a elegancia de uma linda creatura humana? Que outra cousa não é muitas vezes senão uma obra de Arte a resultante dos esforços de uma mulher para conservar o amor do homem, que o seu coração escolheu! Que é senão uma obra de Arte a lucta de Ninon de Lenclos contra a velhice? Esse tremendo esfôrço da pobre materia mortal para alcançar a belleza não é tão nobre como os esforços de um artista ao modelar uma estatua? O soffrimento de Cleopatra, applicando ventosas no seio para o conservar redondo e viçoso, não é tão sublime como as vigilias de Göete e a lucta de Camões para salvar os *Luziadas*?

São, por acaso, o marmore e o bronze materias mais preciosas do que o corpo humano? E se a Arte é, em todas as definições, uma expressão de belleza, não será difficil pretender recusar á vida humana manifestações absolutas de belleza e mais difficil antepôr a immobilidade da estatuaria á formosura adquirida sobre a natureza por uma creatura viva?

A Arte é um artificio? Sem duvida. De accordo em que a belleza, só por si, não constitue Arte. É apenas uma fatalidade inconsciente da materia. Mas toda a belleza, por um con-

sciente esforço adquirida, é Arte, e encontramol-a amplamente espalhada na vida, prodigamente realisada em gestos ephemeros pela fragil creatura humana.

Como esses reis e rainhas, que os cesares e os consules romanos acorrentavam ao seu carro de triumpho, as bellas-artes são hoje as escravas submissas da vida. Á medida que as civilisações avançaram, a humanidade foi-se decretando a si propria dignidades maximas.

O theatro, que é á glorificação da vida e da belleza humanas, passou a ser o espectaculo favorito dos povos. A persuação de que todos os actos da vida, mesmo os que não são bellos em si e por si, podem attingir a belleza, segundo o modo como são praticados, generalisou-se. O esforço contemporaneo do homem é tornar a vida bella, quanto mais bella possivel.

Considerado debaixo d'este amplo criterio, Mounet-Sully conseguiu transformar o seu corpo vulgar e mortal, exposto, como vil materia, ás decomposições e ás doenças, n'uma obra de Arte surprehendente, e bastaria á mulher comparal-o aos janotas de risca até á nuca e collarinho até ao queixo para sentir que aquelle atheniense do tempo de Pericles, aquelle inglez do tempo da grande Izabel, aquelle francez do tempo de Carlos X, imaginando a formidavel desventura de Œdipo, a duvida angustiosa de Hamlet e a paixão romantica de Hernani, em

cousa alguma influiram no genio do auctor, e que, afinal, as bellezas das tragedias eram as da poderosa arte do comediante, insufflando a sua vida creadora aos sonhos grandiosos dos poetas!

O homem, ao contrario da mulher, não se satisfez em vêr a obra do actor. Quiz vêr a obra de Sophocles, a obra de Shakespeare, a obra de Victor Hugo.

Qual dos dous espectadores esteve com a verdade? O homem, assistindo á tragedia e verificando com desconsolo que lhe reduziam o grandioso quadro imaginativo, ou a mulher, não entendendo a tragedia, desinteressada da acção, resumindo o seu gozo ao espectaculo commovente do artista magnifico, que, durante tres noutes, maravilhosamente se occupou em vestir de radiosa belleza o pobre animal humano?

Como sempre, a mulher viu, na realidade, o que ella continha de bello; e o homem, extraviado na ficção, querendo apanhar os passaros que voavam, deixou fugir o que tinha ao alcance da mão.

Agora, é tarde para resgatar o erro. O grande actor partiu, levando as espadas scintillantes do principe da Dinamarca, o gladio real de *Œdipo* e a businа fatal de *Hernani.*

Lisboa ficou indecisa e o emprezario do Colyseu encarregou-se de fazer, melhor do que ninguem, a apologia do decano da casa de Mo-

lière, exhibindo, depois do tragico sublime, o macaco prodigioso.

Hontem, viu-se o homem divinisado pela Arte; hoje, o homem vituperado pelo simio. O deus cedeu o logar ao monstro. Depois do *Hamlet*, o Chimpanzé. Depois do glorioso Mounet-Sully, o illustre *Consul*. Os mesmos applausos com que os espectadores enluvados do D. Amelia se despediram do actor, receberam o macaco. Á belleza substituiu-se a aberração. Ao apollineo encanto do homem succedeu a repugnante attracção do animalejo. *Consul* vem demonstrar-nos que é o antepassado veneravel do *Hernani* e os janotas rasgaram as luvas a applaudil-o!

Vestido ao rigor da moda, ostentando um modelo original de collarinho, que o Pitta apressadamente copiou, enluvado, penteado, escovado, correctissimo, *Consul* faz a sua entrada sensacional na arena, ao ruido ensurdecedor dos applausos, fumando um charuto, que comprou na Havaneza, depois de ter jantado com appetite no Avenida Palace.

Natural da Africa Occidental, como muitos dos seus espectadores, *Consul* tem já a sua biographia nos jornaes e terá amanhã o seu retrato no Larousse. Discipulo do sr. Webb, ao fim de algumas semanas de applicação sabia já lavar a cara, servir-se da colher e do garfo, beber vinho do Porto pelo seu copo, limpar-se ao guar-

danapo — e tudo isso na idade em que os nossos filhos apenas sabem sujar a cara e os guardanapos, bater com os garfos e as colheres em cima da mesa, e beber leite de vacca pelo *biberon!*

Prodigioso animal!

Em breve, o alumno laureado do sr. Webb aprendia a andar em bicycleta como um corredor do Velo-Club, a guiar um automovel como o sr. Beauvalet e a escrever á machina como os empregados do Banco de Inglaterra.

Tendo conquistado os seus diplomas — como quem diz o seu bacharelado, — *Consul* appareceu nos *music-halls* de Londres, ganhando seis contos por mez: exactamente o dobro do que ganha por anno um ministro de Estado em Portugal!

Consul segurou a sua vida em quinhentos mil francos, como qualquer banqueiro. Vendido a Bostock e exhibido em New-York, *Consul* tornou-se exigente, contrahiu habitos luxuosos. Foi um prodigo; foi um dissipador; foi um patusco! Teve a sua sala de jantar e o seu quarto de dormir, como toda a gente; o seu *boudoir*, como qualquer mundana; o seu gymnasio, como qualquer assignante opulento da *Revue du Sport*, — tudo illuminado a luz electrica, como o paço de Belem!

Este homunculo, tão desastradamente parecido com o macaco, ou antes, este macaco, tão

airosamente parecido com o homem, é, n'este instante, mais do que os *five o'clock* do Hotel Internacional, mais do que a proxima abertura de S. Carlos, mais do que a proxima dissolução de S. Bento, mais do que as economias do governo, o acontecimento do dia, em Lisboa.

Consul é a notabilidade. *Consul* é, sobretudo, a desforra dos janotas alfacinhas contra a elegancia e a belleza do actor tragico — que fez sentir tão vivamente á mulher a fealdade e a miseria d'esses magros leões, vestidos pelo Amieiro e frizados pelo Godefroy.

XXIX

Os tres fogões do sr. marquez da Foz — De como se podiam substituir vantajosamente por tres fogareiros — A historia de um grande escandalo — A surpreza das cosinheiras — O fogão da casa Fourdinois — A sala de jantar do palacio Foz — O governo do *Terror* e o governo da moralidade — O conselheiro Ferreira Lobo escrupuloso — Um Tribunal de Contas... de resar — Os *five o'clock* do Hotel Avenida — Feras em repouso — O club das Silenciosas, de Londres — O *béguin* — A guerra da manga — O *boulevard* Haussmann contra a *rue de la Paix*.

Lisboa occupou-se laboriosamente, esta semana, em discutir a compra escandalosa dos tres fogões, que o anterior ministro das obras publicas adquirira, com destino á sala dos *passos perdidos* da Camara dos Deputados, ao salão da Escola Medica e a um dos aposentos de recepção do palacio da Ajuda.

Nunca se gastou uma tão consideravel quantidade de tinta como para verberar as prodigalidades de um ministro, que malbaratava os dinheiros do Estado na compra de uns fogões superfluos e carissimos, quando a Companhia do Gaz os distribue gratuitamente pelas cosinhas dos seus consumidores e a *Oil Company* os annuncia pela bagatella de cinco mil réis aos seus clientes.

Discutiu-se o escandalo nas salas, nos cafés, nos jornaes e nos theatros; e foi um immenso alivio para toda a gente, quando o governo, com uma das suas pennadas de *Père Grandet*, que estão a exigir um Balzac, devolveu ao sr. marquez da Foz esses tres objectos insolentemente ricos para aquecer as solas rôtas de um paiz, que as prevaricações dos ministros reduziram á condição andrajosa de um pedinte.

Vinte e cinco contos, não ficando o sr. marquez da Foz e seus herdeiros obrigados a fornecer perpetuamente o combustivel, é pagar caro o luxo de ter fogões, vantajosamente substituiveis por fogareiros. Gastar duas duzias de contos na acquisição de tres obras de arte, n'um paiz onde se gastaram centos d'elles nos alicerces de um Correio Geral, nos alicerces de um Palacio da Justiça, nos alicerces de um Lyceu — tres edificios condemnados e abandonados, — é, com effeito, uma prodigalidade inadmissivel. Eu comprehendo as invectivas ruidosas do herdeiro dos Pallavicini e o interesse acalorado com que Lisboa, depois de discutir o minusculo e prodigioso *Consul*, discutiu o enorme e desvergonhado escandalo.

E antes que partam para Nova York, — deixa-l'os ir! — consignados ao sr. Baumgarten, vejamos depressa o que são e o que valem esses tres fogões monumentaes, de cuja posse, prejudicial aos bons costumes, nos libertou o gover-

no, com uma pennada, já agora celebre, na historia das artes, em Portugal.

É o primeiro fogão todo em marmore verde e baixos relevos de bronze, com um alçado em estylo Renascença, coroado por tres grupos de anjos, de azas distendidas, as bochechas infladas, tocando em tubas, e erguido em dous columnelos de capiteis coryntios, fazendo quadro, sob a cornija de alados serafins, a um baixo relevo oval, allegorico á caça, flanqueado por duas figuras de maravilhosa belleza esculptural, como o baixo relevo de intenção e assumpto venatorio.

Foi este objecto de arte construido pela casa Fourdinois para a primeira exposição do segundo Imperio, com o preço de venda de duzentos mil francos — ou seja qualquer cousa como quarenta contos, moeda portugueza, — e exposto em todas as posteriores exposições de arte ornamental e mobilario como uma maravilha da industria artistica de França.

Ouço d'aqui o que dizem, n'esta altura, as donas de casa, da provincia. Seria pena entregar fogão tão precioso ás cosinheiras portuguezas. Tambem assim o pensou o governo!

No palacio da Praça dos Restauradores este fogão, — pelo qual o prodigo municipio de Paris offerecera cento e cincoenta mil francos, — occupava orgulhosamente o logar de honra na sala de bilhar, — sim, ex.mas donas de casa, na sala

de bilhar!—ao lado da estatua celebre de Pigalle, inspirada pelos versos do *Rolla*, dos *S. Paulo* e *S. Pedro* de Ribera, do *mercador de Peixe* de Sneyders, do *Judeu* de Rembrandt, da *Sacra Familia* de Sasso Ferrato, da *Herodiade* de Lucas Cranach, do *Eduardo VI* de Holbein.

Em qualquer palacio dos millionarios da *quinta avenida* elle não terá, como em Lisboa, o magestoso acompanhamento, o cortejo triumphal de obras de arte em que se reflectiam as suas labaredas nas noutes agrestes de dezembro, nem para aquecer os pesitos, calçados de sapatinhos de setim, se sentarão as *misses* millionarias em sophás do duque de Hamilton, em frente aos seus frisos de anjos em correria e aos leões empinados dos seus envasamentos.

Por pouco tempo ficou pertencendo a Portugal a gloria de possuir a obra-prima da casa Fourdinois, cubiçada pelo rei D. Luiz, e em que trabalharam os mais habeis esculptores, buriladores e entalhadores do reinado de Napoleão III.

Peor do que o governo da Revolução Franceza, que em pleno regimen do Terror embargava a sahida para Inglaterra da galeria de Choiseul-Gouffier, o governo portuguez, longe de embaraçar a sahida do reino d'essa notabillissima obra de arte, que os caprichos e as tentações do mais opulento e artista dos fidalgos portuguezes do fim do seculo XIX trouxeram

para Portugal, regeita-a violentamente da sua posse, rasgando um contracto de compra, pelo motivo especioso do sr. Ferreira Lobo, assustado pelo preço da maravilha e depois de ter consultado a sua cosinheira, se recusar a submetter o contracto ao visto do tribunal de Contas!

É o segundo fogão em marmore branco, com cerca de quatro metros de altura, de estylo Luiz XVI, e enriquecem-no applicações de bronze cinzelado.

Este era o fogão da sumptuosissima sala de jantar do palacio Foz, toda em branco e ouro, que ainda estou a vêr com as suas monumentaes portas de Toreau, o decorador de Versailles, o seu tecto representando o *triumpho de Baccho*, por Jordaëns, os lustres de bronze e pingentes de crystal, a linda fonte de Carrara, os tremós, aparadores e cadeiras de estylo Luiz XIV, com tapeçarias da *Savonnerie* nos espaldares, e as immensas telas bucolicas de Bisschop nas paredes.

Encimado pelo busto de Lourenço de Medicis, *o Magnifico*, adornado pelas duas serpentinas com esculpturas de Pigalle, este segundo fogão, que custara em Pariz cincoenta mil francos, sobresahia na immensa sala, como um branco e doirado altar, em frente ás portas de crystal, que davam para o jardim.

Logo á entrada, o olhar incidia, n'uma fascinação, sobre a architectura elegantissima, e só

d'ella se separava para contemplar o retrato equestre do cardeal-infante D. Fernando, filho de Filippe II de Hespanha e primeiro de Portugal, suspenso sobre um dos aparadores, de pés de carneiro, onde resplandeciam as salvas de prata e as terrinas da India.

Era este, penso eu, o fogão destinado á sala dos *passos perdidos* da Camara dos Deputados, cuja nudez actual faz arripiar de frio, com os seus paineis e tectos despidos de adornos, á semelhança do hemyciclo grandioso das sessões, a que faltam as estatuas nas galerias, os grupos em marmore das tribunas, as pinturas do tecto e a allegoria projectada para decorar a parede da presidencia.

Finalmente, o terceiro fogão, de marmore verde — e eu bem sei que o espanto das donas de casa vae subindo! — era o da chamada *Sala das Perdizes:* a joia do palacio Foz, e assim chamada por serem os paineis e a mobilia forrados com a seda chamada *teinture des perdrix*, fabricada pela primeira vez em Lyon para o casamento de Maria Antonieta.

E tudo isto se vae embora para os Estados-Unidos, porque o sr. Ferreira Lobo, socio da Academia e cavalheiro estimavel, que tem da arte a ideia, entre desdenhosa e superior de uma bugiaria, se recusou, com escrupulos respeitaveis, depois de consultada a sua cosinheira, a apresentar o contracto de compra ao visto do tribunal.

Mas o herdeiro dos Pallavicini applaudiu e a estas horas, toda a provincia de Portugal, surprehendida de que tres fogões possam valer o custo de uma casa, applaude tambem a portaria auctoritaria, que atirou as tres obras de arte para o porão de um navio.

Este o assumpto da semana, tão calorosamente discutido, á falta de outro melhor, pela lisboeta, cujos dentinhos brancos de roedôra morderam até ao sangue o sr. Ferreira Lobo, irritada ao saber que alguem n'este paiz desempenha com consciencia as funcções severas de arbitro e juiz das prodigalidades alheias; discutido pela imprensa, que fez acrobatismos semelhantes aos da *troupe* arabe do Colyseu para convencer os leitores de que os fogões monumentaes eram, afinal, tres fogões de cosinha, ferrujentos e inuteis; discutido ás mesas dos cafés; discutido no *foyer* do D. Amelia, entre duas canções maliciosas da Darty; discutido no Gremio, no Turff, na Havaneza e na Arcada.

Só nos *five o'clock teas* do Hotel Internacional, recentemente inaugurados, se não discutiram os fogões.

Á semelhança das grandes senhoras de Londres, que acabam de fundar em *Dover Street*, sob a presidencia da duqueza de Leeds, com o nome de *Ladies Atheneum*, o club das silenciosas, as lisboetas parecem ter eleito em logar de ropouso o salão do *Avenida Palace*.

Essa a impressão que sexta-feira passada recebi ao entrar na grande sala mobilada pelo Maiple, onde algumas lindas mulheres molhavam os labios mudos em chavenas dôces de chá.

Tive um suspiro de allivio. Não; era bem verdade que ninguem fallava dos fogões. Ainda, por um momento, prestei attenção, duvidando da propria evidencia d'aquella mudez geral e obstinada. Sentei-me, e até que a ultima mulher sahiu, fazendo rugir, de encontro ás suas meias de sêda as suas saias de sêda, fiquei ao meu canto, totalmente esquecido da chavena de chá.

É n'esses raros instantes de repouso, quando a abandona a artificial animação, com que ella se embriaga de falsos prazeres e hypotheticas felicidades, que melhor se póde observar o cansaço precoce da mulher mundana, cedo envelhecida nas atmospheras viciadas do theatro, nas fadigas dos bailes, nas excitações voluptuosas dos *flirts*, na lufa-lufa incessante das visitas.

Essas bonecas vestidas de sêdas e de velludos são as martyres da sociedade que as acclama como suas deusas.

Decorativa e luxuosa, frivola e egoista, sem noções humanas da lucta, do esforço, da desgraça e do sacrificio, essa sociedade é como a luz electrica uma cousa scintillante e sem calor, offuscadora e fria. Ella tem, do mal e do bem, uma concepção que se confunde terrivelmente com a do interesse. Pelas suas hypocrisias estra-

ga as almas; pelas suas capitulações de consciencia deteriora a verdade. Para ella, o tempo não é precioso; a vida não é uma cousa importante e sagrada.

Essa mulher silenciosa e fatigada dos *five o' clock* do *Avenida Palace* é mais do que a sua deusa, a sua victima. Mas que ninguem se fie n'aquella indolencia e quebranto passageiros. Ella transfigura-se, como uma comediante emerita, logo que o seu interesse e a sua vaidade entram em jogo, logo que uma modista espalhe e enrugue na sua frente um estofo de sêda ou o binoculo de um homem incida no theatro sobre a sua face pallida, reanimada pelo sangue dos perfumistas, vulgarmente conhecido com o nome de carmim!

Na sua cabeça leviana andam mil preoccupações de uma frivolidade terrivel. Diante do amor, como diante da morte, ha sempre no fundo do seu cerebro, a esvoaçar, a scintillar, uma pluma, uma renda, um vestido, um capricho ou uma joia.

O chapéu de theatro é agora, depois de exgottada a historia dos fogões, a occupação d'esses lindos craneosinhos de avellã.

O *béguin* — assim o chrismou amorosamente Pariz, — é menos que um chapéu e pouco mais do que uma touca. De tela de ouro ou prata, de velludo ou vidrilhos, qualquer cousa como a coifa de Catharina de Medicis ou o toucado

gracioso da Manon, o *béguin* fez a sua timida apparição na primeira recita de S. Carlos, onde a soprano Alloro, o tenor Paoli e o barytono Kaschmann cantaram o *Othello*.

E o certo é que o successo foi d'elle. Durante os quatro actos da opera, em todos os camarotes, os binoclos das mulheres assestaram-se, investigadores e ciumentos, sobre as tres *béguins* da plateia. E as pulseiras, — essa antiga insignia da escravidão, que a mulher moderna, tão sequiosa de liberdade, reelejeu em adorno da moda, — tiniam em todos os braços, apoiados aos parapeitos de velludo, na discussão acalorada do *béguin*.

O que terá decidido esse concilio feminino? Adoptará a minuscula coifa de theatro, entregando a sua confecção á Laclau — a modista dos bébés? Ou vão organisar-se dous partidos, contra e a favor do *béguin*, á semelhança dos dous exercitos de modistas, que a esta hora, em todo o mundo governado pela moda franceza, combatem a favor e contra a manga justa? Esperemos que seja uma guerra incruenta, como essa outra guerra da manga, declarada pelas costureiras do *boulevard* Haussmann ás costureiras da *rue de la Paix*, a não ser que o sr. Alberto Braga, escrevendo um artigo terno e conciliador, não consiga, offerecendo-se para *béguin* de todas as damas, aquietar-lhes os instinctos bellicosos.

XXX

A representação do *Rei Lear* em D. Maria — Adaptação do sr. Julio Dantas — Traducção de Pierre Loti — O insuccesso de Antoine — As criticas fulminatorias — As brutalidades da tragedia — Wycherley — A Orestiade de Eschylo — Shakespeare dos idylios e das apostrophes — Um artigo de Samuel Tom — Ao que se reduzem as accusações.

Diante de um publico, na sua grande maioria desconfiado, representou a sociedade de artistas do theatro de D. Maria, na ante-vespera do Natal, a tragedia de Shakespeare, *King Lear*, adaptada á scena portugueza pelo poeta que hoje, a par de Junqueiro, melhor compõe entre nós o verso alexandrino.

Foi esta temeraria tentativa de adaptação — planeada consoante todas as que tiveram até hoje por fim trazer das bibliothecas para o theatro a obra do grande tragico inglez, — simultanea á tentativa ingloria e infructifera de Pierre Loti e Antoine, de representar integro, como um monumento sagrado e intangivel, o mesmo *King Lear*.

Em scenographias de maravilhosa belleza, com esplendores de *mise-en-scène*, que só Paris

e Londres hoje consentem a emprezas de espectaculos, valendo-se de todos os recursos, desde o palco giratorio, de invenção japoneza, até ás recitações do proscenio, totalmente banidas, conseguiu o theatro Antoine, em cinco horas, excluindo intervallos, desenrolar as peripecias tragicas, que compõem os vinte e oito quadros do formidavel drama de Shakespeare.

Foi inglorio o trabalho do auctor de *Madame Crysanthème*, traduzindo uma obra já integralmente traduzida por Francisco Victor Hugo e revista pelo poeta da *Legenda dos Seculos*, o divinisador do grande William; e ingloria a tarefa dispendiosissima de Antoine, pondo em scena essa meticulosa traducção.

O publico, mesmo o mais culto e de maior preparo intellectual, não pôde resistir á fadiga, que lhe deixou a tragedia, no lento, por vezes confuso e hallucinatorio desenrolar dos seus vinte e oito quadros, pela falta de equilibrio, de logica e harmonia, pela ausencia de unidade na acção e no tempo, que caracterisam o theatro de Shakespeare — composto quando ainda a Renascença não influira na obra litteraria dos poetas inglezes.

Tirante algumas comedias, raras, que Irving tentou, como o *Sonho de uma noute de verão*, representar integraes, sem grande exito, toda a obra de Shakespeare teve que ser mutilada e reduzida para caber no theatro moderno, e nunca se lembrou a critica europeia, a mais fetichista,

de se pôr em pé de guerra ao annuncio e pratica d'esses attentados sacrilegos.

O mesmo aconteceu em Lisboa, onde as adaptações do *Hamlet* e do *Othelo* foram apenas, por alarde erudito, discutidas ao de leve e brandamente, sem a menor sombra de rigor. Mas tal não acontece hoje. É uma verdadeira tempestade de improperios a que se levanta contra o poeta, que seis longos e laboriosos mezes levou a compor em verso portuguez, de harmoniosa belleza, a tragedia de Lear. E accusam-no de falta de respeito pela obra de um genio, quando ninguem mais e melhor do que elle a glorificou com o seu immenso labor! Accusam no de haver mutilado as barbaridades sublimes da tragedia, quando Loti e Antoine, no Theatro Livre, tiveram de recuar, a despeito das suas orgulhosas proclamações, diante de algumas phrases demasiado brutaes, onde a rudeza do tempo, mais do que a luz do genio, se revela! Accusam-no de haver resumido em sete quadros apenas, a acção diluida em vinte e oito scenas differentes! Accusam-no de haver posto em verso, desfigurando-a, uma prosa vehemente e rude, que quebraria, como uma douda furiosa, o collete de forças de quaesquer versos! Outros o accusam pela declaração, conscienciosa e honesta, de ter vertido em verso um texto em prosa, asseverando que a tragedia original é em verso tambem!

E essa contradicção nas censuras, de onde

resulta a ignorancia que tem do texto original a critica indigena, basta para desauctorisal-a, por completo. Mas, sobretudo, a indignação ergue lavareda e tolda os céos de fumo, porque o poeta não respeitou as brutalidades maximas da tragedia e as attenuou com esplendores de rima e musicas de rithmos. A critica tem por indivisiveis no *King Lear* a sublimidade e a brutalidade. Diante d'este criterio, Shakespeare não seria um genio, se não houvera escripto na aspera linguagem, que tanto escandalisou Voltaire! D'ahi seria licito concluir, que a rudeza do tempo entrou como um factor essencial e talvez primacial no conjuncto de capacidades sublimes, de onde resulta a surprehendente individualidade litteraria de William Shaskespeare e muito surprehende que a critica não acclame com os mesmos enthusiasmos morbidos o seu quasi contemporaneo William Wycherley, auctor do *Love in a Wood* e *The Country Wife*, o «mais brutal dos escriptores que macularam o theatro», na phrase energica de Taine.

Para essa critica rumurosa, a brutalidade parece ser mais sublime do que a concepção. Isso importaria o mesmo que condemnar toda a tragedia grega, composta n'uma linguagem quasi divina de pureza! Que o impudor não é apanagio da energia, prova-o essa pathetica *Orestiade*, de Eschylo, onde o tragico inglez foi buscar o seu Hamlet e a sua lady Macbeth.

Não é pelos seus assomos barbaros, que o poeta de Strafford conseguiu a admiração universal; mas pela maravilhosa sciencia da vida e do homem, pela penetração prodigiosa da analyse, pela incomparavel capacidade observadora. Nunca o engenho humano compoz mais formidaveis quadros da vida e nunca alcançou produzir syntheses tão fulgurantes da paixão, como na obra tumultuaria do tragico inglez. A sua obra é uma tempestade, em cujas ondas de vento rodopiam em turbilhão todas as sementes da natureza. As vidas de Lear, de Hamlet e de Othelo parecem feitas da substancia immortal das plantas e das estrellas. Não são annotações da vida. São a propria vida. Substituindo a fatalidade grega, de essencia divina, pelo acaso, Shakespeare trouxe para a sua obra o germen eterno dos conflictos humanos. Deus nunca intervem no seu drama. A divindade, tantas vezes exorada, não desce do céo para vingar e salvar Lear, para deter o braço homicida de Othelo, para proteger Cordelia.

Mas Shakespeare tem tambem as suas horas de lyrismo, os seus momentos de candida doçura. Ninguem, melhor do que elle, sabe, ao lado do monstro, fazer fallar a virgem, depois de Caliban fazer fallar Ophelia, depois da gargalhada de Falstaff pôr o suspiro na bocca de Julieta. Esse Shakespeare do devaneio e do amor, da delicadeza e da graça, não é menos

grande no madrigal que na invectiva, nem menos sublime no idyllio que na apostrophe.

Que ideia, entre monstruosa e feroz, tem a critica lisboeta do *King Lear* original? Que é um temporal desfeito de improperios, de obscenidades, de uivos de bestas-feras, de rugidos de loucos, de gargalhadas de bobos?

Essa a generalisada ideia, que d'elle vejo fazer por parte dos criticos, que erguem as pennas, como armas de guerra, contra o poeta, que ousou rimar dous mil e oitocentos versos sobre o thema pathetico de Lear. E são os mesmos, que o accusaram de ser plebeu e brutal na *Severa*, irreverente e atrevido no *Serão das Laranjeiras*, que hoje o accusam de ser um artista rebuscado e precioso, um poeta predilecto de mulheres, sem energias e audacias viris na sua arte!

Rudes e brutaes são, entretanto, todas as fallas de Lear até ao assomo da loucura, que desde o principio invade lentamente o seu enfraquecido espirito de velho e que no acto da floresta por completo transmuda esse monarcha violento, barbaro e auctoritario, n'uma creança idiota e gaguejante. Rudes e brutaes se conservam na traducção essas tremendas apostrophes de Lear contra as filhas, como feroz e brutal se conserva a sanguinosa acção da tragedia ingleza nos sete quadros em que a resumiu o poeta portuguez.

Assim, a maldição de Lear a Gonerill, no segundo acto, depois do episodio dos cem cavalleiros, á entrada do duque de Albania, é modelo magistral da barbaridade do texto inglez.

Mas que importa que sejam admiraveis os versos? Não se dignaram os criticos analysar sequer o fructo do labor consciencioso e enorme. É contra a irreverente ousadia do attentado, que os orthodoxos se insurgem.

Em Shakespeare não se bole! Shakespeare não se mutila! Shakespeare não se emenda! Shakespeare não se modernisa! Shakespeare, emfim, não se representa!

É esta a conclusão a que se chega, depois de lêr nas gazetas os exorcismos da critica. Shakespeare fica interdicto em Portugal, dado que é summamente preferivel encher os palcos e distrahir as plateias com os adulterios do theatro francez mal traduzido, a pôr face a face do espectador esses conflictos formidaveis de paixões, que são o theatro de Shakespeare, mesmo depois de mutilado e resumido!

Não vale a pena discutir um tal asserto, totalmente destituido de razão e de senso. Privar o theatro portuguez da tragedia shakespeareana, banir das nossas scenas dramaticas o unico grande genio, com que as civilisações modernas podem defrontar-se com o classicismo grego, só para satisfazer a critica de Lisboa, seria, mais do que absurdo, grotesco.

Mas nem toda a critica foi tão intransigente e disparatadamente exclusiva. O sr. Adrião de Seixas, que sob o pseudonymo de *Samuel Tom*, escreve, ha muitos annos, com rara proficiencia, a critica theatral da noute, e que é, tanto pela sua erudição no assumpto, como pelos seus talentos notaveis de observador, o mais competente de quantos escriptores fazem hoje, em Lisboa, a critica de theatro, começa, no seu tão primoroso como injusto artigo, por louvar a tentativa de trazer para a scena portugueza uma das maiores concepções dramaticas de Shakespeare e por louvar o esforço de arte e de estudo, que essa transplantação forçosamente *deveria* exigir ao poeta portuguez, concluindo por verberar o processo por elle seguido, depois do quarto quadro, para accelerar a acção e preparar-lhe o grandioso desfecho.

Certo é que nenhuma plateia da Europa, a não ser agora a do Theatro Livre, viu em scena uma tragedia integral de Shakespeare. A demasiada extensão de todas ellas, a successão illogica dos quadros, a falta de unidade na acção, as obscuridades do entrecho, tornam indispensaveis as transposições, os córtes, os esclarecimentos, as phrases elucidativas, o desbaste dos frequentes soliloquios, com o fim licito de reduzir ao espaço de tempo compativel com as noções contemporaneas do theatro e de tornar claramente comprehensivel ao publico a obra

de Shakespeare. Esse trabalho requer uma nitida e profunda comprehensão do texto original, uma integração, quanto possivel absoluta, com a ideia inspiradora do poeta, um escrupulo quasi religioso na collaboração, de fórma a não sahir desfigurada nem empallidecida, antes em todo o seu fulgór e toda a sua belleza primitivas, a obra adaptáda. Tragedias ha, como o *Hamlet*, em que a discordancia absoluta da critica sobre o proprio caracter do heroe, difficulta esse trabalho de *raccourci*. Assim não acontece, porém, com o *Rei Lear*. A lenda secular do velho rei e das tres filhas foi, indiscutivelmente, a base em que assentou o edificio portentoso da tragedia. A intenção de Shakespeare é clara. O *Rei Lear* é o tenebroso conflicto do egoismo e da generosidade humanos, que o poeta tragico aggravou com a abominação ambiciosa do bastardo de Glocéster, envolvendo os crimes execraveis de Edmundo na singeleza cruciante da legenda. Da ingratidão dos filhos elle fez, por uma generalisação genial, a ingratidão humana. Essa a distancia immensa, que vae do *Rei Lear* ao *Pae Goriot*. Póde haver desaccordo sobre a psychologia do desvairado rei philosopho, que reparte os dominios pelas filhas, n'uma abdicação insensata, e pretende, depois do despojo, ser ainda o suzerano, sem sceptro e corôa, mas com illimitado poder e honras abundantes. Póde a critica

dividir-se em dous campos oppostos para discutir essa figura culminante, querendo uns que a loucura tenha vindo de um desespero orgulhoso de monarcha escarnecido, pretendendo outros que a intenção de Shakespeare foi a da sobreposição do pae ao soberano. Parece-me que a determinante da loucura, que já invade aquelle cerebro senil na doação em vida dos dominios, não é apenas a ingratidão das filhas — mas que actua n'ella toda a malvadez humana, de que a tragedia é o quadro pavoroso e horrivel. Lear é mais do que um rei ultrajado e banido, arrastando pelas florestas as suas purpuras rotas; é a alma humana, no que ella tem de mais grandioso e celeste, vencida pela alma humana, no que ella tem de mais abjecto e cruel.

Assim exposta a intenção do drama original, o que convém saber, primeiro do que tudo, é se o adaptador portuguez lhe conservou a ferocidade primitiva e indestructivel, se nos sete quadros a que reduziu os vinte e oito da tragedia o espectador póde seguir as phases emocionantes d'esse conflicto grandioso da generosidade de Lear, da lealdade de Glocéster, da dedicação de Kent, da bondade de Cordelia, da desventura de Edgardo, com a crueldade egoista de Régane e Gonerill, a ambição criminosa de Edmundo, a maldade insensivel do duque de Cornwall. Ninguem poderá negar que esse prodigioso conflicto foi conservado na traducção

com todo o seu horror sublime e toda a sua violencia barbara. Todos os mortos da tragedia de Shakespeare cahem no palco de D. Maria, atravessados por espadas como Cornwall e Edmundo, suppliciados como Curan, envenenados como Régane, apunhalados como Gonerill, garrotados como Cordelia, succumbidos de dôr como Lear e Glocéster. A nenhum horror nos poupou o poeta portuguez.

De que o accusam, pois, se elle, em cousa alguma, desfigurou a *intenção* moralista da tragedia? De a haver contrahido? Não; porque evidente e imprescindivel se tornava essa operação para levar do livro ao theatro o immenso drama. Mas de haver deturpado a acção, enxertando-lhe o episodio do sarau, que é apenas um recurso scenico, e surprehendentemente encontrado pelo poeta, como equivalencia ás scenas eliminadas, onde melhor se esclarecem os instinctos animaes das duquezas irmãs; dando relêvo demasiado a Edmundo, até fazer d'elle o eixo apparente da peça, em volta do qual se movem as restantes personagens primaciaes, quando a verdade é que essa impressão resulta das proprias condições theatraes d'essa figura, que sempre teria de dominar no tablado, por mais esforços do adaptador em reduzil-a e amesquinhal-a, de onde Lacroix tel-a, na sua adaptação, supprimido, com todo o episodio Glocéster; de haver trazido para a acção, no

seu epilogo, o rei de França, quando a sua intervenção na batalha em nada, a final, modifica o desenlace; de haver supprimido a scena grandiosa de Glocéster e Edgardo nas escarpas de Douver, por completo desnecessaria ao desenvolvimento logico do drama, apesar da sua pathetica belleza, exigindo, além do mais, despezas scenicas incompativeis com os recursos da empreza e expondo a peça, como no acto da floresta, onde o adaptador acompanhou Shakespeare com fidelidade, a um possivel, quasi seguro desastre; e, finalmente, de ter escolhido o verso de um só rythmo para interpretação do texto original, em prosa e verso de cadencias differentes.

Dada a necessidade de abreviar o abundante, prolixo, diffuso dialogo de Shakespeare, parece-me insubsistente qualquer censura, quanto á escolha que o poeta fez de verso alexandrino — o mais theatral e o mais extenso — para trasladação da peça original.

O verso é, por sua natureza, synthetico e como que uma verdadeira linguagem abreviada. O verso é ainda a linguagem da tragedia, por excellencia. Teria sido mais facil ao poeta fazer em prosa a adaptação, similhantemente ás do *Hamlet* e *Othelo*. Porém o verso, mais laborioso de factura, tinha a vantagem de desculpar pelas suas proprias exigencias as transposições do texto, as correspondencias de expressão, a

contracção das grandes tiradas, o enxerto da phrase elucidativa. O verso consentia ainda, pela compensação das bellezas rythmicas, o conservar nos pensamentos e nas palavras um reflexo da sua brutalidade primitiva.

Nenhuma plateia portugueza ouviria sem protesto a traducção agora em scena no theatro de D. Maria, se o auctor a passasse integralmente á prosa, quanto mais as barbaras expressões — perto das quaes o despejo de Gil Vicente é quasi pudibundo — do original inglez!

Todas estas reflexões levaram o poeta a preferir o verso, compondo-o sobre uma primeira traducção litteral em prosa, de maneira a conservar quanto possivel na linguagem metrica o pensamento e a intenção originaes. Elle não teve em vista a irreverente ousadia de emendar Shakespeare, mas unicamente reduzir ás proporções do theatro moderno uma obra de factura barbara e anachronica, hoje irrepresentavel. E fel-o, com o criterio de um homem, cuja illustração mental não deriva apenas de leituras litterarias, mas a que dous cursos superiores, de sciencias naturaes e medicina, junto ao labor incessante de um espirito avido de conhecimentos, deram uma situação unica e primacial na moderna geração de homens de lettras. Fel-o com todo o radioso talento de um poeta, que é principe dos poetas do seu tempo. Fel-o entre as acclamações de um publico, que

se ergueu para o saudar, vingando-o da unanime reprovação da critica. Fel-o com todas as audacias e brilhos da mocidade e com todos os cuidados e escrupulos da velhice. E já agora, para o censurar, ha que deitar abaixo da estante, com a traducção do *Rei Lear*, a traducção do *Avarento!*

FIM

INDICE

PAG.

Todas as *Cartas*, que constituem o presente volume, foram publicadas no jornal *O Commercio do Porto*, com excepção das XXII, XXV, XXVII e XXIX.